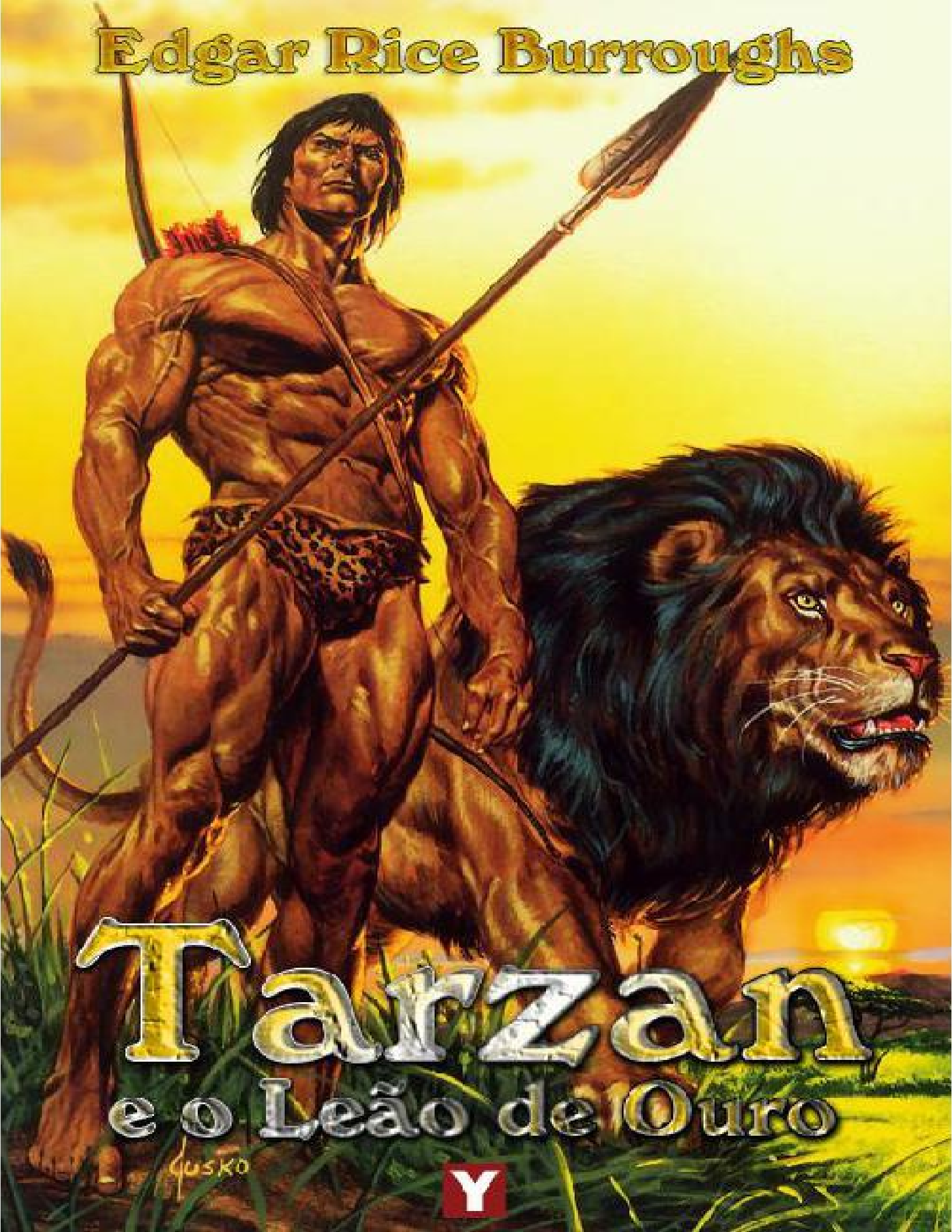


Edgar Rice Burroughs



Tarzan

e o Leão de Ouro

GUSKO





Edgar Rice Burroughs

Tarzan
e o Leão de Ouro

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

Tradução de

AZEVEDO AMARAL

Do original norte-americano:

TARZAN AND THE GOLDEN LION

1959

CAPÍTULO 1

Sabor, a leoa

SABOR, a leoa, amamentava o filhote cujo corpinho redondo como uma bola túmida e leve, lembrava, pelas manchas que o sarapintavam, Sheeta, a pantera. A grande fera estirava-se indolente ao sol, junto à entrada da caverna rochosa que lhe servia de covil. Os seus olhos estavam meio cerrados e a leoa parecia dormir, entretanto, vigiava e qualquer surpresa não viria apanhá-la descuidada. Antes, eram três os pequeninos e Sabor e seu companheiro Numa, o leão, mostravam-se orgulhosos e felizes ao contemplá-los. Mas as duas femeazinhas e o macho não sobreviveram reunidos para a alegria dos pais. A estação era má, a caça escasseava e Sabor não se pôde nutrir tanto que o seu leite pudesse alimentar as três crias do casal. Vieram as chuvas e os três leõezinhos adoeceram. Apenas o mais forte deles conseguiu sobreviver à moléstia, as duas pequenas leoas sucumbiram.

Sabor, gemendo, ficou por muito tempo a andar de um lado para outro, imersa em tristeza, diante das felpudas bolas inertes, que pareciam ir sendo maceradas pela lama. De vez em quando, a fera angustiada farejava com o focinho os corpinhos, como se quisesse despertá-los do longo sono de que não se acorda mais. Afinal, a leoa desistiu e, abandonando os pequenos cadáveres, passou a concentrar todas as suas energias em uma carinhosa assistência ao filhote macho que lhe restava. E era por isto que naquele dia Sabor estava ainda mais vigilante que de costume.

Numa o leão, estava ausente. Duas noites antes andara à caça, trazendo para o covil a presa que fizera. Na véspera depois do escurecer, partira de novo, embrenhando-se na mata e ainda não voltara da sua expedição. Meio cochilando, Sabor pensava em Wapi, o gordo antílope, que talvez naquele momento Numa estivesse arrastando pelo labirinto da selva e que viria proporcionar ao casal uma succulenta refeição. Ou talvez fosse Paço, a zebra, o manjar do dia. E Sabor, antecipando o prazer da carne tenra e sangrenta de Paço, o petisco mais apreciado pelos leões, sentia a boca aguar-se-lhe gulosamente.

Um ruído chegou-lhe aos ouvidos aguçados. Sabor teve um sobressalto, levantou a cabeça, voltando-a para um lado e depois para outro, com as orelhas espetadas à espreita da mais sutil repetição do barulho que a despertara. O focinho da leoa farejava o ar em todas as direções. Não havia quase vento, mas uma brisa muito ligeira, que vinha do lado donde partira o ruído, lhe trouxe sucessivas repetições do som inicial, mostrando à fera que, fosse qual fosse a causa daquele ruído, o que o produziu se estava avizinando cada vez mais.

À medida que o barulho se ouvia de mais perto, a agitação da leoa foi

aumentando e, em um dado momento, ela rodou o ventre, tirando da boca da cria a teta em que o leãozinho sugava vorazmente. O pequenino animal protestou com um ronco em miniatura e vendo que a mãe não lhe restituía a mama mostrou o seu desprazer em tom mais alto. Mas Sabor, com um rugido enérgico, embora surdo, lhe impôs severamente silêncio. O instinto que já se esboçava na pequenina fera fê-la pôr-se logo à altura da situação. De pé, o filhote do rei da selva olhou para a mãe e depois virou a cabecinha para um lado e para outro na atitude de expectativa e de alerta característica das criaturas da sua raça.

Evidentemente o ruído que sobressaltava Sabor indicava alguma coisa de anormal. O que quer que fosse de pouco tranquilizador, senão mesmo capaz de inspirar apreensões embora a leoa não pudesse ainda perceber que aquilo era de mau prenuncio. Poderia bem ser que o causador do ruído fosse o seu majestoso esposo a caminho do covil. Mas o som não se assemelhava muito ao tropel de um leão e certamente não era de um leão que estivesse arrastando uma presa pelas brenhas. A respiração do leãozinho que parecia gemer, fez com que a mãe se voltasse para ele, fitando-o pressurosa. Bem podia haver perigo para a sua cria, mas ela ali estava disposta a defender valentemente a vida do filhote que lhe restava.

Dentro em pouco, um golpe mais forte da brisa trouxe às narinas apuradas de Sabor o cheiro do que se encaminhava para ela através da selva e que certamente era o causador dos ruídos que a intrigavam. Instantaneamente, a atitude de ansiosa expectativa da fera converteu-se em uma expressão inequívoca de cólera. A leoa reconheceu o cheiro do homem. De pé, com a cabeça abaixada e a cauda a agitar-se nervosamente, Sabor ficou imediatamente em posição de combate. Por meio dos processos misteriosos, mas tão eficientes, com que os animais se comunicam entre si, Sabor advertiu o filhote que, ficasse deitado e quieto onde se achava, até que ela voltasse. E tendo verificado que a ordem fora entendida e cumprida, a leoa avançou resolutamente ao encontro do intruso que vinha pela mata.

O leãozinho ouvira também o que a mãe escutara e agora farejava o mesmo cheiro que pusera Sabor em fúria. O animalzinho percebia pela primeira vez em sua vida aquele cheiro estranho, mas o instinto lhe fazia sentir a aproximação de um inimigo. E as reações desse mesmo instinto, hereditariamente transmitido, fizeram-lhe eriçar-se o pêlo ao longo da pequena espinha e espontaneamente pôr à mostra as presas, que lhe começavam a brotar das gengivas.

Enquanto a mãe se esgueirava sub-repticiamente pelo meio do arvoredos da mata, o filhote, desobedecendo às ordens que recebera, acompanhou-a em uma marcha grotesca, em que as patas traseiras faziam os movimentos desgraciosos e trôpegos do leão recém-nascido, em contraste caricato com as passadas solenes das patas dianteiras, que já reproduziam o andar imponente de um leão adulto. Sabor, porém,

absorta pelo preparo da luta em que se ia lançar, não deu conta do filhote que caminhava no seu rastro.

Diante da leoa acompanhada pelo filhote, havia bem uns cem metros de mata espessa até uma pequena clareira. Mas os leões tinham na sua passagem freqüente aberto um verdadeiro túnel, que ligava a porta do covil à clareira, onde começava um trilho de caça que se continuava pela selva adentro. Chegando à clareira, Sabor viu diante de si o objeto do seu medo e do seu ódio. Ali, no meio do pequeno espaço desnudado, estava o supremo inimigo — o homem. Quais seriam as suas intenções? Viria ele caçar a leoa ou o pequeno ser que lhe pertencia?

Esta questão no momento não preocupava Sabor. Em outras circunstâncias, não tendo a defender a cria que lhe sobrevivera da ninhada, a leoa teria procurado afastar-se do homem e nenhum mal lhe faria por certo, se ele não se aproximasse demasiadamente dela. Mas naquele dia Sabor estava em um estado de nervos muito especial. A morte das duas leozinhas, deixando-lhe um único filho, havia exacerbado o seu instinto maternal, que parecia concentrar na proteção do sobrevivente todos os cuidados que antes se dividiam pelos três filhotes. Assim, a grande fera não tratou de se afastar, e movida apenas pelo instinto de defesa da prole, avançou resolutamente ao encontro do inimigo. A mãe carinhosa assumia agora a atitude de uma feroz batalhadora. No seu cérebro rudimentar esboçava-se um único pensamento: matar.

Chegando à orla da clareira, Sabor não hesitou. Em um arremesso' resolutu partiu para dar o bote. O guerreiro negro, que andava pela selva sem suspeitar da presença de um leão em um raio de trinta quilômetros, teve o primeiro sinal da grave realidade, que o defrontava quando viu à sua frente, do outro lado da clareira, a figura assustadora da fera enraivecida e já em marcha sobre ele. O selvagem não estava caçando leões e se tivesse adivinhado que um deles rondava por ali, teria tido cuidado de passar muito ao largo. Agora que, de repente, via surgir uma das temidas feras, o seu único pensamento teria sido por certo pôr-se em fuga, mas o pobre negro não tinha para onde fugir.

A árvore mais próxima a que poderia ir pedir abrigo achava-se mais longe dele, que a leoa enfurecida. Antes de ter podido chegar a um quarto da distância que o separava do tronco salvador, Sabor certamente o teria apanhado. Não havia esperanças e somente uma coisa restava a fazer. A fera estava a agarrar o negro e este pôde ver por trás dela o leãozinho que a acompanhava. O selvagem, movido pelo instinto de conservação, armou o golpe com o chuço que trazia e desfechou a arma exatamente no momento em que a leoa pulava sobre ele. O chuço varou o coração da fera, precisamente no mesmo instante em que as poderosas mandíbulas se cerravam sobre a face e o crânio do selvagem. A força, que o corpo de Sabor

trazia no bote, fez tombar em convulsões agônicas os dois adversários que se haviam trucidado.

O leãozinho órfão estacou à distância de uns sete metros e com olhos curiosos começou a observar a primeira catástrofe que presenciava na vida. O seu primeiro movimento foi aproximar-se do corpo da mãe, mas o cheiro do homem o detinha. O instinto revelava-lhe a vizinhança de um inimigo. Dentro em pouco começou a uivar de um modo que sempre fazia com que a leoa acudisse às carreiras. Mas desta vez a mãe não veio e nem sequer se moveu para olhar para o filho. Este ficou perplexo: evidentemente o animalzinho não podia entender o que aquilo significava. Continuou a gemer e à medida que o tempo corria foi ficando mais triste e sentindo mais pungentemente a solidão em que se encontrava.

Insensivelmente o leãozinho se foi aproximando dos dois cadáveres e tendo verificado que a criatura estranha que jazia ao lado de Sabor estava imóvel, criou coragem e chegou até junto à mãe, começando a farejá-la ansiosamente. Debalde uivou em tom angustioso, mas a mãe continuava indiferente aos seus gemidos. Foi então que a pequenina fera começou a julgar que havia qualquer coisa de extraordinário e de mau naquela situação. Evidentemente sua mãe não era a mesma de antes, operara-se nela uma transformação, que a deixava indiferente aos uivos do filhinho. Este uivou ainda com mais força e, sempre aconchegado ao corpo inerte da leoa, ali ficou até que o sono se apoderou dele.

Foi assim que Tarzan o encontrou — Tarzan e Jane, sua mulher, e Korak, o Matador, o filho do casal, que regressavam da misteriosa terra de Pal-ul-don, donde os dois homens haviam salvo Jane Clayton. Ao aproximar-se o grupo, o leãozinho acordou e, estirando as orelhas, arreganhou os dentes, rosnando em um esboço de atitude agressiva, ao mesmo tempo que se aconchegava ainda mais ao cadáver de sua mãe. Ao deparar-se-lhe a pequena fera, o homem-macaco pôs-se a sorrir.

— Que diabinho valente! comentou Tarzan apreendendo em um relance toda a tragédia que se passara na clareira. Em seguida, aproximou-se do animalzinho zangado, esperando vê-lo pôr-se em fuga, mas o filhote de leão, em vez de correr, começou a rosnar com mais ferocidade e, quando Tarzan se abaixou para apanhá-lo, ergueu-se, levantando uma das patas dianteiras, como para desfechar um golpe de garras sobre o estranho que dele se aproximava.

— Que bichinho corajoso! exclamou Jane. Pobre orfãozinho!

— Vai ser um formidável leão ou viria a sê-lo se sua mãe não tivesse morrido, observou Korak. Vejam que costado forte e reto como um chuço. É realmente lamentável que ele tenha de morrer.

— Não me parece que haja muita probabilidade de ele escapar. Este bichinho

precisa ser alimentado com leite ainda por um ou dois meses. E quem irá arranjar-lhe o leite de que carece?

— Eu me encarregarei disso, respondeu Tarzan.

— Você vai adotá-lo?

Tarzan replicou afirmativamente, com um aceno de cabeça.

Korak e Jane puseram-se a rir.

— Há de ser muito engraçado, disse o primeiro.

— Lorde Greystoke mãe de criação do filho de Numa, acrescentou Jane rindo gostosamente.

Tarzan também ria, mas não se descuidava do leãozinho. Com um gesto rápido e destro, o homem-macaco agarrou o pequeno animal pela pele do pescoço e depois de dar-lhe carinhosamente umas palmadas, falou-lhe em tom surdo, como que em grunhidos. Não sei o que significavam aquelas palavras, que em nada se pareciam com a voz humana, mas evidentemente o filhote de leão as entendia melhor e cessou de debater-se, não procurando mais arranhar a mão que o acariciava. Em seguida Tarzan pegou o animalzinho e aconchegou-o ao peito com um gesto carinhoso. Já agora o bichinho parecia ter perdido o medo e já não mais punha à mostra as suas presas mal desenvolvidas, embora estivesse sentindo bem de perto o cheiro do homem, que pouco antes lhe inspirava medo e raiva.

— Como é que você consegue fazer isso? perguntou Jane Clayton.

Tarzan sacudiu os seus largos ombros.

— Os que são da raça de vocês não têm medo uns dos outros. Eu pertenço mais ao mundo destas criaturas, e talvez por isso elas não têm medo de mim, quando lhes dou mostras de amizade. Mesmo este pequeno patife parece compreender-me. Não acham?

— Nunca pude entender semelhante coisa, observou Korak. Conheço bem os animais africanos, mas não consegui até hoje exercer sobre eles uma influência que se assemelhe ao poder que você exerce sobre todos. Qual será a razão disso?

— É que só existe um Tarzan, disse a “lady” Greystoke sorrindo zombeteiramente ao filho. Entretanto, no seu tom havia uma nota bem perceptível de orgulho. — Lembre-se que nasci entre as feras e fui criado por feras, observou Tarzan, dirigindo-se ao filho. Quem sabe se Kala não tinha razão, quando insistia em afirmar que meu pai era um macaco?

— John, como pode você dizer um absurdo destes, quando está farto de saber quem foram seu pai e sua mãe? replicou Jane.

Tarzan, encarando o filho com solenidade, piscou um olho.

— Sua mãe nunca é capaz de apreciar as belas qualidades dos antropóides. Chega-se a pensar que ela não se conforma com a possibilidade de ter casado com um deles.

— John Clayton, nunca mais lhe dirigirei a palavra, se você continuar a dizer essas coisas horríveis. Confesso-lhe que estou envergonhada de você. Não lhe basta ser um selvagem que não quer civilizar-se e vem ainda agora pretender ser um macaco?

A longa viagem de Pal-ul-don estava quase terminada e antes do fim da semana estariam no local da sua residência anterior. Se alguma coisa ainda ali restava das ruínas deixadas pelos alemães, era muito problemático, os celeiros e os galpões externos haviam sido incendiados e o “*bungalow*” em parte destruído. Dos Waziris, indígenas fiéis aos Greystokes e que tomavam conta da residência, muitos haviam sido mortos pelos soldados do capitão Fritz Schneider e os que conseguiram escapar haviam acudido pressurosos ao tambor de recrutamento dos ingleses, para se alistarem entre os defensores da causa da humanidade.

Tudo isso Tarzan soubera antes de partir em busca de “lady” Jane, mas o que ele ignorava era quantos guerreiros Waziris haviam sobrevivido à guerra e o que acontecera nas suas extensas propriedades durante a sua ausência. Tribos vagabundas e árabes apresadores de escravos bem podiam ter completado a devastação iniciada pelos modernos hunos. E era bem provável também que a selva tivesse reconquistado as clareiras e campos abertos pelo homem e assim reafirmado o seu império de verdura naqueles fragmentos do seu domínio imemorial, que as incursões dos civilizados lhe haviam temporariamente disputado.

Depois de haver adotado o pequeno Numa, Tarzan viu-se na contingência de submeter o seu plano de viagem, tanto nas caminhadas como nos pousos, às necessidades do seu pequeno protegido. % O leãozinho precisava ser alimentado e o único alimento que se lhe podia dar era o leite. Leite de leoa era impossível de se obter, mas um sucedâneo não estava fora das possibilidades. Naquela região da selva havia muitas aldeias e em todas elas o poderoso senhor da floresta, Tarzan dos Macacos, era conhecido, temido e respeitado. Assim, na mesma tarde do dia em que encontrara o pequeno Numa, Tarzan dirigiu-se a uma aldeia, a fim de obter leite para o leãozinho.



E quando o leão começou a receber a sua ração de carne, Tarzan a dava por uma forma que provocava um sorriso...

Os indígenas receberam os viajantes com pouca cordialidade. Carrancudos, encararam sem medo e com desdém aqueles brancos que atravessavam a selva sem trazer um grande séquito. Sem comboio, evidentemente os recém-chegados não vinham com presentes para lhes dar, nem tinham meios de pagar o alimento que certamente lhe iam pedir. E como não estavam acompanhados por uma escolta, não poderiam impor as suas ordens pela força, nem oferecer resistência no caso de a gente da aldeia querer molestá-los. Aparentemente indiferentes e mostrando-se apenas um pouco amuados, os negros estavam contudo tranqüilos. A indumentária e a ornamentação daqueles brancos surpreendiam e intrigavam os habitantes da aldeia. Estavam quase tão nus como se fossem selvagens e com exceção do mais moço, que trazia consigo uma carabina, o armamento daquele estranho grupo era idêntico ao dos indígenas. Os ornamentos dos forasteiros pareciam esquisitos e bárbaros aos

indígenas daquela aldeia, que não conheciam a indumentária do país de Pal-ul-don, a cuja moda pertenciam as vestes sumárias e primitivas de Tarzan e dos seus.

— Onde está o chefe da aldeia? perguntou Tarzan ao penetrar no povoado por entre as mulheres, crianças e os cães que latiam.

Alguns guerreiros que se achavam nas choupanas e haviam sido despertados pelo alarido, vieram ainda meio cochilando ao encontro dos recém-chegados.

— O chefe está dormindo, disse um dos negros, e quem é você para acordá-lo? Que deseja?

— Preciso falar com o seu chefe, vá chamá-lo.

O guerreiro encarou Tarzan com olhos espantados, e prorrompeu em uma gargalhada. Voltando-se em seguida para os companheiros, acrescentou por entre risadas ainda mais altas:

— Ele quer que eu vá buscar o chefe para falar com ele! E dando uma palmada nas coxas começou a cutucar os outros negros com os cotovelos.

— Vá dizer ao seu chefe que Tarzan quer falar com ele, repetiu autoritariamente o homem-macaco.

Instantaneamente os negros mudaram de postura. Não se riram mais, abriram os olhos em uma atitude de surpresa e quase de temor. O selvagem que mais se rira era agora o que estava mais preocupado a olhar para Tarzan com ares respeitosos, que chegavam a ser solenes.

Dirigindo-se aos companheiros, o negro lhes disse:

— Tragam esteiras para Tarzan e para os que o acompanham, enquanto eu vou buscar Umanga, o chefe. E sem perder tempo, foi às carreiras cumprir a ordem de Tarzan, contente por ter esse pretexto para sair da presença do ser poderoso que receava ter ofendido.

Agora já não tinha importância o fato de os recém-chegados não trazerem séquito, nem escolta, nem presentes para dar. Os indígenas disputavam em uma emulação febril a primazia para fazer as honras da casa àqueles hóspedes ilustres. O chefe ainda não chegara e muitos dos habitantes da aldeia já, se haviam adiantado, trazendo aos recém-chegados os seus presentes, que eram alimento e enfeites decorativos. Umanga, porém, não tardou em vir ao encontro de Tarzan. Era um velho negro, que já chefiava a tribo ao tempo em que Tarzan não havia nascido. O velho chefe tinha uma grande dignidade de maneiras e um imponente aspecto patriarcal. Ao se aproximar, saudou Tarzan e os que com ele se achavam com o gesto de um grande senhor que cumprimenta outro potentado. Mas apesar da solenidade da sua atitude, transparecia na fisionomia de Umanga a satisfação que lhe causava o fato de haver o

grande senhor da selva honrado a aldeia com a sua visita.

E quando Tarzan explicou o que desejava e mostrou o leãozinho, Umanga declarou-lhe que, enquanto o senhor da selva honrasse a aldeia com a sua presença, não lhe faltaria ali leite para 'sustentar o bichinho, à disposição de Tarzan estava todo o leite fresco que quisesse e que seria suprido pelas próprias cabras do chefe. Enquanto conversavam, os olhos agudos e experimentados de Tarzan iam examinando todas as minúcias da aldeia e de seus habitantes. Nessa inspeção o olhar do homem-macaco caiu sobre uma cadela, que andava no meio da matilha de cachorros que percorriam as ruas e entravam pelas cabanas. As tetas daquele animal estavam túrgidas de leite e, reparando nisso, Tarzan concebeu logo um plano de ação. Apontando a cadela, disse:

— Gostaria de comprá-la.

— Ela é sua, *Bwana*, e nada precisa pagar-me, respondeu o chefe. Ela teve uma ninhada de cachorrinhos há dois dias e os filhotinhos desapareceram todos a noite passada, comidos provavelmente por alguma cobra. Mas, se quiser, lhe darei em lugar dos cachorrinhos outros tantos cães gordos, porque receio que esta cadela não tenha boa carne para ser comida.

— Não, retrucou Tarzan, não a quero para comer, mas para levá-la comigo, a fim de que o leãozinho possa mamar durante a viagem.

Sem demora um grupo de meninos foi pegar a cadela e, amarrando-lhe uma tira de couro no pescoço, arrastaram-na até junto do homem branco. Tal qual acontecera na clareira com o filhote de leão, a cadela começou a rosnar e a arreganhar os dentes para o seu novo senhor, cujo cheiro não era o mesmo que o dos Gomanganis. Pouco a pouco, porém, Tarzan sossegou o animal, que foi ganhando confiança e afinal se deitou junto dele, recebendo tranqüilamente as suas carícias.

Problema mais difícil foi pôr em contacto o leãozinho com a cadela. Neste caso, as dificuldades se complicavam. Cada uma das partes sentia na outra o cheiro de um inimigo. O pequeno leão rosnava e cuspiam furiosamente, pondo à mostra as suas presazinhas. De seu lado a cadela eriçava o pêlo e também de dentes arreganhados rosnava com medo e raiva. Conciliar os dois inimigos, foi tarefa longa e penosa, mas Tarzan conseguiu afinal levá-la a termo, e o leãozinho acabou chupando uma teta da cadela, que maternalmente o ficou desde então amamentando. A fome sobrepujara no leãozinho o seu antagonismo instintivo a uma espécie animal inimiga. A cadela cedeu aos carinhos de Tarzan, que representavam uma agradável inovação na vida do pobre canino, que em matéria de carícias humanas conhecera até então socos e pontapés.

Naquela noite a cadela dormiu amarrada na cabana em que Tarzan pernoitava e o

homem-macaco fez com que duas vezes o filhote de leão fosse regularmente amamentado. Na manhã seguinte Tarzan se despediu de Umanga e do seu povo, prosseguindo viagem. A cadela trotava presa ainda por um laço porque não era muito certo que ela não tentasse evadir-se. O leãozinho viajava carregado por Tarzan, que ora o aconchegava nos braços, ora o colocava em um saco pendurado ao seu ombro.

A pequena fera encontrada nas selvas em circunstâncias tão dramáticas recebeu o nome de Jad-bal-ja, que na linguagem dos pitecantropos de Pal-ul-don significa leão de ouro, nome bem justificado pelo colorido do pêlo do pequeno Numa. Com o correr do tempo o leão se foi acostumando ao seu novo ambiente, dando-se cada vez melhor com sua mãe de criação, que também acabou por considerá-lo como seu próprio filho. A cadela foi também rebatizada com o nome de Za, que quer dizer garota. Passado o segundo dia, Tarzan não julgou mais necessário o laço para evitar a fuga de Za, a cadela já estava definitivamente acostumada aos seus novos donos e ao leãozinho. Acompanhava a marcha pela selva, sem dar o mais ligeiro indício de querer escapular-se, mostrando-se mesmo contente somente quando via perto de si Tarzan, Jane ou Korak.

Quando chegaram ao fim do trilho de caça que vinham seguindo através da selva e estavam quase a atingir a orla da floresta para entrar na planície onde iriam encontrar o que tora a sua antiga residência, os três viajantes sentiram-se tomados de uma grande emoção. Todos continham os pensamentos que os agitavam, fazendo-os oscilar entre a esperança e o medo. Que iriam encontrar? Teria a selva reconquistado tudo que o homem-macaco tantos anos antes desbravara para fazer o seu lar, quando ali chegara em companhia da noiva?

Transpuseram afinal a cortina verde com que a floresta lhes interceptava a vista e entraram na planície onde ao longe o perfil do “*bungalow*” era nitidamente visível por entre as árvores e arbustos conservados e alguns deles importados mesmo para embelezar a residência do jovem casal.

— Olhem, ainda lá está! exclamou Jane.

— Mas o que são aquelas coisas à esquerda, e mais para além? perguntou Korak.

— Aquilo são choupanas de indígenas, respondeu Tarzan.

— Os campos estão sendo cultivados, disse Jane excitadamente.

— E alguns dos galpões foram reconstruídos, acrescentou Tarzan. Isso só pode significar que os Waziris, os meus fiéis Waziris, voltaram para cá depois da guerra. Eles restauraram o que os alemães tinham destruído e estão cuidando da nossa casa à espera do nosso regresso.

CAPÍTULO 2

O treino de Jad-hal-ja

Assim, Tarzan dos Macacos, Jane Clayton e Korak voltaram à sua propriedade africana, donde haviam estado por tanto tempo ausentes, trazendo em sua companhia Jad-bal-ja, o leão de ouro, e Za, a cadela que se tornara mãe de criação do filhote de Numa. O primeiro a dar as boas-vindas ao senhor da casa e aos seus foi o velho Muviro, pai de Wasimbu, que tempos atrás dera a vida em defesa da propriedade e da esposa do homem-macaco.

— Ah, *Bwana*, exclamou cheio de emoção o velho e fiel negro, os meus olhos remoçam ao ver outra vez o meu senhor. Muito tempo passou desde a partida do meu *Bwana*. Não faltava quem duvidasse aqui da sua volta, más o velho Muviro sabia muito bem que em todo o grande mundo nada existia que pudesse vencer o seu poderoso senhor. E por isto, Muviro nunca duvidou de que ele voltasse à terra do seu amor onde seus fiéis Waziris aguardavam o seu regresso. Mas não tínhamos esperança de que retornasse também aquela que havíamos chorado como morta e a sua volta vai fazer com que esta noite haja grande regozijo nas choupanas dos Waziris. E a terra tremerá sob os calcanhares dos guerreiros nas suas danças alegres e o céu reboará com os gritos das mulheres deslumbradas por verem de novo as três pessoas, que todos aqui amam acima de tudo na terra.

E, realmente, imenso foi o regozijo dos Waziris pela volta de Tarzan, da sua esposa e do seu filho. E não foi apenas uma noite, mas muitas noites de alegria que se seguiram. As danças ruidosas dos negros e a gritaria em que se expandia a sua alegria sincera e selvagem teriam continuado ainda por mais tempo, se Tarzan afinal não houvesse intervindo, para pôr termo às festas noturnas, a fim de que ele e sua família pudessem ter algumas horas de sono. Inspecionando a sua propriedade, o homem-macaco verificou com satisfação que os seus fiéis Waziris, guiados pelo não menos fiel Jervis, o seu feitor inglês, haviam reconstruído os estábulos e currais, bem como as choupanas.

Além disso, haviam cuidado em restaurar o interior do “*bungalow*”, de modo que pelo menos na sua aparência exterior a propriedade apresentava precisamente o mesmo aspecto que tinha antes da incursão dos alemães.

Jervis, por ocasião da chegada de Tarzan, estava em Nairobi, tratando de interesses da propriedade, tendo regressado alguns dias mais tarde. A surpresa e a alegria do feitor inglês não foram menos sinceras que os sentimentos de regozijo dos Waziris. Com o chefe e os guerreiros negros, Jervis passou horas esquecidas sentado aos pés do grande *Bwana*, a ouvir as narrativas das coisas que haviam ocorrido na

terra de Pal-ul-don durante o cativeiro de “lady” Jane. E tanto o inglês como os Waziris não se cansavam em admirar os estranhos animais de estimação que o homem-macaco trouxera consigo. Que Tarzan tivesse gostado de um cachorro vagabundo, já era coisa que surpreendia os Waziris e causava também estranheza a Jervis, mas que adotasse um filhote dos seus inimigos hereditários, Numa e Sabor, parecia incrível a todos. E não menos surpreendente se afigurava aos seus fiéis servidores a maneira como Tarzan fazia a educação do leãozinho.

A cadela e o leão de ouro ocupavam um canto do quarto de dormir do grande *Bwana*. E diariamente Tarzan consagrava algumas horas ao treino do pequeno animal, por enquanto inofensivo, mas que deveria tornar-se mais tarde uma temível fera. À medida que o tempo passava e Jad-bal-ja crescia, o homem-macaco lhe ia ensinando uma série de truques. Ir apanhar e trazer objetos, ficar escondido e absolutamente imóvel e silencioso, obedecendo às suas ordens de comando, dadas em voz quase imperceptível, mover-se de um lado para outro, segundo as indicações que lhe dava, caçar objetos ocultos e que o leãozinho devia procurar pelo faro — eram algumas das lições que faziam parte das aulas diárias. E quando o leão começou a receber a sua ração de carne, Tarzan a dava por uma forma que provocava um sorriso irônico nos guerreiros Waziris. Tarzan fez um manequim com uma perfeita aparência humana. O pedaço de carne que Jad-bal-ja devia comer era amarrado exatamente na garganta do manequim. Nunca Tarzan deu carne ao leãozinho de outro modo.

À hora da refeição, depois de a carne estar devidamente colocada na garganta do manequim, o homem-macaco dava ordem ao leão de ouro que caminhasse estirado, com o ventre quase a roçar o chão, conforme lhe ensinara, fazendo-o avançar assim para o manequim. Quando o animal se achava a certa distância deste, Tarzan dava ordem para apanhar a carne de um salto, transmitindo-a em uma única voz de comando: — “mata”. E tão treinado foi sendo o leão, que, por mais esfomeado que estivesse, não saltava para apanhar a carne antes de o seu senhor lhe dar a ordem. Ao ouvir a voz de “mata”, Jad-bal-ja, com um movimento súbito e um rugido rápido pulava diretamente sobre a garganta do manequim para apanhar a carne. A princípio, enquanto o animal era pequeno, tinha dificuldade em atingir o pescoço do manequim, sendo-me preciso fazer algumas tentativas até acertar. Mas assim que o leão cresceu um pouco bastava-lhe, ao ouvir a voz de comando, um único bote para pegar a garganta do estafermo, que caía de costas com a fera a enterrar-lhe os dentes no pescoço, onde se achava o pedaço de carne.

Uma lição, porém, apresentava tais dificuldades, que ninguém a não ser Tarzan dos Macacos, que fora criado por feras e crescera entre elas, seria capaz de obter resultados satisfatórios, acabando por tornar o instinto sanguinário do animal de

presa subserviente à vontade do homem. Foram precisos realmente muitos meses de paciente esforço, para conseguir que o leão aprendesse esse outro ponto, aliás importantíssimo, do programa educativo de Tarzan. Consistia essa lição em ensinar o leão, quando ouvisse a palavra “busca”, a ir procurar qualquer objeto oculto e trazê-lo cuidadosamente, sem morder e machucar, até junto ao seu senhor. Mesmo que se tratasse do manequim com a carne amarrada à garganta, Jad-bal-ja devia trazê-lo intacto, sem lhe fazer a menor lesão e sem tocar na carne, até os pés de Tarzan. O leão aprendeu que, sempre que executasse esta ordem com absoluta perfeição, teria como recompensa uma ração de carne de tamanho duplo do pedaço que se achava amarrado à garganta do manequim. Assim habituou-se a conter a sua ânsia de carne, ante a expectativa de uma refeição muito mais abundante.

“Lady” Greystoke e Korak eram freqüentemente espectadores interessados do treino do leão de ouro. O objetivo da educação que estava sendo dada ao felino parecia intrigar “lady” Jane, que não somente formulava dúvidas sobre as finalidades daquele treino, como por vezes manifestava mesmo certas apreensões sobre os resultados que dele adviriam.

— Diga-me, John, o que pretende você fazer com esta fera, quando ela crescer de todo? perguntava muitas vezes lady Jane. Este animal promete ser um formidável Numa. Habitando-se a viver com os humanos, não terá medo deles e, como está acostumado a comer carne amarrada à garganta de um manequim com aparência humana, receio que sempre que ele estiver com fome, o seu primeiro movimento seja atirar-se ao pescoço de alguém.

— Só irá comer aquilo que eu lhe mandar comer, respondeu o homem-macaco.

— Mas você não receia que ele só se queira alimentar de carne humana depois deste treino? interrogou “lady” Jane. rindo.

— Este leão nunca comerá homens, afirmou Tarzan.

— E como poderá você impedir isso, se o está treinando em comer exclusivamente carne colocada na garganta de uma figura humana?

— Parece-me, Jane, que você faz muito pouco caso da inteligência de um leão, a não ser que eu forme um conceito muito exagerado dela. Se a razão está com você terei ainda muito que fazer para treinar este animal. Mas se a minha teoria está certa, posso garantir-lhe que a educação de Jad-bal-ja está quase completa. E para tirar dúvidas, vamos fazer uma experiência. Esta tarde iremos passear na planície, levando conosco Jad-bal-ja. Há ali caça em abundância e teremos assim uma excelente oportunidade para verificar até que ponto exerço controle sobre esta pequena fera.

— Aposto cem libras como Jad-bal-ja fará o que entender e bem quiser depois de

ter provado uma gota de sangue vivo e quente, disse Korak a rir.

— Esta tarde você “e sua mãe hão de ver que eu consigo fazer o que nenhum dos dois jamais sonhou que se pudesse realizar, retrucou Tarzan.

— Lorde Greystoke, o rei dos domadores de feras do mundo, ponderou “lady” Jane, irônica.

De bom humor, Tarzan os acompanhou na risada que se seguiu.

— Não se trata de domar feras, disse ele. O meu plano de treino só pode ser compreendido e executado por Tarzan dos Macacos. Tomemos um caso hipotético para esclarecer o que quero dizer. Vocês encontram uma criatura a quem odeiam e que por instinto hereditário consideram um inimigo mortal. Vocês têm medo dessa criatura, não entendem a sua linguagem. Mas afinal, por meios às vezes brutais, esse ser considerado inimigo consegue fazer compreender os seus desejos. Vocês fazem o que ele quer, mas porventura o farão com espírito de lealdade altruística? Certamente não. Vocês obedecerão compulsoriamente, odiando o ser que lhes impõe a sua vontade, e no momento em que perceberem que podem desobedecer, naturalmente não cumprirão as suas ordens. Fariam mesmo mais: tendo uma oportunidade se lançariam sobre o opressor e dariam cabo dele.

Mas suponhamos agora um caso diametralmente oposto. Vocês encontram alguém que lhes é familiar, cuja linguagem e gestos lhes são compreensivos. Esse alguém é um amigo e um protetor, deu-lhes comida e agasalho, tratou-os com carinho, sem nunca lhes infligir maus tratos. Quando esse amigo e protetor lhes pede que façam alguma coisa por ele, vocês sentirão desejo de recusar? Não, obedecerão de boa vontade e achando mesmo prazer em cumprir as ordens. Será deste modo que o leão de ouro me obedecerá.

— Sim, enquanto isso lhe convier, interpôs Korak.

— Pois bem, retrucou o homem-macaco, deixem-me ir um pouco além. Suponham agora que essa criatura a quem vocês amam e obedecem tenha o poder de punir e mesmo matar, para fazer cumprir as suas ordens. Neste caso, obedeceriam ou não?

Nessa tarde os três fizeram um passeio pela planície. Jad-bal-ja acompanhava o grupo, caminhando bem junto às patas traseiras do cavalo de Tarzan. Ao chegarem a um maciço de árvores, desmontaram e dali prosseguiram muito cautelosamente na direção de uma baixada arborizada, onde habitualmente se encontravam antílopes. Para não assustar os tímidos animais o grupo aproximou-se da orla do arvoredado, evitando qualquer ruído que pudesse denunciar a sua presença. Ali estavam Tarzan, Jane e Korak e, junto ao homem-macaco, o leão de ouro, quatro eram os caçadores da selva, e deles Jad-bal-ja, o mais inexperiente. Sub-repticiamente, os quatros

caçadores seguiam de gatinhas por entre os arbustos com tal destreza que nem uma folha fazia ruído quando os seus corpos deslizavam sorrateiramente pelo entrançado de ervas e galhos. Assim, Tarzan e o resto do grupo avançaram até a beirada da depressão, podendo observar no fundo desta um pequeno rebanho de antílopes que pastavam tranqüilamente. Junto ao rebanho, e como se estivesse de guarda, se achava um velho macho. Foi a ele que Tarzan, de um modo misterioso e imperceptível a Jane e a Korak, indicou a Jad-bal-ja.

— Vá buscá-lo.

O leão mal rosnou um sinal de reconhecimento da voz de comando. Esgueirando-se e quase arrastando o ventre pela terra, a fera avançou sorrateiramente em direção do macho designado pelo seu senhor. Os antílopes continuavam a pastar despreocupadamente, mas a distância que separava Jad-bal-ja da presa era demasiado grande para que um bote pudesse ser dado com sucesso. O instinto venatório do pequeno leão já se achava bastante desenvolvido, para fazê-lo compreender aquela dificuldade. Assim, o discípulo de Tarzan, sem fazer o mínimo ruído, aguardou que o velho antílope se aproximasse ou, pelo menos, que lhe desse as costas, para então arremeter sobre ele. Em silêncio absoluto e sem que qualquer ruído denunciasse a sua presença, as três criaturas humanas e o felino observavam atentamente os herbívoros que pastavam. Por sua vez, estes nenhum sinal davam da mais ligeira suspeita do perigo que os ameaçava.

O velho antílope pouco a pouco se foi aproximando do ponto de onde o espreitava Jad-bal-ja. Imperceptivelmente o leão se preparou para dar o bote, o único movimento que assinalava a tensão de nervos do jovem animal era a agitação da cauda ereta. Em um átimo, a pequena fera passou daquela imobilidade estatuesca para um movimento rápido de assalto. O leão partiu, como um raio que irrompe do céu ou como uma flecha que salta do arco. O bote foi tão brusco e tão célere que o antílope só deu conta da presença do inimigo, quando este já estava quase a cair sobre ele. Era muito tarde para a fuga e o velho bode apenas pôde rodar, fazendo uma, meia volta, quando o leão já o agarrava pelos quartos, o resto do rebanho, espavorido, punha-se em fuga.

— Vamos agora ver como procede Jad-bal-ja, disse Korak.

— Vai trazer-me o antílope intacto, afirmou Tarzan com convicção.

Por um momento o leão de ouro hesitou, ficando a rosnar junto à sua presa. Mas a hesitação durou pouco e o felino, agarrando o antílope pelo lombo, voltou-se e o foi arrastando por entre as ervas e arbustos em direção de Tarzan, chegando ao lugar em que se achava o homem-macaco, Jad-bal-ja largou a presa aos pés do seu senhor e encarou-o, de um modo que não podia ser interpretado senão como uma atitude de orgulho pela proeza e ao mesmo tempo para que fosse por ela elogiado. Tarzan

abaixou-se e acariciou o leão de ouro, dirigindo-lhe ao mesmo tempo palavras de louvor. Em seguida sacou da sua faca de caça e cortou a veia jugular do antílope, deixando correr todo o sangue da carcaça.

Jane e Korak aproximaram-se, observando atentamente o leão. Ambos pensavam no que faria Jad-bal-ja ao sentir junto às suas narinas o sangue quente da presa que capturara. O grande felino começou a farejar pressurosamente o sangue e a impressão recebida evidentemente lhe veio ativar os fortes instintos hereditários. O leão de ouro pôs-se a rosnar, arreganhou os dentes e encarou Tarzan, Jane e Korak com um olhar em que a maldade se patenteava de modo inequívoco. No cérebro rudimentar da fera parecia ressurgir a hostilidade ao homem, o seu inimigo hereditário.

O homem-macaco empurrou Jad-bal-ja com a palma da mão, mas o leão de ouro não estava evidentemente em humor de docilidade. Rosnou com mais força e com uma das patas dianteiras quis dar uma pancada no seu senhor. Numa, o leão, é rápido nos seus movimentos, como célere também o é Bara, a corça. Mas Tarzan dos Macacos age com instantaneidade do raio, e foi com essa instantaneidade que Tarzan respondeu à insubmissão do seu discípulo. Mal havia Jad-bal-ja rosnado em tom raivoso e erguido a pata para golpear o seu senhor e já estava caindo de costas sob o impulso de um vigoroso murro de Tarzan dos Macacos. Rapidamente o leão se pôs de novo em pé e ficou encarando o seu mestre e senhor.

— Deitado, fique deitado, Jad-bal-ja! gritou Tarzan imperiosamente. A sua voz tinha uma tonalidade baixa e extraordinariamente firme. Por um momento o leão ainda hesitou, mas logo em seguida se deitou obedecendo à voz de comando do seu senhor.

Tarzan voltou-se e levantou do chão a carcaça do antílope, que pés sobre os ombros.

— Venha, disse a Jad-bal-ja. Siga-me! E sem mais olhar para o carnívoro, pôs-se a caminhar na direção do lugar onde tinham ficado os cavalos.

— Se eu soubesse disso, observou Korak rindo, teria poupado as minhas cem libras.

— Entretanto, você devia ter calculado isso. Retrucou “Lady” Jane.

Uma reunião misteriosa

UMA mulher jovem e atraente, embora vestida um tanto espalhafatosamente, jantava em um restaurante de segunda ordem em Londres. Destacava-se não tanto pelo seu corpo bem feito e pelas feições impressionantes do seu companheiro de mesa, um rapaz que devia andar pelo meio da casa dos vinte anos. O seu corpo era robusto e bem conformado, mas o que mais o distinguia era uma barba tão crescida e espessa, que dava a impressão de quem se disfarçava em uma emboscada. Devia ser um homem de um metro e oitenta e muitos centímetros de altura. Tinha ombros largos, peito amplo e _ cadeiras estreitas. O seu físico e o seu porte indicavam o treino de um atleta. A mulher e o homem conversavam vivamente e por vezes o tom de ambos mostrava estarem chegando a uma discussão acalorada.

— É isto que lhe digo, afirmava o homem, não vejo porque precisamos dos outros. Por que dividir com outrem o que pode ser exclusivamente nosso? Para que distribuir em seis quinhões o que nada nos impede de dividir entre nós dois?

— A realização do nosso plano exige dinheiro e nem você nem eu dispomos de recursos. Eles têm meios para nos apoiar. Eu entrarei com os meus conhecimentos e você com a sua força e a sua aparência. Lembre-se, Estevão, que eles o procuraram durante dois anos e eu não queria estar na sua pele se você fosse traí-los agora. Não hesitariam em cortar o seu pescoço, se soubessem ou apenas imaginassem que não poderiam utilizar-se de você agora, quando já se tornou conhecedor de todas as minúcias do plano. Mas se você tentar arrebatar-lhes o lucro com que contam... E ela deu de ombros expressivamente. — Não, meu caro amigo, tenho muito amor à vida para me arriscar consigo na aventura, em tais condições.

— Entretanto, Flora, eu acho que nós precisamos tirar desse negócio mais que a parte que eles nos querem dar. Você contribui com todo o conhecimento do assunto _e_ eu corro todo o risco. Em tais circunstâncias, parece-me justo que não tenhamos apenas uma sexta parte dos lucros.

— Faça o que quiser, Estevão, retrucou a moça, sacudindo de novo os ombros. Nesse caso, vá você mesmo falar com eles, entretanto, novamente lhe dou o conselho de contentar-se com o que lhe ofereceram. Considere que eu, que tenho todo o conhecimento do caso e que, além disso, concorri para o plano trazendo você, me conformei perfeitamente com a parte que me oferecem. E, se você não estragar o negócio, o quinhão que nos caberá será bastante para passarmos o resto da nossa vida.

O homem não pareceu ter ficado convencido e a mulher, que o observava, pensou ser necessário vigiá-lo. De fato, Flora o conhecia muito pouco. Na realidade só o encontrara algumas vezes nos últimos dois meses, depois de tê-lo descoberto na tela de um cinema londrino, onde se projetava um filme, em* que Estevão figurara fazendo o papel de soldado romano da guarda pretoriana.

Naquele filme, Estevão se distinguia apenas pelo seu físico e de modo algum pela parte secundária que lhe fora designada. Realmente, de todos os espectadores que o viram na tela, Flora Hawkes fora provavelmente a única pessoa que gravara o perfil daquele obscuro comparsa. E o fizera, não por outro motivo, mas unicamente porque havia mais de dois anos ela e os seus cúmplices procuravam ansiosamente alguém cujo físico e porte se assemelhasse ao tipo que Estevão Miranda tão bem caracterizava. Encontrar em carne e osso o pretoriano do filme, não foi tarefa muito fácil. Por mais de um mês, Flora prosseguiu em suas pesquisas infrutíferas, para depois achar Estevão em um grupo de mais de vinte extras no estúdio de uma das firmas menos importantes de produção cinematográfica em Londres. Bastou à mulher a sua boa aparência como credencial suficiente para travar camaradagem com o obscuro ator da tela. E enquanto a convivência se transformava em intimidade, Flora teve o cuidado de não deixar perceber ao seu novo amigo o verdadeiro motivo que a induzira a se aproximar dele.

Sem demora, Flora verificou que Estevão era espanhol e, segundo tudo indicava, de boa família. Não lhe foi também difícil perceber que se tratava de um indivíduo sem escrúpulos, pela facilidade com que se dispôs a colaborar no negócio escuso por ela proposto. Era um plano engendrado pela imaginação de Flora e cujas minúcias haviam sido estudadas e aperfeiçoadas com o concurso dos seus quatro cúmplices. E tendo verificado que Estevão não tinha escrúpulos. Flora sentia necessidade de se acautelar contra ele, a fim de evitar que se tornasse senhor de todos os detalhes do plano cuja chave até aquele momento ela conservava em absoluto segredo, não a revelando mesmo a nenhum dos seus cúmplices.

Os dois permaneceram em silêncio por algum tempo a brincar com os copos em que haviam bebido. Quando Flora levantou os olhos e deu com os de Estevão que a fixavam, não lhe foi difícil apreender imediatamente o que anuele olhar significava e teria sido compreendido por qualquer mulher menos conhecedora da vida.

— Flora, pode fazer de mim o que quiser. Quando eu estou perto de você, esqueço-me do ouro e tudo mais e só penso na recompensa que persiste em me recusar, mas que não perco a esperança de alcançar um dia.

— O amor e o negócio não vão bem juntos, retrucou a moça. Espere até que tenhamos tido sucesso neste negócio e então cuidaremos de amor.

— Você não gosta de mim, disse Estevão com voz rouca. Tenho observado que

todos gostam de você, e é por isto que os detesto. E se descobrir que gosta de um deles, sou homem para arrancar o coração do desgraçado. Houve momentos em que pensei que você gostava ora de um, ora de outro, pois tem muitas familiaridades com todos, Flora. Já vi John Peebles apertar cariciosamente a sua mão, quando pensava que ninguém o estivesse observando. E quando dança com Dick Throck, ele a agarra muito apertado e os dois ficam com as faces quase se tocando. Eu não gosto dessas coisas, e qualquer destes dias perco a cabeça, esquecendo-me do ouro, para só me lembrar de você. E então não haverá tanta gente para entrar na partilha das barras de ouro, que eu trarei da África. Bluber e Kraski desagradam-me quase tanto como os outros dois. Talvez Kraski seja o pior de todos, é um diabo de boa aparência e eu não gosto das olhadelas que você lhe lança de vez em quando.

Aos olhos de Flora assomavam as cintilações da cólera que se ia avolumando. Com um gesto irritado, a garota impôs silêncio ao seu interlocutor.

— Que é que você tem com a minha vida, Miranda? Que lhe importa saber quem são as pessoas que escolho para amigos e o modo como as trato ou como por elas sou tratada? Devo observar-lhe que conheço aqueles senhores há anos. enquanto que as minhas relações com você datam apenas de algumas semanas. Em tais circunstâncias, se alguém tivesse o direito de dar-me regras de conduta — o que ninguém tem, graças a Deus — seriam antes eles e não você. Os olhos de Estevão Miranda faiscaram de raiva.

— É o que eu pensava, exclamou o espanhol. Você gosta de um daqueles sujeitos. Cada vez mais exaltado, Estevão ergueu-se um pouco da cadeira, curvando o corpo ameaçadoramente em direção de Flora. Diga-me qual dos quatro é o seu namorado e eu o picarei em pedaços!

O espanhol, agitado, metia nervosamente os dedos pela sua cabeleira que dentro em pouco tomava o aspecto da juba negra de um leão. Os olhos de Estevão irradiavam chispas, que iam levar o medo ao coração da moça. A aparência do homem empolgado pela paixão era a de quem fora temporariamente privado da razão. Se Estevão não enlouquecera, o seu aspecto era incontestavelmente o de um alucinado. Flora ficou seriamente assustada e julgou que o que tinha a fazer era acalmar o seu amigo.

— Escute, Estevão, disse com voz meiga. Não há motivo para se encolerizar deste modo. Eu não disse que gostava de qualquer dos quatro, nem também que não gostava de você, mas não estou habituada a ser cortejada por esta forma. Talvez as senhoritas espanholas gostem destes galanteios, mas eu sou uma moça inglesa e se você tem, como diz, esse amor por mim, trate-me como me trataria um inglês que me estivesse namorando.

— Você não me disse que gostava de qualquer dos quatro, mas também não me

negou que gostasse de um deles. Diga-me, Flora, qual é o seu predileto?

Os olhos de Estevão continuavam a faiscar e o seu corpo atlético tremia sob a influência da paixão mal contida.

— Eu não tenho amor por nenhum deles e por enquanto também ainda não amo a você. Mas poderia, no entanto, fazê-lo, Estevão, e é tudo que lhe tenho a dizer. Serei capaz de amá-lo como nunca amei a ninguém mas só me permitirei fazê-lo, quando voltarmos com o resultado deste negócio, de modo a que tenhamos meios para irmos viver onde quisermos. Então é possível que me disponha a amá-lo, mas nada prometo.

— Você deveria fazer essa promessa. Flora, disse Estevão ainda amuado, mas já um tanto apaziguado pelas palavras da garota. Deve prometer-me, porque o ouro não me interessa, se eu não tiver a certeza de que você será minha.

— Cuidado! interrompeu Flora. Eles devem estar a chegar, já estão mesmo meia hora atrasados.

O espanhol volveu os olhos para o lado da porta, onde pouco depois surgiram quatro homens. Dois deles eram indiscutivelmente ingleses, homens da classe média, corpulentos e bem nutridos que indicavam na sua aparência o que realmente eram: dois antigos pugilistas. O terceiro, Adolph Bluber, era um alemão baixo e gordo, com cara redonda e pescoço de touro. O quarto, o mais moço de todos, era sem dúvida mais bem dotado de aparência. Um bonito rapaz que com a pele macia e os seus belos olhos escuros justificava amplamente o bravio ciúme de Estevão Miranda. E completando esses atributos, os cabelos castanhos e perfil esbelto de um deus grego com a graça de um dançarino russo atestavam o ofício que realmente fora exercido por Carl Kraski, antes de tornar-se um malandro profissional. A jovem cumprimentou amavelmente os recém-chegados, aos quais o espanhol apenas saudou com um cerimonioso cumprimento, enquanto eles puxavam cadeiras para sentar-se à mesa.

— Cerveja! gritou Peebles, batendo sobre a mesa para chamar a atenção do garçom. Traga cerveja.

A proposta foi aceita unanimemente e enquanto esperavam pela cerveja, foram conversando sobre assuntos sem importância. O calor, os motivos que os tinham retardado, as ocorrências banais dos últimos dias, foram os assuntos abordados até a volta do garçom. Estevão assistia a essa conversa em silêncio e carrancudo. Mas logo que se encheram os copos, os quatro beberam à saúde de Flora. Esta cerimônia se tornara de praxe nas reuniões do grupo, servindo de sinal para o começo da conversa sobre o negócio.

— Agora, disse Peebles, dando um soco com o seu punho carnudo, temos tudo,

Flora — o plano, o dinheiro e o senhor Miranda. Estamos portanto prontos e você, minha cara amiga, prepare-se para receber a sua parte no negócio.

— Mas de quanto dinheiro dispomos? perguntou Flora. Este negócio requer muito dinheiro e é inútil começá-lo sem dispormos da quantia necessária para levá-lo a termo.

Peebles, voltando-se para Bluber e apontando para ele, disse:

— Aí está o nosso magnífico tesoureiro. Este gordo patife holandês é que pode dizer a você quanto dinheiro temos em caixa.-

Bluber, com um sorriso oleoso, esfregou as palmas gordas das mãos e dirigindo-se a ela perguntou-lhe:

— De quanto dinheiro pensa a Srta. Flora que nós vamos precisar?

— Para agirmos com segurança, nunca menos de duas mil libras, respondeu com presteza Flora Hawkes.

— Ah! ah! replicou o alemão. Isso é muito dinheiro. Duas mil libras!

A garota fez um gesto de aborrecimento, dizendo:

— Desde o princípio fiz vocês compreenderem muito bem que não queria negócios com um grupo de escroques baratos. E sempre declarei que enquanto não tivesse bastante dinheiro para custear a empresa, não lhes entregaria os mapas e os roteiros, sem os quais vocês não podem chegar aos subterrâneos, onde, se tudo que tenho ouvido dizer é verdade, há bastante ouro para comprar toda esta pequena ilha. Vocês podem ir sozinhos e gastar o seu dinheiro, mas eu não lhes entregai ei os mapas e os outros papéis, antes de vocês me mostrarem as duas mil libras, soma que julgo necessária ao custeio da expedição, que os tornará os homens mais ricos do mundo.

— Ele quer estragar o negócio, rosnou Throck. Leve-me a breca, se ele sabe o que se está tratando.

— Bluber não pode evitar isso, interpôs o russo. É um característico da raça. Se ele fosse tratar do seu casamento, discutiria com o escrivão para obter a redução das custas da cerimônia.

— Afinal, que é necessário? perguntou Bluber. Se nós pudermos fazer tudo por mil libras, é muito melhor.

— Perfeitamente, concordou Flora. Se só for preciso gastar mil libras certamente não se gastará mais, porém é imprescindível que fiquem de parte mil libras para atender às despesas que podem surgir. E devo acrescentar que o conhecimento que tenho da região, onde se acha o imenso tesouro, me leva a prever que teremos ali mais surpresas do que os senhores imaginam.

— Ah! ah! resmungou Bluber.

— Ele tem todo o dinheiro que é preciso. Não nos preocupemos mais com isso e passemos a tratar do negócio, disse Peebles.

— Não duvido que Bluber tenha o dinheiro, mas quero vê-lo antes de entregar os mapas e os roteiros, retrucou Flora com firmeza.

— Mas a senhorita pensa que costumo andar com todo esse dinheiro no meu bolso? indagou Bluber.

— E você, Flora, não pode aceitar a nossa palavra como garantia? perguntou Throck, aborrecido.

— Ora, vocês, que foram uma bela quadrilha de escroques, tem o topete de me perguntar isso? E desatou em uma risada, encarando zombeteiramente os malandros. Mas em seguida acrescentou: Se Carl assumir a responsabilidade de que o dinheiro está pronto, eu aceitarei a sua palavra.

Peebles e Throck tiveram um gesto de irritação e Miranda lançou sobre o russo um olhar terrível e cortante. Bluber não se mostrou ofendido. Dir-se-ia que quanto mais o insultavam, mais prazer lhe davam. Quando era tratado com consideração e amabilidade, tornava-se insolente e arrogante, mas a mão que o espancava era logo em seguida humildemente beijada por ele. Kraski esboçou um sorriso de satisfação que fez ferver o sangue do espanhol.

— Flora, fique tranqüila, Bluber tem o dinheiro. Cada um de nós contribuiu com a sua quota. Nós fizemos Bluber tesoureiro, porque sabemos que ele agarrará cada vintém até fazê-lo gritar de dor, antes de soltá-lo. O nosso plano agora é partirmos de Londres dois a dois.

Em seguida tirou do bolso um mapa que estendeu sobre a mesa, mostrando aos outros um ponto que designara com um X.

— Aqui nos reuniremos e prepararemos a nossa expedição. Bluber e Miranda partirão primeiro, em seguida Peebles e Throck. Quando eu e Flora chegarmos, as coisas deverão estar prontas para avançarmos em demanda do nosso objetivo. Quando nos avizinharmos deste e no lugar mais próximo possível, faremos o nosso acampamento em um sítio afastado do caminho geralmente seguido pelos viajantes e mercadores de escravos. Miranda terá o cuidado de conservar-se sempre disfarçado com as suas suíças até a partida para a etapa final da sua longa viagem. Segundo me parece, Miranda já aprendeu bem o seu papel e poderá assim representar com perfeição a personagem que lhe cabe. E como só terá que iludir negros selvagens e animais ferozes não lhe será preciso pôr à prova a sua habilidade histriônica em circunstâncias muito difíceis.

Havia um tom velado de sarcasmo nas palavras de Cai! Kraski e o espanhol fitou

no russo um olhar hostil.

— Depreendo do que acaba de dizer, que você viajará só com Miss Hawkes até X, disse o espanhol com uma voz baixa e rouca que traía a sua raiva recalcada.

— Certamente, respondeu o russo, e se você não o tivesse compreendido eu seria obrigado a julgá-lo um homem de inteligência muito curta.

O espanhol, não se podendo conter, fez um movimento para levantar-se, inclinando-se ao mesmo tempo com violência na direção de Kraski. Flora, porém, o puxou pelo paletó.

— Deixemos destas brigas, disse a garota com firmeza, obrigando Estevão a sentar-se de novo. Já tenho assistido a vários incidentes desta natureza entre vocês e não mais estou disposta a aturar isto. Ao primeiro desentendimento que houver, abandono-os e vou procurar outros companheiros para a minha expedição.

— Sim, acabemos com isto. Aqui estamos e não podemos perder tempo em tolices, interveio Peebles em tom combativo, no qual transparecia o temperamento do antigo pugilista.

— John tem toda razão, disse Throck, e eu aqui estou para apoiá-lo. Flora também age com muito juízo. Se alguém a aborrecer mais, mostrarei que sou homem para dar uma lição a dois estrangeiros ao mesmo tempo. E o pugilista aposentado sublinhou com um gesto enérgico o seu ultimato, ao mesmo tempo que encarava primeiro Miranda e depois Kraski.

— Agora, vamos passar uma esponja nisto e apertemos as mãos como bons amigos, propôs Bluber.

— Muito bem, exclamou Peebles. Estevão, aperte a mão de Kraski. Venha, Carl, e não se fale mais nisso. Este negocio não pode ser levado por diante no meio de animosidades. E nós estamos aqui para tratar do assunto que interessa a todos e não devemos ter outras preocupações.

O russo, sentindo-se firme junto a Flora, quis mostrar-se magnânimo e prontamente estendeu à mão a Miranda. O espanhol relutou, mas Throck interveio resolutamente.

— Estevão, aperte a mão de Kraski. E em tom enérgico acrescentou: Se você quiser, pode voltar ao seu lugar de extra no estúdio cinematográfico e diabos me levem se eu não encontrar logo um outro para ocupar o seu posto e que não nos aborreça com estas cenas.

A atitude de Throck produziu efeito imediato. O espanhol afrouxou e em vez da fisionomia carrancuda com que se mostrava ameaçador, sorriu e cordialmente estendeu a mão a Kraski.

— Perdoe-me, Kraski, disse Miranda em tom suave. Tenho mau gênio, mas não quis ofendê-lo. Flora tem muita razão, precisamos ser todos amigos. Aqui lhe dou a minha mão.

— Está muito bem, respondeu Kraski, e estou realmente penalizado por tê-lo magoado. Mas se o russo tivesse podido penetrar no fundo da alma histriônica do espanhol, teria sentido um calafrio.”

— Muito bem, disse Bluber jovialmente esfregando as gordas mãos. Agora que somos todos amigos, vamos tratar do nosso negócio. Precisamos dar começo a isso o mais depressa possível. Srta. Flora, queira ter a bondade de dar-me os mapas e os roteiros e todas as providências serão tomadas para que possamos partir quanto antes.

— Dê-me um lápis, Carl, pediu ela e logo que o russo lhe passou o que pedira, Flora, tomando um dos mapas, procurou um certo ponto, a alguma distância de X e, traçando um círculo, disse: esta zona ficará denominando-se O. Quando aí chegarmos, entregarei os roteiros e mapas finais. Antes de lá estarmos, não os darei.

— Como assim, Srta. Hawkes? prorrompeu Bluber excitado. Quer que nós demos mil libras para comprar um porco dentro 'de um saco? Não. isso não é possível. Precisamos ter todas as informações antes de partirmos daqui. E sem estarmos de posse delas, não se gastará um vintém.

— Sim, é isso mesmo. Não se sai daqui! exclamou Peebles desfechando um murro sobre a mesa. .

— Perfeitamente, disse Flora levantando-se displicentemente. Se vocês pensam assim, podemos considerar o caso definitivamente liquidado.

— Mas... que é isso, Srta. Hawkes? interveio Bluber pressurosamente. Não há motivo para perder a calma. Mas há de compreender que isto é um negócio e que duas mil libras é muito dinheiro. Nós somos homens de negócio e não podemos dar uma soma tão grande sem receber nada em troca.

— Não se trata de dar duas mil libras sem nada receber, disse acrimoniosamente a moça. A questão é muito diferente. Se há alguém que deva receber uma prova de confiança nessa etapa inicial do negócio, essa pessoa sou eu. Se fosse entregar a vocês todos os elementos para levarem a bom termo a expedição nada impediria que partissem sozinhos, descobrissem o tesouro e ficassem com ele, deixando-me a ver navios Ora, estou resolvida a não consentir que tal aconteça.

— Mas, Srta. Hawkes, nós não somos patifes para proceder desse modo, instou o judeu, somos incapazes de pensar por um momento em praticar uma fraude para com a Srta.

— Sim, Bluber, vocês não são patifes, mas também não são anjos, retrucou Flora.

E se desejam levar esse negócio adiante, terão de fazê-lo pelo modo que me agrada. E assim até o fim, porque lá estarei para ver o que há e receber a parte que me toca. Até agora vocês têm aceitado a minha palavra e têm de continuar a acreditar nela até o fim. Se não quiserem assim, o negócio está acabado. E, digam-me agora, que vantagem teria eu em passar pelos incômodos e correr os riscos de uma longa viagem pela selva africana, trazendo vocês comigo, para no fim não lhes poder entregar o que havia prometido? E porventura serei eu uma idiota para pensar em conseguir escapar de uma quadrilha de bandidos como vocês, se tentasse embrulhá-los com uma história dessa ordem? Enquanto eu andar direito com vocês não tenho medo, porque sei que Carl e Estevão velam por mim, mas não sei se o resto de vocês fará o mesmo. O meu ponto de vista, está bem esclarecido. Agora é para vocês uma questão de pegar ou largar.

— Bem, John, o que você e Dick pensam sobre isso? perguntou Bluber, dirigindo-se aos dois antigos pugilistas. Quanto a Carl, sei que ele estará de acordo com tudo que Flora quiser. Então, que pensam vocês dois?

— Com os diabos! exclamou Throck. Nunca fui homem de confiar em ninguém, mas confesso que desta vez acho que não temos remédio senão confiar em Flora.

— O mesmo se dá comigo, resmungou John Peebles. Mas veja bem, Flora, se você fizer alguma canalhice conosco, terá de avir-se comigo. E fixando a garota, fez-lhe um gesto de quem aperta uma garganta.

— Sei disso muito bem, disse ela rindo, e sei também que você faria o mesmo por duas libras ou por duas mil. Então, estão todos vocês de acordo em fazer o negócio conforme o meu plano? E você também, Carl?

O russo acenou, com a cabeça, dizendo:

— Estou por tudo que os outros quiserem.

E, assim, a amável companhia passou a discutir os detalhes combinando o que tinham a fazer, para se reunirem todos no local que a garota marcara no mapa com o X.

CAPÍTULO 4

A revelação das pegadas

QUANDO Jad-bal-ja completou dois anos de idade, era sem dúvida o mais belo espécime da sua raça que os Greystokes jamais haviam admirado. Em tamanho, era superior ao atingido em geral pelos leões adultos, o seu porte era magnífico e com a sua esplêndida juba negra Jad-bal-ja tinha o aspecto de um leão completamente desenvolvido, enquanto em inteligência ultrapassava de muito os seus irmãos bravios da floresta. O leão constituía motivo de orgulho para o homem-macaco que o educara cuidadosamente, procurando com habilidade desenvolver todas as aptidões latentes do grande felino que adotara. O leão não dormia roais aos pés da cama do seu senhor, Tarzan construía para ele uma sólida jaula junto à parte posterior do “*bungalow*”. O homem-macaco sabia muito bem que um leão, por mais bem educado que seja, não deixa de ser um leão, temível devorador de carne.

Durante o primeiro ano de vida, havia sido permitido a Jad-bal-ja andar à vontade pela casa e pelo terreiro circunvizinho, mas depois de haver completado o primeiro ano, o leão só andava em companhia de Tarzan. Muitas vezes iam os dois passear pela planície, caçando juntos. O leão convivia com quase o mesmo desassombro com Jane e Korak. Nenhum dos dois temia o grande felino ou lhe mostrava desconfiança, mas era sempre a Tarzan dos Macacos que o leão dava as maiores provas de afeto. Jad-bal-ja tolerava os negros da propriedade de Tarzan e também nunca molestava os animais domésticos e as aves caseiras. O homem-macaco tivera o cuidado, quando o leão era ainda muito pequeno, de fazer-lhe sentir que um castigo se seguia inevitavelmente a qualquer incursão pelos currais e galinheiros. A circunstância de que as precauções eram tomadas para que o carnívoro nunca chegasse a ficar esfomeado, certamente concorria de modo decisivo para garantir a vida dos animais da fazenda.

O homem e a fera pareciam entender-se mutuamente de um modo perfeito. Sem dúvida, o leão não percebia tudo que Tarzan lhe dizia, “mas a facilidade com que compreendia as ordens dadas pelo seu senhor atingia verdadeiramente as raias do maravilhoso. A obediência que uma combinação de severidade e de carinho havia desenvolvido durante a infância de Jad-bal-ja, convertera-se em um hábito no animal adulto. Em cumprimento das ordens de Tarzan, o leão ia a grandes distâncias caçar antílopes e zebras, trazendo a caça ao seu senhor, sem esboçar uma tentativa de devorá-la. Chegava mesmo a poupar a vida dos animais que capturava, vindo depô-los vivos aos pés do homem-macaco. Esse era o leão de ouro que vagava pela floresta virgem ao lado do seu senhor, que no meio da selva tinha a aparência de um

deus.

Foi nessa época que chegaram aos ouvidos de Tarzan os ' primeiros rumores sobre a presença de um grupo de aventureiros que praticavam atos de rapinagem ao sul e ao oeste das suas terras. Corriam histórias tenebrosas de incursões em busca de marfim e caça de escravos, como não se ouvia contar desde os tempos do xeque Amor Ben Khatour. E mais tarde chegaram outras narrativas que fizeram Tarzan fincar os dedos nas fontes, perplexo e pensativo. Durante um mês, o homem-macaco não teve mais conhecimento do que se passava para os lados do oeste.

A guerra reduzira os recursos dos Greystokes aos limites de uma pequena renda. Haviam praticamente dado tudo à causa dos Aliados, e o pouco que restou da fortuna foi quase inteiramente absorvido pelas despesas com a restauração da propriedade africana de Tarzan.

— Parece-me, Jane, disse ele uma noite à mulher, que seria conveniente uma outra viagem a Opar.

— Fico aterrada ao pensar nisso, respondeu “lady” Jane, não quero que vá. Você conseguiu escapar duas vezes daquele lugar com vida, e só Deus sabe como, na terceira vez poderá não ter a mesma sorte. Temos o bastante, John, para vivermos aqui felizes e com bastante conforto. Para que sacrificar o bem-estar que temos para tentar uma nova aventura por aqueles subterrâneos?

— Não há perigo, Jane, observou Tarzan tranqüilizadoramente. Na última vez, Werper seguiu-me no encalço e o terremoto quase me fez levar a breca, mas não há a mínima probabilidade de que se repita uma combinação como essa, para embaraçar-me e pôr-me em perigo de vida.

— Está bem, mas não irá só, John. Faço questão que Korak o acompanhe.

— Não, não o levarei comigo. Korak precisa ficar aqui, porque as minhas longas ausências são mais perigosas para você que para mim. Far-me-ei acompanhar por cinquenta Waziris que carregarão o ouro. Assim, poderei trazer o que nos dará para viver por muito tempo.

— E Jad-bal-ja? interrogou Jane. Irá com você?

— Não, o leão ficará aqui, Korak tomará conta dele e o levará de vez em quando à caça. Tenho de fazer uma viagem rápida e não posso levar sobrecarga. Os leões não gostam de andar ao sol em tempo de calor e receio que Jad-bal-ja não agüente as marchas que terei de fazer de dia.

E Tarzan dos Macacos dentro de alguns dias se pôs de novo a caminho pelo trilho da selva na direção de Opar. Acompanhando o homem branco, seguiam cinquenta Waziris, a fina flor da tribo de guerreiros negros que havia aclamado Tarzan seu

chefe. Na varanda do “*bungalow*”, “*lady*” Jane e Korak, de pé, acenavam as suas despedidas ao homem-macaco que se afastava. Aos ouvidos deste chegavam os rugidos de Jad-bal-ja, o leão de ouro, que da sua jaula também a seu modo dava os seus adeuses ao senhor e amigo. Por algum tempo a esposa e o filho de Tarzan acompanharam melancolicamente a marcha da pequena coluna que avançava pela planície. Pouco a pouco as figuras dos caminhantes se foram tornando mais indecisas e afinal o próprio todo da caravana se dissipou na distância que já a separava do “*bungalow*”.

Considerando-se que a velocidade desta era determinada pela marcha do mais vagaroso dos negros, Tarzan estava evidentemente avançando com certa rapidez. Opar ficava a uns vinte e cinco dias de caminhada um tanto acelerada pelos trilhos da selva. Isto na ida porque, de retorno, trazendo as barras de ouro, a coluna teria de marchar muito mais vagarosamente. Considerando tudo isso, o homem-macaco calculara em dois meses o tempo necessário à empreitada. Sendo o seu séquito formado exclusivamente por guerreiros destros, podia permitir uma avançada bastante rápida. Não traziam víveres porque, sendo todos caçadores e tendo de atravessar uma região onde a caça era abundante, não teriam dificuldade em se abastecer amplamente de alimento. Por este motivo estavam livres dos percalços a que se acham sujeitos os caçadores brancos, obrigados a sobrecarregar-se com equipamento pesado e que lhes retarda as marchas.

Para abrigo, bastava à coluna um cercado de emergência feito de cipós espinhosos e um bocado de folhas com que se improvisavam colchões. Os chuços e as setas e a inextinguível capacidade do seu grande chefe eram garantia suficiente de que os expedicionários nunca ficariam com os estômagos vazios. Com os homens escolhidos com que formara a sua escolta, Tarzan tinha certeza de fazer o percurso até Opar em vinte e um dias. Se tivesse vindo só poderia facilmente reduzir à metade ou mesmo à terça parte do tempo, porque o homem-macaco sabia correr pela selva mais espessa e intrincada, como qualquer de nós caminha pela melhor das estradas. Além disso, viajava noite e dia, com pequenas altas de repouso e sem nunca se sentir fatigado. Mas os Waziris, embora familiarizados com a floresta e movendo-se pelo meio dela com grande destreza, não podiam, como o seu chefe, correr rapidamente, saltando de galho em galho à maneira dos antropóides, em cujo meio Tarzan dos Macacos se criara. Foi em uma tarde, já na terceira semana de marcha, que Tarzan, tendo-se distanciado dos negros em busca de caça, deu com uma carcaça de Bara, a corça, na qual se acuava espetada uma seta emplumada. Um rápido exame do achado foi suficiente para mostrar ao homem-macaco que Bara havia sido ferida a uma certa distância do local em que jazia e onde viera cair certamente exausta pela perda de sangue, porque a posição em que a seta atingira a corça não lhe podia ter infligido um ferimento imediatamente mortal. O que, porém,

mais impressionou Tarzan e lhe atraiu a atenção mesmo antes de se aproximar do animal morto para fazer um exame minucioso, foi o feitio da seta cravada na carcaça de Bara. E quando a arrancou dali, o homem-macaco não teve mais dúvida sobre a natureza da seta com que fora ferido o animal. O espanto de Tarzan foi tão grande, como seria o de qualquer de nós, encontrando de repente um colar de Swazi nas calçadas de Broadway ou do Strand.

Realmente, a incongruência daquela seta fincada no corpo de uma corça em plena selva africana, era precisamente a mesma que apresentaria um adorno indígena perdido em uma rua supercivilizada de Nova Iorque ou de Londres. Setas como a que Tarzan acabava de descobrir no exame que fizera no cadáver de Bara, encontram-se em qualquer casa de artigos esportivos da Europa e da América e são diariamente utilizadas nos quintais suburbanos pelos que se exercitam em atirar com arco. Assim, a surpresa de Tarzan não podia ser maior se ele houvesse achado no meio da selva um brinquedo de crianças civilizadas. E não obstante ter a seta ferido Bara com eficácia, não foi difícil a Tarzan, pelo exame do ferimento, verificar que o arco que expedira a seta não havia sido manejado pela mão experimentada de um selvagem.

A curiosidade de Tarzan e a sua prudência de conhecedor da selva não permaneceram insensíveis à significação do que achava de verificar. Para sobreviver por muito tempo na vida selvagem, é preciso conhecer a fundo a floresta e tudo que ela encerra. Os riscos tornam-se enormes para quem não atenta para um caso estranho ou um fato anormal, sem procurar explicá-los. E por este motivo Tarzan dos Macacos se pôs logo a seguir em sentido inverso à direção das pegadas da corça, a fim de procurar descobrir quem ferira Bara com aquela seta. O rastro de sangue era facilímo de ser acompanhado e Tarzan ficou intrigado pela circunstância de não haver o caçador seguido o animal que ferira e que evidentemente devia jazer ali desde a véspera. Prosseguindo na sua pesquisa o homem-macaco apurou que Bara fora alvejada quando se achava a uma grande distância do lugar em que viera tombar exausta. Assim, o sol já estava muito baixo no poente quando o investigador encontrou os vestígios do matador da corça. E esses sinais consistiam em pegadas que causaram tanta surpresa a Tarzan, como a própria flecha que achara cravada no corpo do animal.

Examinou aquelas pegadas com a máxima atenção, abaixando-se para observá-las melhor e chegando mesmo a farejá-las com as suas narinas ultra-sensíveis. Improvável ou mesmo impossível como parecia, no entanto a verdade era que as pegadas impressas na lama da floresta eram as de um homem branco que devia ter uma estatura e corpulência comparáveis às do próprio Tarzan. Diante daquelas pegadas tão inexplicáveis no meio da selva, o filho adotivo de Kala, a grande

macaca, ficou debruçado com uma das mãos mergulhada na cabeleira, em atitude que lhe era característica sempre que alguma ocorrência o deixava perplexo.

Que homem branco poderia ser aquele que andava nu pela selva de Tarzan a matar caça que lhe pertencia com setas elegantes de arqueiro amador? Era inconcebível a existência de um homem em tais condições. Entretanto, enquanto meditava, Tarzan ia evocando as notícias que lhe tinham chegado aos ouvidos semanas antes sobre a presença de estranhos nos limites do seu domínio. Resolvido a elucidar o mistério, o homem-macaco prosseguiu, acompanhando agora o rastro daquele estranho intruso. Sem demora, pela observação do rastro que ziguezagueava pela mata sem direção certa, não teve dificuldade em concluir que se tratava de um caçador inexperiente. Todavia a noite caiu antes de Tarzan haver chegado a um ponto onde conseguisse esclarecer o caso e, assim, foi obrigado a adiar a investigação, regressando ao acampamento.

Sabia que os seus fiéis Waziris estavam à espera de alimento e o homem-macaco não queria desapontá-los. Regressou, pois, descobrindo em seguida que não era o único carnívoro que naquela noite andava caçando por ali.

Caminhava Tarzan ao encontro da sua escolta, quando ouviu à distância o tossir cavernoso de um leão e logo era seguida o ronco profundo de outro, que vinha do lado oposto da floresta. Aqueles sinais da vizinhança dos grandes felinos pouco lhe importavam. Não seria a primeira vez que Tarzan dos Macacos teria de enfrentar caçadores rivais, fossem eles animais de presa ou criaturas humanas.

E foi assim que Tarzan apanhou a sua caça arrebatando-a quase diante do focinho de um enfurecido leão, que já contava com aquele gordo antílope para seu repasto. Colocando o animal morto sobre os ombros, subiu aos galhos baixos do arvoredor, diante do leão desapontado e enraivecido, de quem se despediu com uma risada, pondo-se rapidamente a saltar de ramo em ramo à maneira dos antropóides.

Sem dificuldade alguma, chegou em breve ao acampamento, onde o aguardavam os Waziris, com tanta confiança no seu chefe que nem por um momento haviam pensado que ele voltasse sem trazer caça para uma succulenta refeição da sua gente.

Cedo, na manhã seguinte, prosseguiu a coluna em marcha para Opar. Tarzan, tendo dado instruções precisas sobre o rumo que os negros tinham a seguir naquela direção, foi outra vez internar-se pelas brenhas, a fim de esclarecer o mistério da presença do estranho homem branco, de que a seta e as pegadas impressas na lama lhe haviam dado indícios tão seguros. Chegando ao lugar onde, na véspera, a noite o forcara a interromper a sua investigação, o homem-macaco continuou a seguir o rastro do intruso que andava a caçar pela sua floresta.

Não precisou andar por muito tempo para achar novos vestígios da maligna

personagem, que cada vez mais o interessava e preocupava. Estendido, deparou-se-lhe no atalho o cadáver de um grande antropóide, em quem logo reconheceu um dos membros da raça em cujo convívio fora criado. Do peito do homem-macaco irrompeu um rugido de cólera, ao verificar que no abdômen felpudo estava espetada outra das setas fabricadas à máquina nos centros civilizados. Quem seria o atrevido que ousava assim violar o seu domínio e cruelmente massacrava os que se adiam a ele ligados?

As despojar-se das roupagens da civilização, Tarzan arrancava também de si a tênue camada de cultura, que sobre ele lançara o seu tardio contacto com a vida policiada. Não era mais um lorde inglês que ali estava emocionado diante do cadáver de um antropóide. Do fundo da alma de Tarzan irrompia, mais uma vez o sentimento selvagem, em que a solidariedade instintiva com os seres da floresta o tornava inimigo do homem que violava a primitiva virgindade das brenhas. A obra sanguinária de um homem brutal era apreciada por Tarzan do ponto de vista puro e simples do animal de presa. O homem-macaco não sentia laços de afinidade racial com o matador das criaturas da selva.

Tendo concluído que o rastro datava apenas de dois dias, Tarzan apressou-se na perseguição do estranho, contra o qual se movia agora toda a sua combatividade primitiva. A morte do antropóide constituía para o homem-macaco um caso inconfundível de assassinio. Conhecia muito bem os hábitos dos Manganis para saber que nenhum deles provocaria e que só entraria em luta sendo atacado.

Tarzan caminhava contra o vento, e, meia hora depois de haver partido, do lugar em que se achava o corpo do antropóide, as suas narinas apuradas perceberam o cheiro de outros Manganis. Como bem sabia quanto eram tímidos aqueles temíveis habitantes da selva, tomou as maiores precauções ' para que eles não o pressentissem e se pusessem em fuga, antes de terem reconhecido a sua identidade. Tarzan não se achava muitas vezes em contacto com os antropóides, mas sabia que entre eles havia muitos que se lembravam dele, Tarzan, e que por intermédio destes lhes seria sempre fácil entrar em relações amigáveis com o resto da tribo.

Sendo muito intrincado e espesso o arvoredado baixo da floresta, o homem-macaco subiu aos galhos de meia altura e por eles foi correndo com tanta celeridade que em breve se encontrou com os antropóides gigantes. Eram cerca de vinte e se achavam em uma pequena clareira, empenhados na sua costumeira tarefa de procurar lagartas, alimento de tão grande importância e tão gulosamente procurado por todos os antropóides.

A fisionomia de Tarzan expandiu-se em um grande sorriso, ao contemplar do alto de um galho, onde a folhagem espessa o ocultava, aquele pequeno bando absorvido pela caça às lagartas. Cada um dos movimentos dos grandes símios evocava na

memória de Tarzan episódios da sua infância e da sua adolescência, quando, garantido pela proteção maternal de Kala, acompanhava pelas brenhas a tribo de Kerchak. Nos folgedos dos jovens macacos via reproduzir-se quadros que lembravam Neeta, sua companheira de infância, enquanto os movimentos lentos dos antropóides adultos o faziam recordar os grandes machos, que temera na sua adolescência e que, depois de homem, conseguira dominar. Os hábitos e as modas dos homens mudam, mas os gestos e as atitudes dos macacos são hoje os mesmos de ontem e iguais aos que serão amanhã.

Por alguns minutos Tarzan dos Macacos contemplou os antropóides, em uma espécie de devaneio feliz, reconstituindo mentalmente as impressões da sua infância e dos tempos acidentados em que, entre os Manganis, crescera e se fizera homem. Como ficariam alegres ao reconhecerem a sua identidade! Realmente, não era Tarzan dos Macacos conhecido em todas as direções da selva como o amigo e protetor dos Manganis? A princípio eles se poriam a rosnar e a ameaçá-lo com os dentes, porque não lhes bastaria o testemunho dos olhos e dos ouvidos para o reconhecerem. Quando ele entrasse na clareira, ver-se-ia cercado pelos grandes machos em atitude ameaçadora, com os dentes arreganhados e os músculos dos longos braços entesados para o ataque. Somente depois que as aguçadas narinas lhes permitissem identificar Tarzan dos Macacos pelo cheiro, seria ele acolhido amigavelmente pelos antropóides.

Então, durante algum tempo, os grandes macacos ficariam muito excitados, fazendo convergir todas as suas atenções para o grande amigo e protetor que vinha visitá-los, mas isso não duraria muito. Em obediência aos processos mentais que lhes são característicos, os antropóides dentro em pouco volveriam a atenção para uma folha que caísse, para uma lagarta ou para um ovo de passarinho descoberto em um ninho escondido. E voltariam todos para outro lado não se preocupando com Tarzan mais do que com qualquer outro membro da tribo. Mas o desinteresse só se manifestaria depois de cada membro da tribo ter farejado Tarzan e apalpado o corpo dele com as grandes mãos calosas.

Interrompendo a contemplação meditativa em que se deliciava, Tarzan lançou um grito de saudação, ao mesmo tempo que, emergindo da folhagem que o encobria, apareceu no alto do galho diante dos Manganis que se achavam na clareira.

— Sou Tarzan dos Macacos, poderoso lutador e amigo dos Manganis. Tarzan vem como amigo visitar os seus amigos. Ditas estas palavras, deslizou pela árvore, saltando agilmente sobre a relva da clareira.

A aparição pôs em alvoroço o bando de antropóides. Em poucos instantes reinava verdadeiro pandemônio na pequena clareira. Soltando gritos de alarme, as fêmeas e os pequenos macacos corriam para o lado oposto da clareira, enquanto os machos

avançavam em direção de Tarzan com os dentes à mostra e agitando os braços, o que significava uma gesticulação ameaçadora.

— Então, vocês não me reconhecem? Sou Tarzan dos Macacos, amigo dos Manganis, filho de Kala, rei e protetor da tribo de Kerchak.

— Nós o conhecemos vociferou na sua linguagem um dos antropóides, bem o vimos ontem quanto matou Gobu. Suma-se daqui quanto antes, senão o mataremos.

— Não fui eu quem matou Gobu. Encontrei o seu cadáver e seguia o rastro do seu matador, quando dei com vocês aqui.

— Nós o vimos matar Gobu. Você não é mais o amigo dos Manganis. Vá-se embora, ou o mataremos.

O homem-macaco não respondeu e contraiu as sobrancelhas, absorvido pelos seus pensamentos. Era evidente que os macacos estavam convencidos de que fora ele quem matara o companheiro. Qual será a explicação disso? Porventura as pegadas do homem branco por ele descobertas e que vinha seguindo teriam ainda significação mais grave do que ele a princípio lhes atribuíra? Tarzan fazia conjecturas, sem encontrar solução que o satisfizesse. Levantando os olhos encarou de novo os antropóides, dirigindo-lhes a palavra.

— Não fui eu quem matou Gobu, já lhes disse. Muitos de vocês me conhecem toda a vida. Sabem muito bem que nunca matei um Mangani, senão em luta leal e como um macho mata outro macho. Não podem ignorar que considero os Manganis os meus melhores amigos entre todos os habitantes da selva, e que também os Manganis não têm melhor amigo que eu. Como poderia pois matar alguém do meu próprio povo?

— O que nós todos sabemos, é que o vimos matar Gobu e vimos com os nossos próprios olhos. Ponha-se, portanto, ao fresco, se não quer ser morto por nós. Você pode ser um poderoso lutador, mas ainda mais poderosos são todos os machos da tribo de Pagth. Eu sou Pagth, o rei da tribo de Pagth. Parta sem demora ou nós o mataremos.

Tarzan tentou ainda argumentar com os antropóides mas tudo foi baldado, porque os grandes macacos estavam absolutamente convencidos de o terem visto matar o seu companheiro Gobu. Finalmente, vendo que as coisas acabariam fatalmente em um combate em que alguém seria morto, o homem branco, cheio de tristeza, desistiu e foi-se embora. Entretanto, agora mais que nunca, estava resolvido a descobrir quem matara Gobu, a fim de chamá-lo a contas pela audácia com que invadira os seus domínios.

Retomando o rastro, Tarzan prosseguiu na sua investigação, até chegar a um ponto das brenhas em que encontrou várias pegadas. A maioria delas era evidentemente de

negros. Havia também impressões de pés calçados de homens brancos e uma pegada de mulher ou de criança, não tendo sido possível a Tarzan verificar qual das alternativas era a mais aceitável. O trilho, segundo tudo indicava, seguia na direção dos morros rochosos que protegem o vale estéril de Opar.

Esquecido agora do objetivo principal da sua viagem, Tarzan dos Macacos estava empolgado pela idéia única de descobrir o paradeiro dos intrusos e fazer com que o matador de Gobu recebesse das suas mãos o merecido castigo. O trilho era agora um largo atalho aberto pela passagem de muitos homens, que não podiam estar a mais de meio dia de marcha daquele ponto. E o bando de intrusos deveria estar agora chegando quase à borda do descampado de Opar, se porventura era esse o objetivo da sua jornada. E Tarzan não podia imaginar que outro fosse o destino do grupo que tanto o preocupava.

O caso começava a tornar-se extraordinariamente curioso. O homem-macaco mantivera sempre o mais absoluto sigilo acerca de Opar, e “lady” Jane e Korak eram os únicos indivíduos de raça branca que, além dele, conheciam a existência das ruínas da antiqüíssima cidade dos atlântidas. Entretanto, que outra coisa senão o segredo daquele lugar misterioso poderia atrair homens brancos a uma expedição, em que se faziam acompanhar de grande escolta de indígenas, para se internarem na zona mais desconhecida da selva africana? Opar, cercada de rochas por todos os lados, era evidentemente um ponto que nenhuma caravana iria propositadamente incluir no seu roteiro.

Esses pensamentos absorviam Tarzan durante a marcha rápida pelo largo trilho que, através da selva, ia ter diretamente às pedregosas barreiras do vale, onde se ocultavam os tesouros por entre as ruínas da cidade dos atlântidas. A noite era fresca e o vento soprava contra Tarzan. Assim, mesmo dispensando a guia das pegadas, o homem-macaco apenas pelo cheiro podia facilmente seguir o rastro da caravana. E muito tempo ainda não tinha decorrido, quando ao longe Tarzan avistou as luzes de um acampamento.

CAPÍTULO 5

As gotas fatais

No “*BUNGALOW*” e na fazenda a vida prosseguia na rotina habitual, desde a partida de Tarzan. Korak, freqüentemente, às vezes a pé, mas quase sempre a cavalo, inspecionava as lavouras e os rebanhos. Em algumas ocasiões ia só e de outras feitas se fazia acompanhar por Jervis, o feitor branco, que nunca deixava de segui-lo quando “lady” Jane ia em companhia de seu filho.

Quando passeava com Jad-bal-ja, Korak o trazia sempre atado por uma correia porque, apesar de o animal se lhe mostrar obediente, receava sempre não ter sobre ele a mesma autoridade que seu pai exercia e, assim, temia que um dia o leão de ouro, apanhando-se solto, fugisse para a selva, retornando ao ambiente selvagem, que afinal de contas era o meio próprio do grande felino. E, solto na selva, o leão de ouro representaria uma terrível ameaça às vidas humanas. Tendo sido criado na convivência com os homens, Jad-bal-ja perdera por completo o temor que o homem inspirava a todos os animais selvagens, induzindo-os a fugir desse ente que os apavora. Não era preciso que Korak tivesse muita imaginação para prever o que aconteceria se Jad-bal-ja fugisse, voltando à vida selvagem e rondando pelo floresta nos arredores da fazenda, diante do treino que recebera de Tarzan, aprendendo a apanhar o seu bocado de carne amarrado ao pescoço de um manequim com forma humana.

Antes de decorrida a primeira semana após a partida de Tarzan para Opar, chegou à propriedade um mensageiro de Nairobi, trazendo um telegrama de Londres, que anunciava moléstia grave do pai de “lady” Jane. Mãe e filho conversaram sobre a situação. Tarzan não estaria de volta da sua excursão antes de cinco ou seis semanas e mesmo que mandassem um mensageiro no seu encalço, ele não poderia estar na fazenda em tempo de tomar possível a chegada de “lady” Jane à Inglaterra antes da morte de seu pai. Mesmo partindo imediatamente, poucas eram as esperanças de que ela ainda o encontrasse vivo. Ficou portanto decidido que “lady” Jane partiria sem demora, devendo Korak acompanhá-la até Nairobi, donde regressaria à fazenda, para superintender a administração até a volta do pai.

Entre a fazenda dos Greystokes e Nairobi a distância era grande e tinha de ser percorrida em sua maior parte por um estreito caminho, aberto no meio da selva. Korak, que fora acompanhar sua mãe até Nairobi, não estava ainda de volta à propriedade, quando um dia, três semanas após a partida de Tarzan para Opar, ocorreu um incidente importante.

O negro encarregado de cuidai de Jad-bal-ja deixara inadvertidamente de amarrar

a porta da jaula, enquanto procedia à limpeza da mesma. O leão de ouro andava de um lado para outro, enquanto o negro passava a vassoura para limpar o assoalho da jaula. O Waziri e o animal já eram bons camaradas e o indígena, que perdera completamente o medo da fera, não se preocupava em dar muitas vezes as costas a Jad-bal-ja durante o trabalho da limpeza. O negro varria um dos extremos da jaula e o leão estava parado do lado oposto, junto à porta. O animal não deixou de observar que a porta se achava entreaberta, tendo rodado um pouco sobre as dobradiças. Silenciosamente, a fera levantou uma das patas e a meteu na fresta fazendo a porta escancarar-se. Vendo o caminho livre diante de si Jad-bal-ja não< perdeu o ensejo e com um salto pulou fora da jaula. Exatamente nesse momento o negro se voltava e verificou que o leão estava solto.

— Pare, Jad-bal-ja! Já para aqui! exclamou o negro assustado com as conseqüências da sua imprudência. Mas o leão de ouro, em vez de obedecer aos gritos do Waziri, se pôs a correr através do terreiro na direção da planície que ia- ter à floresta.

O negro com a vassoura na mão seguiu no encalço do animal, gritando desesperadamente. O seu clamor atraiu a atenção dos outros Waziris, que saíram das suas choupanas e juntaram-se à perseguição da fera, fazendo coro em uma gritaria infernal. Foi debalde que os negros correram e gritaram. Seria tão difícil perseguir e capturar um fogo-fátuo, como o leão de ouro que corria pela planície. Os Waziris tentavam atraí-lo por meio de palavras carinhosas, e desesperados, recorriam depois às ameaças. Jad-bal-ja, porém, indiferente tanto a umas como às outras, continuava sua carreira vertiginosa em demanda da selva, onde afinal desapareceu. Durante todo o dia, até o escurecer, os negros andaram batendo a mata em busca de Jad-bal-ja, mas quando a noite caiu, voltaram de crista caída em um profundo desapontamento.

— Ah! exclamou o pobre negro responsável pela fuga do leão de ouro, que hei de fazer? Que dirá o meu grande *Bwana* quando voltar? Que fará ele de mim ao saber que deixei Jad-bal-ja fugir?

— Você pode estar certo, Keewazi, que será banido do “*bungalow*” por muito tempo, afirmou o velho Muviro, dirigindo-se em tom severo ao pobre negro. O seu castigo será ir guardar os rebanhos lá para longe, a leste da fazenda, onde não lhe faltarão leões para fazer-lhe companhia. Mas pode estar certo que eles não serão tão mansos como Jad-bal-ja. E eu acho que não era esse o castigo que você merecia. Mas o nosso grande *Bwana* quer tanto bem aos seus filhos negros, que não os castiga com severidade. Fosse ele como outros *Bwanas* brancos que conheci e você seria surrado a chibata até perder os sentidos e talvez mesmo até morrer.

— Sou homem, respondeu Keewazi, seja qual for o castigo que o grande *Bwana*

me der, eu o suportarei como guerreiro Waziri que sou.

Foi nessa mesma noite em que os seus fiéis negros estavam desolados pela fuga de Jad-bal-ja, que Tarzan avistou as luzes do misterioso acampamento nas bordas das colinas pedregosas que fechavam o descampado de Opar. Oculto por entre a folhagem de uma grande árvore, o homem-macaco chegou bem perto do campo dos intrusos. O acampamento fora instalado com toda a eficiência. Um cercado de emergência feito com cipós espinhosos protegia contra surpresas noturnas o campo, onde ardiam várias fogueiras que os negros vigilantemente entretinham com paus apanhados em um monte, evidentemente preparado para esse fim durante o dia.

Algumas barracas estavam armadas precisamente no centro do acampamento e à entrada de uma delas se viam quatro homens brancos. Dois deles eram latagões fortes, rubicundos, tipos característicos da gente de baixa classe da Inglaterra. O terceiro tinha toda a aparência de um judeu alemão, baixo e gordo. Distinguindo-se dos seus companheiros, o quarto era um rapaz alto, esbelto, elegante mesmo, de cabelos castanhos ondulados e feições harmoniosas. Tanto este último como o judeu alemão vestiam-se rigorosamente com a indumentária clássica do viajante africano. E tal era o esmero com que ambos imitavam os figurinos utilizados pelos atores de cinema, que pareciam ter saído naquele momento da tela em que se projetasse uma sensacional fita de aventuras na África. O rapaz elegante evidentemente não era um inglês, nem mesmo um descendente de ingleses. Tarzan, sem dificuldade, concluiu tratar-se de um indivíduo de raça eslava.

Pouco depois, o rapaz se levantou e, separando-se do grupo, entrou em uma das barracas, donde logo após o homem-macaco observou que partia uma conversa em voz baixa. Não lhe era possível entender o que diziam, embora o galho onde se achava estivesse muito perto da borda do acampamento, mas por entre o murmúrio das vozes que saíam da barraca, Tarzan distinguiu nitidamente uma voz feminina. Os outros três, que ficaram junto à fogueira, matavam o tempo em uma palestra banal. Subitamente, de junto do cercado de cipó espinhoso um rugido de leão partiu, quebrando o silêncio da selva.

O judeu alemão, com um grito de sobressalto, pôs-se de pé, cambaleou para diante e recuando caiu de costas sobre a sua cadeira de viagem.

— Que diabo, Adolph! Não me faça isto outra vez, que sou capaz de esganá-lo, disse um dos ingleses.

— Esse maldito é capaz de enraivecer ainda mais o leão, rosnou o outro.

— Meu Deus! disse em voz surda o alemão, encolhendo-se todo. Estava certo de que o bicho vinha feito em cima de nós. Nem por todo o ouro da África me meterei

outra vez em uma empreitada destas. Qual! não farei nem que seja para passar somente pela metade do que tenho sofrido nestes três meses. Ah! quando penso no que tenho atravessado! Leões, leopardos, rinocerontes, hipopótamos. Que horror!

— Dick e eu lhe dissemos muitas vezes desde o começo o que você teria de passar, vindo até cá. E os dois ingleses se puseram a rir, evidentemente deliciados com o medo de que estava tomado o pobre judeu alemão.

— Mas eu já tinha comprado toda esta roupa, gemeu o poltrão. Dei vinte guinéus por este terno que não me servia para mais nada, senão, para vir à África. Ora bolas! Com vinte guinéus teria enchido o meu guarda-roupa. Agora ando com esta história para ser visto apenas por negros e leões.

— Metido nesta fatiota, você parece um verdadeiro diabo, observou um dos companheiros.

— E vejam cá como está — sujo e roto. Não pensei que esta roupa se estragasse tão depressa. Com os meus próprios olhos vi, em “Princess Teavter”, como o herói, depois de passar três meses matando leões e canibais, voltava com toda a sua elegância. Não podia imaginar que a África fosse tão suja e cheia de espinhos e que aqui a gente estragasse a roupa tão depressa.

Foi nesse momento que Tarzan, que se divertia imenso ouvindo a palestra, saltou do galho, vindo cair exatamente diante do grupo.

Os dois ingleses puseram-se de pé, em um movimento elástico. O alemão fez meia volta para fugir, mas voltou-se propellido pela curiosidade. Ao encarar o homem-macaco, o judeu teve uma sensação de alívio, que lhe neutralizou o terror, provocado nele ao ver Tarzan surgir, como se tivesse caído do céu.

— Meu Deus, Estevão, que é isto? Você voltou tão depressa e chega deste modo! Pensa que nós não temos nervos, para nos dar um choque destes?

Tarzan estava encolerizado. E quando o homem-macaco se enfurecia, tornava-se mais visível na sua fronte a cicatriz da ferida que recebera de Bolgani, o gorila, muito altos antes, quando, ainda rapazote, enfrentara o formidável símio na luta em que se salvara graças à faca de caça legada por seu pai, aquela mesma faca que desde a infância nunca abandonara e à qual devera ter escapado tantas vezes da morte, porque era ela que lhe tornava possível enfrentar na selva as feras mais temíveis. Tarzan estava realmente enraivecido diante daqueles intrusos que, sem sua licença, se atreviam a andar pelos seus domínios.

Os olhos acinzentados do gigante branco faiscavam contraídos. A voz de Tarzan era baixa e compassada, como sempre lhe acontecia nos momentos de grande cólera.

— Quem são vocês? perguntou, dirigindo-se aos três estranhos. Quem se atreve a invadir a terra dos Waziris, o domínio de Tarzan, sem ter licença do senhor da selva?

— Que brincadeira é esta, Estevão? perguntou um dos ingleses. E por que está de volta tão depressa? Onde estão os seus carregadores? Onde está o famoso ouro?

— Não sei o que você está dizendo. Sou Tarzan dos Macacos e estou aqui para saber quem foi que matou Gobu, o grande macaco, e Bara, a corça, sem permissão minha.

— Acabemos com isso, Estevão. Se você deu para gracejador, nós não lhe achamos graça nenhuma. Estamos aqui para um negócio e para nada mais, disse o outro inglês em tom impaciente.

Do interior da barraca, donde Tarzan ouvira pouco antes uma voz feminina, alguém veio escutar a conversa. E a mulher, que surgira à entrada da barraca, parou estarrecida e, agarrando o braço do seu companheiro, lhe disse em tom angustioso:

— Carl, vê quem está ali! Meu Deus, que horror! E apontou para a figura do homem-macaco que, seminu, se destacava perfeitamente ao clarão da fogueira.

— Mas que há, Flora? Só vejo ali Estevão.

— Não é Estevão, murmurou a garota. É o próprio lorde Greystoke, é Tarzan dos Macacos.

— Você enlouqueceu, Flora. Não pode ser ele.

— Pois é ele com certeza, afirmou a jovem com convicção. Pensa então que eu não o conheço? Trabalhei durante anos em casa dele em Londres, vendo-o todos os dias. Pensar que eu não conheço Tarzan dos Macacos! Veja aquela cicatriz avermelhada na sua fronte! Ouvi contar muitas vezes a história daquilo. Quando Tarzan se encoleriza, aquela cicatriz enrubesce. E ela está bem vermelha, Tarzan deve estar furioso.

— Pois bem, suponhamos que tenha razão e que seja Tarzan dos Macacos. Que pode ele fazer?

— Ah! Você não conhece Tarzan dos Macacos! Ignora o tremendo poder que exerce aqui sobre os homens e as feras. Se ele souber o que viemos fazer aqui, nenhum de nós voltará vivo à costa. O simples fato da presença dele aqui faz-me suspeitar que conheça o nosso plano. E se ele é* sabedor do que pretendemos, que Deus tenha misericórdia das nossas almas! A não ser, a não ser...

— A não ser o quê? perguntou o homem.

A garota ficou silenciosa e pensativa por algum tempo.

— Só há um meio. Como não o podemos matar, porque os negros viriam a sabê-lo e estaríamos perdidos, só há um meio, e é agirmos com grande presteza.

E entrando na barraca, Flora começou a remexer a sua bagagem em busca de alguma coisa. Poucos momentos após voltava, entregando a Carl um vidro contendo

um líquido.

— Vá conversar com ele e procure por todos os meios acalmá-lo. Diga-lhe o que quiser, mas consiga chegar a bons termos, de modo a poder oferecer-lhe uma xícara de café. Prometa-lhe o que entender, mas veja se o induz a tomar o café. Tarzan não bebe álcool, mas gosta muito de café. Muitas vezes lhe servi café em seu quarto a altas horas da noite, quando ele voltava do teatro ou de algum baile. Convença-o a tomar uma xícara de café e então lhe direi o que se deve fazer com isto. E apontou para o líquido contido no vidro.

Kraski sacudiu a cabeça, dizendo:

— Compreendo bem. E em seguida saiu da barraca.

O russo dera apenas alguns passos, quando Flora, ansiosa, o chamou. »

— Tenha muito cuidado em não deixar que ele me veja. É preciso que Tarzan não suspeite da minha presença aqui.

O homem com um sinal de assentimento encaminhou-se na direção da fogueira, junto à qual se distinguia majestosamente a figura de lorde Greystoke. Com um sorriso amável, cumprimentou cordialmente o homem-macaco.

— Seja bem-vindo. Temos sempre satisfação em receber um hóspede em nosso acampamento. Sente-se. Dê uma cadeira ao cavalheiro, John, disse Kraski a Peebles.

Tarzan encarou o recém-chegado com o mesmo olhar que antes fixara sobre os outros. Não havia na sua atitude nada que se parecesse com uma resposta amigável à saudação do russo.

— Estou procurando saber o que o seu grupo anda a fazer por aqui, disse o homem-macaco a Kraski em tom áspero. Já o perguntei aos seus companheiros, mas eles insistem em responderem como se estivessem falando a alguém que não conheço. São idiotas ou patifes, e estou resolvido a tratá-los como tais.

— Vamos devagar, disse o russo, estou certo de que há um equívoco. Mas, diga-me quem é o senhor?

— Sou Tarzan dos Macacos. Nenhum caçador entra nesta região da África sem a minha licença. Isto é coisa tão sabida que os senhores não podiam ter atravessado a costa, sem terem sido informados a respeito. Quero portanto explicações e exijo-as imediatamente.

— Ah! O senhor é Tarzan dos Macacos! Muito bem, tenho grande satisfação em encontrá-lo, porque só assim acha que poderemos escapar ao terrível dilema que se nos defronta. Estamos perdidos aqui, devido à ignorância ou à patifaria do nosso guia, que desertou há algumas semanas, deixando-nos nesta situação lastimável no meio da selva. Sem dúvida, nós conhecíamos muita coisa a seu respeito, realmente,

quem já não ouviu falar de Tarzan dos Macacos? Não tínhamos nenhuma intenção de atravessar os limites das terras do seu domínio. Andávamos à procura de espécimes da fauna nas regiões situadas para o sul. O nosso bom amigo e patrão, Sr. Adolph Bluber, pretende colecionar espécimes raros para um museu na sua cidade natal nos Estados Unidos. Agora estou certo de que o senhor nos poderá dizer onde estamos e dirigir-nos para os lugares a que nos destinamos.

Peebles, Throck e Bluber mostravam-se evidentemente deslumbrados pela maneira hábil como Kraski sabia mentir. Mas foi o judeu alemão quem se pôs à altura da situação, compreendendo mais depressa que os dois ingleses o alcance do fino estratagema do russo.

— É exatamente isto. meu caro senhor, disse Bluber esfregando as mãos oleosas. E em voz xaroposa acrescentou: Era isto mesmo que eu ia dizer.

Tarzan, voltando-se para o alemão, disse-lhe com severidade:

— Mas então o que significava toda aquela história de Estevão? Não foi por esse nome que estes seus companheiros se dirigiam a mim?

— Ah! respondeu Bluber, John estava fazendo a sua pilhéria. Ele desconhece completamente a África e deu para chamar todos os indígenas de Estevão. Ao vê-lo aparecer pensou que o senhor fosse também um indígena e quis fazer com o senhor um dos gracejos com que ele muito se diverte. Como os indígenas não o entendem, John gosta de dirigir-lhes a palavra, dizendo coisas sem sentido e achando muita graça em vê-los perplexos e intrigados com as suas palavras. Não é isso que eu estou dizendo, John? Mas o esperto Bluber não esperou a resposta de John e continuou a falar com Tarzan: Como o senhor vê, estamos perdidos, conduza-nos para fora desta selva e estamos prontos a pagar-lhe pelo serviço o preço que o senhor fixar.

O homem-macaco não acreditava muito na verdade do que lhe diziam, mas incontestavelmente as palavras amigáveis dos dois estranhos produziam efeito, desarmando-lhe a cólera. Talvez aqueles homens lhe estivessem dizendo em parte a verdade, como era bem possível que houvessem penetrado nas suas terras sem o saber. Isto, aliás, Tarzan iria apurar interrogando os indígenas que constituíam o séquito dos estranhos e que diriam toda a verdade aos seus Waziris. Mas o fato de o terem tomado por um tal Estevão continuava a intrigar o homem-macaco, que também não desistia do seu propósito de descobrir quem fora o matador de Gobu e de Bara.

— Faça o obséquio, sente-se, disse Kraski, dirigindo-se a Tarzan com gesto amável. Iamos exatamente tomar café e com certeza o senhor nos dará o prazer de acompanhar-nos. Como já lhe disse, não tínhamos nenhuma intenção de violar as

suas terras e estamos prontos a dar todas as satisfações tanto ao senhor como a qualquer outra pessoa a quem involuntariamente tenhamos ofendido.

— Tomar café com estes homens, ponderava Tarzan, não terá inconveniente algum. Talvez tivesse feito um juízo temerário sobre eles e, em qualquer hipótese aceitar uma xícara de café não o viria colocar em grandes obrigações para com eles.

Flora Hawkes tinha muita razão. Se Tarzan dos Macacos tinha uma fraqueza, esta era certamente a sua incapacidade de resistir a uma xícara de café oferecida a altas horas da noite. Tarzan não aceitou a cadeira que lhe ofereciam e sentou-se no chão junto à fogueira, cujos clarões se projetavam sobre a sua tez morena delineando o contorno magnífico da sua musculatura e davam ao lorde inglês seminu a aparência soberba de um deus. Os músculos de Tarzan dos Macacos não se pareciam com os de um ferreiro ou de um atleta profissional. Tinham a proporção e a sutileza que evocam a lembrança de um Mercúrio ou de um Apoio. Neles o que impressionava não era o volume da massa muscular, mas a sugestão dinâmica da energia que podiam desenvolver. Treinados por uma ginástica muito mais completa e natural que a dos misteres e exercícios que robustecem o homem civilizado, os músculos de Tarzan dos Macacos revelavam através da pele que os cobria tanto a agilidade, como a força. E, assim, formando um majestoso escudo para o seu corpo, aquela admirável musculatura imprimia à figura de Tarzan o porte de um semideus.

Peebles, Throck e Bluber contemplavam aquele corpo soberbo, empolgados por um verdadeiro deslumbramento, enquanto Kraski ia à barraca fazer os preparativos para o café. Os dois ingleses ainda não compreendiam bem a situação e Peebles cocava a cabeça, exprimindo em um resmungar inarticulado a sua confusão mental, diante da identidade atribuída por Kraski ao recém-chegado.

Bluber, no seu íntimo, estava tomado de terror. Com a sua inteligência sagaz, o judeu alemão apreendeu a significação das palavras de Kraski e não tinha dúvida de estar em presença de lorde Greystoke. Mas como não conhecia nada do plano de Flora, Bluber permanecia perplexo, perguntando a si mesmo qual seria o epílogo daquela aventura, em que acabava de surgir elemento tão estranho, exatamente quando eles se achavam nas cercanias de Opar. O judeu, entretanto, não avaliava, como o fazia Flora, que quem estava perto deles era uma fera, criada na selva e cuja temibilidade era infinitamente maior que a de um simples membro da Câmara dos Lordes da Inglaterra.

Realmente o que mais o assustava naquele momento era a perspectiva da perda das duas mil libras empregadas na expedição, ameaçada agora de terminar por um completo fiasco. O judeu muito tinha ouvido falar em Tarzan e sabia bem que ele não deixaria que saísse do seu domínio o ouro, que Estevão devia estar exatamente agora roubando nas criptas de Opar. E pensando nas duas mil libras, Bluber estava

quase a chorar de emoção, quando Kraski voltou trazendo o café.

Do interior da barraca, invisível no meio da sombra, Flora Hawkes observava nervosamente a cena que se desenrolava junto à fogueira. A garota estava aterrorizada, pensando sempre na possibilidade de ser reconhecida pelo seu antigo patrão. Flora servira como criada durante anos na casa dos Greystokes em Londres e estivera também no “*bungalow*” africano de Tarzan. Assim, tinha a certeza de que o homem-macaco, se a visse, imediatamente a reconheceria. Ali, no meio da selva, a jovem exagerava provavelmente o verdadeiro caráter selvagem de Tarzan, atribuindo-lhe uma ferocidade que os sentimentos do homem-macaco não autorizavam a admitir. Mas a consciência do seu crime influenciava o espírito de Flora, fazendo imaginar castigos horríveis com que Tarzan lhe faria pagar a traição contra os que, durante tantos anos, a tinham invariavelmente tratado com consideração e bondade.

A fabulosa riqueza entesourada nos subterrâneos de Opar e da qual Flora ouvira falar nas conversas dos Greystokes, havia obsedado o seu espírito naturalmente astuto. Conseguir um dia apoderar-se de um número de barras de ouro que lhe desse riqueza e independência para o resto da vida, foi-se tornando uma idéia fixa no cérebro de Flora Hawkes. Assim, pouco a pouco, a ambiciosa garota foi engendrando o projeto de uma expedição a Opar. Todo o plano foi obra exclusivamente sua. Depois de elaborá-lo, comunicou-o a Kraski e este associou em seguida Peebles, Throck e Bluber.

Os quatro arranjam o dinheiro para custear a aventura. Foi ainda Flora quem teve a idéia de descobrir um indivíduo que pudesse na selva africana fazer o papel de Tarzan. Ao cabo de dois anos” de pesquisa, encontrou Estevão Miranda, um espanhol sem escrúpulos, artista de cinema, cuja semelhança física com o homem-macaco 'era realmente impressionante. A habilidade histriônica de Estevão e a arte da caracterização em que o espanhol era mestre, completaram o efeito da semelhança física. E, assim, Estevão, pelo menos na aparência, podia ser tomado no meio da selva pelo autêntico Tarzan dos Macacos.

Para facilitar ainda mais o embuste, acrescia a circunstância de que o espanhol, além de ser um excelente ator, era um homem de grande energia física. E desde que Estevão raspou a barba e vestiu à moda de Tarzan, não perdeu o ensejo de imitar na medida das suas forças o grande modelo que lhe haviam dado como papel. É claro que o espanhol era bisonho na vida na selva e não conhecia os seus costumes. Combates singulares com as grandes feras das brenhas eram prudentemente evitados por Estevão. Mas a caça dos animais menores ou menos perigosos, ele a fazia sistematicamente com arco e flecha ou com o chuço. Finalmente, exercitava-se constantemente no manejo do laço de cipó, que formava parte saliente da sua

caracterização.

Flora Hawkes via agora a possibilidade do fracasso irremediável do seu plano e ao mesmo tempo sentia pavor diante de Tarzan. Em um estado de extrema tensão de nervos, a garota viu Kraski chegar ao grupo de homens, trazendo em uma das mãos o bule de café e na outra as xícaras. O russo colocou o bule e as xícaras no chão um pouco atrás de Tarzan. Flora viu-o em seguida derramar um pouco do líquido do vidro que lhe entregara em uma das xícaras. Um suor frio cobriu a fronte da garota no momento em que Kraski oferecia essa xícara a Tarzan. Tomaria ele aquele café? Teria uma suspeita do que lhe havia sido preparado? Que castigo terrível podia estar reservado a todos por aquela temeridade?

Transida de terror, Flora viu o russo entregar ao homem-macaco a xícara que continha o líquido e em seguida oferecer outras a Peebles, Throck e Bluber, tomando a última para si. No momento em que Kraski levantava a sua taça, fazendo um gesto de saudação a Tarzan, Flora, que com os olhos esgazeados chegara ao auge da excitação, viu os cinco homens tomarem o café simultaneamente. Os nervos da mulher não podiam suportar mais aquele formidável estado de tensão e caindo sobre o leito de campanha, ali ficou a tremer, com a face apoiada no braço. Fora da barraca, Tarzan dos Macacos tomara a xícara de café até a última gota.

A morte traiçoeira a espreita

NA TARDE daquele dia em que Tarzan dos Macacos descobrira o acampamento dos intrusos, um dos vigias que rondavam sobre a arruinada muralha exterior de Opar notou um grupo de homens descendo para o vale, vindos da crista das colinas circundantes. Os habitantes do vale de Opar, mesmo os mais velhos dentre eles, só tinham visto aparecer ali Tarzan e “lady” Jane e os outros negros Waziris. Estes eram os únicos estranhos jamais surgidos naquele misterioso lugar. Apenas lendas remotas, transmitidas de geração em geração, aludiam a outros visitantes, que por ali haviam andado em tempos antiqüíssimos. Entretanto, de acordo com uma praxe imemorial, havia sempre uma guarda vigiando no alto da muralha.

Solitário, na borda da antiga cidade arruinada, o vigia — uma criatura que parecia um aleijado, com os ossos deformados e nodosos — era o remanescente, cuja figura com tão pouca aparência humana mal lembrava os seus longínquos antepassados, os guerreiros destros e fortes da Atlântida. No decurso de inumeráveis milênios, a raça que dominara a terra fora pouco a pouco degenerando e os cruzamentos ocasionais com os grandes antropóides vieram acentuar ainda a decadência dos sobreviventes da Atlântida. E assim, pouco a pouco, os descendentes dos habitantes da antiqüíssima e opulenta Opar haviam descido a um nível sub-humano.

Fato curioso e, à primeira vista, surpreendente, era o contraste entre a degeneração dos elementos masculinos com o que se observava em relação às mulheres. Os homens não passavam de ridículas caricaturas humanas. As mulheres entretanto, eram bem conformadas, fortes e apresentavam mesmo traços de beleza. A explicação desse fenômeno estava provavelmente em um costume que se firmara em Opar, desde a época em que os descendentes dos Atlântidas começaram a mestiçar-se com os antropóides das vizinhanças. Todas as crianças do sexo feminino em quem se verificavam traços de semelhança com os grandes macacos, eram mortas. Por outro lado, os meninos que tinham uma aparência acentuadamente humana, eram igualmente eliminados.

O vigia, surpreendido com o grupo de estranhos que descia pela encosta da colina, era um típico representante da moderna população masculina da pré-histórica Opar. Baixo e gordo, com cabelo e barba que pareciam de palha e madeixas grosseiras caindo sobre a fronte, os olhos pequenos e muito próximos um do outro e dentes de forma semelhante a dos animais selvagens, aquele indivíduo ostentava os mais inequívocos indícios de uma ascendência simiesca. Igual testemunho era dado pelas suas pernas curtas e tortas e pelos braços longos e musculosos de autêntico

antropóide. O pêlo que lhe cobria os membros e o torso era ralo e feio.

A impressão causada pelo bando de estranhos em marcha para o vale patenteava-se, no vigia, em um cintilar dos seus olhos perversos que se tornavam ainda mais congestos que normalmente. A respiração rápida e os roncoss surdos completavam os sinais da emoção crescente daquele pitoresco guarda dos tesouros de Opar. A distância era muito grande para que o vigia pudesse examinar bem os estranhos que se aproximavam. Tudo que ele podia ver, era que se tratava de criaturas humanas em número de quarenta a sessenta pessoas. Tendo verificado esses dois pontos, o vigia desceu da mura-

lha exterior, caminhou até o paredão interno que transpôs e em rápido trote atravessou um vasto terreiro e desapareceu por entre as ruínas ainda soberbas de um grande templo. Cadj, o sumo-sacerdote de Opar, estava sentado no chão sob as grandes árvores que agora sombreava o terreno onde, em remota antigüidade, se estendia o jardim do templo. Ao lado do grande sacerdote sentavam-se uns doze membros do clero inferior do templo, que formavam o círculo íntimo do pontífice. Todos ficaram sobressaltados com a entrada abrupta de um membro da classe inferior do clã de Opar. O vigia, com a respiração entrecortada, dirigiu-se a Cadj.

— Cadj, exclamou ele, gente estranha desce para Opar. Vêm do noroeste pela encosta dos morros em demanda do vale. São uns cinquenta, pelo menos. E talvez o seu número seja de mais de uns setenta. Pude vê-los do ponto em que estava vigiando na muralha exterior. Só posso dizer que são homens. Além disso, não pude observar bem porque se acham ainda muito distantes. Desde que o grande Tarmangani aqui esteve, nenhum estranho entrou em Opar.

— Muitas luas já se passaram desde que o grande Tarmangani, que se chama Tarzan dos Macacos, esteve entre nós, disse Cadj. Ele prometeu que viria novamente antes das chuvas, para ver o que tinha acontecido a La. Não voltou, porém, e La insiste em dizer que ele morreu. E voltando-se bruscamente para o vigia, perguntou-lhe: Você contou a mais alguém o que tinha visto?

— Não.

— Muito bem, disse Cadj, vamos agora à muralha exterior ver quem são esses homens que se atrevem a penetrar no vale proibido de Opar. Até que eu dê permissão, ninguém diga uma palavra sobre o que Blagh veio informar-me.

— A palavra de Cadj é lei até que La fale, respondeu um dos sacerdotes, em tom solene.

Cadj retrucou rapidamente:

— Sou o sumo-sacerdote de Opar. Quem se atreve a desobedecer às minhas ordens?

— La, entretanto, é a suprema sacerdotisa e a suprema sacerdotisa é a rainha de Opar, disse um outro sacerdote.

— Mas o sumo-sacerdote é quem escolhe aqueles que devem ser sacrificados na Câmara dos Mortos ou ao Deus Flamejante, observou Cadj em tom sarcástico, olhando de modo significativo e pérfido o sacerdote que acabara de falar.

— Nós nos conservaremos em silêncio, Cadj, disse o sacerdote curvando-se com um gesto servil.

— Está bem, resmungou o pontífice, e tomou a dianteira do grupo, encaminhando-se pelo jardim, depois pelos corredores do templo e dali pelo terreiro até à muralha exterior.

Dali puderam observar o bando que se aproximava e que agora já se achava a uma distância que permitia facilmente a inspeção de Cadj e dos que o seguiam. Os vigias conversavam em voz baixa na língua dos antropóides, em que se intercalavam de vez em quando palavras de um idioma estranho, certamente vestígios corrompidos da linguagem dos antigos habitantes da Atlântida. Aqueles vocábulos, que se destacavam como expressões lingüísticas superiores no meio da linguagem primitiva dos antropóides, eram ecos da grande civilização cujas ruínas se acham hoje submersas sob as águas do Atlântico. Eram fragmentos perdidos de um idioma extinto e que fora falado em épocas antiquíssimas por homens audaciosos e empreendedores que, não se satisfazendo com os esplendores da sua estupenda civilização, haviam explorado o interior do atual continente africano em busca de ouro e ali tinham estabelecido uma colônia. Opar era o reflexo africano das grandes cidades da Atlântida.

Enquanto Cadj e os outros observavam com os olhos apertados por sob as sobancelhas hirsutas os estranhos que penosamente caminhavam debaixo do sol equatorial pelo vale pedregoso e árido, um mico os espiava por entre a folhagem de uma grande árvore, cujo tronco rompera o seu caminho para a luz por entre os lajedos do vasto terreiro que separava o templo das muralhas. Curioso como todas as criaturas da sua raça, o mico estava intrigado com aquele ajuntamento tão fora dos costumes locais. E apesar do temor que lhe inspiravam sempre os habitantes de Opar, o macaquinho não pôde resistir à curiosidade que o devorava. Desceu da árvore, chegou até a muralha interna, galgou-a e depois foi trepando pelas ruínas da muralha exterior, até encontrar um posto seguro de observação, por trás de um grande bloco desagregado. Ali, sem perigo de ser descoberto, o mico observava os homens reunidos ao redor do pontífice. E como eles conversavam na língua dos antropóides, que não é desconhecida aos pequenos macacos, o mico podia satisfazer a sua curiosidade, inteirando-se perfeitamente do que se passava.

A tarde já ia adiantada quando o grupo de estranhos venceu a distância entre o

sopé dos morros e as muralhas de Opar. Então já se achavam tão perto que da muralha se poderia facilmente reconhecer alguém no grupo dos misteriosos viajantes. Um dos sacerdotes mais jovens, muito excitado, exclamou:

— É ele, Cadj! É o grande Tarmangani que se chama Tarzan dos Macacos. Reconheço-o perfeitamente. Os outros são todos negros. Parecem estar cansados e com medo, mas Tarzan dos Macacos os vai tangendo com a ponta do chuço.

— Você está certo? Será mesmo o grande Tarmangani? perguntou Cadj.

— Não tenho a mínima dúvida a respeito, respondeu o sacerdote.

E logo em seguida um outro confirmou a sua observação, assegurando estar convencido de que era Tarzan. Finalmente o grupo chegou tão perto da muralha que o próprio Cadj, cuja vista já não era tão boa como a dos jovens sacerdotes, pôde também certificar-se de que era Tarzan dos Macacos quem estava chegando a Opar. No espírito do sumo-sacerdote ferviam pensamentos sombrios. Voltando-se bruscamente para os outros, disse em tom autoritário:

— É preciso que ele não entre aqui. Não podemos consentir que o Tarmangani chegue ao interior de Opar. Corram e chamem depressa cem guerreiros. Nós iremos esperar os estranhos junto ao portão da muralha exterior e os massacraremos à medida que forem entrando.

— Entretanto, La oferece a Tarzan dos Macacos a amizade de Opar, interpôs o mesmo sacerdote que provocara no jardim a cólera de Cadj. Lembremo-nos todos de que ela o fez em reconhecimento àquele que a salvara das presas temíveis de Tantor, o elefante.

— Cale-se, disse o sumo-sacerdote, em uma voz que mais parecia um rugido. Ele não entrará aqui. Apressem-se em ir buscar os guerreiros, senão será demasiadamente tarde para a execução do meu plano. Estão entendendo o que digo? Quem me desobedecer morrerá. E não morrerá no sacrifício, morrerá às minhas próprias mãos. Mas seja como for morrerá. E com o dedo sujo apontou para o sacerdote recalcitrante, que se tornou lívido.

O mico, ao ouvir o diálogo, ficou quase a rebentar de excitação. O pequeno símio, como todos os quadumanos da África equatorial, conhecia Tarzan dos Macacos e o considerava um amigo e protetor. Para Manu, o mico, os machos de Opar não eram homens, nem animais. Não podiam ser também encarados como amigos. Alimentavam-se da carne dos macacos de todas as espécies e isto bastava para que Manu os odiasse.

O plano que acabava de ouvir, ameaçando a vida do grande Tarmangani, agitava portanto o macaquinho, que começou a cocar a cabeça e depois a barriga em uma atitude de perplexidade característica da sua espécie. O mico procurava entender

bem tudo aquilo e fazia esforços para tirar do seu cerebrozinho o meio de salvar o grande protetor de todos os símios africanos. Nessa ansiosa busca de um expediente salvador, Manu ia fazendo caretas para o sumo-sacerdote e os seus companheiros, que entretanto permaneciam indiferentes a tais demonstrações hostis, pelo simples fato de que um bloco de granito os impedia de ver o pequenina inimigo. Manu atravessava o episódio mais importante e sensacional de toda a sua vida.

O mico sentia desejos de saltar, de guinchar, de fazer caretas, de dar enfim expansão aos seus sentimentos por todas as formas de exteriorização da sua vibrante vitalidade. Manu, porém, não é uma criatura puramente instintiva. No seu cérebro já se elaboram rudimentos de idéias. Assim, o mico percebeu que seria inútil expandir a sua indignação por formas tão ineficazes contra os que conspiravam a morte de Tarzan dos Macacos. Guinchar, pular e fazer caretas não trariam outro resultado senão provocar contra si uma saraivada de pedras, atiradas pelos sacerdotes de Opar que tinham mão destra e pontaria certa.

Sem dúvida, Manu não é um pensador profundo, mas em ocasiões como aquela se elevava acima do seu próprio nível normal. E o mico concentrou o pensamento rudimentar, disposto a não se deixar perturbar pela primeira folha que caísse ou por qualquer inseto que passasse zunindo. E tão profunda era a meditação em que se mergulhara Manu, que de fato deixou uma lagarta passar impunemente ao alcance de sua mãozinha.

Pouco antes de escurecer, Cadj, que estava acocorado com os seus companheiros à espera dos guerreiros que mandara chamar, viu a uns cinquenta passos de distância um mico cinzento trepado ao alto da muralha exterior. Aqueles pequenos símios eram tão comuns no meio das ruínas de Opar, que o sumo-sacerdote não se preocupou com o que vira e já havia esquecido o mico, quando este desapareceu. Assim, Cadj não observou que o macaquinho ia saltando pela planície na direção do bando de intrusos, que agora haviam interrompido a marcha e pareciam estar descansando junto a um pequeno morro situado a cerca de um quilômetro e meio da antiga cidade dos atlântidas.

Manu ficou bastante assustado quando se viu na planície, que já ia sendo envolvida pelas trevas da noite. O mico saltava o mais rapidamente que podia e a sua cauda erguida e encurvada indicava bem a tensão de nervos do pequeno animal. A todo momento lançava olhares desconfiados para a direita e para a esquerda, como se receasse alguma surpresa desagradável. Ao chegar junto ao monte, em um movimento brusco Manu levantou a cabecinha para inspecionar as encostas íngremes da colina. Era realmente um bloco de granito erguido quase a pique no meio da planície, mas as erosões que a chuva e o vento haviam feito durante incontáveis milênios nos seus declives quase verticais permitiam a um acrobata ágil como Manu

subir facilmente até o tope. Atingido o vértice do penhasco, o mico um tanto fatigado pela ascensão, mas sobretudo agitado pelo medo, levou alguns momentos a recobrar a calma. Depois caminhou até uma das bordas do morro empinado e pôs-se a observar o bando acampado junto ao sopé.

Ali estava indiscutivelmente o grande Tarmangani Tarzan e com ele uns cinqüenta Gomanganis. Os negros ocupavam-se em amarrar um ao outro paus que colocavam paralelamente, formando assim uma espécie de estreitos suportes para carregar qualquer objeto pesado. O macaquinho, entretanto, observou em seguida que os Gomanganis colocavam entre os dois longos paus, de trinta em trinta centímetros mais ou menos, uma sólida vara transversal, que amarravam muito bem aos dois paus longitudinais. Assim, iam fazendo uma escada tosca, mas certamente muito resistente. É claro que Manu nada entendeu do que estava vendo e no seu cerebrozinho primitivo não passou vislumbre do alcance que aquela escada grosseira apresentava nos planos de Flora Hawkes?

A astuta jovem elaborou o projeto de escalada do penhasco, em cujo cimo se encontrava a abertura exterior de um caminho subterrâneo, que ia ter diretamente às criptas onde se ocultavam os tesouros de Opar. Manu também ignorava por completo que os intrusos não pretendiam penetrar em Opar pela muralha exterior e que, portanto, não corriam nenhum risco de ser massacrados pelos guerreiros que Cadj pusera em emboscada para recebê-los. O mico considerava certo o perigo que ameaçava Tarzan dos Macacos e assim, logo que recobrou o fôlego, não perdeu tempo em dar ao seu grande amigo e protetor aviso do que contra ele se estava preparando.

— Tarzan, guinchou o mico na linguagem conhecida tanto dele, como do homem-macaco, não vá a Opar, porque Cadj está emboscado junto à muralha exterior, com muitos guerreiros para matá-lo e massacrar também os seus Gomanganis.

O homem branco e os negros levantaram todos a cabeça para o alto do pequeno morro, donde partia aquela voz chilreante. Os negros, tendo verificado tratar-se apenas de um mico cinzento, voltaram logo ao seu trabalho. O homem branco, que também nada compreendera daqueles guinchos, não se interessou mais pelo caso. Manu não ficou surpreso com o desinteresse mostrado pelos negros. Sabia muito bem que estes não entendiam patavina da sua linguagem mas lhe causou quase pismo ver que Tarzan também não lhe prestara atenção.

Intrigado com o caso, Manu repetidas vezes chamou por Tarzan e transmitiu-lhe a grave informação sobre o perigo que o aguardava, o homem-macaco entretanto, continuou indiferente, sem dar a Manu a resposta que certamente lhe teria provocado o que dizia o mico, se porventura ele o entendesse. Manu estava verdadeiramente perplexo diante de atitude tão inexplicável. Que teria acontecido para que Tarzan

dos Macacos se mostrasse tão insensível ao aviso que lhe dava o seu velho amiguinho da selva?

Afinal o mico desistiu e pôs-se a olhar saudosamente na direção das árvores que se distinguiam na sombra da noite por trás das muralhas de Opar. Era muito escuro e o mico pensava com medo em atravessar de novo a planície, onde sabia que, àquela hora, muitos inimigos já deviam estar rondando. Pôs-se a cocar a cabeça e depois abraçou os joelhos com os longos braços, transformando-se em uma bola felpuda. Manu estava realmente mergulhado em uma crise de profunda melancolia. O cume do penhasco não era pouso muito confortável para a noite, mas o mico preferiu os incômodos de um mau sono aos riscos da travessia do vale no meio da escuridão e com probabilidade de desagradáveis encontros.

Do alto do morro em que se vira forçado a pernoitar, Manu viu os negros concluírem e em seguida colocarem a escada de encontro à íngreme encosta do penhasco. Mais tarde, quando a lua vinha nascendo, o mico observou ainda que Tarzan se dirigia em tom de comando aos Gomanganis e verificou em seguida que o homem-macaco lhes estava ordenando que subissem pela escada. Manu ficou surpreso com os gestos do seu velho amigo, pois nunca vira Tarzan dos Macacos ser assim brutal no trato daqueles a quem comandava. O mico sabia muito bem que o grande Tarmangani se tornava feroz diante de um inimigo, fosse ele homem ou fera, mas nunca o vira agir com brutalidade para com os negros que eram seus amigos.

Os negros tangidos pela ponta aguçada do chuço do homem branco, foram subindo pela escada que se erguia quase verticalmente. Depois dos negros, trepou Tarzan e quando todos se achavam no alto da colina, Manu, espantado, os viu desaparecer pelas entranhas da terra. Não tardou muito em que voltassem e o mico reparou que os negros saíam da terra, trazendo em cada uma das mãos um bloco, que se parecia muito com os pequenos tijolos empregados nas edificações de Opar.

Os negros chegavam até à beira do penhasco e atiravam os blocos para a planície. Quando o último dos indígenas descarregou o que trouxera do interior da terra, todos eles foram descendo pela escada. Desta vez, porém, Tarzan foi o primeiro. Reunidos na planície, começaram os negros a apanhar os blocos e tendo recolhido todos retiraram a escada, que deixaram no sopé do íngreme morro. Em seguida puseram-se em marcha na direção das colinas que circundavam o vale de Opar.

Manu teria ficado extremamente intrigado se fosse homem e tivesse podido perceber alguma coisa do que observara mas, sendo apenas um mico, assistiu à cena sem raciocinar sobre o que observava. Manu há muito tempo chegara à conclusão de que os hábitos dos homens eram estranhos e muitas vezes incompreensíveis mesmo. Assim, por exemplo, o mico verificara com surpresa que os Gomanganis que não se

movem na floresta com a mesma facilidade e rapidez das outras criaturas que nela vivem, tinham um costume curioso e surpreendente de aumentar as suas dificuldades naturais, sobrecarregando-se com pesos. Punham pulseiras de metal nas pernas e nos braços, penduravam colares ao pescoço, cingiam o corpo com cinturões e cobriam-se com peles de animais, criando assim deliberadamente embaraços que os deviam pôr ainda em posição de maior inferioridade, relativamente aos animais que andavam livres pela selva. Manu, quando pensava nessas coisas, se julgava feliz por não ser homem e não ter hábitos tão absurdos, como os dessas criaturas tolas e desajuizadas.

Manu adormeceu. Pensou que tivesse fechado os olhos apenas por um momento, mas devia ter tido um bom sono porque, quando acordou, a alvorada já vinha dissipando as trevas por todo o árido e desolado vale de Opar. Ao longe, para o lado do nordeste, distinguiram-se os vultos distantes dos homens da caravana de Tarzan, galgando já a crista das colinas, que alguns deles começavam mesmo a transpor. O mico dispôs-se a retornar à tranquilidade e à segurança das suas árvores nos parques de Opar. Manu, porém, é prudente e sabia que, naquela meia escuridão da aurora, Sheeta, a pantera, podia não ter ainda voltado ao covil, por isso o mico, antes de descer da inexpugnável altura em que se encontrava, andou pelas bordas do penhasco, até verificar se toda a planície já estava coberta pela luz, que põe em retirada os grandes carnívoros noturnos.

Foi ao fazer essa inspeção cautelosa que Manu observou alguma coisa que lhe causou grande excitação. Da muralha exterior de Opar saíam por entre as ruínas numerosos guerreiros, o mico poderia ter contado mais de uma centena deles, se porventura soubesse contar. Os guerreiros oparianos avançavam na direção do penhasco e Manu resolveu deixar-se ficar onde estava até que o caminho estivesse desembaraçado daquela gente que ele cordialmente detestava. No cerebrozinho de Manu”perpassou a idéia de que aquela expedição viesse no seu encalço.

Todos os animais têm um sentimento exagerado da própria importância, traço este que ainda não desapareceu de entre as características da psicologia humana. Sob a influência dessa idéia de que podia ser o alvo dos guerreiros oparianos, Manu tratou de abrigar-se em um ponto donde só expunha ao inimigo os dois olhinhos vivos com que o observava. A excitação do macaquinho crescia à medida que os guerreiros oparianos se avizinhavam do morrote. Manu não estava com medo, pois sabia muito bem que se os guerreiros conseguissem trepar por uma das encostas, ele desceria pela outra e estaria já aos saltos em carreira para Opar, antes que os oparianos o pegassem.

Entretanto, as coisas se passaram de modo completamente diferente. Os guerreiros

não pensavam em subir ao morro, este estava mesmo inteiramente fora das suas cogitações e a tropa seguiu a sua marcha, passando bem ao lado do penhasco. Foi então que no cérebro de Manu emergiu uma idéia clara da situação: Cadj e a sua gente iam no encalço de Tarzan para matá-lo. Manu ficara realmente muito ofendido com a indiferença de Tarzan diante dos avisos que lhe dera à noite, mas o mico não era rancoroso e o seu afeto pelo grande Tarmangani sobrepujava tudo mais. Agora, Manu apenas se lembrava de que Tarzan dos Macacos estava outra vez ameaçado de morte e a sua ansiedade era tão grande como na véspera à tarde quando, escondido entre as ruínas da muralha exterior de Opar, ouvira o sumo-sacerdote dar ordens para o massacre de Tarzan e dos seus Gomanganis.

O primeiro plano concebido por Manu foi precipitar-se do morrete e ir às carreiras levar a Tarzan a notícia do perigo que lhe seguia no encalço, mas semelhante aventura excedia as forças do macaquinho. Faltava-lhe coragem para se afastar tanto das suas árvores caseiras de Opar. E, aliás, o terror de ter de passar na planície diante da tropa de guerreiros era o bastante para que Manu não se afoitasse a executar o seu plano. Por alguns minutos o mico seguiu com a vista atentamente os guerreiros, verificando que depois de passarem pelo penhasco se encaminhavam diretamente para o ponto onde, na crista das colinas longínquas, pouco antes haviam desaparecido os últimos homens da caravana de Tarzan. Não havia pois dúvida de que os oparianos estavam perseguindo o grande Tarmangani.

Manu lançou um golpe de vista sobre o vale, até Opar. Não havia nada que pudesse assustá-lo, o caminho estava livre. Com a destreza própria da sua raça, o macaquinho precipitou-se pela encosta quase vertical e aos saltos transpôs em pouco tempo a distância que separava o penhasco das muralhas arruinadas da cidade. Será difícil dizer quando Manu elaborou o plano que veio afinal pôr em prática. É possível que a idéia lhe tivesse ocorrido, no cimo do morrete, ao observar a marcha de Cadj e dos seus guerreiros. Mas não é também improvável que o mico houvesse pensado nisso, enquanto atravessava às carreiras a árida planície em demanda de Opar. E não é mesmo impossível que o projeto só lhe tivesse acudido mais tarde, quando já se achava tranqüilo à sombra da folhagem das grandes árvores dos jardins da cidade.

Mas fosse quando fosse que Manu tivesse assentado o seu plano, o fato é que, quando La, grande sacerdotisa e princesa de Opar, estava a se banhar com as outras sacerdotisas em um lago no jardim do templo, sobreveio um incidente que atraiu vivamente a atenção da ilustre companhia. Balouçando-se em um grande galho que se projetava cobrindo uma parte do lago, um mico cinzento pôs-se a guinchar furiosamente. Não era um macaquinho comum, a sua fisionomia tinha vim ar tão sério e apreensivo, que se diria que sobre os ombros daquele pequenino símio

tagarela repousava o destino das nações.

— La, La, guinchava Manu. eles foram matar Tarzan, foram matar Tarzan.

Ao ouvir o nome do homem-macaco, La teve um sobressalto e ficou imediatamente com todos os sentidos alerta para compreender o que havia. Mergulhada n'água até à cintura, a grande sacerdotisa de Opar levantava a cabeça e encarava o mico em atitude de ansiosa interrogação.

— Que quer você dizer, Manu? perguntou ela. Já se passaram muitas luas desde a partida de Tarzan de Opar. Ele não está aqui agora. Que quer você dizer com essa história?

— Eu o vi ontem à noite em companhia de muitos Gomanganis. Ele chegou até junto ao grande penhasco, ao longe, lá adiante da muralha de Opar. Depois Tarzan e os seus Gomanganis subiram até o alto do morro e todos em seguida entraram pela terra adentro. Mais tarde voltaram, trazendo pedras que atiraram da borda do penhasco para a planície. Feito isto, desceram da rocha e andaram apanhando as pedras, partindo depois. E Manu apontou para o nordeste com um dos seus dedinhos a indicar a direção seguida pelo Tarmangani.

— Como é que você sabe que era Tarzan dos Macacos? interrogou La.

— Então Manu não conhece o seu primo e amigo? Ora esta! Com os meus olhos eu o vi muito bem e tenho toda a certeza de que era Tarzan dos Macacos,

La abaixou a cabeça e ficou por alguns momentos com a fronte contraída. A sacerdotisa estava imersa em profundo cismar e a sua fisionomia refletia as idéias que lhe ocorriam ao espírito. No coração de La reavivavam-se as chamas do amor que lhe inspirava Tarzan dos Macacos e aquele violento sentimento que a necessidade a obrigara a recalcar quando se casara com Cadj, depois da partida de Tarzan, irrompia de novo, espicaçado pela narrativa de Manu. Fora obrigada a casar-se com Cadj, porque a lei de Opar impunha à grande sacerdotisa do Deus Flamejante o dever de contrair núpcias ao cabo de um certo número de anos após a sua consagração. Por muitas luas La acariciara a esperança de fazer de Tarzan o seu esposo, mas o homem-macaco não a amara e, afinal, La chegou a se convencer de que ele nunca poderia amá-la. Mais tarde, teve de submeter-se à cruel fatalidade que a lançou nos braços de Cadj.

Como tivessem decorrido muitos meses sem que Tarzan voltasse a Opar, conforme prometera, para ver se nenhum mal havia acontecido a La, esta acabou por aceitar como verdade o que afirmava Cadj, que insistia em dizer que Tarzan devia ter morrido. E embora La detestasse o repulsivo Cadj, o seu amor por Tarzan foi-se transformando pouco a pouco em uma melancólica saudade. A notícia que Manu lhe trazia de que o homem-macaco estava vivo e estivera tão perto dela, foi como o

reabrir-se de uma velha ferida. A princípio, a única coisa que La compreendeu foi que Tarzan estava vivo e que andara na véspera pelas vizinhanças de Opar, mas os guinchos angustiosos do mico trouxeram a grande sacerdotisa ao sentimento da realidade do iminente perigo que corria a vida do homem pelo qual tivera tão grande paixão. Qual fosse esse perigo, ela não o sabia.

— Quem foi matar Tarzan dos Macacos? perguntou de repente.

— Cadj, Cadj! gritou estridentemente o macaquinho. Cadj seguiu com muitos e muitos homens na trilha de Tarzan.

Ao ouvir a resposta de Manu, La saiu da água instantaneamente, pôs a sua cinta e os outros ornamentos sacer-dotais, partindo quase a correr pelo jardim, para o interior do templo.



...atirou o seu laço de cipó sobre um dos leões de granito, que ornavam o portal da majestosa entrada.

É preciso que ele seja sacrificado

CADJ e os seus guerreiros marchavam compassadamente pela planície na direção em que haviam desaparecido no horizonte os intrusos, cuja presença no vale de Opar tanto sobressaltara na véspera o sumo-sacerdote. Os oparianos estavam armados com facas e temíveis cacetes de combate. Caminhavam sem se apressar, porque da muralha exterior tinham podido observar que a pequena coluna dos intrusos se retirava muito vagarosamente. A distância não permitira aos oparianos verificar a causa daquela marcha lenta, e *por* isso Cadj e a sua gente não tinham podido ver que os retirantes estavam sobrecarregados com o peso dos blocos que transportavam.

Por outro lado o sumo-sacerdote não desejava entrar em contacto com o inimigo durante o dia. O seu plano de ataque consistia exatamente em cair durante a noite sobre o acampamento de Tarzan, de modo a que com a superioridade numérica dos oparianos e o efeito da surpresa lhe fosse fácil alcançar a vitória. O rastro que seguiam era bem claro e não permitia erros ou confusões. Assim, Cadj conduzia os seus homens em uma marcha folgada pelos declives suaves que levavam à parte mais baixa do vale. Por volta do meio-dia, a coluna dos guerreiros de Opar fez subitamente alto diante de uma descoberta que a surpreendeu. Os oparianos encontraram um cercado de emergência, de cipó espinhoso, evidentemente construído há pouco tempo. O cercado fora armado em uma pequena clareira, por entre o arvoredor da orla da selva. Ali estivera por certo acampado o homem-macaco pouco tempo antes, como o demonstrava uma fogueira ainda não apagada de todo.

Cadj ordenou aos seus homens que se embrenhassem no arvoredor formando um círculo em torno da clareira, depois mandou um guerreiro fazer o reconhecimento do acampamento que parecia abandonado. Ao cabo de alguns momentos, o guerreiro veio informar que de fato o cercado fora abandonado. Cadj antes de prosseguir na marcha, acompanhando sempre o rastro da coluna de Tarzan, foi com a sua gente examinar mais cuidadosamente o cercado. Transpondo este, esteve a calcular pela área do acampamento o número de homens que deviam formar o séquito do homem-macaco. Estava o sumo-sacerdote empenhado nisso quando, no extremo oposto do cercado, observou alguma coisa que se achava meio escondida pelos arbustos. Cadj e os seus comandados aproximaram-se, a princípio com curiosidade e depois com precauções, do ponto que lhes atraía a atenção. A prudência se justificava porque o que se ocultava no meio dos arbustos e das moitas tinha agora a aparência de um corpo humano deitado no chão e meio encolhido.

Empunhando os cacetes, uma dúzia de guerreiros avançou para o misterioso vulto que atraíra a curiosidade de Cadj. E quando os oparianos chegaram a poucos passos de distanciai reconheceram o corpo sem vida de Tarzan dos Macacos.

— O Deus Flamejante puniu o profanador do seu altar! exclamou o sumo-sacerdote, esgazeando os olhos em um paroxismo de exaltação fanática.

Entretanto, um outro sacerdote, mais ponderado e talvez mais prudente também, ajoelhou-se junto ao corpo de Tarzan e colocou o ouvido sobre o coração do homem-macaco.

— Ele não está morto, talvez esteja apenas dormindo.

— Agarrem-no! ordenou Cadj.

E, em poucos segundos, o corpo de Tarzan estava literalmente coberto pelas formas hediondas de quantos repulsivos oparianos encontraram nele lugar para empilhar-se. O homem-macaco não ofereceu resistência e não deu mesmo indício de que ia despertar. Pouco depois, os seus braços estavam sòlidamente amarrados atrás das costas.

— Arrastem-no para aqui, até um lugar onde o olho do Deus Flamejante se possa fixar sobre ele, gritou imperiosamente o sumo-sacerdote. Os guerreiros cumpriram a ordem e trouxeram Tarzan até o meio do cercado, deixando-o em um ponto onde sobre ele caíam os raios do sol.

Cadj, assumindo solenemente a postura ritual de sumo-sacerdote do Deus Flamejante, desembainhou a faca que trazia ao flanco e apontou-a diretamente sobre o coração da vítima que ia ser sacrificada. Os sacerdotes e guerreiros que acompanhavam Cadj formaram um semicírculo junto ao corpo de Tarzan, enquanto outros se acercavam do sumo-sacerdote. Havia em muitas fisionomias inequívocos sinais de ansiedade e de mal-estar. Alguns dos sacerdotes levantaram os olhos para o sol, que nesse momento se encobria por trás de uma nuvem, mas, fossem quais fossem os pensamentos que atravessavam aqueles cérebros selvagens, entre todos somente um se atreveu a falar. Era o mesmo sacerdote que na véspera afrontara a cólera de Cadj, formulando objeções ao seu plano de matar Tarzan.

— Cadj, exclamou o sacerdote, que autoridade tem você para imolar uma vítima ao Deus Flamejante? Bem sabe que o sacrifício é um privilégio exclusivo de La, a grande sacerdotisa do Deus Flamejante e rainha de Opar. E não pode também ignorar que La ficará muito descontente e irritada, quando souber que você fez o que pretende fazer.

— Cale-se, Dooth! Sou Cadj, sumo-sacerdote de Opar e marido de La. A minha vontade e a minha palavra são também lei em Opar. E se você quer continuar a ser sacerdote e se não deseja morrer, cale-se.

Mas Dooth não se intimidou desta vez. Encarando resolutamente o sumo-sacerdote, disse:

— A sua palavra não é lei para nós. E se você irritar La ou provocar a cólera do Deus Flamejante, poderá ser punido como qualquer de nós. O sacrifício desse homem vai descontentar tanto a grande sacerdotisa, como o próprio Deus.

— Bastai silêncio! O Deus Flamejante já me falou e a ordem que dele recebi foi para sacrificar este profanador do seu altar.

E, ditas estas palavras, Cadj ajoelhou-se junto ao homem-macaco, tocou-lhe o peito com a ponta da faca, levantando em seguida o braço para desfechar sobre o coração palpitante o golpe mortal. Exatamente nesse momento uma nuvem mais escura interceptou o sol. Entre os sacerdotes houve um murmúrio.

— Olhem! exclamou Dooth. O Deus Flamejante está zangado. Ele acaba de ocultar a sua face ao povo de Opar.

Cadj estacou. Levantando a cabeça, lançou um olhar que era ao mesmo tempo de desafio e de medo para o céu, onde a grossa nuvem encobria a face do astro divino. Depois, ergueu-se vagarosamente e levantou os braços para o sol encoberto e assim ficou algum tempo, como se estivesse em uma prece a pedir inspiração. E ao cabo de um silêncio prolongado nessa atitude mística, o sumo-sacerdote voltou-se de súbito para os seus companheiros:

— Sacerdotes de Opar, o Deus Flamejante não está zangado conosco, acaba de comunicar-se comigo. Quer falar-me a sós. Retirem-se vocês e, depois que eu me tiver comunicado com o Deus Flamejante, farei com que venham ter de novo comigo. Sigam, deixem-me só.

A maioria pareceu disposta a obedecer ao sumo-sacerdote, mas Dooth e alguns outros se mostraram relutantes, dando sinais de cepticismo em relação à autenticidade da mensagem celeste que Cadj dissera haver recebido.

— Sigam, já lhes disse! gritou o sumo-sacerdote.

O hábito de obedecer tornara-se tão automático naquela gente que mesmo os cépticos seguiram, indo embrenhar-se na mata em cumprimento da ordem dada por Cadj. Um sorriso de maligno, R astúcia iluminou a face cruel do sumo-sacerdote, ao ver desaparecer por entre o arvoredos o último dos seus homens, e ele voltou a ocupar-se do homem-macaco que jazia no chão. Todavia no fundo da alma do sumo-sacerdote havia uns laivos de temor da sua divindade. Cadj ergueu o olhar interrogativo e um pouco ansioso para o sol. O sumo-sacerdote estava firmemente resolvido a matar Tarzan, antes de Dooth e de os outros voltarem da mata, mas um certo medo fazia com que não se atrevesse a desfechar o golpe fatal, enquanto o astro divino estivesse oculto pelas nuvens.

No seu espírito selvagem o ódio e o terror supersticioso travaram um conflito paralisador da ação. Cadj resolveu esperar que o sol brilhasse de novo no céu, para assegurar-lhe *com o* esplendor dos seus raios que o Deus Flamejante não ficaria irritado com o sacrifício de Tarzan. Entretanto, a nuvem que encobria o sol além de espessa era muito grande. O astro não reaparecia e, à medida que esperava, Cadj ia ficando nervoso. Impacientado, o sumo-sacerdote resolveu não esperar mais, ajoelhou-se de novo junto a Tarzan e seis vezes levantou o braço para desfechar o golpe sobre o coração da vítima mas, de cada uma delas, o terror supersticioso que persistia na alma do astuto pontífice o perturbou e fê-lo não consumir o homicídio sacrificial.

Passaram-se cinco, dez, quinze minutos e o sol continuava encoberto. O astro já estava quase na orla da nuvem e Cadj tomou outra vez posição para agir, logo que os raios do Deus Flamejante banhassem pela última vez o corpo ainda vivo de Tarzan. O sumo-sacerdote viu que a luz solar começava a inundar o cercado, os seus olhos maus cintilavam, traduzindo uma alegria infernal, à espera do momento em que a mancha luminosa que vagarosamente se aproximava chegasse ao peito de Tarzan. Um momento mais e o Deus Flamejante viria com os seus raios pôr o sinete da sua aprovação sobre o ato sacrificial. Cadj tremia à antecipação do gozo cruel. Levantou o braço ainda mais alto que as outras vezes e ficou com os músculos tensos, aguardando o momento de mergulhar a faca no coração do inimigo. Exatamente quando a grande mancha luminosa estava a tocar a cabeleira de Tarzan, uma voz feminina ecoou pela selva, com um grito estridente.

Ao ouvir a resposta de Manu, La saiu da água instantaneamente, pôs a sua cinta e os outros ornamentos sacerdotais, partindo quase a correr pelo jardim, para o interior do templo.

— Cadj.

Esta única palavra produziu sobre o sumo-sacerdote a impressão fulminante de um raio que caísse do céu. Empunhando ainda a faca, Cadj voltou-se e viu La, a grande sacerdotisa de Opar, entrando na clareira acompanhada de Dooth e de outros sacerdotes.

— Que significa isto, Cadj? interpelou La, com severidade, aproximando-se do pontífice, que se ergueu vagarosamente.

— O Deus Flamejante quer o sacrifício deste incrédulo, exclamou o sumo-sacerdote.

— Grande mentiroso! respondeu La. O Deus Flamejante só se comunica com os homens pelos lábios da sua grande sacerdotisa. Demasiadamente tem você procurado cercear a vontade da sua rainha. Fique sabendo, entretanto, Cadj, que o

poder de vida ou morte de que se acha investida a sua rainha pode ser exercido tanto sobre você, como sobre qualquer outro. Durante os séculos incontáveis através dos quais Opar tem existido, muitas vezes um sumo-sacerdote foi sacrificado ao Deus Flamejante, e não é improvável que um outro venha a seguir o caminho reservado aos petulantes. Acabe, portanto, com a sua vaidade e com a sua ambição de poder, que lhe podem ainda vir a ser causa de desgraça.

Cadj, em silêncio, embainhou a faca e afastou-se, não sem lançar um olhar venenoso a Dooth, a quem evidentemente o sumo-sacerdote atribuía aquele desastroso epílogo. Certamente, o pontífice estava sucumbido diante do que aconteceu, mas quem conhecesse o seu caráter não teria dúvida de que ele não se resignaria à derrota. A idéia de dar cabo do homem-macaco continuava a obsedá-lo e a humilhação que sofrera aumentara ainda mais o seu ódio contra Tarzan. E como Cadj tinha incontestavelmente muitos partidários entre os sacerdotes e o povo de Opar, não lhe seria impossível encontrar mais tarde oportunidade para se desforrar da cena em que acabava de representar tão triste papel.

Muitos acreditavam realmente que La nunca se atreveria a incorrer na hostilidade de uma grande parte do povo, fazendo morrer ou destituindo o sumo-sacerdote de uma autoridade que ele exercia em virtude de leis e costumes, datando de tão remota antigüidade que já se perdera por completo a memória das suas origens. A grande sacerdotisa conseguira durante anos protelar, sob um pretexto ou outro, a realização das cerimônias que deveriam uni-la em casamento ao pontífice. Os sinais inequívocos que La dera da sua paixão pelo homem-macaco haviam descontentado muito o seu povo.

E quando afinal a rainha se viu obrigada a casar com Cadj, nem por isso se absteve de patentear muito claramente o seu ódio e repugnância pelo sumo-sacerdote. Aqueles que em Opar se achavam ligados a La e tinham a sua posição dependente do favor da grande sacerdotisa, pensavam muitas vezes até quando poderia ela impunemente desagradar com seu procedimento a forte corrente dos partidários de Cadj. E este que bem conhecia a situação, não podia deixar de ter contra a rainha pensamentos ocultos de traição.

Muito ligada ao sumo-sacerdote se achava uma sacerdotisa — Oah, que há longo tempo acariciava a ambição de vir um dia a ocupar a altíssima posição de La. Se fosse possível eliminar esta, não seria difícil a Cadj, com o seu prestígio e influência, fazer de Oah a grande sacerdotisa de Opar. Combinara mesmo com Oah que, uma vez fosse elevada à realeza, ela faria com que o sumo-sacerdote fosse aclamado rei. Tanto Cadj, como Oah, porém, se achavam sob a influência de um medo supersticioso do Deus Flamejante. Assim, não se atreviam a prosseguir na conspiração e a vida de La ficava por esse motivo temporariamente salvaguardada.

Todavia, a trama prosseguiu em torno da rainha e certamente bastaria uma centelha para determinar a conflagração subversiva.

Proibindo ao sumo-sacerdote o sacrifício da vida de Tarzan, La agia rigorosamente dentro dos limites da sua incontestável autoridade. A sua sorte e talvez mesmo a sua vida dependiam da maneira como viesse a tratar no futuro o prisioneiro. Voltasse ela a dar mostras da paixão que outrora quase confessara em público e a sua queda seria inevitável. Era mesmo duvidoso que La pudesse impunemente salvar a vida de Tarzan e pô-lo em liberdade.

Cadj e outros vigiariam agora atentamente, sempre que ela se aproximasse de Tarzan. De pé na clareira, após algum tempo de silenciosa imobilidade, a grande sacerdotisa pôs-se a olhar fixamente para o homem-macaco.

— Estaria ele morto? perguntou.

— Não estava morto quando Cadj nos mandou embora, interveio Dooth. E se morreu, então foi Cadj que o matou.

— Não o matei, disse o sumo-sacerdote. Ele aí está para que La faça o que quiser. O Deus Flamejante encara do céu a grande sacerdotisa de Opar. Ao seu lado está a faca do sacrifício e, diante, a vítima que deve ser imolada.

La, como senão tivesse ouvido as palavras de Cadj, voltou-se para Dooth e lhe disse:

— Se ele ainda está vivo. armem uma padiola e levem-no para Opar.

Foi deste modo que Tarzan dos Macacos entrou mais uma vez na antiqüíssima cidade colonial dos atlântidas. O efeito do narcótico que Kraski pusera no café oferecido a Tarzan não cessou senão muitas horas mais tarde. Era noite já quando o homem-macaco voltou a si e ficou muito confuso pelo silêncio e escuridão que o cercavam. A primeira coisa que pôde verificar ao recobrar os sentidos, foi que se achava deitado em um leito de peles e não estava ferido, nem contundido, porque não sentia dor alguma. Gradualmente as idéias se foram concatenando no seu cérebro e ele reconstituiu os fatos ocorridos exatamente antes do momento em que perdera a consciência. Assim, chegou logo a compreender a manobra traiçoeira de que havia sido vítima., entretanto, não podia calcular quanto tempo estivera inconsciente, nem podia também compreender em que lugar se achava agora. Devagar, o homem-macaco se foi pondo de pé e, a não ser um ligeiro estado de torpor, Tarzan sentia-se perfeitamente bem e na posse plena dos seus sentidos e da sua energia.

Tratou então de examinar o local em que se achava. Como não tinha a mínima idéia do ambiente onde recobrava os sentidos e como a escuridão fosse completa, o homem-macaco se movia com extrema cautela, estendendo a mão para tatear a treva

e nunca tirando o pé do ponto em que se apoiava, sem ter antes firmado o outro mais adiante. Mal havia assim dado alguns passos, quando encontrou uma parede de pedra. Prosseguindo na inspeção, verificava pouco depois estar em uma pequena sala, onde só havia duas entradas, duas portas, uma em frente da outra. Apenas o tato e o olfato podiam orientá-lo naquela escuridão silenciosa.

Analisando as impressões desses dois sentidos Tarzan chegou à conclusão de que se achava prisioneiro em uma câmara subterrânea e, embora o olfato estivesse ainda um pouco embotado pelos efeitos do narcótico, o homem-macaco conseguiu sentir um cheiro que lhe não era estranho. Lembrou-se logo de que já tivera a mesma sensação olfativa em circunstâncias análogas. Um ruído quase imperceptível que atravessava de cima para baixo a alvenaria, foi percebido pelo ouvido apurado do homem-macaco. Esse ruído, que um outro homem cujos sentidos fossem menos agudos não teria apreendido, bastou entretanto para esclarecer o espírito de Tarzan, provocando-lhe uma série de associações de idéias que o foram esclarecendo, à medida que lhe vinham à memória consciente recordações passadas. Assim, o homem-macaco em breve chegava à conclusão de que se achava enclausurado num subterrâneo de Opar.

Acima dele, na sua câmara, La, a grande sacerdotisa de Opar, agitava-se no leito sem poder dormir com uma tosse nervosa. Conhecia bem a índole de seu povo e sabia de que traições seria capaz Cadj, o sumo-sacerdote. A grande sacerdotisa não entretinha ilusões acerca dos extremos de exaltação fanática a que poderiam chegar os seus bestiais súditos, se Cadj os excitasse contra ela, no caso em que a rainha não sacrificasse Tarzan ao Deus Flamejante. Esse, o dilema que impedia a grande sacerdotisa de dormir, porque o coração de La não se conformava com a idéia de sacrificar Tarzan dos Macacos.

Rainha de um povo constituído por criaturas que representavam a mestiçagem de homens e de animais, grande sacerdotisa de um culto horrível, La era contudo mulher, e mulher que em toda a sua vida só tivera uma paixão, cujo objeto fora exatamente aquele homem branco com aspecto de um deus, que ela mais uma vez tinha como prisioneiro. Por duas vezes. Tarzan escapara à sua faca sacrificadora, o amor da mulher sobrepujara no momento crítico os seus sentimentos de ciúme e o seu fanatismo religioso. La sentia que não deveria arriscar mais a vida por aquele homem a quem amava tão ardentemente, embora o seu amor fosse um amor sem esperança.

Naquela noite, a rainha de Opar se via diante de um problema que lhe parecia superior às suas forças. O fato de estar agora casada com Cadj dissipava as últimas esperanças de que ela pudesse vir a se tornar um dia a esposa do homem-macaco. Entretanto, estava firmemente decidida a salvar a vida de Tarzan, se isto fosse

possível. Duas vezes Tarzan lhe salvara a vida. Da primeira, a livrara de um sacerdote que enlouquecera e, da outra, das presas de um Tantor, o elefante, que se achava na ocasião empolgado por um furor frenético. Por isso a grande sacerdotisa empenhara a sua palavra, que quando Tarzan voltasse a Opar seria recebido como amigo e tratado como tal.

Entretanto, a influência de Cadj era grande e La sabia que essa influência se concentrava implacavelmente contra o homem-macaco. Compreendera-o muito na atitude dos oparianos, desde o momento em que por sua ordem Tarzan fora conduzido em padiola para a cidade, sentira-o ainda nos olhares perversos que se voltavam para ela. Cedo ou tarde, os seus súditos se revoltariam contra ela e para isto apenas aguardavam um pretexto, que certamente achariam na sua atitude protegendo Tarzan. Já tinha passado de meia-noite quando veio ter com La uma das sacerdotisas que estavam sempre de guarda à porta da câmara da rainha.

— Dooth quer falar-lhe, sussurrou a garota.

— Ê muito tarde. Você bem sabe que os homens não podem entrar neste lado do templo. Como, pois, e por que Dooth veio até aqui?

— Dooth diz que veio prestar um serviço a La, que está correndo um grande perigo, respondeu a sacerdotisa.

— Traga-o aqui. E se você preza a sua vida não dê uma palavra a ninguém sobre isto.

— Serei tão silenciosa como as pedras do altar, disse a garota, partindo para cumprir a ordem.

Em poucos momentos estava de volta com Dooth, que parou a alguns passos da grande sacerdotisa, fazendo-lhe uma profunda reverência. La fez um gesto à garota para que saísse e voltou-se interrogativamente para o sacerdote.

— Fale, Dooth, disse em tom imperioso.

— Todos nós sabemos do grande amor de La ao homem-macaco. Não cabe a mim, humilde sacerdote, discutir os pensamentos e os atos da minha grande sacerdotisa e rainha. Aqui estou para servi-la, como outros servem a quem conspira contra a autoridade e a vida de La.

— Que quer dizer, Dooth? Quem está conspirando contra mim?

— Neste momento mesmo, Cadj e Oah, acompanhados por vários sacerdotes, estão concertando um plano contra a minha rainha. Os conspiradores vão mandar espiões para vigiá-la, um deles virá aqui dizer-lhe que faça fugir o homem-macaco e que isso será a melhor solução do caso. Esse será mandado por Cadj e os outros irão contar aos sacerdotes e ao povo que viram a rainha dar liberdade ao prisioneiro

que devia ser sacrificado. Mesmo que a rainha ponha em liberdade o homem-macaco, isto de nada lhe servirá, porque Cadj já mandou pôr de emboscada, em todas as direções, guerreiros incumbidos de matar Tarzan, que perecerá assim antes de o Deus Flamejante ter aparecido no céu. La de Opar só tem um meio de salvar a vida.

— Qual é esse meio? perguntou a grande sacerdotisa.

— La precisa, com as suas próprias mãos, sacrificar o homem-macaco no altar do Deus Flamejante.

Mistério do passado

LA ACABAVA o seu almoço e tinha mandado levar comida a Tarzan, quando aos seus aposentos chegou uma sacerdotisa ainda jovem e que era irmã de Oah. A moça ainda não havia falado e La já estava certa de tratar-se de uma emissária de Cadj. A traição a que se referira Dooth na sua visita noturna começava a ser posta em execução. A jovem sacerdotisa estava muito perturbada e constrangida, causava-lhe por certo uma forte impressão a presença da rainha a quem se acostumara a reverenciar e que muito bem sabia ter poderes ilimitados de vida ou de morte, podendo fazê-la morrer imediatamente, se o, desejasse.

A grande sacerdotisa que já formulara um plano, cujos efeitos previa criarem sérios embaraços a Cadj e aos outros conspiradores, estava muito calma e deixou-se ficar em silêncio à espera de que a irmã de Oah comesse a falar. Entretanto, a garota precisou de algum tempo para dominar os seus nervos agitados e criar coragem para dirigir a palavra à rainha. E quando começou a conversar, a jovem encontrou sérias dificuldades em abordar o assunto que a trouxera à câmara de La. Discorreu sobre vários assuntos banais, enquanto a grande sacerdotisa a observava maliciosamente, divertindo-se com a posição embaraçosa em que se encontrava a moça.

— Não é muito comum ver a irmã de Oah nos aposentos da sua rainha, a não ser quando ela é aqui chamada, observou La em tom irônico, e do mesmo modo continuou a dirigir-se à garota: Ainda bem que afinal compreende que deve prestar serviços à grande sacerdotisa do Deus Flamejante.

— Venho, disse a jovem sacerdotisa, falando como quem está repetindo de cor a parte de uma peça de que foi incumbida, contar-lhe o que consegui escutar por aí e que me parece ser do máximo interesse para a grande sacerdotisa.

— Ah, sim! interpôs La, levantando as sobrancelhas arqueadas em um gesto que podia ser curiosidade ou exprimir qualquer outro sentimento.

— Cadj estava conversando com um grupo de sacerdotes subalternos e pude ouvi-lo dizer que a fuga do homem-macaco viria aliviar tanto a ele como à rainha de muitos embaraços e aborrecimentos. Pensei que a minha rainha deveria ter grande prazer em saber disto, porque ninguém ignora em Opar que a grande sacerdotisa ofereceu amizade ao homem-macaco e não deseja portanto sacrificá-lo ao Deus Flame-jante.

— Sei perfeitamente qual é o meu dever, disse La em tom altivo e autoritário.

Não preciso que Cadj nem as minhas serviçais venham dizer-me o que tenho a fazer. Conheço bem as prerrogativas de uma grande sacerdotisa e sei que o direito de sacrificar lhe pertence privativamente. Foi por esse motivo que impedi Cadj de sacrificar o homem-macaco, que será imolado no terceiro dia pelas minhas próprias mãos no altar do Deus Flamejante.

Estas palavras produziram na garota exatamente o efeito que La previra. Na fisionomia da jovem sacerdotisa estampavam-se o desapontamento e o desgosto com tal veemência que, mesmo quem possuísse mais altas qualidades histriônicas, teria dificuldade em disfarçar. A emissária de Cadj ficara atrapalhada, porque as instruções que recebera do sumo-sacerdote não continham nada para o caso daquela resposta, que evidentemente não fora incluída entre as possibilidades da missão. Após algumas frases desconexas e sem relação com o assunto da sua visita, a garota, pediu licença para retirar-se. Ao vê-la pelas costas, La sorriu, evidentemente satisfeita com o desfecho da entrevista.

A grande sacerdotisa não tinha intenção alguma de imolar Tarzan, mas a irmã de Oah não pudera penetrar nos pensamentos íntimos da rainha. Assim, foi encontrar-se com Cadj e repetiu-lhe tão textualmente quanto lhe foi possível a resposta que La acabava de dar-lhe, o que deixou o sumo-sacerdote profundamente desapontado e aborrecido. A resposta de La vinha desconcertá-lo e comprometia todo o seu plano. O objetivo visado por Cadj não era tanto fazer morrer Tarzan, mas induzir a rainha a uma atitude que provocaria a cólera dos sacerdotes e do povo de Opar. Em tais circunstâncias, seria fácil a Cadj instigar os oparianos a uma revolta contra a grande sacerdotisa, cuja morte eles reclamariam, como expiação do crime por ela cometido.

Oah, que se achava presente e ouviu o relato da irmã, não ficou menos desapontada. A ambiciosa sacerdotisa, vendo assim dissipar-se o sonho que acariciava, mordeu raivosamente o lábio. Nunca, como naquela ocasião, Oah vira tão perto de si a realização do seu ardente desejo de tornar-se grande sacerdotisa. Durante alguns minutos, caminhou de um lado para outro, pensativa e silenciosa. De repente estacou diante de Cadj.

— La tem paixão pelo homem-macaco, e se o vai sacrificar é unicamente por estar com medo do povo. Ela ainda o ama, Cadj, e agora a sua paixão ainda é mais violenta. Tem pelo homem-macaco um amor que nunca consagrou a você. O homem-macaco sabe disso e por esse motivo tem confiança em La, mas exatamente porque o homem-macaco sabe o que acabo de dizer, é que acho um meio para sairmos da dificuldade. Ouça-me, Cadj, e preste atenção ao que Oah lhe vai dizer. Este é o meu plano: Mandaremos alguém dizer ao homem-macaco que vem da parte de La para pô-lo em liberdade, o nosso emissário conduzirá o homem-macaco até ao lugar em que os nossos homens estiverem emboscados para matá-lo. Feito isso,

denunciaremos La como responsável pela fuga e, portanto, como culpada de traição ao povo de Opar e ao Deus Flamejante. A pessoa que conduzir o homem-macaco até o lugar onde ele será morto pelos nossos guerreiros, declarará que agiu em cumprimento de ordens recebidas diretamente de La. Os sacerdotes e o povo ficarão encolerizados e você facilmente conseguirá que eles lhe reclamem a morte de La. O meu plano é, como vê. Cadj, muito simples e por meio dele ficaremos livres tanto do homem-macaco, como de La.



... e já o leão, enfurecido e parecendo um verdadeiro demônio, se precipitava sobre os Bolganis.

— Excelente o seu plano, exclamou o sumo-sacerdote. Vamos executá-lo amanhã antes do alvorecer e amanhã mesmo, antes de o Deus Flamejante haver desaparecido

no ocaso, Opar terá uma nova grande sacerdotisa e rainha.

Naquela noite, Tarzan dos Macacos foi despertado na sua prisão subterrânea pelo barulho de alguém que abria uma das portas. Ouviu o ruído da retirada da tranca e em seguida o ranger da porta sobre os velhos gonzos. A escuridão absoluta o impediu de ver quem entrava, pôde, porém, escutar passos ligeiros no chão cimentado e logo em seguida uma voz feminina que murmurava o seu nome.

— Aqui estou. Quem é e o que quer de Tarzan dos Macacos?

— Sua vida corre grande risco. Se quer salvar-se siga-me.

— Quem a mandou aqui? perguntou o homem-macaco, ao mesmo tempo que procurava farejar com as suas narinas apuradíssimas, a fim de descobrir a identidade daquela visitante noturna, mas o aroma forte do perfume com que parecia ter-se impregnado a mulher não permitiu que o olfato de Tarzan descobrisse se se tratava do cheiro de uma das sacerdotisas que conhecera nas suas precedentes visitas 9 Opar ou se era pessoa para ele estranha.

— Foi La quem me mandou aqui, disse a voz que saía misteriosamente da treva, para levá-lo desta prisão e conduzi-lo até fora das muralhas de Opar, restituindo-o à liberdade.

Tateando na escuridão a mulher chegou até junto a Tarzan. — Aqui estão as suas armas que La lhe manda entregar.

Depois, segurando a mão do homem-macaco, o conduziu para fora da prisão por um longo e sinuoso corredor, onde de quando em vez subiam degraus de cimento e atravessavam portas que a mulher abria e depois fechava com grande ruído dos gonzos enferrujados. Tarzan não podia formar uma idéia do tempo que levou a percorrer esses caminhos escuros e confusos, nem lhe era possível também perceber a direção que seguia. De algumas palavras trocadas com Dooth, quando este lhe trouxera alimento, pudera Tarzan depreender que La continuava a ser sua amiga. O sacerdote lhe contara rapidamente que a rainha o salvara das mãos de Cadj, quando o haviam encontrado inconsciente no cercado, onde os europeus misteriosos o tinham adormecido com a fatal xícara de café. Por este motivo, desde que a mulher lhe dissera ter vindo da parte da La, Tarzan a acompanhou sem relutância.

Enquanto atravessava aqueles intermináveis corredores subterrâneos, Tarzan se recordava da profecia da “lady” Jane acerca das desgraças que ele podia esperar desta terceira visita a Opar. E o homem-macaco pensava se afinal de contas sua mulher não tinha razão em recear que desta feita ele não conseguisse escapar vivo da ferocidade e do fanatismo dos sacerdotes do Deus Flamejante. Por certo, Tarzan não pretendia, entrar em Opar. Dir-se-ia que nos arredores daquela cidade maldita

rondava um demônio, que não permitia que alguém impunemente se aproximasse das muralhas, a cuja sombra se ocultavam nas entranhas da terra tesouros incalculáveis, que, entretanto, não passavam de uma pequena parte do imenso mealheiro dos atlântidas.

Mais de uma hora caminharam Tarzan e a mulher que o guiava por aquele tenebroso labirinto, até que chegaram afinal a uma escada, pela qual atingiram um jardim sombreado por grandes árvores, através de cuja folhagem mal se discernia a luz pálida do luar. O ar fresco fez sentir entretanto a Tarzan que haviam chegado afinal à flor da terra. A mulher, que não dissera uma palavra durante todo o percurso pelos corredores e escadarias subterrâneas, continuou em silêncio guiando-o por um trilho que se dirigia sinuosamente, mudando sucessivamente de direção através de um matagal espesso e cheio de ervas rasteiras. A única coisa que Tarzan podia verificar era que subia um declive.

Pela posição das estrelas e da lua, bem como pela direção que agora o trilho tomava, Tarzan reconheceu que estava sendo levado para as montanhas situadas por trás de Opar. Era esse um distrito que o homem-macaco inteiramente desconhecia. Nunca o visitara por ser uma região pouco atraente e na qual sobretudo não se encontrava a caça que Tarzan mais gostava. A vegetação exuberante da encosta que ia galgando o surpreendeu porque sempre julgara que as colinas e montanhas dos arredores de Opar fossem estéreis, encontrando-se nelas apenas raras árvores isoladas no meio de um solo árido.

Já haviam subido muito, e a lua, agora no seu zênite, dava bastante claridade para permitir aos olhos perspicazes de Tarzan uma inspeção mais minuciosa da topografia da região que atravessavam. Foi então que o homem-macaco verificou estar subindo por uma garganta profunda, cujas encostas eram cobertas de espessa vegetação que não se podia observar à distância, da planície situada do outro lado de Opar. Sendo Tarzan pouco comunicativo, não lhe causou surpresa o fato de aquela mulher ser tão silenciosa. O homem-macaco, quando não tinha alguma coisa a dizer aos outros, costumava conservar-se em silêncio. Achou portanto muito natural que a mulher não falasse, atribuindo isto a não ter ela nada de importante a lhe dizer. Além disso, quem viaja caminhando depressa não gosta em geral de entreter palestra, que sempre envolve uma diminuição na velocidade da marcha.

As estrelas do lado do oriente começavam a empalidecer, ofuscadas pelos primeiros clarões da aurora, quando chegaram à borda de um precipício que formava o limite superior do desfiladeiro e entraram em terreno mais ou menos plano. À medida que avançavam, o céu ia clareando e dentro em pouco chegavam à borda de uma encosta, onde a mulher parou. O dia já tinha rompido e Tarzan pôde ver nitidamente embaixo uma espécie de vale, ou antes, de bacia coberta de mata, na

qual, por entre as árvores, a uns cinco quilômetros de distância, se distinguia um edifício que brilhava vivamente aos raios do sol nascente. Após alguns momentos de observação daquele estranho e impressionante edifício, Tarzan voltou-se e com surpresa, e também consternado, viu diante de si La, a grande sacerdotisa e rainha de Opar.

— Que loucura! Você foi dar a Cadj o pretexto que Dooth me disse estar ele procurando para eliminá-la.

— Cadj não terá oportunidade de fazer-me morrer, porque nunca mais voltarei a Opar.

— Não voltará mais a Opar? Para onde irá?

— Irei com você, Não lhe peço o seu amor, peço-lhe apenas que me leve com você para longe dos inimigos que me querem assassinar. Não tinha mais nada a fazer. Manu, o mico, ouviu a conversa deles e veio contar-me tudo. Se eu tivesse sacrificado ou salvo você, o meu destino teria sido o mesmo, porque estavam resolvidos e eliminar-me para fazer Oah grande sacerdotisa e aclamar Cadj rei de Opar. Em caso algum eu o sacrificaria, Tarzan, e o que eu fiz foi a única coisa que nos podia salvar a ambos. Nós não podíamos ter seguido nem para o norte, nem para oeste, porque nessas direções Cadj havia mandado postar os seus homens de emboscada à espera da sua passagem para matá-lo. E apesar de ser Tarzan, o poderoso lutador, os assassinos, com grande superioridade numérica, o trucidariam inevitavelmente.

— Mas para onde me leva? perguntou Tarzan.

— De dois males, escolhi o menor. Esta região por onde vamos seguir é uma terra desconhecida, em relação a qual correm entre nós oparianos lendas sinistras sobre os monstros e seres estranhos que a povoam. Todos os oparianos que se aventuraram a esta região não voltaram mais. Entretanto, se entre os homens há alguém capaz de atravessar vitorioso os perigos deste país de mistério, é certamente Tarzan dos Macacos.

— Mas se nada sabe desta terra e dos seus habitantes, como é que me conduziu com tanta segurança até aqui?

— Nós, em Opar, conhecemos bem o caminho até este ponto, daqui nunca passei. O trilho pelo qual caminhamos até aqui, é usado pelos grandes macacos e pelos leões quando descem a Opar. Os leões, é claro, não nos podem dar informações e os grandes macacos não o fazem, porque estão sempre em guerra conosco. Os grandes macacos seguem pelo caminho que acabamos de percorrer a fim de irem raptar pessoas em Opar. Nós costumamos fazer emboscadas para apanhá-los, porque é um velho hábito de Opar imolar um grande macaco em sacrifício ao Deus Flamejante.

Ultimamente os nossos inimigos não se deixam apanhar com muita facilidade, continuam a raptar oparianos, mas vêm pelo outro lado. Não sabemos porque os grandes macacos têm esse costume e acreditamos que o façam para comer os seus prisioneiros. Os grandes macacos são muito mais fortes e infinitamente mais inteligentes que os gorilas. Isto é fácil de se compreender porque se nós oparianos temos nas veias o sangue deles, muito sangue humano corre também nas veias dos grandes macacos.

— Por que teremos forçosamente de passar por este vale para sair de Opar, La? Há de haver um outro caminho.

— Não há outro caminho, Tarzan. As passagens ao longo da planície estão guardadas pelos guerreiros de Cadj, e a única probabilidade de salvação temo-la nesta direção. Trouxe-o pelo caminho que vara o íngreme paredão montanhoso que cerca Opar do lado do sul, temos de atravessar este vale ou rodeá-lo, para encontrar um caminho que nos permita seguir para o outro lado.

Tarzan, fixando o olhar na meta que cobria a grande bacia embaixo, concentrava o pensamento sobre os problemas que aquela situação lhe criava. Se estivesse só, Tarzan não hesitaria em atravessar a planície de Opar em outra direção, pois tinha bastante confiança em si mesmo para julgar que poderia com relativa segurança atravessar o vasto descampado, a despeito das providências tomadas por Cadj para o matar. Mas não estava só e tinha de proteger La. A rainha, com o seu gesto dando-lhe a liberdade, pusera-o em uma obrigação moral muito séria para com ela.

O plano que lhe pareceu mais seguro, foi seguir rodeando o vale, o mais afastado possível do brilhante edifício visível no meio da mata. Assim, iria procurando um caminho para sair daquela região inóspita e que lhe era inteiramente desconhecida. Ao mesmo tempo, aquele estranho edifício que cintilava aos raios do sol por entre as árvores, incitava vivamente a curiosidade de Tarzan, e o homem-macaco, cada vez mais fascinado, procurava resolver o mistério que se concretizava naquele monumento.

Tarzan não acreditava que no vale houvesse outros habitantes além dos animais selvagens. A seu ver aquele edifício devia ser uma relíquia deixada ali por algum povo desaparecido, talvez se tratasse de uma construção dos próprios atlântidas fundadores de Opar. Admitia também a hipótese de os construtores terem sido oparianos em épocas muito remotas, havendo os seus descendentes esquecido tudo sobre aquela construção. Tanto quanto era possível ver à distância e através do arvoredo circundante, o edifício tinha grandes proporções, parecendo tratar-se de um imponente palácio.

O homem-macaco não conhecia o medo, embora possuísse em dose razoável a prudência, que é um característico de todas as criaturas da selva, e não hesitava em

pôr à prova o seu valor e a sua habilidade enfrentando animais ferozes, por mais formidáveis que fossem. Sabia muito bem que eles não se concertavam para destruí-lo, mas a possibilidade de uma luta com seres humanos apresentava outro aspecto. Tarzan tinha a considerar que inimigos desta categoria sabiam combinar-se para uma ação comum, o que os tornava infinitamente mais temíveis que os grandes carnívoros, e como contra ele se podiam ajuntar muitos homens, mais ou menos inteligentes, não perdia de vista o perigo de encontrar-se em uma situação na qual o seu próprio poder mental de pouco lhe valesse.

Tarzan julgava muito improvável que a grande várzea arborizada tivesse habitantes humanos. Estava por assim dizer convencido de ser o edifício apenas uma ruína e que os únicos inimigos com que poderia ter de lutar seriam leões e antropóides. Destes adversários não tinha medo. Com os antropóides havia mesmo probabilidade de poder fazer relações amigáveis, e, quanto aos leões, estava habituado a lutar com eles e a vencê-los. Como o seu objetivo era encontrar um caminho para sair da várzea do lado oposto, parecia-lhe muito natural encurtar a distância, seguindo diretamente, o que o faria passar perto do misterioso palácio. Assim, o seu desejo de examinar aquele enigmático edifício se harmonizava com razões práticas que o induziam a preferir aquele roteiro.

— Vamos, disse Tarzan a La, e os dois se puseram a descer a encosta na direção da grande construção meio escondida pelo arvoredos.

— Não vá nesta direção! exclamou La evidentemente assustada, ao ver que Tarzan se encaminhava para o palácio misterioso.

— Por que não? Este é o caminho mais curto para chegarmos ao outro lado da várzea e, segundo me parece, é exatamente daquele lado que encontraremos caminho para escaparmos das montanhas.

— Mas eu estou com medo. Só o Deus Flamejante poderá saber que perigos nos aguardam ali no fundo do vale.

— Os únicos que encontraremos ali são Numa e os Manganis e não há razão para termos medo deles.

— Sim, você não tem medo de nada, bem o sei, mas eu, sou apenas uma mulher.

— Nós todos temos que morrer um dia e não vale pois a pena ter medo da morte. O medo não serve para evitá-la e faz somente com que a nossa vida se torne insuportável. Vamos seguir este caminho e talvez façamos alguma descoberta que nos convença ter valido a pena correr alguns riscos.

Os dois foram descendo pela encosta e à medida que se avizinhavam da várzea, o arvoredos se ia tornando mais espesso e de árvores maiores e quando chegaram ao terreno plano, estavam no meio de uma grande floresta. O vento, que era fraco,

soprava pelas costas dos caminhanes. Esta circunstância, privando Tarzan do recurso de farejar à distância qualquer possível inimigo, o tornava mais cauteloso. No trilho pelo qual vinham seguindo, era difícil reconhecer o rastro dos animais que por ali costumavam passar, mas num e noutro ponto os vestígios da passagem de leões eram evidentes. De vez em quando Tarzan parava para escutar e farejar, em um esforço para descobrir o que poderia estar no meio do arvoredor próximo.

— Começo a crer que haja homens nesta várzea. Várias , vezes tem-me parecido que estamos sendo observados, e os que nos observam evidentemente são muitos hábeis, porque não consigo ter mais que uma ligeira impressão de que alguém se aproxima de nós.

Aprensiva, La começou a olhar de um lado para outro t, em voz baixa disse a Tarzan:

— Não vejo nada.

— Nem eu, disse Tarzan. Não posso sentir nenhum cheiro que me sirva de indício, contudo, estou convencido agora de que estamos sendo acompanhados. Somos seguidos por uma criatura qualquer que apanha o nosso cheiro e que tem a habilidade de disfarçar o seu. Tenho mesmo a impressão de que quem quer que seja anda pelas árvores acima de nós e, daí, a impossibilidade em que estou de farejar esse misterioso acompanhante. Andando desse modo, mesmo que o vento nos fosse favorável para trazer-nos o cheiro dessa criatura, seria muito difícil que eu o sentisse. Espere aqui um momento, enquanto vou esclarecer este caso.

E com estas palavras Tarzan trepou por uma árvore, tão ágil como Manu, o mico. Alguns momentos depois voltava para junto de La.

— Tinha razão, alguém nos acompanha a certa distância. Não posso entretanto dizer se é um homem ou um Mangani, mas em todo caso eu também conheço este jogo. E colocando La sobre os ombros, trepou em seguida a uma árvore. — Agora somos nós que estamos acima do tal sujeito misterioso, e ele não mais poderá seguir-nos a pista pelo faro a não ser que seja bastante esperto e suba a galhos ainda mais altos.

La estava maravilhada diante da agilidade com que Tarzan, carregando-a sobre os ombros, corria saltando de galho em galho com o mesmo desembaraço que teria se estivesse caminhando ao longo da melhor das estradas. Por mais de meia hora durou essa carreira. Subitamente, o homem-macaco parou, ficando em equilíbrio em um alto ramo de uma grande árvore.

— Olhe, disse Tarzan, apontando para um certo lugar.

La voltou-se e a sua atenção ficou como que pregada sobre alguma coisa que se distinguia por entre a folhagem. Tarzan não estava menos interessado na observação

do que acabava de descobrir.

Evidentemente, eram choupanas. Uma dúzia delas mais ou menos. O que entretanto surpreendia e intrigava o homem-macaco e sua companheira era o movimento estranho de que se achavam animadas aquelas pequenas cabanas. Pareciam mover-se no ar. Algumas oscilavam de um lado para outro, enquanto outras eram impelidas violentamente para cima e para baixo em movimentos verticais. Tarzan foi até uma árvore próxima onde desceu a um galho inferior no qual, tirando La do seu ombro, a fez sentar-se. Depois foi caminhando cuidadosamente pelos galhos. La, que como todos os oparianos tinha uma grande prática da vida arbórea, acompanhava o homem-macaco. Ao cabo de pouco tempo tinham os dois chegado a uma árvore, de onde podiam observar perfeitamente a aldeia e logo tiveram a explicação da misteriosa dança das cabanas.

No chão viam-se vários habitantes da aldeia, se é que merecia tal qualificativo aquela primitiva reunião de grosseiras cabanas. Tarzan julgou os moradores daquelas curiosas choupanas tão estranhos, como as suas esquisitas habitações. De que eram negros, não podia haver a menor dúvida, contudo, o homem-macaco nunca vira semelhante tipo de indígena africano. Estavam inteiramente nus e não usavam ornamento de espécie alguma, a não ser rabiscos feitos sobre a pele e que pareciam ter sido traçados ao acaso por todas as partes do corpo. Eram altos e musculosos, mas tinham as pernas extremamente curtas e os braços demasiadamente longos. A fisionomia era positivamente bestial, notando-se um prognatismo muito acentuado. O crânio fugidio estendia-se das arcadas superciliares em um plano quase horizontal, sendo inexistente a fronte.

Enquanto Tarzan observava, um selvagem saiu de uma das cabanas, descendo ao chão pela corda que pendia do assoalho daquela curiosa habitação. O homem-macaco compreendeu logo como se entrava para as choupanas e percebeu a razão de ser da corda suspensa. As estranhas criaturas estavam na sua maioria de cócoras, fazendo a refeição. Alguns descarnavam ossos, dos quais com os seus grandes dentes iam arrancando a carne crua, outros comiam frutas e raízes. Havia indivíduos de ambos os sexos e de diferentes idades, desde a infância até a maturidade, mas não se via nenhum que parecesse velho. Tinham a pele glabra, exceto na cabeça coberta por uma carapinha de cor castanho-avermelhado, falavam pouco e a voz soava como grunhidos. Nem uma só vez Tarzan viu algum deles rir-se ou mesmo sorrir, fato este que o impressionou, por contrastar tanto com a jovialidade habitual de todos os indígenas africanos.

Outra observação feita pelo homem-macaco foi não existir no terreiro da aldeia nenhum utensílio de cozinha, nem qualquer vestígio de fogueira. No chão, perto dos selvagens, estavam as suas armas: eram chuços ou antes azagaias do um tipo

semelhante ao usado por muitas tribos africanas. Havia também uma espécie de foice com a lâmina de metal muito afiada. Tarzan dos Macacos estava encantado pela oportunidade que o destino lhe dera de descobrir uma tribo de selvagens, de cuja existência ele nunca sonhara. Eram homens tão inferiores, que quase se confundiam com os animais. Comparados com os indígenas que acabava de descobrir, até os Wazdons e os Hodons de Pal-ul-don poderiam ser considerados tipos humanos bastante evoluídos.

Entretanto, aqueles selvagens, colocados tão baixo na escala da humanidade, não eram destituídos de inteligência. Tarzan o constatou logo pela perfeição das suas armas, em que se viam desenhos muito artísticos. As cabanas indicavam também um espírito engenhoso da parte dos seus construtores, e o cercado que fechava o terreiro da pequena aldeia era alto e sólidamente feito, de modo a assegurar aos moradores uma proteção eficaz contra os leões que infestavam a várzea.

Enquanto Tarzan e La estavam examinando as curiosas criaturas que haviam descoberto, a sua atenção foi atraída pela aproximação de alguém. Era um outro selvagem do mesmo tipo que vinha caminhando pelas árvores e saltou de um galho para dentro da aldeia. Os outros negros não prestaram grande atenção ao recém-chegado, lançando-lhe apenas alguns olhares de relance. Sentando-se junto aos companheiros, o selvagem começou a fazer-lhes uma narrativa. Tarzan não podia ouvir o que lhes dizia, mas dos gestos, com que o negro reforçava as deficiências da sua linguagem rudimentar, concluiu que ele contava aos outros ter visto na floresta criaturas estranhas.

O homem-macaco não teve dificuldade em chegar à conclusão de que aquele selvagem era o mesmo que os acompanhara, a ele e a La, pouco antes, tendo sido despistado pelo truque a que Tarzan recorrera. A narrativa evidentemente causara impressão. Alguns dos negros começaram a andar nervosamente pelo terreiro, agarrando as armas e assumindo poses grotescas, suas fisionomias, entretanto, não exprimiam qualquer emoção, e depois de algum tempo todos se puseram de novo de cócoras, como se o caso não mais os interessasse.

O homem-macaco continuava interessado na observação daqueles curiosos selvagens, quando um grito estridente ecoou pela floresta, despertando no espírito de Tarzan a lembrança de cenas bravias do passado.

— Bolgani, disse ele a La em tom quase inaudível.

— Não, murmurou La, é um dos grandes macacos. E a rainha de Opar começou a tremer.

Dentro de poucos momentos apareceu quem se anunciara com aquele grito formidável, saltando pelas árvores na direção da aldeia. Era um gorila, mas um

gorila como Tarzan dos Macacos nunca tivera ocasião de ver. De estatura quase gigantesca, tinha o porte de um homem e andava à maneira humana, nem uma só vez usando as suas mãos para caminhar. A cabeça e a face eram as de um gorila, mas de um gorila diferente dos outros, como Tarzan verificou quando aquela criatura impressionante se aproximou. Era Bolgani, mas Bolgani com a alma e o espírito de um homem.

Havia, no entanto, uma circunstância que tornava aquela figura ainda mais singular e surpreendente: mais estranho que o vulto gigantesco, o porte e o andar, aquele gorila, diferente de todos os outros, apresentava o traço particularmente curioso de ostentar ornamentos. E que ornamentos! Ouro e diamantes cintilavam por sobre o seu pêlo hirsuto. Acima do cotovelo inúmeros braceletes e, aos tornozelos, discos de ouro pareciam luxuosas calcêtas. De uma cinta apertada ao meio do tronco, pendiam cordões que iam quase até aos pés. Eram cadeias de ouro cravejadas de diamantes. John Clayton, lorde Greystoke, nunca vira semelhante ostentação de jóias tão magníficas, nem mesmo entre as dos tesouros de Opar.

O grito com que o estranho e impressionante Bolgani anunciara a sua chegada, havia produzido efeito imediato sobre os indígenas da pequena aldeia. Todos se puseram de pé, as mulheres e as crianças esconderam-se por trás das árvores ou subiram pelas cordas, refugiando-se nas cabanas. Alguns dos homens se dirigiram para um ponto da cerca, onde Tarzan verificou agora existir o portão da aldeia. Ali, o gorila, aproximando-se, ergueu de novo a voz, mas desta vez não gritava, dirigia a palavra aos negros, falando-lhes em tom autoritário.

CAPÍTULO 9

Uma pontaria certa

QUANDO o gigantesco gorila transpôs o portão da aldeia, os guerreiros negros imediatamente o fecharam, recuando em seguida com gestos respeitosos, enquanto o recém-chegado, em atitude autoritária, caminhava até ao centro do pequeno povoado selvagem. Ali chegando, lançou um olhar de quem estava fazendo inspeção do local.

— Onde estão as mulheres e os “balus”? perguntou asperamente. Chamem-nos imediatamente.

As mulheres e as crianças certamente ouviram a ordem do gorila mas se deixaram ficar nos lugares onde se tinham escondido. Os negros mostravam grande agitação. Evidentemente ocorria neles um conflito íntimo entre sentimentos contraditórios. O medo do truculento visitante era indiscutível, mas em oposição a ele havia no espírito dos selvagens um inequívoco desejo de não obedecer à ordem por ele dada. O gorila começava a impacientar-se e exclamou:

— Já lhes disse que chamem as mulheres e os “balus”. Sigam, vão buscá-los.

Então um dos guerreiros cobrou ânimo e dirigiu-se ao Bolgani:

— Esta aldeia já deu uma mulher nesta lua. Agora é a vez de outro povoado.

— Silêncio! rugiu o homem-gorila, avançando com ares ameaçadores. Você é um Gomangani muito insolente que se atreve a discutir as ordens de um Bolgani. Por mim fala Numa, o imperador. Obedeça ou prepare-se para morrer.

Tremendo, o negro foi chamar as mulheres e as crianças, mas ninguém apareceu. Bolgani estava quase a esgotar a sua paciência e, em um tom que se tornava colérico, bradou ao selvagem:

— Cumpra a minha ordem. Traga as mulheres e as crianças, seja como for!

Os negros compreenderam que não era mais possível . tergiversar. Bolgani estava resolvido a chegar a vias de fatos. Amuados, mas não tendo coragem de reagir, os selvagens foram buscar as mulheres e as crianças nos lugares em que elas se achavam escondidas. Dentro em pouco estavam de volta, arrastando violentamente as companheiras e os filhos, que puxavam pelo braço, mas de preferência pela carapinha. Os negros obedeciam à ordem de Bolgani com grande relutância, mas apesar disso não tinham contemplações com as mulheres e as crianças, pelas quais não revelavam nenhum afeto. Esse modo de proceder foi pouco depois esclarecido pelas palavras do indígena, que parecia ser o orador da aldeia.

— Grande Bolgani, se Numa continua a tirar gente desta aldeia, dentro em pouco

não haverá mais mulheres e crianças aqui, e muito breve nós todos teremos desaparecido.

— Que importa isso?! exclamou o homem-gorila. Já há Gomanganis demais no mundo. E para que foram vocês criados, senão para servirem a Numa e ao seu povo privilegiado dos Bolganis?

Ao falar, o homem-gorila examinava a população feminina e infantil da aldeia. Apalpava as carnes, beliscava e comparava as mulheres e as crianças umas com as outras. Ao cabo de uma inspeção prolongada e minuciosa, Bolgani fixou a sua atenção sobre uma mulher ainda moça e que trazia o filho suspenso às ancas.

— Esta serve, e, agarrando a negra, arrancou-lhe a criança, que arremessou de encontro à paliçada.

O pequeno “balu” ali ficou estarrecido pelo choque, talvez gravemente ferido e quem sabe mesmo se morto. A pobre mãe, uma criatura mais animal que humana, ficou por alguns momentos como que petrificada pelo medo e pelo sofrimento. Depois teve uma reação e precipitou-se na direção em que tombara o filhinho. O homem-gorila, entretanto, a agarrou logo com uma das suas formidáveis manoplas, atirando-a ao chão. Precisamente nesse momento, ecoou pela floresta o terrível grito de desafio dos grandes antropóides. Os negros ficaram apavorados, mal se atrevendo a levantar os olhos. O homem-gorila, arranhando os dentes e já em atitude de combate, ergueu a cabeça, para descobrir de onde partira aquele grito selvagem.

Trepado em um galho, no meio da folhagem, os selvagens e o Bolgani viram uma criatura que nunca haviam encontrado até então. Lá estava um homem branco, um Tarmangani gigantesco, com a pele lisa e glabra, como a de Histah, a serpente. Exatamente quando olhavam, o chuço empunhado por aquele ser estranho partiu célere como o pensamento, pelo meio da folhagem, e veio. enterrar-se no peito do Bolgani. O homem-gorila apenas soltou um grito de raiva e de dor, cambaleou e caiu redondamente sobre a, terra. Mais algumas convulsões espasmódicas e o gigante peludo era cadáver.

Tarzan não tinha grande simpatia pelos Gomanganis, mas. diante da cena de que fora testemunha, o espírito de *fair play*, que herdara com o sangue inglês dos seus antepassados, lhe impôs imperiosamente um gesto espontâneo em defesa do fraco. Além disso, atuava sobre o homem-macaco a circunstância de ser Bolgani o seu velho inimigo, o primeiro combate de Tarzan fora travado com um gorila e esse havia sido o primeiro grande animal da floresta morto por Tarzan dos Macacos.

Aquele desfecho da visita de Bolgani enchera de espanto e de medo os guerreiros negros. Quando Tarzan, logo em seguida, saltou do galho ao terreiro da aldeia, o primeiro movimento dos selvagens foi de franca hostilidade. Pegaram os chuços e

avançaram ameaçadoramente para o homem branco.

— Sou um amigo. Sou Tarzan dos Macacos. Lancem ao chão os seus chuços. E ao dizer estas palavras Tarzan arrancou a sua própria arma que estava cravada no peito do Bolgani. — Quem era este sujeito que vinha despojar vocês das mulheres e crianças? Por que é que não tinham coragem para dar cabo dele com os seus chuços?

— Era um dos grandes Bolganis, respondeu o guerreiro que parecia ser o orador e o chefe da aldeia. Pertencia ao povo eleito de Numa, o imperador. E quando o imperador souber o que aconteceu aqui, nós seremos todos mortos por causa do que você fez. ,

— Quem é esse Numa? perguntou o homem-macaco, que até então só ouvira dar-se o nome de Numa ao leão.

— Numa é o imperador, que vive, com os Bolganis, no Palácio dos Diamantes.

O negro não se exprimia com tanta precisão e elegância, porque a língua dos grandes macacos, embora muito aperfeiçoada durante séculos pela inteligência mais desenvolvida e maior cultura dos oparianos, mesmo assim é extremamente pobre e primitiva. As palavras textuais do selvagem haviam sido mais ou menos estas: “Numa, o rei dos reis, que vive na cabana do rei, toda coberta de pedras cintilantes . Aliás as, palavras do guerreiro negro traduziam nitidamente a Tarzan a resposta à sua pergunta. Numa era, portanto, o título adotado pelo chefe dos Bolganis e a expressão imperador indicava a preeminência desse chefe entre os homens-gorilas.

No mesmo instante em que o homem-gorila caiu prostrado pelo chuço de Tarzan, a negra escolhida pelo Bolgani correu para junto do filhinho atirado à paliçada e tomou-o nos braços em uma atitude carinhosa. Agachada junto à cerca, a mulher aconchegou a criança ao peito, procurando sossegá-la. O pequeno entretanto berrava furiosamente, e Tarzan pôde verificar que os gritos eram antes de medo que de dor. Quando o homem-macaco se aproximou para examinar o pequeno, a negra pôs-se logo em atitude de defesa, ameaçando Tarzan com os dentes arreganhados e assemelhando-se mais a um animal feroz que a uma criatura humana.

Afinal naquele cérebro primitivo surgiu a idéia de que aquele estranho a salvara do Bolgani e lhe permitira reaver o filho. Além disso, nenhum mal lhe estava fazendo agora o matador do homem-gorila. Deste modo, Tarzan, sem encontrar maior oposição da negra, pôde examinar a criança, verificando que ela não se achava ferida e nem mesmo seriamente contundida. Voltou-se em seguida, dirigindo-se para os guerreiros, que em grupo conversavam animadamente. Ao darem conta da aproximação do homem-macaco, os selvagens formaram um semicírculo em torno dele, encarando-o fixamente.

— Os Bolganis virão aqui e nos matarão todos, logo que souberem o que aconteceu em nossa aldeia. Só há um meio de escaparmos à morte, é levarmos a Numa o matador do Bolgani. Por isso, Tarmangani, nós o levaremos ao Palácio dos Diamantes e ali o entregaremos aos Bolganis. Talvez assim Numa nos perdoe.

Tarzan sorriu diante da ingenuidade dos negros, que o julgavam um tolo, capaz de se deixar conduzir para ser entregue às mãos vingativas de Numa, o rei dos Bolganis. O homem branco sabia muito bem o risco que corria penetrando na aldeia, mas estava certo de que pelo simples fato de ser Tarzan dos Macacos tinha maior probabilidade de escapar ileso dali, que de ficar prisioneiro dos negros. Muitas vezes antes, Tarzan havia enfrentado selvagens armados de chuços e conhecia muito bem aquilo com que devia contar no caso de hostilidades. Todavia, Tarzan preferia não entrar em luta com os negros e fazer paz com eles e, para isto, concorria sobretudo o desejo de obter daqueles indígenas algumas informações. Isto ocorrera ao homem-macaco assim que descobrira na floresta aquele misterioso povoado de gente tão primitiva.

— Vocês serão capazes de atrair um amigo que entrou nesta aldeia para defendê-los?

— Tarmangani, nós não queremos matá-lo. Apenas vamos levá-lo a Numa, o imperador.

— Isso é a mesma coisa, retrucou Tarzan. Vocês sabem perfeitamente que, entregando-me a Numa, vão causar a minha morte, porque ele certamente me mandará matar.

— Não podemos impedir que tal aconteça, disse o selvagem que falava pelos companheiros, e tudo faríamos para salvar a sua vida. Mas quando os Bolganis nos vierem castigar pelo que aconteceu em nossa aldeia, seremos nós que pagaremos com as nossas vidas por aquilo que você fez. E só escaparemos se Numa quiser puni-lo em nosso lugar.

— E que necessidade há de saberem eles que este Bolgani foi morto aqui? perguntou Tarzan.

— Quando os Bolganis vierem à nossa aldeia não hão de ver este cadáver aqui?! exclamou o negro interrogativamente.

— Não verão, respondeu o homem-macaco, desde que este cadáver seja removido para fora da aldeia.

Os negros cocaram a cabeça. Naqueles cérebros espessos e atrasados não surgira tão simples solução para o problema, mas as palavras de Tarzan os esclareceram a respeito. O que o estranho dizia era realmente verdade. Ninguém senão eles sabia que o Bolgani tinha sido morto dentro da paliçada, e, removido o cadáver, estaria

portanto afastada qualquer suspeita contra a aldeia. Para onde, entretanto, haviam de levar o corpo? Esta foi a pergunta por eles feita a Tarzan.

— Deixem isso por minha conta, que eu o removerei, disse o Tarmangani. Respondam lealmente às perguntas que lhes vou fazer e comprometo-me a levar daqui este cadáver. Ninguém saberá jamais onde, nem como morreu este Bolgani.

— Quais são as perguntas que você quer fazer? interrogou o orador da aldeia.

— Sou um estranho nesta região. Fiquei perdido aqui e quero sair da várzea naquela direção, e apontou para o sueste.

— Pode haver uma saída daquele lado, mas ninguém sabe o que existe para além. Eu não sei se há saída por lá ou se há alguma coisa do outro lado. Dizem que do outro lado da montanha só há fogo e ninguém ainda se atreveu a ir ver isso. Quanto a mim, nunca andei longe da minha aldeia. A maior viagem que já fiz, foi apenas de um dia caçando para os Bolganis, e apanhando frutas e cocos para eles. Não sei, portanto, se há alguma saída do vale e, se existe, ninguém se atreveria a transpô-la.

— Mas ninguém jamais saiu desta várzea? perguntou Tarzan surpreendido.

— O que fazem os outros, não sei, respondeu o negro, mas posso garantir-lhe que nós desta aldeia nunca saímos do vale.

— Que é que há para aquele lado? Perguntou Tarzan, apontando para o lado de Opar.

— Não sei. Os Bolganis às vezes andam para aquele lado e de lá voltam, trazendo consigo estranhas criaturas. São uns homenzinhos baixos, de pele branca, muito cabeludos, com pernas tortas e braços longos. Os Bolganis costumam trazer também mulheres brancas que não se parecem com os pequenos Tarmanganis, mas não sei onde eles acham aqueles homens e aquelas mulheres, e nada nos dizem a respeito. São estas todas as perguntas que você nos quer fazer?

— Sim, era tudo o que lhes queria perguntar, disse Tarzan, vendo que não conseguiria obter mais informações daqueles selvagens estúpidos e atrasados.

Compreendendo que tinha de encontrar por si mesmo um meio de sair da várzea e considerando que, sozinho, poderia explorar aquela região desconhecida com mais rapidez e segurança, o homem-macaco resolveu sondar os negros em relação a um plano que acabava de conceber.

— Se eu carregar o cadáver de Bolgani, de modo a que nunca se venha a saber que ele foi morto nesta aldeia, vocês me tratarão como amigo?

— Sem dúvida, respondeu o negro.

— Então, vocês guardarão aqui minha companheira branca, até que eu volte à aldeia para buscá-la? Podem escondê-la em uma das cabanas, se algum Bolgani

aparecer por aqui. Ninguém deve saber que ela está nesta aldeia. Que me dizem vocês a isto?

Os negros olharam em torno muito admirados.

— Não vemos nenhuma mulher branca. Onde está ela?

— Se vocês me prometerem que a tratarão bem, que a protegerão e a esconderão, eu a trarei já para aqui.

— Eu, disse o selvagem que conversava com Tarzan, não, lhe farei mal algum, mas não sei o que os outros farão.

O homem-macaco, voltando-se para os outros guerreiros que se agrupavam a alguns passos de distância, lhes dirigiu a palavra:

— Vou deixar aqui na aldeia a minha companheira branca. Vocês terão muito cuidado com ela, dar-lhe-ão alimento, não deixarão que lhe aconteça nenhum mal e não dirão a ninguém que ela está na aldeia. Vou carregar o Bolgani morto e assim vocês ficarão livres de qualquer vingança de Numa e de seu povo. Quando voltar, espero encontrar a minha companheira muito bem tratada.

Tarzan dissera que La era sua mulher, porque, conhecendo a mentalidade dos selvagens, sabia que assim eles, por medo ou por gratidão, teriam muito mais cuidado em zelar pela grande sacerdotisa. E ditas estas palavras, o homem branco chamou La que se achava escondida entre a folhagem de uma árvore. A mulher desceu a um dos ramos baixos que se projetava sobre a paliçada e momentos após saltava para os braços de Tarzan.

— Esta é a minha companheira. Se quando eu voltar ela estiver maltratada, ou tiver sofrido qualquer coisa eu irei dizer aos Bolganis que foram vocês que fizeram isto. E apontou para o cadáver gigantesco do homem-gorila.

La, com uma expressão de medo nos olhos, voltou-se súplice, para Tarzan:

— Você me vai deixar aqui?

— Apenas por pouco tempo, respondeu Tarzan. Prometi a estes negros carregar daqui o Bolgani, para que sobre eles não recaia a vingança dos outros gorilas. Se eles estivessem mais altos na escala da evolução, certamente sentiriam gratidão pelo serviço que lhes prestei matando esta fera e pelo outro não menor que lhes vou fazer, removendo daqui o cadáver e, assim, afastando deles todas as suspeitas. Duvido muito de tais sentimentos. Sei contudo, pela minha experiência dos indígenas da África, que todos eles são muito sensíveis ao medo, e tive o cuidado de ameaçá-los. Assim, durante a minha ausência você ficará aqui perfeitamente segura. Se não tivesse certeza disso, não a deixaria no meio destes negros. Indo só, poderei viajar muito mais rapidamente e com muito maior facilidade explorarei a várzea,

encontrando urna saída. Logo que encontrar caminho para escaparmos, voltarei e a levarei comigo. Se fôssemos os dois juntos, correríamos muito maiores riscos e reduziríamos enormemente as nossas probabilidades de nos livrarmos desta região inóspita.

— Mas você voltará? interrogou La e na sua voz havia um apelo angustioso em que se refletia o medo de ficar isolada naquele ambiente selvagem.

— Já lhe disse que voltarei, respondeu Tarzan dos Macacos. E dirigindo aos selvagens, ordenou-lhes em tom imperioso: — Limpem uma destas cabanas para a minha companheira. Procurem alimento do melhor para ela e tratem-na com muito cuidado. Lembrem-se do que lhes disse. A vida de vocês está dependendo do modo como tratarem a minha companheira branca.

Abaixando-se, Tarzan suspendeu o corpo do homem-gorila, pô-lo ao ombro e partiu pelo portão da aldeia. Os ingênuos selvagens estavam maravilhados diante da proeza do Tarmangani. Eram robustos, mas nenhum deles seria capaz de carregar assim aquele corpo de gigante, como se não trouxesse nada às costas. Tarzan seguiu pelo trilho e pouco depois desaparecia em uma curva, como se tivesse sido engolido pela floresta.

Voltando-se para os negros, La lhes ordenou que lhe preparassem a cabana. A grande sacerdotisa de Opar estava muito fatigada e sentia necessidade de repouso e de sono. Entretanto os selvagens olhavam de soslaio para a mulher branca e diziam qualquer coisa entre si. Não tardou que La percebesse haver uma divergência de opiniões entre os guerreiros. Apanhando alguns trechos da conversa dos negros, chegou facilmente à conclusão de que, enquanto alguns se inclinavam a obedecer rigorosamente às ordens dadas por Tarzan, outros achavam que deviam pôr fora da aldeia aquela branca estranha, cuja presença ali poderia acarretar-lhes cruéis vinganças dos Bolganis. Um dos negros chegou mesmo a dizer:

— Seria melhor levá-la já ao Palácio dos Diamantes para entregá-la a Numa. Diríamos ter visto o seu companheiro matar o Bolgani, não nos tendo sido possível impedi-lo. mas conseguimos agarrar a sua companheira. Desse modo alcançaríamos a boa vontade de Numa e talvez no futuro os Bolganis não nos viessem tirar tantas mulheres e crianças.

— Mas o Tarmangani é grande e forte, ele é ainda mais poderoso que Bolgani, interpôs um outro selvagem. Seria um inimigo terrível que iríamos arranjar e, como é muito provável que Numa não acreditasse na nossa história, ficaríamos tendo dois inimigos em vez de um.

— Você tem razão, exclamou La intervindo na conversa. O Tarmangani é muito poderoso. Para vocês é melhor negócio tê-lo como amigo, que como inimigo.

Sozinho, ele luta com Numa, o leão, e mata-o. Vocês viram como ele levantou ao ombro o corpo do grande Bolgani, sem fazer sequer um esforço. E viram ainda como foi correndo pela selva com aquele enorme peso às costas, tão lampeiro como se não tivesse nenhuma carga. E não viram também como é capaz de trepar por uma árvore e de correr de galho em galho, levando sempre ao ombro aquele pesado cadáver? Não, não há no mundo ninguém como Tarzan dos Macacos. Se vocês têm juízo, Gomanganis, tratem de fazer de Tarzan um amigo.

Os negros escutavam-na e olhavam para La com um ar bestificado. As suas fisionomias grosseiras não refletiam em qualquer expressão o que se passava nos seus cérebros primitivos. Por algum tempo permaneceram assim em silêncio. De um lado estavam enfileirados os negros boçais e feios, do outro, a esbelta e formosa mulher branca.

La quebrou o silêncio:

— Preparem imediatamente a minha cabana.

Era a voz autoritária da grande sacerdotisa e rainha de Opar falando a escravos. O tom de La e a maneira senhoril em que falara produziram um efeito fulminante sobre os selvagens. Tarzan dos Macacos tivera muita razão em dizer que aqueles espécimes da humanidade são dirigidos unicamente pelo medo. A grande sacerdotisa verificava a verdade dessa asserção. Os negros, diante da atitude dominadora da mulher, manifestaram o traço dominante do seu caráter: a covardia. Como cães que acabam de ser chicoteados, puseram-se solícitos ao serviços da mulher branca, corriam para todos os lados, apanhando folhas e capim para forrar o assoalho da cabana. Depois foram buscar frutas, nozes e ervas saborosas para a refeição da companheira do Tarmangani. Quando tudo estava preparado, La trepou pela corda suspensa, entrando na cabana através da abertura circular feita no assoalho. Ali encontrou toda a limpeza e conforto que a solicitude dos selvagens lhe podia ter proporcionado. Tendo recolhido para dentro da choupana a corda pela qual trepara, La recostou-se no leito macio de folhas. O suave movimento de oscilação da cabana suspensa, o murmúrio da folhagem das árvores, o canto dos pássaros e os zumbidos dos insetos, combinando-se com a sua fadiga, foram-na embalando docemente, até que ela adormeceu.

Traição desatinada

PARA o noroeste do vale de Opar distinguia-se naquele cair da noite uma coluna, que na calma reinante se erguia verticalmente para o céu. Era a fumaça da fogueira feita em acampamento, onde àquela hora uns cem negros e seis brancos, entre os quais uma jovem, faziam a sua refeição vespertina. Os negros, agachados no chão, estavam amuados e tristonhos, conversando em murmúrio, ao mesmo tempo que comiam o escasso repasto. Os brancos, apreensivos e de mau humor, tinham as armas ao alcance das mãos, como se receassem alguma surpresa desagradável.

— Devemos agradecer à sovinice de Adolph e às fanfarronadas de Estevão as dificuldades em que nos encontramos, disse a jovem em um tom de visível irritação.

O gordo judeu alemão sacudiu os ombros e o espanhol teve um gesto de mau humor.

— Que culpa tenho eu? perguntou Adolph.

— Você, um eterno forreta incorrigível, não quis contratar um número suficiente de carregadores. Disse-lhe muitas vezes que devíamos ter uns duzentos negros conosco mas, para poupar um pouco de dinheiro, você apenas contratou cem. Veja o resultado da sua sovinice. Cinquenta estão empregados como carregadores de ouro, cada um deles trazendo quarenta quilos, dos outros cinquenta, quase todos estão sobrecarregados com o material do acampamento, restando poucos para nos servir de guardas. Em tais condições, nos vemos obrigados a tanger esses negros, como se fossem um rebanho, tendo ainda de estar vigilantes para impedir que eles atirem fora a carga. Eles estão cansados e descontentes, e não é preciso mais que um pretexto para que se revoltem e dêem cabo de nós. Além do mais, estão mal alimentados. Se pudéssemos tê-los todos com a barriga cheia, estariam satisfeitos e alegres. A minha experiência dos negros africanos me ensinou que, quando não estão bem alimentados, eles ficam descontentes e inquietos, mesmo que se acham em completa ociosidade. Se Estevão não tivesse contado tantas histórias das suas proezas de caçador, teríamos trazido provisões suficientes para alimentar essa gente. E agora, embora estejamos apenas no início da nossa viagem de retorno, já nos achamos à meia ração.

— Não posso caçar onde não há caça, resmungou Estevão.

— Oh! exclamou Kraski, caça é o que não falta. Todos os dias estamos vendo rastros de animais.

O espanhol olhou para o russo rancorosamente e lhe disse:

— Se há tanta caça, por que é que você não vai caçar?

— Nunca fanfarreei ser caçador, retrucou Kraski: entretanto, se saísse para o mato com um bodoque, caçaria tanto como você.

O espanhol levantou-se, avançando ameaçadoramente para Kraski. O russo apontou-lhe o seu revólver de campanha.

— Acabemos com isso, exclamou rispidamente Flora, interpondo-se entre os briguentos.

— Ora, deixe esses dois tipos brigarem. Se um der cabo do outro, será um de menos para comer o bolo. Estamos aqui para negócio, e isto é assim mesmo, disse John Peebles na sua linguagem grosseira de antigo pugilista.

— Por que havemos de brigar, perguntou Bluber. Há p bastante para nós todos. Quarenta e três mil libras esterlinas para cada um. Vocês, quando se zangam comigo, dizem que eu sou um judeu forreta, mas vocês cristão são muito piores que eu. Para ter mais dinheiro são capazes de matar um amigo. Graças a Deus, não sou cristão.

— Cale a boca ou teremos mais quarenta e três mil libras para dividir, disse Throck.

— Ora, Throck, retrucou Bluber no seu tom mais untuoso, então você fica furioso por causa de uma- pilhéria? E isto comigo, o seu melhor amigo!

— Já estou ficando enjoado destes falatórios, respondeu Throck. Não sou nenhum sabichão, sou apenas um cão sem dono, mas tenho bastante bom senso para compreender que, neste maldito bando. Flora é a única pessoa cujo cérebro não anda a chocalhar, como ervilhas em uma fava. John, Bluber, Kraski e eu estamos aqui porque conseguimos arranjar dinheiro para executar os planos de Flora. Aquele diabo ali — e apontou para Estevão — veio apenas porque a sua cara e o seu corpo estavam na conta. Nenhum de nós precisava de cabeça para entrar neste negócio, porque Flora é o cérebro da expedição. E quanto mais depressa compreendermos que as ordens dela elevem ser cumpridas, tanto melhor para nós todos. Flora já esteve na África com o valentão, o tal lorde Greystoke, como criada de quarto de sua mulher. Não foi isto, Flora? Conhece portanto muita coisa da região, dos indígenas e dos animais, ao passo que nós não sabemos nada a respeito.

— Throck tem toda a razão: temos andado a fazer tolices. O nosso mal foi não ter um chefe e agora o que temos a fazer é dar a Flora a chefia da expedição. Se alguém nos pode tirar desta situação, será certamente Flora, e somente ela será capaz de nos livrar do que aquela gente nos está preparando. E Kraski, apontando para os negros, concluiu: Começo a pensar que seremos muito felizes se sairmos desta aventura vivos, embora não levando conosco um grama de ouro.

— Que diz você? exclamou Bluber. Então, está pensando em abandonar o ouro?

— A minha opinião é que devemos fazer o que Flora julgar mais conveniente. Se ela achar que é preciso deixar o ouro, assim convém que façamos.

— Sem dúvida, isso é o que devemos fazer, apoiou Throck.

— Estou também de acordo, disse Peebles, tudo que Flora mandar, deve ser feito. O espanhol, com um aceno de cabeça, exprimiu amuadamente o seu assentimento.

— Todos nós estamos de acordo. Bluber. E você o que pensa? perguntou Kraski.

— Se vocês todos estão de acordo, é isto mesmo, como John costuma dizer.

— De agora em diante, Flora, você é o nosso chefe. O que disser será feito. O que devemos fazer então? perguntou Peebles, aguardando a resposta da garota.

— Muito bem. Acamparemos aqui por hoje, para dar descanso aos nossos negros. Amanhã nos poremos a caminho, marchando metódicamente e tratando de caçar para dar carne a essa gente. Eles próprios nos auxiliarão nisso. Depois de lhes termos dado repouso e boa alimentação, avançaremos para a costa muito vagarosamente, a fim de não fatigá-los demais. Este é o meu primeiro plano, que depende, aliás, da nossa habilidade em obter carne pela caça. Se não encontrarmos caça, será preciso recorrer a outro expediente. Neste último caso, enterraremos todo o ouro aqui e trataremos de chegar à costa o mais depressa possível.

Ali chegados, prosseguiu a moça, contrataremos carregadores em número dobrado do que atualmente dispomos e também compraremos mantimentos em grande quantidade. Assim equipados, voltaremos aqui para buscar o ouro, tendo o cuidado de ir escondendo pelo caminho depósitos de viveres para a nossa viagem de retorno, deste modo não precisaremos sobrecarregar os negros com tanto peso. Dispondo as coisas desta forma, poderemos vir aqui duas vezes com quantos carregadores precisarmos, e, dividindo-os em turmas, poderemos manejá-los muito mais facilmente, evitando que, se alastre o descontentamento entre eles. Estes são os meus dois planos. Não pergunto a opinião de vocês sobre eles, porque isso não me interessa. Fizem-me chefe da expedição e doravante vou dirigi-la como bem entender.

— Ela é valente e inteligente, hein? exclamou Peebles. Assim é que eu gosto de ouvir falar.

— Carl, vá chamar o capataz, disse Flora. Momentos após o russo voltava em companhia de um negro corpulento e espadaúdo.

— Owasa, disse Flora ao capataz que estacara diante dela em uma postura militar, há falta de alimento para a nossa gente, que está também sobrecarregada de peso. Vamos hoje ficar acampados aqui para repouso. Amanhã iremos caçar, a fim de poder melhorar o rancho dos nossos homens. Você escolherá três dos seus rapazes

para servirem de batedores e dirigirem a caça para junto de nós. Assim teremos bastante carne, e quando a nossa gente estiver descansada e bem alimentada, partiremos para a costa em marchas vagarosas. Em todos os lugares onde houver abundância de caça faremos o mesmo. Caçaremos e descansaremos. Diga aos seus homens que, se chegarmos à costa com o nosso carregamento intacto, pagarei a cada um deles o dobro do salário que havia sido combinado.

— Como assim?! interveio Bluber alarmado. Pagar o dobro do salário! Flora, você não acha bastante dar-lhes um acréscimo de dez por cento? Já é um esplêndido juro.

— Cale-se, disse Kraski rispidamente. E o judeu emudeceu, balançando-se na cadeira e esfregando as mãos. Mas no íntimo Bluber ainda protestava, sacudindo a cabeça em sinal de desaprovação àquela prodigalidade.

O negro, que viera com fisionomia carregada, em evidente expressão de mau humor, estava agora quase risonho. Dirigindo-se a Flora, disse:

— Vou comunicar aos meus homens e estou certo que de ora em diante a senhora não terá mais aborrecimentos com eles.

— Muito bem. Vá então contar-lhes o que acabei de lhe dizer.

O capataz regressou para junto da sua gente, obviamente contente com o que se passara.

— Afinal começo a ver luz diante de nós, disse Flora.

— Mas prometemos pagar-lhes o dobro do salário, rosnou Bluber, sobre quem o ato com que a garota inaugurara o exercício da sua autoridade causara a pior das impressões.

Ao romper da aurora, no dia seguinte, começaram os preparativos para a caçada. Os negros estavam positivamente transfigurados, ao invés das fisionomias carrancudas da véspera, mostravam-se alegres, sorridentes e rindo ao mesmo tempo que cantarolavam. A perspectiva de uma succulenta refeição de carne fazia reviver naquela gente o temperamento normal do indígena africano. Flora, que dirigia a organização da caçada, dividiu os negros em três grupos, à frente de cada um dos quais foi colocado o que devia capitanear a linha dos batedores. Outros foram colocados ao lado dos brancos para servirem de carregadores das carabinas e, finalmente, alguns ficaram postados como sentinelas guardando o acampamento.

Os brancos, com exceção de Estevão, estavam armados com rifles. O espanhol, que relutava sempre em se submeter à autoridade de Flora, insistiu em caçar com chuços e setas, a fim de manter-se de acordo com o papel que estava representando. O fato de haver caçado durante muitas semanas sem abater um único animal, não parecia suficiente para atenuar a vaidade ridícula de Estevão. Para semelhante atitude contribuía acima de tudo o indiscutível espírito his-triônico do espanhol, que

se integrara por tal forma no seu papel, caracterizara-se com tanta perfeição que não se podia conformar com qualquer desvio que o deslocasse do feitio e dos hábitos do personagem que representava. Realmente o grande ator, que ele era, começava talvez a iludir-se a si mesmo, quase tanto como conseguia enganar os outros. Não era de fato fácil perceber que ali se achava apenas uma contrafação de Tarzan dos Macacos.

Entre os negros da caravana, muitos haviam conhecido pessoalmente o grande Tarmangani e nem por isso duvidavam de que ele ali estivesse. É certo que o instinto que nos indígenas africanos faz às vezes do espírito de observação, freqüentemente induzia os negros que haviam conhecido Tarzan a ficarem intrigados com certas atitudes, que em nada se pareciam com as do homem-macaco. Sobretudo, o fracasso completo de Estevão como caçador desapontou e causava pasmo aos que se tinham habituado a ver em Tarzan o mais eficiente matador de feras.

Flora, que entre os traços do seu espírito sagaz e prático possuía em boa dose o senso diplomático, não julgou conveniente contrariar o companheiro naquele momento. Assim, permitiu que ele caçasse pelos processos que preferia, embora até então o seu fiasco tivesse sido completo. Os outros, entretanto, não ficaram satisfeitos com a decisão da garota.

— Que mal nos faz isso? disse ela, quando o espanhol já havia partido só, para caçar com chuço e seta. Estou certa de que ele não será capaz de usar a carabina com mais eficácia que o chuço e a seta. Carl e Dick são os únicos bons atiradores do nosso grupo e da pontaria deles depende o sucesso da caçada. Quem sabe se a vaidade de Estevão, depois de ter sido hoje tão pisada, não o levará a um esforço extremo? Esperamos que ele consiga esta manhã abater a sua primeira caça.

— Pois a esperança que tenho, é que ele quebre o pescoço e nos deixe livres de sua companhia, disse Kraski. Ele já nos prestou o serviço de que era capaz e para nós seria agora uma felicidade que ele levasse a breca.

— Não, disse Flora com um gesto vivo de cabeça, não devemos falar, nem mesmo pensar em tais coisas. Entramos neste negócio juntos e juntos devemos estar todos até o fim. Você, Kraski, que deseja a morte de Estevão, deve pensar que outros também podem sentir a mesma coisa em relação a você.

— Sim, replicou Kraski, não tenho a menor dúvida de que Miranda deseja ardentemente a minha morte. Nunca vou dormir sem pensar que aquele maldito espanhol é capaz de enterrar-me uma faca antes do amanhecer. E fique sabendo, Flora, que as suas palavras amigáveis em relação a ele não me trazem sentimentos mais cordiais para com aquele patife. Acho mesmo que, desde o princípio, você tem tido condescendência demais com semelhante tipo.

— Se assim é, retrucou a garota em tom áspero, isso não é da sua conta.

Assim começou a caçada. Kraski cheio de pensamentos de vingança contra o espanhol e Estevão torturado por um ciúme feroz. Na alma tenebrosa do espanhol fermentavam os sentimentos mais terríveis. Estevão Miranda não era homem de recuar diante de nenhuma infância, para eliminar o rival e tomar conta da mulher e da parte do ouro que ao outro pertencia, e não era apenas contra o russo que se dirigiam os pensamentos sinistros de Estevão. Detestava todos os outros companheiros. A sua paixão selvagem por Flora fazia com que visse em cada um deles um concorrente ao amor da garota. Dar cabo de todos e ter Flora exclusivamente para si, era uma perspectiva que bem se coadunava com o ritmo dos sentimentos do espanhol. Além do ciúme selvagem, tinha ainda a cobiça do ouro. Se pudesse ficar sozinho com Flora, aos dois ficaria exclusivamente pertencendo a riqueza roubada ao tesouro subterrâneo de Opar.

Deste modo, estava Estevão absorvido por preocupações alheias à caçada, quando chegou a um maciço espesso de arbustos e ervas. Entrando por ali adentro, veio ter a uma grande clareira, onde se viu face a face com um grupo de esplêndidos guerreiros, cuja pele negra parecia de ébano. Surpreendido, o espanhol foi tomado de terror e por algum tempo ficou chumbado ao solo sem poder dar um passo, ou fazer sequer um gesto. Esqueceu-se do papel que estava representando, para só se lembrar de que era um solitário homem branco em plena selva africana, defrontado por um numeroso bando de indígenas que talvez fossem canibais. Foi essa paralisia causada pelo pânico que salvou a vida de Estevão Miranda. Os Waziris, que ali se achavam, tomaram a postura hierática do hístrião petrificado pelo medo como uma atitude majestosa, em que reconheciam o seu amado chefe Tarzan dos Macacos.

— Oh! *Bwana, Bwana*, exclamou um dos guerreiros destacando-se do grupo e correndo para junto daquele em que via o seu chefe protetor. Afinal aqui está Tarzan dos Macacos, senhor da selva e nosso chefe, que já receávamos estivesse perdido. Nós, os fiéis Waziris do nosso chefe, estivemos a procurá-lo todo esse tempo e agora mesmo estávamos dispostos a marchar sobre Opar, pensando que o nosso senhor houvesse sido capturado e lá estivesse prisioneiro.

Aquele negro, que uma vez estivera em Londres como criado de Tarzan, sabia exprimir-se em mau inglês. E vaidoso, como todos os africanos, nunca perdia ensejo de fazer figura diante dos seus companheiros, ostentando o seu conhecimento da língua dos brancos. A circunstância de ser esse indivíduo o primeiro Waziri com que entrou em contato, foi de incalculável vantagem para Miranda. Procurara aprender um pouco da língua dos indígenas contratados na costa ocidental para servirem como carregadores na expedição, mas o espanhol tinha muita dificuldade em utilizar esses rudimentares conhecimentos lingüísticos, adquiridos às pressas. Quanto ao idioma

do Waziris, Estevão não entendia patavina. Flora tivera o cuidado de industrializar o espanhol em tudo que se relacionava com a vida e hábitos de Tarzan. Assim, não lhe foi difícil atinar que se achava diante de um grupo de Waziris, os indígenas muito dedicados ao homem-macaco e sobre os quais Flora tanto lhe falara.

Estevão estava impressionado com os negros que tinha diante de si. Até então não vira na África indígenas como aqueles, altos, fortes, de pele cor de ébano, com feições regulares e fisionomia inteligente. Parecia ao espanhol estarem os Waziris, na escala da evolução, tão acima dos indígenas da costa ocidental, quanto estes se acham em relação aos macacos. Não se podia negar que Estevão Miranda, além de ser um perfeito ator, era dotado de uma inteligência viva e que apreendia rapidamente as coisas. Não fossem essas qualidades, e grandes teriam sido o medo e a desolação do espanhol ao descobrir ali aquele bando de negros fiéis a Tarzan. Por algum tempo Estevão se conservou em silêncio concertando um plano de ação e, enquanto pensava em agir de forma a iludir aqueles selvagens, o pouco escrupuloso espanhol teve uma idéia. Dirigindo a palavra ao negro que entendia um pouco de inglês, disse:

— Depois de me ter separado de vocês, descobri que um grupo de brancos acompanhados por muitas dezenas de indígenas andavam por aqui. Seguindo-os, verifiquei que eles tinham ido roubar ouro nos subterrâneos de Opar, consegui encontrar o acampamento dessa gente e andava exatamente à procura de vocês, porque aqueles ladrões são em grande número e trazem consigo um pesado carregamento de barras de ouro. Sigam-me, portanto, até ao acampamento dos intrusos, onde iremos apanhar o ouro que eles roubaram de Opar. E, seguido pelo bando de Waziris, Estevão encaminhou-se para o acampamento.

Enquanto seguiam pelo trilho de caça, através da selva, Usula, o negro que sabia falar inglês, caminhava ao lado do espanhol, sobre quem os Waziris não tinham a mínima dúvida que fosse Tarzan dos Macacos. Estevão ouvia os indígenas que vinham atrás conversar na sua língua, da qual ele nenhuma palavra entendia. Escutando aquele tagarelar, o espanhol pensava, todo assustado, na possibilidade de se ver obrigado a falar com aquela gente, cujo idioma Tarzan certamente conhecia de modo perfeito.

Veio-lhe então a lembrança de um episódio da vida do homem-macaco, que lhe fora narrado por Flora. Era o caso de um ferimento na cabeça, recebido por ocasião de uma das visitas a Opar e do qual lhe resultará uma perda temporária da memória. O espanhol pensou se não seria muito arriscado e comprometedor atribuir à falta de memória os lapsos e lacunas que não poderia agora evitar no desempenho do seu papel mas, considerando bem o caso, achou que o melhor que podia fazer era tirar partido daquela informação dada pela antiga criada dos Greystokes. Voltando-se

para Usula, disse-lhe:

— Você se lembra daquela pancada que recebi em Opar e que me fez perder a memória?

— Sim, *Bwana*, bem me lembro disso.

— Pois você sabe o que me aconteceu? Sofri outro acidente igual. Uma árvore caiu quando caminhava pela selva e um dos galhos bateu na minha cabeça com tanta força e de tão mau jeito que fiquei outra vez esquecido. Felizmente não perdi completamente a memória, como sucedeu em Opar. Mas não me lembro de uma porção de coisas e receio ter esquecido também muitas outras. Por exemplo não há meio de me lembrar do seu nome, assim como não me recordo mais da linguagem dos Waziris e não entendo esta conversa dos nossos homens. É uma massada, este esquecimento da língua de vocês: se isto não desaparecer, terei no futuro grandes dificuldades em lidar com o meu povo. O negro olhou compassivamente para o ator, que representava tão bem o papei de Tarzan.

— Meu senhor, meu grande *Bwana*, o coração de Usula está cheio de tristeza ao saber que lhe aconteceu coisa tão desagradável. Com certeza isso passará, como passou da outra vez, mas enquanto o meu senhor estiver assim, Usula fará as vezes da sua memória.

— Muito bem, Usula. É bom que você avise os outros do que me aconteceu e lhes diga como estou desmemoriado. Vou ter muitas dificuldades, porque há uma porção de coisas de que não me posso lembrar. Assim, esqueci o caminho de casa e sem vocês não poderia voltar para a minha propriedade. Além disso, a minha vista, o meu ouvido e o meu olfato ficaram embotados. Espero que você tenha razão e que isto passe e eu volte breve a ser o mesmo homem que era.

— Os Waziris, que são tão fiéis ao seu senhor e chefe, ficarão alegres quando chegar o dia do seu restabelecimento completo.

Ao se aproximarem do acampamento, Estevão disse a Usula que ordenasse silêncio aos Waziris e, assim, se foi avizinando da orla da clareira, de onde os negros puderam ver todo o acampamento com o seu cercado de emergência, cabanas e material de equipamento. Uma meia dúzia de “askaris” montavam guarda.

— Diante da nossa superioridade numérica, aqueles homens não tentarão resistir, disse o espanhol. Disponha a nossa gente ao redor da clareira, de modo a que em um dado momento possamos envolver o acampamento. Feito isto, você irá dizer àqueles “askaris” que Tarzan dos Macacos acaba de chegar com os seus fiéis Waziris para tomar o ouro roubado dos subterrâneos de Opar. Acrescente que Tarzan está disposto a poupar-lhes a vida. se eles não tentarem resistir e saírem desta região imediatamente para nunca mais voltar aqui.

Se porventura conviesse à realização do objetivo do espanhol a eliminação daqueles “askaris”, ele não teria tido escrúpulo ou sentimento de compaixão que o inibisse de dar ordem a Usula para avançar com seus homens e massacrar os pobres guardas, mas no cérebro sutil de Estevão Miranda estava sendo elaborado um plano mais inteligente. O espanhol precisava que a vida dos “askaris” fosse poupada, a fim de que eles contassem ao resto da gente da expedição que haviam visto Tarzan dos Macacos. Estevão queria ainda dizer a um dos “askaris” alguma coisa que tinha interesse fosse repetida a Flora e aos seus companheiros.

Estevão explicara a Usula que não devia deixar os Waziris entrar na clareira, enquanto ele, Tarzan, não o tivesse feito. Cerca de quinze minutos foram empregados na distribuição dos negros, segundo as instruções do espanhol. Depois, Usula veio comunicar ao seu chefe que as ordens estavam cumpridas e tudo pronto. Estevão lhe disse que ficasse de sobreaviso e que, logo que da clareira ele levantasse a mão, fizesse imediatamente avançar os Waziris.

Somente um dos “askaris” que se achavam de guarda viu Estevão entrar na clareira e muito naturalmente o tornou como o mesmo personagem que fazia parte da expedição. Ao se aproximar do negro, o espanhol lhe disse imperiosamente:

— Sou Tarzan dos Macacos e vim com os meus Waziris buscar o ouro que vocês roubaram em Opar. A clareira está rodeada pela minha gente e qualquer resistência é inútil. Se vocês não me forcarem a atacá-los poupar-lhes-ei a vida.

Ditas estas palavras, acenou com a mão. Cinquenta Waziris ágeis e fortes entraram em marcha acelerada pela clareira, saindo dos pontos em que se achavam ocultos por entre as árvores. Os “askaris” encararam aterrorizados os atacantes e nervosamente agarraram as suas carabinas.

— Não atirem. Se o fizerem serão mortos. E Estevão se aproximou ao mesmo tempo que os Waziris se acercavam também dele e dentro em pouco estavam rodeando completamente o cercado do acampamento. — Fale-lhes agora, Usula, ordenou o espanhol.

O Waziri adiantou-se e dirigiu a palavra aos “askaris”.

— Nós somos os Waziris e este é Tarzan dos Macacos, senhor da selva e nosso chefe. Aqui estamos para retomar o ouro de Tarzan que vocês roubaram dos subterrâneos de Opar. Por esta vez, terão as vidas poupadas, mas com a condição de partirem imediatamente desta terra e de nunca mais porem os pés aqui. Digam aos seus chefes estas coisas e também que Tarzan está vigilante e que os seus Waziris vigiam ao seu lado. Deponham imediatamente as armas.

Os “askaris” ficaram contentíssimos com a inesperada libertação que lhes era oferecida. Estavam fatigados e descontentes e nada mais desejavam senão escapar a

uma situação tão desagradável. Submetam-se, pois, satisfeitos, à ultimização de Usula. Poucos momentos depois os Waziris tinham transposto o cercado e sob a direção de Estevão arrecadavam as barras de ouro. Enquanto isso, o espanhol se aproximou de um dos “askaris”, que sabia falava um pouco de inglês.

— Diga ao seu chefe que deve dar graças a Deus pela clemência de Tarzan, que se contentou com o tributo de uma única vida em expiação do que vocês fizeram, violando as suas terras e saqueando o seu tesouro. O indivíduo que teve a audácia de se disfarçar como Tarzan dos Macacos foi morto por mim, e levarei o seu cadáver para dá-lo como ração aos leões. Diga aos brancos que os trouxeram até aqui que Tarzan perdoa e não lhes pedirá contas nem mesmo por terem querido envenená-lo quando visitou o acampamento deles. Mas também lhes diga que essa benignidade é com a condição de que não divulguem o segredo de Opar. Tarzan vigia e os seus Waziris vigiam com ele, por isso ninguém põe o pé na África sem que Tarzan o saiba. Antes de eles saírem de Londres, eu já conhecia os planos que estavam concertando. Não deixe de lhes dizer isso.

Em poucos minutos os Waziris tinham reunido todas as barras de ouro e com Tarzan, seu chefe, saíram do acampamento, embrenhando-se na mata e deixando os “askaris” estupefatos diante da cena que tão rapidamente se desenrolara.

Já havia passado muito de meio-dia quando Flora e os quatro homens voltaram ao acampamento, acompanhados pelos negros risonhos e alegres com os resultados de uma excelente caçada.

— A fortuna realmente sorriu para nós, disse Kraski dirigindo-se a Flora. A caçada foi magnífica. Temos carne para muitos dias e, com os estômagos cheios, estes negros marcharão depressa.

— Direi mesmo que agora vejo as coisas se tornarem melhores, afirmou Bluber em tom otimista.

— Por certo que sim! exclamou Throck. Eu não lhes dizia que Flora era um anjo?

— Que diabo é aquilo? perguntou Peebles. Que* é que houve ali? E apontou para o cercado, donde os “askaris” saíam correndo ao encontro dos recém-chegados.

Em grande excitação, os “askaris”, antes mesmo de chegarem perto dos cinco europeus, prorromperam em gritos:

— Tarzan dos Macacos esteve aqui! Vieram com ele uns mil guerreiros fortes e valentes que nos atacaram. Resistimos e combatemos, mas afinal fomos subjugados. Apanharam todo o ouro e foram-se embora.

Tendo-se acalmado um pouco, um dos “askaris” assim falou:

— Enquanto os guerreiros arrecadavam o ouro, Tarzan dos Macacos me falou o

que vou repetir. O grande Tarmangani me disse que matara um dos membros do grupo dos senhores que se atrevera a apresentar-se como Tarzan dos Macacos. Confesso que não entendo o que isto significa. De manhã, como os senhores viram, Tarzan dos Macacos estava aqui conversando com os senhores. Depois foi caçar sozinho e algum tempo mais tarde voltava com uns mil guerreiros, atacando o acampamento, subjugando-nos e carregando todo o ouro. Ameaçou-nos de morte e também aos senhores, se não sairmos já daqui para nunca mais voltar a esta terra.

— Que está você dizendo? exclamou Bluber angustiosamente. O nosso ouro foi-se todo embora? Que horror!

Os outros, não menos agitados que o judeu, começaram a interrogar o “askari” desordenadamente, fazendo-lhe as perguntas mais diversas. Afinal, Flora impôs silêncio.

— Venha cá, disse a garota ao chefe dos “askaris”. Acompanhe-me e, quando estivermos dentro do cercado, você

me contará tudo que se passou desde a nossa partida esta manhã.

Uma vez no acampamento, Flora Hawkes ouviu atentamente a narrativa do indígena. Interrogou-o em seguida a cerca de vários pontos, submetendo o “askari” a uma inquirição rigorosa. Satisfeita com o interrogatório, a garota mandou embora o “askari” e foi conferenciar com os seus companheiros.

— O caso para mim está perfeitamente esclarecido. Tarzan não morreu com o veneno que lhe administramos na xícara de café. O seu forte organismo reagiu e lorde Greystoke voltou a si, provavelmente sem sofrer consequências sérias do envenenamento. Foi então procurar os seus Waziris e, juntando-se a eles, andou batendo a mata em nosso encalço. Encontrou Estevão e sem misericórdia deu cabo dele imediatamente. Descobriu afinal o nosso acampamento, carregou todo o ouro e foi-se embora. Podemos, entretanto, estar certos de que Tarzan não está longe de nós e nos está vigiando. Creio que seremos as criaturas mais felizes do mundo se conseguirmos chegar vivos à costa.

— Sim, sim, resmungou Bluber furiosamente. Que malandro, aquele patife! O ladrão furta-nos todo o nosso ouro e no negócio ainda perdemos nossas duas mil libras.

— Cale a boca, judeu sujo, rosnou Throck. Isto aconteceu por culpa sua e daquele maldito espanhol. Foram as caçadas daquele idiota, que não caçava coisa alguma, e a sua sovinice, discutindo cada vintém que se tinha de gastar, que nos meteram neste embrulho. Ainda bem que o Tal Tarzan liquidou aquele raio do espanhol. Nunca em toda a sua vida fez coisa tão bem feita, ù que sinto é que você, judeu de uma figa, não estivesse também aqui para receber de Tarzan a parte que lhe

cabia. A minha vontade é apertar-lhe a garganta, até que você entregue a alma ao diabo.

— Basta, Dick, interveio Peebles. Não há razão para tanta zanga e a verdade é que nenhum de nós é culpado disto. Em vez de estarmos a brigar uns com os outros, devemos seguir imediatamente no encalço desse valentão, o tal Tarzan, e retomar o nosso ouro que ele carregou.

Flora Hawkes deu uma gargalhada.

— Ora, nós não temos uma só probabilidade de êxito na louca aventura que você propõe, Peebles. Conheço Tarzan a fundo. Mesmo que ele estivesse só, não seria para nós uma brincadeira enfrentá-lo, mas Tarzan está acompanhado por um grande bando de seus Waziris e em toda a África não há guerreiros que se comparem com aqueles indígenas, dedicados de corpo e alma ao homem-macaco. Os Waziris se bateriam por Tarzan como leões. Quer experimentar, Peebles? Vá dizer aos nossos negros que vamos levá-los a um combate com os Waziris de Tarzan e dentro de cinco minutos não teremos um só preto aqui perto de nós. O simples nome de Tarzan basta para apavorar esses indígenas da costa ocidental e eles prefeririam enfrentar o diabo. Não, meus senhores, deixemo-nos de ilusões. A partida está perdida e só nos resta sair daqui o mais depressa possível. E se conseguirmos escapar com vida, devemos dar graças às estrelas que nos guiam e protegem. O homem-macaco está a vigiar-nos e eu não ficaria surpreendida se me dissessem que neste momento mesmo ele está aqui por perto a nos espiar.

Os companheiros de Flora ficaram visivelmente impressionados pelo tom grave em que ela pronunciara as suas últimas palavras. Automaticamente, todos começaram a olhar desconfiados, como se estivessem a procurar nas árvores da orla da clareira o perfil terrível do homem-macaco.

— Tarzan não nos deixaria voltar a Opar para trazer mais ouro dos subterrâneos, mesmo no caso em que os nossos negros estivessem dispostos a acompanhar-nos, acrescentou Flora.

— Duas mil libras, duas mil libras! murmurava Bluber e a sua voz mais parecia um gemido. E esta roupa que me custou vinte guinéus e que nunca poderei usar na Inglaterra, a não ser em algum baile a fantasia, gênero de diversão que não me agrada.

Durante todo -o tempo, Kraski, silencioso, tinha os olhos fixos no chão. Afinal o russo levantou a cabeça, dizendo:

— Perdemos o nosso ouro e antes de chegarmos à Inglaterra teremos gasto o saldo das nossas duas mil libras. Esta expedição foi um completo fracasso. Segundo me parece, vocês estão resignados a esse prejuízo e conformem-se com a idéia de

saírem falidos da África. Mas eu penso de outro modo. Na África não existem apenas os tesouros de Opar. Há muita coisa que se pode converter em dinheiro. Não vejo motivo para que, saindo dessa região, não procuremos algum meio de ganhar o que nos poderá compensar o tempo perdido e o capital que invertemos nesta aventura.

— Que quer você dizer com isso, Carl? perguntou Peebles.

— Tenho passado muito tempo a conversar com Owaza. A minha intenção nestas palestras era aprender um pouco a língua dos indígenas. Assim, vim a saber muita coisa da vida daquele velho malandro. Ele é tão canalha quanto se quiser que ele seja. Quanto a assassínios, Owaza já os cometeu tantos que, se fosse enforcado por todos eles, precisaria ter mais vidas que um gato. Mas, apesar de tudo isso, é um velho muito astuto e sagaz e eu aprendi com ele muita coisa mais interessante que a sua língua de macaco. Estou convencido de que se nos unirmos a Owaza e soubermos tirar partido da sua habilidade e do seu conhecimento destas terras, poderemos levar da África o que seja uma sólida recompensa pelos incômodos e riscos que aqui passamos. Devo acrescentar que, quanto a mim, recuso desistir do ouro de Opar. O que perdemos está perdido e não vale mais a pena pensar nisso, mas nos subterrâneos ainda há muito ouro para se ir buscar e algum dia, passada a impressão deste golpe, voltarei à procura da minha parte.

— Vejamos o outro assunto de que você falou, interveio Flora. Em que nos pode Owaza ser útil?

— Há por aqui, explicou Kraski, um pequeno bando de árabes, caçando escravos e furtando marfim. Owaza sabe onde eles estão agindo e conhece o local do seu principal acampamento. Os árabes são em pequeno número e os negros que estão com eles são todos escravos, que à primeira oportunidade se insurgirão contra os seus opressores. O plano é o seguinte: com a gente de que dispomos podemos facilmente subjugar os árabes e tomar-lhes o marfim. Para isso basta que os escravos fiquem ao nosso lado. Nós não queremos ficar com os escravos. Podemos, portanto, prometer-lhes a liberdade em troca do auxílio que nos prestarem. A Owaza e à sua gente daremos como recompensa uma parte do marfim.

— Como é que você sabe que Owaza nos ajudará nisto? perguntou Flora.

— O plano que lhes acabei de expor é do próprio Owaza, respondeu Kraski.

— Acho excelente a idéia, disse Peebles, eu também custo a me resignar a voltar à Inglaterra com as mãos vazias.

E, um por um, todos se mostraram de acordo com o projeto.

Um estranho perfume de incenso

QUANDO Tarzan saiu da aldeia daqueles primitivos e selvagens Gomanganis, carregando o cadáver do homem-gorila, dirigiu os seus passos para o grande e curioso edifício que avistara do alto da encosta da várzea. A curiosidade do homem sobrepunha nele o instinto de prudência inerente ao animal da selva. O homem-macaco caminhava agora contra o vento e assim a brisa lhe trouxe às narinas o odor característico daquela residência dos Bolganis. Com a sensibilidade apurada que possuía, Tarzan dentro em breve pôde distinguir no cheiro que o vento lhe trazia ao nariz o odor característico do homem-gorila, e dos Gomanganis, misturado ao de alimentos que estavam sendo cozidos e também um estranho perfume que parecia ser de incenso. O homem-macaco achou inexplicável este último perfume, que não podia compreender como provinha de uma habitação de Bolganis.

Pensando sobre o caso, Tarzan perguntava a si mesmo se naquele grande edifício que tanto o impressionara e que certamente fora edificado por homens de remota antigüidade, não haveria ainda moradores humanos. Entretanto, não lhe era possível distinguir no meio dos múltiplos odores que ia farejando o cheiro peculiar do homem-branco. Percebendo pela intensificação dos odores que se achava muito perto da residência dos Bolganis, o homem-macaco, sempre trazendo às costas o cadáver de sua vítima, achou preferível trepar às árvores, não só como medida de segurança, mas também para poder melhor observar o estranho edifício que tanto o intrigava. De entre a folhagem que o ocultava, Tarzan teve enfim um golpe de vista sobre aquele misterioso monumento. Observou primeiro uma alta muralha. Por trás desta pôde apenas distinguir uma estranha, ou antes, sinistra massa de construção, cujo estilo parecia pertencer a um outro mundo.

Realmente, a arquitetura daquele edifício maravilhoso não era da terra ou pelo menos da terra como a conhecem os homens que ora a habitam. Do seu posto de observação, o homem-macaco sentia agora muito mais forte a catanga dos Bolganis e o perfume do incenso, a que se misturava o cheiro por ele tão conhecido de Numa, o leão. Em torno da vasta edificação havia um espaço de uns quinze metros de terreno limpo, de modo que nenhum galho de árvore se projetava por sobre a muralha, o que impedia Tarzan de empregar o seu método habitual de observação do interior dos lugares cercados. O homem-macaco aproximou-se o mais possível, tendo sempre o cuidado de se esconder entre a folhagem. Para observar, escolheu a ponta de um galho bem alto e donde tinha perspectiva suficiente para examinar o que ficava para além da muralha.

Da inspeção do interior da grande tapada verificou Tarzan coisas muito interessantes. Não se tratava de um único edifício como a princípio julgara, mas de várias construções que evidentemente haviam sido erguidas em épocas diferentes, cada uma delas com um estilo arquitetônico peculiar. Entretanto, aqueles diferentes edifícios pareciam obedecer aos objetivos de uma plano e em conjunto formavam um todo que se harmonizava perfeitamente e cuja impressão estética global era positivamente agradável. As edificações elevavam-se todas em um terrapleno evidentemente artificial e da borda desse grande terraço, que era sustentado por uma muralha circundante de granito, descia uma escada também de pedra. Ao redor das edificações se viam árvores e arbustos, sendo que alguns muito velhos. Uma grande torre estava quase literalmente coberta por hera.

O que havia, porém, de mais impressionante naquelas misteriosas edificações era o caráter bárbaro dos seus motivos ornamentais. As paredes, todas de granito polido, ostentavam ornamentações de um mosaico de ouro e diamantes. Pedras brilhantes, cujo número devia andar por muitos e muitos milhares, faiscavam nas fachadas, minaretes, zimbórios e torres. A grande tapada que deveria ter uma área de mais ou menos quinze hectares era ocupada na sua maior extensão pelo grupo de edifícios. O terraço em que se erguiam as construções estava cheio de flores, árvores e arbustos ornamentais.

O terreno situado embaixo e ao redor dele parecia destinado a jardins e hortas. No jardim do terraço, pôde Tarzan ver muitos negros nus. Eram do mesmo tipo dos habitantes da aldeia que o homem-macaco pouco antes visitara. Havia homens e mulheres, sendo que estas últimas se achavam ocupadas em trabalhos de jardinagem. Alguns homens-gorilas semelhantes ao que Tarzan matara, passeavam pelo jardim. Não trabalhavam, porém, parecendo dirigir os negros, o que faziam de modo arrogante e autoritário, tornando-se por vezes brutais para com aqueles indígenas. Todos os homens-gorilas ostentavam ornamentos análogos aos do cadáver agora colocado sobre um galho a pouca distância do homem-macaco.

Enquanto Tarzan fazia estas observações, dois homens-gorilas transpuseram um portão aberto na muralha e que devia ter uns dez metros de largura e uns cinco de altura. Os dois tinham a cabeça envolvida em panos, onde se achavam espetadas grandes plumas brancas. Colocando-se dos dois lados do portão, os homens-gorilas puseram a mão à boca, assobiando com força e produzindo sons que se assemelhavam a toques de cometa. Imediatamente os negros suspenderam o trabalho, descendo do terraço para o jardim e formaram alas embaixo, a partir dos degraus, enquanto os homens-gorilas se dispunham também em alas desde a porta principal de um grande edifício, até os degraus.

Pouco depois se ouviram do interior do edifício outros assobios como toques de

cometa e logo em seguida Tarzan viu sair da porta o que devia ser uma procissão. A quatro de frente avançavam quatro Bolganis encabeçando o cortejo, cada um trazia o adorno de plumas à cabeça e empunhava um formidável cacete em posição erecta. Após esses quatro, vinham dois corneteiros e a uns sete metros à retaguarda seguia um formidável leão de juba negra, ao qual se prendiam quatro tiras seguras por outros tantos negros robustos, colocados dois de cada lado. As tiras pareciam ser cadeias de ouro presas a um magnífico colar de diamantes posto ao pescoço do animal. A quatro de frente marchavam mais vinte homens-gorilas, acompanhando o leão. Estes últimos traziam chuços. Tarzan ficou sem saber se as armas se destinavam a proteger o leão contra os negros formados no terreiro ou a defender estes contra a fera.

A atitude dos Bolganis formados em alas da porta do edifício à escada era a do mais profundo respeito e quando o leão passava, eles se iam curvando em uma profunda reverência. Assim que a procissão chegou aos degraus do terraço, os Gomanganis formados embaixo prostraram-se por terra, encostando as faces ao chão. Numa, que evidentemente era um velho leão, ficou em majestosa postura, como se estivesse inspecionando os negros humildemente prostrados embaixo. Os olhos cruéis da fera fixavam-se glacialmente sobre os Gomanganis que vibraram em um sobressalto de pavor, quando da goela de Numa irrompeu um ominoso rugido. Tarzan franzia o sobrolho em uma atitude de pasmo diante do que assistia. Nunca fora testemunha de um quadro tão desolador de humilhação do homem perante uma fera. A procissão desceu as escadas do terraço, passou entre os Gomanganis prostrados por terra e fez solenemente marcha para a direita. Passado o cortejo, os negros ergueram-se e voltaram ao trabalho, dirigidos sempre pelos homens-gorilas.

Tarzan, escondido no seu posto de observação, procurava encontrar uma explicação para as estranhas cenas que observava naquele misterioso local. O leão, e o seu pomposo séquito tinham desaparecido por trás do bloco de edifícios. Que seria aquele animal? Que papel representaria para aquelas curiosas criaturas? Qual a razão daquela extravagante inversão de hierarquia natural das espécies? Seres humanos que o eram indiscutivelmente apesar de atrasados, os Gomanganis achavam-se em situação subalterna diante de criaturas semibestiais como os homens-gorilas. E acima de todos aparecia como senhor supremo uma fera autêntica, um grande carnívoro.

Por mais de um quarto de hora após Numa e o seu cortejo terem desaparecido do lado oriental do palácio, permaneceu Tarzan absorto pelo enigma que tudo aquilo para ele representava. Dessa meditação foi despertado por novos assobios que pareciam toques de cometa, partidos do lado oposto do bloco de edifícios. Voltando-se, o homem-macaco viu que a mesma procissão regressava e, depois de haver

contornado a fachada ocidental do palácio, enfrentava a mesma escada por onde descera, subindo agora por ela para o terraço. Logo que os Gomanganis e os homens-gorilas ouviram os assobios simulando toques de cometa, correram como da primeira vez para se disporem em alas, os negros no terreiro e os Bolganis sobre o terraço. E entre essas alas, tal qual acontecera por ocasião da saída, Numa, acompanhado pelo séquito, passou majestoso, fazendo verdadeira entrada triunfal no edifício.

Tarzan dos Macacos mergulhava os dedos na cabeleira, cocando a cabeça, como era seu costume, quando o preocupava um problema qualquer, mas o esforço para compreender foi mais uma vez inútil. O mistério daquele esquisito cerimonial não tinha explicação. A curiosidade do homem branco estava tão espiciçada, que resolveu não seguir em procura de uma passagem para fora da grande várzea, sem haver primeiro explorado as cercanias da misteriosa tapada, e, se possível, ir mesmo indagar o que havia naquele recinto impressionante e sinistro.

Tendo deixado o cadáver do Bolgani no lugar em que o pusera, Tarzan fez o circuito do grande bloco de edifícios, saltando de árvore em árvore e sempre oculto pela folhagem da floresta. Observou que a arquitetura e os motivos ornamentais dos edifícios eram os mesmos nos quatro lados do bloco. O jardim também não apresentava diferença a não ser na face sul, onde uma extensão regular do terreno era ocupada por cercados e currais, em que havia muitas cabras e abundância de galinhas. Ali também se viam muitas cabanas suspensas, exatamente do tipo que Tarzan observara pouco antes pela primeira vez na aldeia dos Gomanganis, em que matara o homem-gorila. Concluiu que aquelas choupanas, suspensas constituíam os alojamentos dos indígenas escravos que faziam no palácio os serviços de criados e jardineiros.

A alta muralha de granito que formava a tapada, tinha apenas uma abertura do lado do oriente. Nessa entrada havia um portão de construção muito sólida e que parecia ter sido preparado para resistir aos ataques de inimigos fortes e numerosos. Esse portão era tão resistente que Tarzan teve a impressão de que ele fora construído para opor-se a inimigos armados de poderosos aríetes. Realmente, só com máquinas desse tipo seria possível a atacantes que não dispusessem de artilharia romper passagem através daquela formidável porta.

Como durante os tempos históricos nunca existiu naquela região da África um povo dispondo de armamento aperfeiçoado como os aríetes, Tarzan concluiu que aquela muralha e aquele portão deviam datar de épocas de uma remotíssima antigüidade. E prosseguindo no seu raciocínio, formulou a conjectura de que se tratasse de uma construção feita por habitantes pré-históricos da África ao tempo em que os atlântidas penetravam ali para estabelecer colônias e explorar o ouro das

minas de Opar. Assim, a muralha de granito e o portão apareciam ao homem-macaco como vestígios de idades imemoriais, em que no continente africano os atlântidas pelejavam com outro povo talvez ainda mais antigo e a cuja arte se podiam atribuir os edifícios misteriosos que ali faiscavam com os seus cintilantes mosaicos de ouro e diamantes.

Aliás, não eram apenas a muralha e o portão que justificavam aquela conjectura. Os próprios edifícios, cujo conjunto formava o palácio, tinham um estilo e uma ornamentação reveladores de tendências estéticas e de uma mentalidade tão diferente das do homem atual, que era lícito pensar que os seus construtores haviam sido artistas de uma raça esquecida no passado e afastada de nós por incalculáveis lapsos de tempo. Entretanto, tudo se achava tão bem conservado que não se podia afastar a idéia de que ainda hoje aquele palácio antiqüíssimo estivesse sendo habitado por criaturas racionais e inteligentes.

Aliás, a hipótese que se apresentava como lógica ao espírito de Tarzan tornou-se fato evidente diante do que viu ainda do lado sul do palácio. Construía-se ali uma torre nova em cuja edificação trabalhavam muitos Gomanganis, sob a direção dos homens-gorilas. Os negros faziam obra da cantaria, cortando blocos de granito, que iam sendo colocados de modo a formarem as paredes da torre. O homem-macaco havia se postado por entre a folhagem de uma árvore em frente o grande portão do lado oriental quando viu emergir da floresta, entrando na tapada, um grande destacamento de negros, divididos em grupos, de quatro, cada um dos quais carregavam um bloco de granito.

Na vanguarda e à retaguarda dos carregadores marchavam vários Bolganis, acompanhados por troços de negros armados de foices de combate e de chuços. O porte dos homens-gorilas, contrastando com a atitude submissa dos negros que transportavam as pedras, lembrou a Tarzan uma tropa de jumentos conduzida por tropeiros. Se os negros carregadores afrouxavam na caminhada, eram logo espetados pelos chuços ou espancados com os cabos destes. O tratamento dispensado àqueles infelizes não era por certo menos brutal que o recebido em geral pelos animais de carga. E nas fisionomias dos Gomanganis estampava-se a mesma passividade resignada das mulas. -Aqueles seres humanos inferiores e escravizados não passavam de fato de um rebanho de gado dócil e submisso. Vagarosamente transpuseram o portão e pouco depois desapareciam em um canto da tapada.

Pouco depois saiu das brenhas outra coluna constituída por uns cinqüenta homens-gorilas e por uns cem Gomanganis armados de foices e chuços. Esta tropa entrou também pelo portão para o terreiro do palácio. No meio da coluna, quatro robustos carregadores transportavam uma liteira, sobre a qual se achava uma caixa que poderia ter um metro e pouco de comprimento sobre sessenta centímetros de largura

e outro tanto de altura. A caixa era de madeira escura, parecendo ser muito antiga. Aos cantos viam-se placas de ouro cravejadas de diamantes. É claro que Tarzan não podia formar uma idéia do conteúdo do cofre, mas evidentemente se tratava de coisa valiosa, a julgar pelas precauções marciais com que havia sido cercado o seu transporte. A coluna encaminhou-se para a torre situada no canto nordeste do bloco de edifício, onde penetrou por uma porta que o homem-macaco observou então pela primeira vez, verificando ser ela tão grande como a do portão da tapada e de estrutura tão resistente como a deste.

Tendo o cuidado de conservar-se sempre oculto entre a folhagem, Tarzan voltou pelas árvores até aquela em que depositara o cadáver do Bolgani. Tomando o corpo, retornou com as mesmas precauções até a árvore fronteira ao grande portão do lado oriental. Ali aguardou um momento em que não havia negros ou Bolganis andando pelas proximidades e então arremessou o cadáver do homem-gorila para junto do portal.

— Agora, murmurou o homem-macaco, que estes monos tratem de adivinhar quem matou o seu companheiro.

Feito isto, Tarzan partiu na direção do sueste, em demanda das montanhas que circundavam a grande várzea do Palácio dos Diamantes. No percurso, o homem-macaco tinha freqüentemente de fazer grandes desvios para evitar as várias aldeias de Gomanganis e também as numerosas patrulhas de homens-gorilas, que pareciam cruzar a mata em todas as direções. Já quase ao cair da tarde, Tarzan chegou à linha das colinas, donde pôde apreciar a cadeia de montanhas que se erguia para além. Eram montanhas íngremes, culminando em penhasco a pique, que se erguiam distintamente acima da vegetação das encostas.

Diante de si estava um trilho que ia ter a uma garganta dirigida no sentido da crista da serra. Era um ponto pelo qual podia começar a sua pesquisa. Tendo verificado que não havia ninguém nas vizinhanças, Tarzan desceu das árvores e seguiu pelo trilho, procurando sempre chegar-se às moitas e arbustos que o marginavam, a fim de diminuir os riscos de ser avistado. Muitas vezes era obrigado a entrar pelo matagal, porque o trilho era muito transitado por grupos de Bolganis e de negros, que iam com as mãos vazias na direção das montanhas, enquanto outros de lá voltavam carregando blocos de granito. Apesar desses contratempos, Tarzan se aproximava rapidamente da serra.

À medida que ia subindo pela encosta íngreme, encontrava matagal mais ralo, pelo meio do qual a marcha era , mais fácil, embora muito maior fosse o perigo de ser descoberto. Contudo, o instinto de animal da selva, tão desenvolvido no homem-macaco, permitia-lhe ocultar-se em condições nas quais qualquer de nós ficaria descoberto a todos os inimigos. Mais ou menos a meia altura da encosta o trilho

atravessava uma estreita passagem entre duas paredes de granito a pique e que não teria mais de seis metros de largura. Naquele ponto não havia absolutamente meio de ocultar-se e Tarzan compreendeu bem que entrar naquele corredor envolvia quase a certeza de vir a ser descoberto. Examinando o local, o homem-macaco verificou que, fazendo um desvio, poderia galgar o alto de passagem, onde, entre blocos soltos de granito e raquíticos arbustos e árvores, não somente teria meio de se esconder, como também um ótimo observatório para inspecionar todo o caminho pela serra acima.



Ao ver o rosto da mulher, Luvini recuou espantado.

Essas previsões foram pouco depois confirmadas. Chegando ao alto do estreito corredor, Tarzan observou facilmente a parte superior da encosta montanhosa. No alto da serra notava-se uma grande abertura, a cujos lados se viam muitas outras de menores dimensões e que o homem-macaco concluiu não poderem ser senão bocas de túneis. Escadas toscas de madeira estavam encostadas a algumas daquelas aberturas, enquanto de outras pendiam cabos que vinham ter ao terreno embaixo. Dos túneis saíam de vez em quando homens trazendo sacos dos quais tiravam terra, que iam acumulando em um montão junto à borda de um regato. Ali, outros negros levavam aquela terra sob a vigilância de homens-gorilas. Tarzan, entretanto, não atinava com o que eles procuravam naquela terra retirada do seio da montanha.

O homem-macaco pôde ainda observar que em muitos pontos da montanha grupos de negros, sempre fiscalizados por Bolganis, trabalhavam tirando granito de pedreiras. Ali estavam selvagens trabalhando com instrumentos primitivos na retirada de pedra para construções. Sobre este ponto não havia dúvida. Tão clara não era a natureza do serviço que os outros grupos de Gomanganis efetuavam, sob a direção dos homens-gorilas, levando terra. Tarzan conjecturava tratar-se da procura de ouro. Mas perguntava a si mesmo o homem-macaco:

— Onde irão encontrar ouro? Certamente não há de ser no duro granito.

Não tardou que o homem-macaco se convencesse de que o trilho que seguira terminava naquele fundo de saco, não dando portanto passagem para a outra vertente da serra. Assim, partiu logo em busca de um desfiladeiro que lhe proporcionasse meios de escapar da várzea. O resto desse dia e quase todo o imediato esteve Tarzan empenhado em encontrar uma passagem através das montanhas. Afinal, viu-se obrigado a reconhecer que do lado do sueste não havia um só desfiladeiro. Várias vezes avançou para cima da linha de vegetação na esperança de encontrar uma garganta, por onde pudesse transpor a crista da serra, mas invariavelmente tinha de estacar diante de paredões de granito quase verticais e que não ofereciam ponto de apoio, por onde mesmo quem tinha a agilidade do homem-macaco conseguisse galgar.

Tarzan continuou a sua exploração pelo lado do oriente e depois ao sul da várzea, mas os seus esforços não foram melhor sucedidos. Convencido agora da impossibilidade de encontrar por esses lados uma saída, voltou à floresta com o projeto de romper caminho pelo norte através do vale de Opar, por onde La o conduzira até a várzea.

O sol vinha nascendo, quando Tarzan dos Macacos chegou à aldeia em que deixara a grande sacerdotisa de Opar. Logo ao se aproximar, teve a impressão de que alguma coisa de anormal ocorrera ali. A porta do pequeno povoado estava escancarada, dentro da paliçada não havia sinal de vida e as cabanas suspensas não

oscilavam, indicando portanto estarem desocupadas. Sempre precavido contra emboscadas, Tarzan fez um reconhecimento em regra pelos arredores antes de saltar das árvores ao interior da aldeia.

Após uma inspeção do local o homem-macaco, com a sua prática, chegou à convicção de que a aldeia fora abandonada pelo menos 24 horas antes. Correndo em primeiro lugar para a choupana que designara para La e subindo pela corda suspensa, viu que ninguém ali estava, nem vestígios havia da grande sacerdotisa. Voltando ao chão procedeu a uma investigação minuciosa, que lhe permitisse obter quaisquer indícios do que acontecera a seus habitantes e a La. Já havia Tarzan dado busca em várias choupanas, quando observou que uma delas oscilava ligeiramente. Correndo para ver de perto aquela choupana, notou que ela não tinha corda suspensa e espiando pelo orifício inferior de entrada, nada pôde ver senão o teto da cabana.

— Gomangani, quem está aqui é Tarzan dos Macacos. Saia e venha contar-me o que sucedeu aos habitantes desta aldeia e à minha companheira, que aqui deixei entregue à guarda dos guerreiros deste povoado.

Não houve resposta e Tarzan chamou de novo, por estar absolutamente certo de que alguém se achava escondido na cabana.

— Saia, senão vou tirá-lo daí à força.

Não houve ainda resposta. Com um sorriso que lhe era bem característico, Tarzan sacou da sua faca, pô-la entre os dentes e deu um salto, agarrando as bordas da entrada da choupana suspensa e metendo o corpo pela abertura.

O homem-macaco não encontrou nenhuma resistência e à primeira vista pareceu-lhe que na cabana não havia ninguém, mas quando os seus olhos se foram adaptando à semi-obscuridade, observou em um dos lados um montão de folhas, através do qual em breve se lhe delineou o corpo encolhido de uma mulher, que evidentemente estava apavorada. Tarzan agarrou-a, forçando-a a sentar-se.

— Que aconteceu aqui? Onde estão os outros Gomanganis? Onde está a minha companheira?

— Não me mate, não me mate! Nenhuma culpa tive pelo que aconteceu.

— Não pretendo matá-la. Diga-me a verdade e nenhum mal lhe sucederá.

— Os Bolganis vieram aqui no dia em que o senhor partiu, quando o sol já se estava escondendo. Estavam furiosos, porque tinham encontrado o cadáver do seu companheiro junto ao portão do Palácio dos Diamantes. Sabiam que ele viera à nossa aldeia e ninguém mais o vira desde a sua saída do palácio. Aqui chegando, os Bolganis assustaram e torturaram os guerreiros até que eles contaram tudo. Eu me escondi. Não sei como não me acharam. Foram-se, levando toda a gente da aldeia e carregando também a sua companheira. Nenhum dos que foram levados, jamais

voltará.

— E você acha que os Bolganis vão matá-los? perguntou Tarzan.

— Com certeza. Os Bolganis matam todos que lhes desagradam.

Livre agora da responsabilidade por La, Tarzan poderia tentar a saída da várzea sinistra pelo norte, seguindo o caminho que poucos dias antes percorrera em sentido inverso, guiado pela infeliz sacerdotisa. Semelhante idéia, porém, nem sequer bruxuleou no cérebro do homem-macaco. A gratidão e a fidelidade eram traços característicos da sua índole. La o salvara da cólera fanática do seu povo, sacrificando para isso posição e fortuna, tranqüilidade e segurança. Abrira mão de tudo em seu benefício, arriscara mesmo a vida para libertá-lo da morte e por sua causa se exilara da sua cidade, onde era grande sacerdotisa e rainha. O fato de que o rapto de La pelos Bolganis envolvia a certeza da sua morte, conforme o dissera a negra, não bastava para que Tarzan cuidasse da sua própria salvação, julgando-se livre de compromissos para com quem já podia ser considerada como não pertencendo a este mundo. O homem-macaco achava que enquanto não tivesse elementos positivos para se convencer de que La realmente morrera, era moralmente obrigado a envidar todos os esforços e a correr todos os riscos a fim de tentar libertá-la e removê-la daquela perigosa várzea.

Tarzan passou o dia fazendo reconhecimento ao redor do Palácio dos Diamantes. Pretendia penetrar na tapada, para melhor observar o que se passava naquele misterioso recinto, mas reconheceu a inviabilidade do seu projeto. Saltar a alta muralha de granito era obviamente impossível, e penetrar pelo portão constituía empreitada extremamente difícil, porque Gomanganis e homens-gorilas nunca deixavam de andar pelo terreiro. Pouco antes do anoitecer, a grande porta do oriente foi fechada. Do seu posto de observação, Tarzan viu que os negros se recolhiam às cabanas e que não havia guardas no terraço, nem na grande avenida circundante. Evidentemente, os Bolganis não receavam um ataque noturno, os Gomanganis da várzea achavam-se todos subjugados e aterrorizados pelos homens-gorilas. A alta muralha circundante era uma defesa muito mais que suficiente para opor obstáculo decisivo às incursões dos leões. De fato, aquela formidável barreira não passava agora de uma relíquia de lutas imemoriais contra algum poderoso inimigo, que desaparecera na noite dos tempos.

No correr da tarde, Tarzan, observando mais atentamente o grande portão, chegou à conclusão de que a escalada da muralha que antes lhes parecera coisa impossível, não estava entretanto acima das possibilidades da sua acrobacia. Assim, depois do escurecer, o homem-macaco, descendo da árvore em que se achava, dirigiu-se ao portão e, ali chegando, atirou o seu laço de cipó sobre um dos leões de granito, que ornava o portal da majestosa entrada. Subir em seguida pela corda e apoiar-se nos

leões para saltar ao cimo da muralha e dalipular para o interior da tapada, foi coisa em que Tarzan dos Macacos não levou talvez dois minutos. Sempre precavido, tratou logo de preparar a retirada e foi removendo as trancas do portão, que deixou aberto. Depois foi cuidadosamente caminhando até a grande torre coberta de hera, que já havia demarcado durante a tarde, como o ponto mais fácil para penetrar no interior do palácio. O plano de Tarzan dependia em grande parte da idade e da resistência da hera. Com grande satisfação o homem-macaco descobriu que a hera tinha muita solidez e suportava bem o seu peso.

Na inspeção que fizera, verificara que na parte superior da torre havia uma janela, e que era diferente das outras daquela parte do edifício por não ter grades de ferro. Luzes amortecidas percebiam-se através de muitas das janelas do gigantesco bloco de edifícios. Trepando pela hera que cobria a torre, com maiores cautelas sempre que passava ao nível de alguma janela donde vinha luz, chegou afinal ao para-peito da que escolhera como entrada. Para alegria de Tarzan, a janela estava aberta e a sala às escuras, e a obscuridade era tal, que nada se podia ver no interior. Erguendo-se sobre o parapeito, pulou cautelosamente para dentro e, depois de explorar o quarto, foi Tateando pela escuridão e encontrou uma cama esculpida de forma peculiar e verdadeiramente estranha. Achou ainda uma mesa e dois bancos. Sobre a cama havia panos e também peles de antílope e de leopardo, reconhecidas por Tarzan pelo tato.

Em frente à janela pela qual entrara, havia uma porta. Abrindo-a com extremas precauções, viu Tarzan diante de si um corredor fracamente iluminado. Examinando melhor, verificou que essa passagem era uma espécie de saleta circular, em cujo centro havia uma abertura com a mesma forma, a que correspondia outra idêntica no teto. Um cilindro metálico corria de alto a baixo bem ao centro das duas aberturas paralelas. Tarzan percebeu na meia luz que mal esclarecia a saleta, tratar-se de uma escada de caracol que dava acesso aos sucessivos andares da torre. Colunas dispostas em círculo ao redor da abertura, eram evidentemente suportes do teto. Na saleta havia outras portas, que se abriam para aposentos semelhantes àquele em que se achava o homem-macaco.

Não vendo ninguém, Tarzan entrou na saleta e imediatamente as suas narinas perceberam o cheiro de incenso, o mesmo que dias antes havia distinguido entre os odores que irradiavam do Palácio dos Diamantes e haviam sido por ele pressentidos da floresta. Todavia, dentro da torre o perfume do incenso era muito forte e obliterava quaisquer outros odores, o que vinha criar para o homem-macaco uma dificuldade na procura do lugar onde estava La. Assim, compreendeu que a tarefa que se propusera parecia realmente impossível. Dar uma busca naquela torre sem poder contar com o auxílio do olfato, era realmente coisa difícilima e que se

complicava com um extraordinário risco de não poder defender-se do perigo de ser descoberto.

O homem-macaco tinha certamente uma grande confiança em si mesmo, mas não era um vaidoso que se tornasse insensível às suas limitações. Compreendia assim como eram mínimas as suas probabilidades de êxito em uma aventura daquela natureza. Procurar La em um imenso palácio constituído por vários edifícios ligados e onde se achavam inúmeros homens-gorilas perfeitamente conhecedores do local, enquanto ele estava ali completamente desambientado, era de fato incorrer no risco de um desastre quase certo.

Por trás de Tarzan estavam a janela aberta, a certeza de uma retirada fácil, a noite, a selva e a liberdade. Em frente dele se lhe deparavam o perigo, um insucesso praticamente inevitável e provavelmente a morte. Que escolha faria o homem-macaco? Por alguns momentos ficou meditativo. Em seguida sacudiu os ombros, agitou a cabeça, balouçando a cabeleira negra e resolutamente avançou, abrindo uma das portas. Ao cabo de uma busca dada em todos os aposentos daquele andar, Tarzan nada adiantara no tocante a qualquer indício que lhe servisse de pista para procurar a grande sacerdotisa, prisioneira dos homens-gorilas.

Entretanto, a busca não fora destituída de incidentes mais ou menos sensacionais. Em alguns quartos Tarzan apenas encontrou mobília de estilo original, tapeçarias e ornamentos de ouro e diamantes, mas em um dos cômodos, a que uma lamparina dava uma luz discreta, encontrou um Bolgani dormindo em uma cama colocada no meio da sala. Tão sub-repticiamente andava entretanto o homem-macaco que o sono do homem-gorila não foi sequer perturbado. E Tarzan atravessou para além da cama, indo explorar uma alcova separada do quarto por uma pesada cortina.

Completada a investigação daquele andar, resolveu Tarzan examinar primeiro os pavimentos superiores para depois dar busca nos que se achavam abaixo daquele por onde entrara. Seguindo esse plano, subiu pela escada e foi dando busca nos vários andares. Em cada patamar, como já encontrara no andar por onde iniciara a pesquisa, havia uma lamparina com uma torcida feita de uma espécie de sebo.

No último andar encontrou apenas três portas, todas fechadas. Continuando o cilindro da escada de caracol, havia no teto uma abertura a que iam ter os últimos degraus, dando acesso a uma espécie de plataforma ao ar livre. Quando Tarzan abriu uma das portas, os gonzos rangeram, produzindo o primeiro ruído causado pelo homem-macaco desde que entrara na torre. O quarto estava em completa obscuridade e Tarzan, preocupado com os possíveis efeitos do ruído que se produzira ao abrir a porta, permanecera alguns momentos no limiar, sondando com todos os sentidos o interior do aposento. Estava nessa tensão de nervos, quando o seu instinto apurado na selva o fez pressentir uma presença estranha. Voltando-se,

rápido, Tarzan dos Macacos deu com um homem de pé no limiar da porta situada no lado oposto do patamar.

CAPÍTULO 12

As barras de ouro

ESTEVÃO MIRANDA apenas havia representado durante vinte e quatro horas o seu papel de Tarzan junto aos Waziris, e já se achava convencido de que lhe seria extremamente difícil prolongar o embuste por muito tempo. Em primeiro lugar, Usula não estava muito contente com a idéia de retomar apenas o ouro dos intrusos e em seguida fugir deles. E os outros Waziris também se mostravam surpreendidos com um procedimento que não condizia com os seus hábitos de guerreiros altivos e muito menos ainda com a maneira pela qual Tarzan costumava agir. Aqueles negros valentes não podiam compreender que uma pancada na cabeça houvesse tornado covarde Tarzan dos Macacos. E, para os Waziris, evitar combate com um bando de pretos da costa ocidental que eles desprezavam e com um grupinho de brancos inexperientes, era nada menos que uma poltronice indigna do senhor das selvas e dos seus guerreiros.

O espanhol, que era incontestavelmente sagaz, não tardou em perceber os riscos resultantes do engano daquela gente. Estevão via bem que se estava metendo em uma camisa de onze varas e que o melhor meio de garantir a pele era tratar de desembaraçar-se o mais depressa possível da companhia dos belicosos Waziris.

Caminhavam por uma parte da selva onde a floresta se tornava muito rala. Era um descampado com arbustos e ervas rasteiras e árvores separadas umas das outras por grandes distâncias. Foi aí que subitamente a monotonia da marcha foi quebrada pelo abrupto aparecimento de um rinoceronte, que disparou em carga resoluta contra a coluna. Com grande desolação dos Waziris, Tarzan, ao ver o feroz animal que arremetia, fugiu às carreiras, procurando abrigo na árvore mais próxima, mas com uma falta de agilidade que destoava de tudo quanto os Waziris conheciam do seu valente chefe e senhor. Tarzan na carreira escorregou e caiu ridiculamente. E levantando-se, ao chegar à árvore, em vez de trepar com a destreza elegante de quem fora criado entre os grandes macacos da tribo de Kerchak, começou a subir pelo tronco com o vagar de um garoto que tenta galgar um poste telegráfico, escorrega e cai.

Entretanto, Buto, o rinoceronte, que se arremetiera contra um dos negros, orientando-se como de costume pelo olfato e pelo ouvido muito mais que pela vista, porque Buto é um dos maiores míopes da selva, errou o bote, não atingindo o ágil Waziri, que em tempo saltara para o lado. Desapontado, o rinoceronte foi dar com o corpo em um maciço de vegetação, pelo qual se embrenhou e desapareceu.

Quando Estevão se ergueu de junto do tronco pelo qual debalde tentara trepar, já

não havia sinal de Buto, mas ao seu redor estavam formados em semicírculo vários pretos, em cujas fisionomias se estampava um sentimento de piedade, a que em alguns deles se juntavam expressões bem características de desprezo. O espanhol compreendeu que o susto o levava a praticar um ato de conseqüência talvez irreparáveis, e compreendendo a gravidade da sua situação, tentou ainda atalhar o desastre que via avizinhar-se cada vez mais. Pondo a mão na cabeça, disse em tom pesaroso:

— Ah! a minha cabeça. Aquela pancada me fez muito mal!

Usula, encarando-o de um modo que podia traduzir tanto a compaixão como a ironia, respondeu:

— A pancada que o meu chefe recebeu foi na cabeça, mas os seus fiéis Waziris pensavam que a bravura de Tarzan dos Macacos residisse no seu coração.

Estevão não deu resposta e a marcha foi recomeçada em silêncio, para o qual o constrangimento de todos contribuía. A coluna caminhou até quase o anoitecer, acampando então à margem de um rio e a pouca distância de uma cachoeira. Durante a tarde, enquanto marchavam, Estevão, cada vez mais preocupado com a sua situação, concebera um plano para sair daquelas dificuldades. Logo que acampara, deu ordem aos Waziris para enterrarem o ouro que carregavam.

— Vamos deixar o ouro escondido aqui e amanhã cedo partiremos no encalço dos ladrões. Estou resolvido a dar-lhes um severo castigo. Aqueles bandidos precisam aprender que não se viola impunemente a selva de Tarzan dos Macacos. Foi a minha maldita perda de memória, que me impediu de massacrá-los quando descobri o que tinham feito.

Essa atitude agradou mais aos Waziris, que começaram a entreter esperanças de ver o seu chefe voltar a ser o homem bravo que sempre haviam conhecido. Enfim, pensavam aqueles fiéis e valentes negros, Tarzan começa a ser de novo Tarzan dos Macacos. E assim, com os corações alegres, partiram ao amanhecer do dia seguinte em procura do acampamento dos ingleses.

Guiados pela astuta estratégia de Usula, os Waziris avançaram para interceptar o caminho ao grupo de intrusos europeus e a operação fora dirigida com tanto acerto que caíram sobre o adversário naquela mesma noite, exatamente quando ele ia acampar. Muito antes de entrarem em contato com o bando, já haviam os guerreiros sentido o cheiro da fumaça das fogueiras acesas pelos negros da costa ocidental, que serviam de carregadores a Flora e aos seus companheiros.

Chamando Usula, Estevão lhe disse para que transmitisse aos Waziris:

— Meus filhos, estes intrusos vieram aqui ofender Tarzan. Cabe, portanto, a Tarzan tirar vingança. Irei sozinho punir os culpados pelas minhas próprias mãos.

Vocês sigam para a fazenda e deixem o ouro onde o escondemos. Só mais tarde precisarei dele.

Os Waziris ficaram profundamente desapontados. As ordens de Tarzan não correspondiam aos seus desejos e vinham privá-los da satisfação que antecipavam com o massacre dos negros da costa ocidental, tão detestados por eles. Contudo, quem ali estava era Tarzan, o chefe a quem haviam sempre prestado obediência como o grande *Bwana* que era e a quem deviam implícita fidelidade. Mas apesar de tudo, os guerreiros pareciam relutar e puseram-se a conversar entre si. O espanhol não entendia nada do que eles diziam, mas vendo que Usula vinha ao seu encontro, compreendeu tratar-se de assunto de certa importância e que o devia interessar diretamente.

— Grande *Bwana*, como poderemos nós voltar à fazenda e dizer a “lady” Jane que o deixamos aqui, sofrendo as conseqüências do seu ferimento e à mercê das carabinas desses brancos e dos seus “askaris”? Não nos obrigue *Bwana* a fazer isso. Se o nosso chefe estivesse de perfeita saúde e com toda a sua força, nós poderíamos partir sem receio, mas, estando ele ainda a sofrer as conseqüências da pancada que recebeu na cabeça, sentimos que não devemos deixá-lo sozinho no meio da selva. Deixe-nos castigar esses malfeitores e depois nós o levaremos para casa, onde o tratarão com carinho, até sarar completamente.

— Estou perfeitamente restabelecido, disse o espanhol rindo. Sozinho não correrei mais perigo do que se estivesse acompanhado por vocês. Estevão sabia muito bem que o que estava dizendo era apenas uma maneira atenuada de apresentar a realidade. — Obedeçam-me, insistiu em tom imperioso. Sigam imediatamente pelo caminho por onde viemos, depois de terem andado uma meia légua, poderão acampar para pernoitar. E ao amanhecer continuem a marcha para a fazenda. Não façam barulho, porque não quero que aqueles bandidos percebam a nossa presença aqui. Não se preocupem comigo, estou muito bem e não corro nenhum risco. Ter-me-ei provavelmente reunido a vocês antes de chegarem à fazenda. Sigam.

Tristes, os Waziris obedeceram e puseram-se a caminho pelo mesmo trilho por onde tinham vindo e dentro em pouco o último dos indígenas havia desaparecido nas brenhas. Quando se viu só, Estevão Miranda respirou aliviado. Receando que o seu súbito aparecimento no campo dos seus* companheiros de expedição causasse alarma, provocando a fuzilaria dos “askaris”, o espanhol logo que se aproximou pôs-se a assobiar e depois a gritar.

O primeiro negro que o avistou ficou alarmado e em um estado de pânico avisou em duas vozes a todo o acampamento:

— Aí vem Tarzan. Vamos ser todos massacrados.

O espanhol pôde apreciar o estado de excitação em que se achavam os carregadores e os “askaris”. Estes empunhavam rifles e nervosamente punham o dedo no gatilho.

— É Estevão Miranda! Flora, diga a esses idiotas que não atirem sobre mim.

Os brancos, também sobressaltados diante daquela cena inesperada, olhavam receosamente para o indivíduo que se aproximava do cercado. Flora, reconhecendo a voz do espanhol, foi a primeira a restabelecer a calma.

— É Estevão, não há dúvida, disse a garota, aos companheiros. E voltando-se para os negros, ordenou-lhes que depusessem as armas e se tranquilizassem.

Sem ter mais receio de ser acolhido com uma salva de fuzilaria, Estevão entrou risonho no acampamento.

— Cá estou, são e salvo.

— Julgávamos que tivesse morrido. Alguns dos negros contaram que Tarzan lhes dissera ter dado cabo de você.

— De fato, fui feito prisioneiro por ele. Julguei que me fosse matar, mas, afinal, não sei porque, resolveu poupar-me a vida e soltou-me no meio da selva. É bem possível que Tarzan tenha achado que a minha morte nas brenhas era inevitável e que assim tiraria a sua vingança sem manchar com o meu sangue as suas mãos.

— Então, o tal Tarzan conhece bem você. Foi por isso que ele o soltou. Sabia que na mata você morreria de fome, disse Peebles.

Estevão não respondeu à indireta do companheiro mas, voltando-se para Flora, perguntou-lhe em tom acrimonioso, que em vão procurava tornar terno:

— Então, Flora, você não está contente por me ver aqui? Sacudindo os ombros, a garota respondeu displicentemente:

— Não sei que diferença me faz isso. A nossa expedição redundou em um fracasso e há quem ache que você foi o principal culpado do desastre, acrescentou Fiora Hawkes, falando como se se dirigisse aos outros.

O espanhol estava visivelmente amuado, não gostava dos companheiros e pouco se lhe dava o juízo que faziam a seu respeito, mas ficara desapontado, vendo Flora mostrar tão pouco entusiasmo com o seu reaparecimento. Estevão pensava que se a mulher soubesse o plano por ele acariciado, teria ficado mais alegre com a sua volta e se mostraria mais carinhosa. Escondera o ouro com a intenção de persuadir Flora a abandonar os companheiros, para depois voltar com ele e buscar as barras do metal precioso enterradas à margem do rio a pouca distância da cachoeira, mas agora a alma do espanhol estava cheia de amargura e o seu ódio não poupava nem mesmo a jovem que em Londres inspirara tão violenta paixão. Flora assim o queria. Pois

ficasse com os outros. O ouro seria só dele e nem um “shilling” iria parar às mãos de ninguém mais. Em todo caso, a atitude de Flora vinha trazer um ponto fraco ao seu plano, para recolher depois o ouro enterrado, precisaria do auxílio de alguém. A garota teria sido sem dúvida a sua melhor colaboradora, mas agora Estevão não queria dar-lhe sociedade. Entretanto, quem poderia ser o sócio de que carecia?

Sem dar sinal de perceber que os seus companheiros o haviam recebido mal, o espanhol sentou-se ao lado deles. Não podia compreender porque a sua volta lhes causara tão evidente descontentamento. A perplexidade de Estevão resultava da ignorância em que se achava do projeto de Kraski acerca do marfim dos árabes. Os outros, vendo Miranda regressar, sentiam-se aborrecidos com a perspectiva de terem de dar-lhe uma parte no novo negócio. Foi o russo o primeiro a exprimir o que todos do grupo, com exceção do espanhol, estavam pensando.

— Chegamos à conclusão de que o insucesso da nossa expedição foi causada por Bluber e por você, Estevão. Depois que nos deixou, descobrimos outro negócio que nos poderá trazer uma compensação pelo tempo e dinheiro que aqui perdemos, e a esse respeito organizamos um plano de que você foi excluído. Não precisamos absolutamente da sua colaboração e não estamos, portanto, dispostos a dar-lhe coisa alguma dos lucros que obtivermos. Se quiser ficar conosco por causa da companhia, nós o deixaremos na nossa coluna, mas é preciso desde já que você compreenda muitíssimo bem que nada, absolutamente nada, virá a receber dos nossos lucros.

Estevão acenou com a cabeça em gesto de indiferença.

— Perfeitamente. Longe de mim a idéia de apropriar-me de qualquer coisa que pertença a vocês. E assim falando, o espanhol pensava no quarto de milhão que escondera e que pretendia tirar da África para seu uso e gozo exclusivo.

A maneira desprendida como Estevão aceitara os termos impostos por Kraski surpreendeu a todos de modo muito agradável. A atmosfera do pequeno círculo ficou logo aliviada e a conversa prosseguiu com maior cordialidade.

— Você é um bom rapaz, Estevão, disse Peebles. Eu sempre afirmei que você tinha muito boas intenções e que procurava fazer tudo do melhor modo que podia. Acredite que estou sinceramente satisfeito de vê-lo aqui conosco são e salvo. Causou-me uma impressão horrível a notícia de que você ficara atrapalhado com o tal Tarzan aí pelo mato.

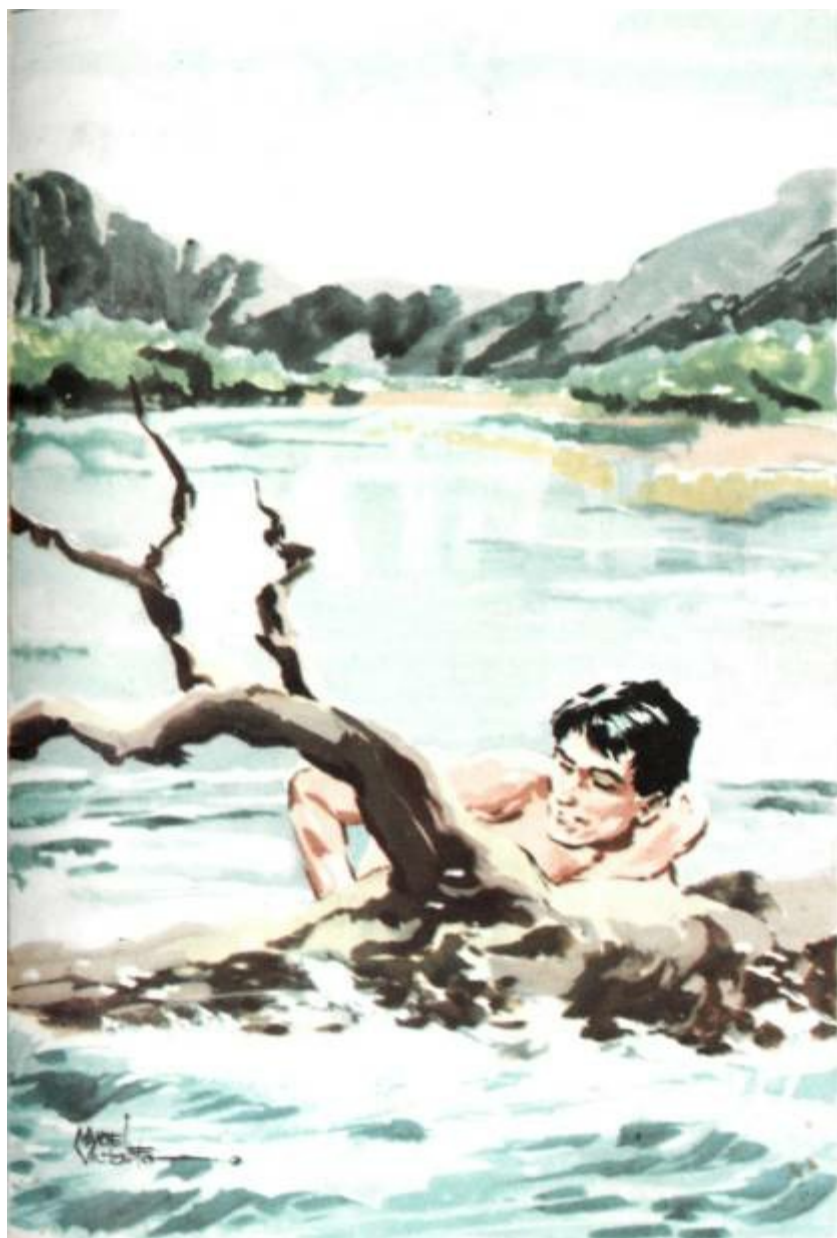
— É verdade, Estevão, aparteu Bluber. John sentiu tanto que chegava a chorar de noite quando ia dormir. Não é verdade, Peebles?

— Não gosto de brincadeiras, disse Peebles, encarando fixamente o judeu.

— Não estou querendo brincar com você, John, respondeu Adolph, mas a verdade é que andávamos todos muito tristes, pensando que Estevão tinha sido morto. E

estamos agora muito contentes de vê-lo aqui novamente.

— Bem, não queremos aqui parlapatões, acrescentou Throck.



.. aquela estranha figura de homem branco montado em um tronco de árvore a viajar pelo rio.

— Não precisa zangar-se, disse Estevão. O meu desejo é ir-me embora. E se me vir de novo em Londres, nunca mais pensarei em pôr os pés na África.

Antes de conciliar o sono, o espanhol passou mais de duas horas a matutar sobre o meio de tirar o ouro antes dos Waziris terem podido voltar para apanhá-lo. Tinha a certeza de que poderia encontrar facilmente o lugar em que fizera enterrar o ouro e tirá-lo dali para outro ponto nas vizinhanças. Não tinha também dúvida de que, seguindo o trilho por onde Usula guiara os Waziris naquele dia, chegaria sem dificuldades ao sítio em que se achava enterrado o ouro. Tudo isso sentia-se capaz

de fazer sozinho, de modo a ter certeza de que ninguém mais viria a saber o novo ponto em que enterraria o ouro.

Por outro lado, o espanhol estava igualmente certo de que seria incapaz de voltar mais tarde da costa e encontrar o ponto em que ocultasse o seu tesouro, e daí reconhecia a necessidade de associar-se a alguém que conhecesse a selva e soubesse nela orientar-se. Somente com a colaboração de um sócio nessas condições, poderia mais tarde vir buscar o ouro. Mas em quem poderia ele depositar confiança? Começou então a passar em revista mentalmente- todo o pessoal da caravana, e ao final dessa cautelosa inspeção, concluiu que o único homem era Owaza.

O espanhol não tinha nenhuma confiança naquele velho e astuto patife, mas não havia mais ninguém que correspondesse às condições do problema que se apresentava a Estevão. Era, portanto, imprescindível fazer o negro seu sócio e, embora reconhecendo os riscos de semelhante parceria, achou que tinha de arcar com eles, baseando as suas esperanças na cobiça do africano. Era-lhe possível recompensar regamente Owaza, dando-lhe uma paga que excederia de muito os sonhos mais ambiciosos do velho negro. Isto seria fácil a Estevão, levando em conta a enorme fortuna que estava em jogo. E o espanhol adormeceu, sonhando com tudo que se podia fazer com um quarto de milhão nas grandes cidades alegres do mundo civilizado.

Na manhã seguinte, à hora da primeira refeição, Estevão contou que encontrara na véspera um rebanho de antílopes não muito longe do acampamento. Propôs então seguir com quatro ou cinco negros para uma caçada, dizendo que regressaria ao acampamento antes do anoitecer. Ninguém se opôs ao projeto e, no íntimo, todos desejavam vê-lo afastado dali o mais possível. Nesse desejo havia mesmo uma esperança vaga de que o espanhol morresse em uma dessas excursões. Ninguém gostava de Estevão e cada vez menos confiança inspirava ele aos seus companheiros.

— Levarei Owaza que é o melhor caçador de toda a tropa e mais uns quatro ou cinco negros escolhidos por ele. Mas quando Estevão foi falar a Owaza, o capataz fez algumas objeções à caçada.

— Não precisamos de caça, observou Owaza. Temos carne em abundância. O que devemos fazer é levantar acampamento quanto antes e marchar daqui o mais depressa possível, para sairmos do país dos Waziris e de Tarzan. Temos caça em abundância em todo o percurso até a costa. Marchemos dois dias para nos livrarmos desta terra e depois caçarei em sua companhia.

— Escute, disse Estevão a meia-voz. Há alguma coisa mais a caçarmos que os antílopes, mas não lhe posso falar sobre isso aqui. Logo que nos afastarmos do

acampamento conversaremos. Olha, o negócio de que se trata dará a você muito mais lucro que todo o marfim dos árabes.

Owaza arregalou os olhos e pôs-se a cocar a carapinha.

— E um belo dia para caçar, *Bwana*. Vou buscar cinco rapazes para nos acompanharem.

O capataz deu as suas ordens para os arranjos relativos à marcha da coluna durante o dia e sobre o ponto onde devia acampar de modo a que ele e Estevão não tivessem dificuldade em encontrar o novo acampamento. Depois disso, escolheu a turma de caçadores e partiu guiado pelo espanhol que o conduziu através das brenhas, seguindo o trilho por onde na véspera Usula fizera marchar os Waziris. Mal haviam dado alguns passos e Owaza descobria o rastro fresco dos Waziris. Encarando interrogativamente o espanhol, o velho negro lhe disse:

— Ontem passaram por aqui muitos homens.

— Não vi ninguém, afirmou o espanhol. Devem ter passado depois da hora em que andei por aqui.

— Hum! retrucou Owaza. Eles vieram até quase junto ao nosso acampamento e depois retrocederam. Aqui está o rastro bem claro. Escute, *Bwana*, aqui tenho o meu rifle, você vai caminhar adiante de mim, porque, se me está atraindo a uma emboscada, será o primeiro a morrer.

— Venha cá, Owaza, estamos agora bastante afastados do acampamento e posso contar-lhe tudo. Este rastro que você está vendo é dos Waziris de Tarzan dos Macacos que enterraram o ouro para mim, em um ponto situado a um dia de marcha daqui. Mande os Waziris para a fazenda de Tarzan e quero que você vá comigo para desenterrarmos o ouro e o enterrarmos depois em outro lugar, conhecido apenas de nós dois. Quando os meus companheiros partirem para a Inglaterra com o seu marfim, nós dois voltaremos aqui para buscar o ouro e você terá uma grande recompensa.

— Mas quem é o senhor afinal de contas? Às vezes penso que seja Tarzan dos Macacos. Quando fomos buscar o ouro nos subterrâneos de Opar, segundo me contou um dos meus companheiros, o senhor foi envenenado pelos outros brancos e deixado morto no acampamento. Aquele meu camarada assegurou-me ter visto com os seus próprios olhos o seu cadáver meio oculto por um montão de folhas. Entretanto, nesse mesmo dia o senhor estava marchando conosco para Opar. A princípio julguei que o meu companheiro estivesse mentindo, mas depois verifiquei que ele estava sinceramente estupefato, ao ver o senhor voltar vivo em nossa companhia. Então há dois Tarzans dos Macacos.

— Eu não sou Tarzan dos Macacos, disse Estevão. Tarzan dos Macacos é que foi

envenenado no acampamento pelos meus companheiros, mas eles não lhe deram veneno para matar. Puseram-lhe no café uma droga para o fazer dormir por muito tempo. Contavam talvez que, enquanto Tarzan estivesse desacordado, viesse algum animal feroz e o devorasse. Se Tarzan está hoje vivo ou morto, não o sei, mas o que posso assegurar a você, Owaza, é que não deve ter medo de que eu o leve para perto dos Waziris. Estou ainda mais desejoso que você de me afastar deles.

— Talvez o senhor esteja dizendo a verdade, disse, o velho negro sacudindo a cabeça. Todavia, por causa das dúvidas, Owaza continuou a caminhar por trás de Estevão, empunhando a carabina e evidentemente pronto para qualquer emergência.

O pequeno grupo foi marchando muito cautelosamente com receio de encontrar ainda os Waziris no trilho mas, tendo no correr do dia encontrado vestígios do acampamento dos guerreiros e observado que dali eles haviam tomado outra direção, Estevão, Owaza e os cinco negros avançaram desassombradamente, sem temer mais entrar em contacto com os Waziris.

Ao chegarem a uma distância de perto de dois quilômetros do ponto em que se achava enterrado o ouro, Estevão disse ao capataz que mandasse ficar ali os seus rapazes, enquanto os dois iriam sozinhos transferir o tesouro para outro local.

— Quanto menos gente souber disso, mais seguros estaremos nós, disse o espanhol ao negro.

— O *Bwana* está falando sabiamente, observou o manhoso indígena.

Sem dificuldade, Estevão Miranda foi ter ao lugar em que o ouro estava enterrado junto à margem do rio e próximo a uma cachoeira. Das perguntas que fez a Owaza concluiu pelas respostas do velho negro que este saberia vir da costa até ali, sem risco de extraviar-se. Perfeitamente tranqüilo a esse respeito, o espanhol e Owaza desenterraram todas as barras de ouro e foram novamente enterrá-las em um espesso matagal à margem do rio. Ali, estava o tesouro, tão seguro como se estivesse a uns duzentos quilômetros de distância, porque ninguém, verificando que o ouro não mais se achava onde fora a princípio enterrado, seria capaz de imaginar que o tivesse transportado apenas para cem metros de distância.

Quando tudo estava feito. Owaza olhou para o sol.

— Não é possível chegarmos ao acampamento esta noite. E mesmo para alcançarmos amanhã a coluna, teremos de fazer marcha forçada.

— Também pensei nisso, mas você bem compreende que não podia dizê-lo aos meus companheiros. E quer saber uma coisa, Owaza? Pouco se me dá que nunca mais encontremos aquela gente.

O velho negro sorriu, pondo a descoberto os dentes claros. No seu astuto espírito, surgira uma idéia. Owaza pensava.

— Correr o risco de um combate com os árabes por causa de meia dúzia de presas de elefante, quando toda esta riqueza aqui está, sendo preciso apenas carregá-la?

Uma estranha torre acachapada

TARZAN, ao voltar-se descobrira um homem de pé, no limiar de uma porta do outro lado do patamar do último andar da torre oriental coberta de hera, pela qual entrara no Palácio dos Diamantes. Os seus dedos ágeis desembainharam logo a faca de caça de que nunca se separava, mas quase imediatamente deixou cair a mão, enquanto em sua fisionomia se refletia um espanto que correspondia bem à estupefação manifestada pelo outro homem. Diante de Tarzan não se achava um Bolgani, nem um Gomangani, mas um homem branco, velho, calvo, enrugado e com longas barbas. Estava nu e sobre o seu corpo se ostentavam adornos bárbaros de ouro e de diamantes iguais aos que traziam os homens-gorilas.

— Meu Deus! Que é isto? exclamou aquela estranha aparição.

Tarzan fixou o olhar, como querendo penetrar o segredo daquela figura estranha. As palavras que o velho pronunciara em inglês estimulavam o homem-macaco a uma infinidade de conjeturas, que se sucediam rapidamente como outras tantas hipóteses explicativas da presença daquele europeu na torre do palácio misterioso.

— Que é isto? Quem é você? perguntou o velho falando agora no dialeto dos grandes gorilas.

— Você há pouco disse alguma coisa em inglês. Porventura fala essa língua? interrogou Tarzan em inglês.

— Ah, meu Deus! Como dou graças por ter vivido bastante para ouvir ainda uma vez esta doce língua. E o velho falava em inglês, compassadamente, como quem a muito não tivesse usado esse idioma e estivesse desacostumado ao seu ritmo e sonoridade.

— Mas quem é você? perguntou Tarzan. E o que faz aqui?

— A mesma coisa lhe pergunto eu, respondeu o velho. Fale sem receio. É evidentemente um inglês e nada tem a temer de mim.

— Estou aqui à procura de uma mulher que foi raptada pelos Bolganis.

O velho sacudiu a cabeça, dizendo:

— Sei de quem se trata, ela realmente está aqui.

— Está livre de perigo? perguntou Tarzan.

— Por enquanto nada sofreu e nada sofrerá até amanhã ou depois. Mas quem é você e como conseguiu chegar até aqui?

— Sou Tarzan dos Macacos e entrei nesta várzea para procurar uma saída por onde pudesse escapar de Opar, onde a vida da minha companheira corria perigo. Mas, afinal de contas, quem é você?

— Sou um velho e vivo aqui desde o tempo em que era rapaz. Embarquei como clandestino no navio que trouxe Stanley para a África, depois do estabelecimento do posto em Stanley Pool. Com o explorador, vim para o interior da África. Um dia fui caçar sozinho e afastei-me muito do acampamento, não podendo depois encontrar o meu caminho. Estava assim perdido, quando fui capturado por indígenas hostis que me levaram para a sua aldeia, donde mais tarde consegui fugir, mas como não sabia onde estava não pude orientar-me para encontrar a direção que devia tomar, a fim de chegar à costa. Andei vagando pelas brenhas durante meses, até que um dia maldito encontrei uma entrada para esta várzea. Não sei porque estes homens-gorilas não me mataram imediatamente. Mais tarde descobriram que lhes podia ser útil. Desde então lhes tenho prestado serviços nas pedreiras, na procura de ouro e na lapidação de diamantes. Ensinei os Bolganis a fazerem brocas de ferro com pontas aguçadas e outras com um diamante na ponta. Assim me fui integrando na vida desta gente e acabei por tornar-me um deles. Mas no íntimo, tenho sempre o desejo profundo de escapar desta várzea. E embora nada justificasse a esperança, nunca desesperei de reconquistar a liberdade.

— Mas não há meio de sair-se desta várzea? interrogou Tarzan.

— Há um caminho, mas esse está sempre guardado.

— Onde fica esse caminho? perguntou Tarzan vivamente.

— É a continuação de um dos túneis menores. Atravessa a montanha e vai ter ao vale que fica para além. As minas foram exploradas pelos antepassados desta raça de homens-gorilas, desde tempos cuja imensa antigüidade é incalculável. As montanhas estão escavadas por túneis e galerias em todas as direções. A rocha é de quartzo contendo ouro e em outros lugares de uma peridotite em decomposição, na qual se encontram diamantes. No decurso dos trabalhos da mineração, houve necessidade de levar uma das galerias até o outro lado da montanha, a fim de obter-se a necessária ventilação. Esse túnel e a garganta que vai ter ao vale de Opar são os únicos caminhos, que põem esta várzea em comunicação com o exterior. Desses dois caminhos, o túnel é o mais cuidadosamente guardado pelos bolganis. A razão disto é o receio da fuga dos escravos empregados nas minas. Os homens-gorilas não parecem temer ataques de inimigos vindos de fora da várzea. Quanto à garganta que dá passagem para Opar, não tomam nenhuma precaução. Estão convencidos de que os oparianos não se atreveriam nunca a atacá-los. E têm também certeza de que nenhum Gomangani da várzea será capaz de aventurar-se até a terra dos cultuadores do sol. E o mesmo motivo que impede os escravos de fugir, nos fará ficar

prisioneiros para sempre.

— Como é guardado o túnel? perguntou Tarzan.

— Dois Bolganis e uma dúzia de Guerreiros Gomanganis estão sempre de sentinela ali.

— Os Gomanganis desejam escapar-se daqui?

— Contaram-me, disse o velho, que outrora eles tentaram várias vezes fugir da várzea, mas foram sempre capturados e punidos com as mais cruéis torturas. E sempre que havia tentativas de fuga, os homens-gorilas castigavam severamente todos os Gomanganis da várzea, impondo-lhes trabalhos mais pesados, como expiação do crime dos que haviam procurado evadir-se.

— E os Gomanganis são numerosos? perguntou Tarzan.

— Há talvez uns cinco mil na várzea, respondeu o velho.

— E quantos são os Bolganis? interrogou o homem-macaco.

— Entre mil e mil e cem.

— Então os Gomanganis estão em maioria de 5 para 1 e apesar disso têm medo de fugir? perguntou Tarzan.

— Entretanto, é preciso lembrar que os Bolganis são inteligentes e têm um espírito de domínio, ao passo que os Gomanganis se acham intelectualmente pouco acima dos animais da selva.

— Mas não deixam de ser homens, ponderou Tarzan.

— Na aparência, retrucou o velho, mas na realidade são incapazes de agir coletivamente como homens. Ainda não atingiram na sua evolução o plano em que o espírito coletivo se desenvolve. Vivem em família nas suas aldeias e usam armas, porque os homens-gorilas lhas deram, a fim de que não fossem completamente eliminados pelos leões e panteras. Segundo me narraram, os Gomanganis viviam outrora em uma condição de absoluto individualismo. Quando um desses selvagens chegava à idade adulta, começava a caçar isoladamente, construía uma cabana para seu uso exclusivo e não tinha mais relação alguma com os seus semelhantes, passando assim o resto da vida. Foram os homens-gorilas que ensinaram os Gomanganis a construir paliçadas, formando assim aldeias e obrigaram os casais a viver juntos e a criar os filhos até a maturidade, compelindo também estes a permanecerem na aldeia. Graças a esses métodos, há hoje na várzea aldeias que contam quarenta a cinquenta indivíduos. Mas o coeficiente de mortalidade é muito alto entre os Gomanganis, o que impede o crescimento da população nas proporções em que teria lugar se esses indígenas vivessem em outras condições. Os Bolganis, com os seus processos brutais de escravização e de disciplina, matam muitos. Os

grandes carnívoros devoram outros.

— Não, disse Tarzan sacudindo a cabeça, permaneceram na escravidão, sendo a maioria de cinco para um, devem ser muito covardes.

— Pelo contrário, replicou o velho. Os Gomanganis não têm nada de covardes. São até muito valentes. Enfrentam um leão com extraordinária bravura. A explicação do caso é outra. Os Gomanganis durante incontáveis gerações, habituaram-se a ser subservientes aos homens-gorilas e assim a obediência se tornou neles uma segunda natureza. Tal qual nós nos habituamos hereditariamente a temer a Deus, o Gomangani desta várzea herdou dos seus antepassados o temor do Bolgani.

— O que acaba de me referir é muito interessante. Permita-me, porém, que lhe pergunte agora onde está a mulher que procuro?

— Ela é sua companheira? perguntou o velho.

— Não, para que os Gomanganis tivessem mais cuidado com ela disse-lhes que era minha mulher, mas não é. Trata-se de La, a grande sacerdotisa e rainha de Opar.

Na fisionomia do velho estampou-se uma expressão de positiva incredulidade.

— Não, isso não é possível. A rainha de Opar não poderia ter vindo meter-se nas mãos dos homens-gorilas. os inimigos hereditários da sua raça. Que teria ela vindo fazer a esta várzea?

— La foi obrigada a isso para escapar à cólera de uma grande parte do seu povo, que se insurgira contra a grande sacerdotisa, porque recusava sacrificar-me ao seu deus.

— Se os Bolganis soubessem disto, ficariam radiantes de alegria, disse o velho.

— Diga-me onde está essa mulher. Salvou-me a vida e sou portanto obrigado a livrá-la a todo o transe da sorte que lhe esteja preparada pelos Bolganis.

— Os seus esforços serão em vão. Posso dizer-lhe onde «la está, mas não conseguirá salvá-la.

— Em todo caso, farei o que puder, disse o homem-macaco com firmeza.

— Mas fracassará na tentativa e morrerá.

— Não concordo com a sua opinião desesperadora. Mas se não há meio de salvar La, pouco se me dá morrer também.

O velho sacudiu os ombros, dizendo:

— Bem se vê que o senhor não conhece os Bolganis.

— Diga-me onde está a mulher, insistiu Tarzan.

— Venha cá, disse o velho, levando Tarzan até uma janela que no seu aposento se abria para oeste. E em seguida apontou para uma estranha torre acachapada, que se

erguia sobre o telhado do edifício principal perto do extremo ocidental do palácio.
— Provavelmente ela está naquela torre.

Tarzan permaneceu em silêncio e a vivacidade do seu olhar indicava a atividade febril com que o seu pensamento procurava resolver o problema que o empolgava. O homem-macaco examinava atentamente a torre acachapada, cuja entrada parecia achar-se sobre o telhado do edifício. Viu também que algumas árvores projetavam seus ramos até quase a borda do telhado. Verificou finalmente que a não ser uma ou outra luz mortíça através desta ou daquela janela, não havia em volta sinal de vida. Interrompendo a sua observação, Tarzan dirigiu-se bruscamente ao velho:

— Não o conheço, mas preciso experimentá-lo, porque afinal de contas os laços de sangue valem alguma coisa, e nós dois somos os únicos homens da nossa raça nesta várzea. O senhor poderá lucrar, traindo-me para ganhar mais favor dos Bolganis, mas não creio que seja capaz de fazer isso.

— Não tenha medo de mim. Odeio os Bolganis e faria tudo que pudesse para auxiliá-lo na sua cavalheiresca aventura. Todavia conheço bem a situação. A mulher que se acha naquela torre não pode ser socorrida. Seja qual for o plano que o senhor tenha concebido, o fracasso será certo.

Não conseguirá sair da várzea do Palácio dos Diamantes e* nem mesmo deste palácio, a não ser que os homens-gorilas o consintam.

— Vejo que o senhor, pelo fato de estar aqui há muito tempo, já vai adquirindo a mesma mentalidade que faz com que os Gomanganis se deixem escravizar eternamente. Tenha coragem. Se deseja sair daqui, acompanhe-me. É possível que tenhamos êxito na tentativa e, se não o tivermos, pelo menos o senhor terá feito um esforço, o que é preferível a se conformar perpétuamente com a situação em que se acha.

— Não, disse o velho sacudindo a cabeça. É impossível. Se houvesse meio de escapar, eu já não estaria aqui há muito tempo.

— Adeus, disse Tarzan, e saltando ao peitoril da janela, agarrou-se à hera que cobria a torre e foi subindo para o telhado do edifício.

O inglês seguiu os movimentos do homem-macaco, que caminhava pelo telhado na direção da torre acachapada, onde devia estar a mulher que procurava. O velho encaminhou-se então para a escada de caracol, pela qual desceu apressadamente. Entretanto, Tarzan ia andando pelo telhado, subindo e descendo e transpondo obstáculos que se lhe deparavam na estrutura original daquele edifício bárbaro. E assim se foi aproximando da torre de forma tão curiosa, e na qual La devia estar encarcerada. O homem-macaco seguia vagarosamente, porque a sua prudência de animal de selva o fazia parar de vez em quando para escutar atentamente.

Ao chegar junto à torre Tarzan verificou que havia várias entradas, cobertas apenas por tapeçarias pesadas, semelhantes às que vira pouco antes nos aposentos da torre que visitara. Puxando uma dessas tapeçarias, notou que a entrada dava para uma grande sala sem mobília* e no centro da qual havia uma abertura circular análoga à da escada pela qual subira na outra torre. A sala estava vazia e o homem-macaco caminhou diretamente para a escada. Examinando o grande poço, observou que a escada atravessava muitos andares. Não lhe foi possível precisar exatamente quantos, mas teve a impressão de que os degraus passavam o pavimento térreo do palácio e iam ter a câmaras subterrâneas.

Tarzan procurou ainda explorar o profundo buraco, tendo ouvido alguns ruídos e sentido também odores, entre os quais predominava o mesmo perfume de incenso, que por toda a parte do Palácio dos Diamantes sobrepujava os outros cheiros e impedia o homem-macaco de tirar partido do seu apuradíssimo olfato.

Esse perfume ia ser prejudicial a Tarzan, porque neutralizava a sensibilidade das suas narinas, não lhe permitindo perceber o cheiro de um Gomangani que se achava próximo. O negro estava deitado por trás de uma das tapeçarias, em uma reentrância da torre. O Gomangani percebera a entrada de Tarzan e o olhava atentamente, enquanto ele estava examinando o poço da escada, a primeira impressão do selvagem fora de terror diante da aparição de uma criatura como nunca vira. Se o Gomangani tivesse uma inteligência suficientemente desenvolvida para entreter superstições, teria certamente acreditado estar diante de um deus descido dos céus. Mas estando em um nível de desenvolvimento intelectual em que não possuía ainda imaginação, o Gomangani contentou-se em concluir que estava diante de um ser desconhecido e que tinha portanto de ser forçosamente um inimigo.

O seu primeiro movimento foi pois dar o alarma, despertando o seu senhor, mas por prudência não quis fazer um movimento, enquanto a estranha criatura não se houvesse afastado um pouco. Por outro lado, o Gomangani evitava sistematicamente chamar sobre si a atenção dos Bolganis. A experiência e talvez o instinto hereditário lhe haviam ensinado que para os da sua raça era sempre vantajoso não ter contacto com os homens-gorilas. Mas quando, depois de uma demorada inspeção da escada o desconhecido por ela desceu, desaparecendo da vista do Gomangani, este imediatamente, saltou para o telhado, atravessando rapidamente na direção de outra torre que se erguia do lado oriental do edifício.

À medida que Tarzan descia a escada, o perfume do incenso se ia tornando mais forte e ficando mesmo perturbador. O homem-macaco estava positivamente aborrecido por não poder empregar o seu olfato na pesquisa que fazia. Tinha de contentar-se em ver e ouvir e algumas vezes era mesmo obrigado a penetrar nos aposentos que davam para os sucessivos patamares, a fim de verificar se neles havia

alguém. Quando encontrava as portas trancadas, escutava pela abertura que havia embaixo. Por mais de uma vez chamou por La, mas nunca obteve resposta.

Tarzan já havia dado busca em quatro andares, quando ao chegar ao quinto viu um negro evidentemente em estado de grande excitação e mesmo de pânico. O negro, que tinha a estrutura de um gigante, estava completamente desarmado e ficou como que petrificado pelo terror, quando o homem-macaco saltando os degraus avançou para ele.

— Quem é o senhor? Estará porventura procurando a mulher branca que os Bolganis aprisionaram?

— Sim, respondeu Tarzan, e que sabe você dela?

— Sei onde ela está escondida. E se o senhor me acompanhar, iremos até lá.

— Por que se prontifica a me prestar esse serviço? perguntou Tarzan, imediatamente desconfiado. Por que não vai já dizer aos seus senhores que me viu aqui para que eles mandem os seus homens prender-me?

— Não sei porque me mandaram dizer isso ao senhor. Quando os Bolganis me deram essa ordem, fiquei muito assustado e só vim porque não podia desobedecer.

— Para onde os Bolganis disseram a você que me levasse? perguntou o homem-macaco.

— Eu devo levar o senhor a uma sala, cuja porta será imediatamente trancada, logo que nela entrarmos. Ali, o senhor ficará prisioneiro.

— E que acontecerá a você?

— Eu também ficarei preso na sala com o senhor. Poderá matar-me, mas os Bolganis pouco se incomodam com isso.

— Se me levar para uma ratoeira, eu o matarei com toda a certeza, mas se me conduzir ao lugar onde está a mulher branca, talvez consigamos ambos escapar daqui. Não tem vontade de sair deste lugar?

— Vontade tenho eu de fugir, mas não é possível.

— Já tentou escapar?

— Não. Tenho tido muito desejo de fazê-lo, mas para que tentar o que é impossível?

— Se me meter na ratoeira, nada o salvará, porque o matarei. Mas se me conduzir até a mulher, há uma probabilidade de fugirmos todos. Que prefere?

O negro levou algum tempo a cocar a cabeça com um ar estúpido. Afinal, uma idéia pareceu ter-se formado no seu cérebro bronco.

— O que o senhor diz está muito certo. Vou conduzi-lo ao lugar onde está a

mulher.

O negro, seguindo adiante, desceu a escada até o pavimento imediato e daí enveredou por um longo corredor. Enquanto andavam, Tarzan procurava explicação de como os homens-gorilas haviam descoberto a sua presença. Raciocinando, o homem-macaco concluiu que o velho com quem conversara na torre ocidental o traíra, porque Tarzan julgava que mais ninguém tivera conhecimento da sua entrada no Palácio dos Diamantes. Seguiam agora por um corredor muito mal iluminado, porque ali só se refletia de modo inadequado a luz mortíça que alumiaava o corredor pelo qual havia antes passado. Afinal chegaram diante de uma porta fechada.

— A mulher está aqui dentro, disse o negro, apontando para a porta.

— Ela está só? perguntou Tarzan.

— Não, respondeu o negro. Olhe. E ao mesmo tempo que falava, abria a porta e suavemente levantava um reposteiro, de modo a deixar ver ao homem-macaco o interior da sala.

Agarrando o negro pelo pulso para que ele não fugisse, Tarzan pôs-se a observar o vasto salão. Era uma grande câmara em cuja extremidade se via um estrado de madeira escura e trabalhada, que parecia um grande sólio. Nesse estrado estava um grande leão de juba negra, o mesmo que o homem-macaco vira com seu séquito percorrer em procissão os jardins do palácio. As cadeias de ouro engastadas no colar de diamantes posto ao pescoço da fera estavam agora presas a alças no assoalho do estrado. Os quatro negros atléticos que na procissão formavam a guarda de Numa, achavam-se em posição hierática, como sentinelas, aos dois lados do grande carnívoro. Em três troncos de ouro, colocados por trás do estrado, sentavam-se três homens-gorilas de aparência majestosa. Junto aos degraus que conduziam ao estrado, lá de pé, aparecia ladeada por dois Gomanganis. Em bancos colocados diante do estrado e dos troncos, sentavam-se uni cinqüenta Borganis, entre os quais Tarzan destacou logo a figura do velho que encontrara na torre e cuja presença ali vinha confirmar as suas suspeitas da traição que lhe atribuíra. A sala era iluminada por centenas de lamparinas, nas quais se queimava uma substância que não somente produzia luz, como o perfume de incenso que Tarzan vinha sentindo desde que penetrara nos domínios dos homens-gorilas. As janelas que faziam lembrar as de uma catedral estavam escancaradas, deixando entrar livremente no recinto o ar tépido da noite de verão. Por essas janelas Tarzan podia ver os jardins, tendo verificado também que o grande salão estava situado no pavimento ao nível do terraço, em que se erguia o palácio. Para além daqueles jardins haviam um portão aberto e depois a liberdade. Mas entre esta e Tarzan se interpunham cinqüenta homens-gorilas armados. E Tarzan pensou que naquelas circunstâncias a estratégia daria melhores resultados que a força bruta, para assegurar a liberdade tanto a ele

como a La. Contudo, o homem-macaco tinha um pressentimento de que afinal seria antes pela força que pelo estratagema que chegaria a uma solução daquele difícil problema. Voltando-se para o negro que o conduzira até ali, perguntou-lhe:

— Aqueles Gomanganis, que estão guardando o leão, terão também vontade de fugir?

— Todos os Gomanganis fugiriam daqui se pudessem fazê-lo, respondeu o negro.

— Se eu precisar entrar nesta sala, entre comigo e vá dizer aos outros Gomanganis que, se eles me ajudarem, eu lhes darei liberdade e os tirarei desta várzea.

— Eu o direi, mas estou certo de que eles não me acreditarão.

— Diga-lhes então que se não me ajudarem, serão mortos.

— Direi isso a eles.

Volvendo de novo a atenção para o que se passava no interior da grande sala, Tarzan notou que o Bolgani sentado no trono do meio estava falando.

— Nobres de Numa, o rei dos animais e imperador de todas as coisas criadas, disse o homem-gorila em uma voz profunda, que se assemelhava um pouco ao rugido das feras. Numa ouviu as palavras ditas por esta mulher e a vontade de Numa é que ela morra. O grande imperador está com fome. Ele próprio vai devorar a vítima aqui em presença dos seus nobres e diante do Conselho Imperial dos Três. Esta é a vontade de Numa.

Estas palavras provocaram um aplauso em que os rugidos daquele auditório bestial se misturavam aos outros mais formidáveis, com que Numa fazia ecoar pelo palácio a sua voz terrível. A fera fixava os seus cruéis olhos verdes sobre La, arreganhando os dentes e agitando a cauda em indícios bem claros de suas ferozes intenções. Evidentemente aquelas cerimônias eram de ocorrência bastante freqüente, para que o leão já estivesse habituado e soubesse bem qual o seu epílogo.

— Depois de amanhã, disse, retomando a palavra, o imponente homem-gorila que já havia falado, o companheiro desta criatura, que já se acha debaixo de chave na torre dos imperadores comparecerá também ao julgamento. Escravos, prosseguiu o Bolgani com voz agora trovejante, arrastai essa mulher e entregai-a ao vosso imperador.

Percebendo ter chegado o momento culminante, o leão ficou excitadíssimo. Rugia ferozmente escancarando a bocarra e agitava a cauda, que já se erguia verticalmente. Firmando nas patas traseiras, armava o bote sobre La, que vinha sendo arrastada pelos dois Gomanganis.

A mulher, embrutecida pelo terror, não podia gritar, mas fazia esforços tremendos

para se livrar dos dois negros que a agarravam. A resistência, porém, era claramente inútil.

Os Gomanganis haviam arrastado a prisioneira até o último degrau e iam lançá-la às garras do leão, cuja excitação se tornara nesse momento frenética, quando recuaram espantados por um grito formidável partido do outro extremo da sala. Surpreendidos também por aquele brado selvagem, os homens-gorilas que formavam aquela assembléia sinistra se puseram de pé e voltaram-se para ver o que significava semelhante interrupção da cerimônia.

Nas fisionomias bestiais dos Bolganis a expressão da surpresa juntava-se às contorções da raiva. No fundo da sala, de pé, seminu e soberbo, empunhando o chuço, estava o homem branco, de quem os Bolganis tinham ouvido falar, mas que nenhum deles até então vira. E tão destro foi Tarzan nos seus movimentos, que os homens-gorilas mal se haviam levantado e o chuço já dardejava por sobre eles, impelido pelo punho hercúleo daquele intrépido inimigo.

A câmara dos horrores

UM MAGNÍFICO leão de juba negra seguia pela floresta indiferente a todas as criaturas da selva. A grande fera não andava à caça e não parecia também sentir fome, pois não rugia como costumam fazer os leões quando sentem necessidade de alimento. A sua marcha era muito rápida, mas por vezes estacava e erguendo a cabeça farejava o ar em várias direções à procura de uma pista que parecia ter dificuldade em encontrar. Assim andou por muito tempo aquele belo leão até dar com uma alta muralha, que foi cheirando em um estado de excitação cada vez maior. Afinal, um portão apenas encostado cedeu ao empurrão da formidável cabeça do felino e pelo caminho que assim se abria diante dela, a fera penetrou na grande tapada que a muralha formava.

Diante do leão erguia-se um enorme edifício, cuja gigantesca estrutura pareceu impressionar o animal, que certamente nunca vira coisa tão estranha. Com a prudência característica das criaturas da selva, o formidável felino ficou por algum tempo observando e farejando o ambiente para ele inteiramente novo, em que de repente se encontrava. Estava o leão nesse cauteloso exame das coisas desconhecidas que o cercavam, quando do interior do edifício partiram rugidos de outro animal da mesma espécie. A fera sacudiu a cabeça, agitando a bela juba negra e foi caminhando com o passo sub-reptício dos felinos na direção donde vinham os rugidos.

Precisamente no momento em que os Gomanganis arrastavam La para entregá-la a Numa, Tarzan entrou na grande sala, soltando um grito terrível, que provocou brusca interrupção da sinistra cerimônia, detendo, como o homem-macaco previra, o gesto final dos negros que iam lançar a mulher entre as garras do leão. Foi nesse momento de surpresa e de confusão, que Tarzan arremessou o chuço que, com pontaria certa, voou por sobre o bestial auditório e foi cravar-se em cheio no coração da fera excitada e furiosa. E os Bolganis e Gomanganis, assombrados por aquele inesperado desfecho do rito sanguinário, viram Numa saltar, cambalear e cair sobre o estrado nas últimas contorções da agonia.

Ao lado do homem branco estava o Gomangani que ele conseguira pela intimidação pôr ao seu serviço. E logo que Tarzan, vendo os efeitos da sua certa pontaria, avançou pela sala, a fim de arrancar La das mãos dos guardas, o negro acompanhou-o, gritando aos companheiros que ganhariam a liberdade se auxiliassem aquele grande Tarmangani.

— Vocês, bradou o negro, não puderam impedir que o imperador fosse morto e agora os Bolganis não pouparão as suas vidas. Vale, portanto, a pena tentar a sorte, pelejando ao lado do Tarmangani. Assim terão pelo menos possibilidade de salvar-se e de recobrar a liberdade. Não se esqueçam, exclamou o negro dirigindo-se aos dois guardas de La, de que vocês serão julgados culpados da morte de Numa. Ponham-se ao nosso lado e tentemos todos livrar-nos dos Bolganis,

Entretanto, Tarzan conseguira no meio da confusão chegar até os degraus do estrado e tirar La das mãos dos Gomanganis. Preparava-se agora para enfrentar os cinqüenta homens-gorilas que, tendo dominado o primeiro susto, se dispunham a atacá-lo ferozmente.

— Matem aqueles três, ordenou imperiosamente o homem-macaco apontando para os Bolganis que estavam sentados nos tronos de ouro por trás do estrado.

Os negros, perplexos diante do que se desenrolava, estavam hesitantes na escolha, do partido que deveriam preferir.

— Matem-nos! repetiu Tarzan com mais energia ainda. Matem-nos, se querem a liberdade. Dêem cabo deles imediatamente, se querem salvar as suas vidas.

Os negros relutavam ainda em tomar uma decisão, mas o tom autoritário, a fascinante personalidade e o hábito do comando davam a Tarzan força para dominar aquelas criaturas inferiores e obrigá-las pelo menos momentaneamente a cumprir as suas ordens, eliminando os três homens-gorilas, que nos seus tronos de ouro representavam a autoridade a que até então os Gomanganis sempre haviam implicitamente obedecido. Subjugados pela energia dominadora do homem branco, os negros que se achavam no estrado arremessaram os seus chuços contra os três membros do Supremo Conselho dos Bolganis. E quando as pontas aguçadas se espetaram no corpo cabeludo dos homens-gorilas, a sorte daqueles negros ficou identificada com a de Tarzan dos Macacos. De ora em diante, não podiam ter mais esperança de perdão na terra dos Bolganis.

Mortos os três maiores Bolganis, Tarzan levou La até ao estrado, tratando logo de arrancar da carcaça do leão o chuço com que o matara. Encarando os Bolganis cada vez mais furiosos, mas hesitantes em atacá-lo, Tarzan, firmando o pé sobre o corpo de Numa, fez ecoar pela sala e pelos corredores o terrível brado de vitória dos grandes macacos da tribo de Kerchak.

Diante do homem branco, os Bolganis estacavam sem coragem de agir e os negros, assombrados, estavam literalmente petrificados pelo pavor.

— Ouçam! gritou Tarzan dirigindo-se aos homens-gorilas. Sou Tarzan dos Macacos. Não vim aqui procurar brigas com a sua gente. Atravessei esta várzea, buscando apenas uma passagem para voltar para as minhas terras. Deixem-me partir

com esta mulher e com estes Gomanganis e não farei mal a vocês.

Mas os homens-gorilas, rosando enfurecidos, moveram-se em uma investida para o estrado. Das fileiras dos Bolganis destacou-se então o velho que Tarzan encontrara na torre coberta de hera e correu na direção do homem branco.

— Ah, traidor! exclamou Tarzan em inglês, você vai' ser o primeiro a conhecer o que é a cólera de Tarzan dos Macacos.

— Traidor?! disse o velho espantado e falando também inglês.

— Traidor, sim! trovejou o homem branco. Pois não foi você que foi dizer aos Bolganis que eu estava no palácio, para que eles mandassem um Gomangani atrair-me a uma emboscada?

— Não fiz nada disso, replicou o velho, pelo contrário, vim para aqui com a idéia de poder prestar algum serviço à mulher branca ou ao senhor, se tivesse oportunidade para isso. Agora aqui estou como inglês que sou, para morrer ao seu lado, porque a sua morte é tão certa para mim, como a existência de Deus. Nada o salvará agora da fúria dos Bolganis, cujo imperador o senhor matou.

— Venha então, disse Tarzan. Vou pôr à prova a sua lealdade. Ser-lhe-á melhor morrer como um bravo, do que passar o resto da vida na escravidão.

Os seis Gomanganis formaram três a cada lado de Tarzan e de La, enquanto o negro que conduzia Tarzan à câmara dos horrores retirava dos cadáveres dos três homens-gorilas os chuços dos seus companheiros neles cravados.

Diante daquele aparato de força a que não estavam acostumados, os Bolganis, que se achavam perto dos degraus do estrado, hesitavam em investir. Mas vendo que o combate se travava em condições de grande desigualdade — nove homens de um lado, enquanto eles eram cinquenta — os Bolganis avançaram para os degraus. Tarzan e os Gomanganis os receberam a golpe de foice, pontadas de chuço e vigorosas pancadas de cacete. No primeiro momento, os atacantes foram rechaçados mas, animados pela sua esmagadora superioridade numérica, os homens-gorilas voltaram à carga em um arremesso violento, que os levou até os primeiros degraus e parecia não poder ter outro epílogo senão o desbarato e a morte de Tarzan e dos seus homens. Precisamente quando os primeiros Bolganis iam pôr o pé no estrado, um rugido terrível e partido quase de dentro da sala causou a estupefação geral e a suspensão do combate.

Todos se voltaram e viram um enorme leão de juba negra, que tendo saltado por uma das janelas já se achava dentro da sala. A majestosa fera ficou por alguns instantes parada, como se fosse uma soberba estátua de bronze e de ouro. Depois um novo rugido fez tremer a sala. Do estrado, Tarzan dos Macacos observava o belo animal e pouco a pouco a sua fisionomia se foi iluminando de alegria, até que a sua

emoção irrompeu em um brado vitorioso que repercutiu pela sala, levando mais uma vez o espanto aos homens-gorilas.

— Jad-bal-jal! e apontando para os Bolganis: — Mata, mata!

Mal estas palavras haviam sido pronunciadas pelo homem-macaco e já o leão, enfurecido e parecendo um verdadeiro demônio, se precipitava sobre os Bolganis.

— Ataquem, ataquem depressa! gritou Tarzan aos negros. Aqui está afinal o verdadeiro Numa, o rei dos animais e imperador de todos os seres criados. Ele massacra os seus inimigos, mas defende Tarzan e protege os Gomanganis que são seus amigos.

Animados pelo tremendo assalto do leão contra os homens-gorilas, os Gomanganis precipitaram-se também contra os Bolganis, desfechando sobre eles foiçadas e cacetadas. Tarzan, pondo de parte o chuço, avançou com faca desembainhada, colocando-se ao lado de Jad-bal-ja, a fim de dirigir os botes do leão que, na fúria que se achava possuído, era capaz de matar algum Gomangani ou lançar-se mesmo sobre o velho inglês ou sobre La. Vinte homens-gorilas jaziam no assoalho trucidados pelo leão, quando os restantes Bolganis conseguiram escapar da sala, espavoridos. O homem-macaco chamou então Jad-bal-ja para perto de si.

— Tirem do estrado o corpo do falso Numa, ordenou aos Gomanganis, porque agora está aqui o verdadeiro imperador para tomar conta do seu trono.

O velho e La contemplavam Tarzan maravilhados.

— Mas quem é o senhor? perguntou o velho emocionado. Como pode dominar por esta forma um animal feroz? que pretende o senhor fazer afinal?

— Espere e verá, respondeu Tarzan sorrindo. Creio que agora estamos salvos e espero também que de ora em diante os Gomanganis possam viver tranquilos por muito tempo.

Os negros, cumprindo as ordens que haviam recebido, levantaram o corpo da fera morta pelo homem-macaco e o arremessaram por uma das janelas. Então Tarzan chamou Jab-bal-ja e mandou-o ficar no estrado, onde antes estivera o leão Numa.

— Vejam, disse aos Gomanganis, como aqui está o verdadeiro imperador que não precisa ser acorrentado ao seu trono. Corram e chamem todos os Gomanganis que estão no jardim, para que, trazendo as suas armas, venham à sala do trono ver o que aconteceu. Tragam-nos depressa para que todos estejam aqui antes de os Bolganis retornarem com reforços.

Agitados por aquelas cenas violentas, os cérebros estúpidos dos negros trepidavam ao ponto de lhes dar uma espécie de inteligência. Às carreiras, três deles foram cumprir a ordem de Tarzan, enquanto os outros ficaram estarecidos a olhar

para o homem-macaco em uma atitude extática, como se estivessem diante da própria divindade. E a própria La encarava o seu salvador com uma expressão fisionômica de enternecido assombro, que não era muito diferente da que se estampava nas caras daqueles negros boçais.

— Eu ainda não agradei, Tarzan dos Macacos, o que fez por mim. Bem sabia que viria tentar salvar-me das mãos dessas criaturas ferozes, embora a tentativa fosse um golpe sem esperança. É um verdadeiro milagre ter você obtido sucesso até este momento. Mas quem conhece as histórias e as lendas dos homens-gorilas sabe que não poderemos escapar vivos das mãos dos Bolganis. Fuja, portanto, Tarzan. Fuja enquanto é tempo, porque sozinho poderá ter alguma possibilidade de escapar.

— Não concordo com a sua opinião, La. Acho que agora temos todos uma grande probabilidade não só de escapar daqui, como também de libertar esses pobres Gomanganis da tirania opressiva dos Bolganis, e eu não me contentarei com isso. Quero punir essa gente cruel e desalmada, que não sabe ser hospitaleira para com os estranhos e pretendo também castigar os que em Opar foram” tão injustos e ingratos para com você, La. Daqui seguirei com uma força de Gomanganis para Opar a fim de obrigar Cadj a abandonar o poder que ele usurpou e a restaurarei como rainha de Opar.

— O senhor é um bravo entre os bravos, disse o velho e estou surpreso pelo que já conseguiu fazer. Todavia La tem razão. O senhor não conhece a ferocidade dos Bolganis, nem faz idéia dos recursos de que eles dispõem, nem do poder que exercem sobre os Gomanganis. Se conseguisse livrar estes pobres negros do medo que os oprime, seria talvez possível escapar com eles desta várzea sinistra, mas isso creio ser coisa superior às forças mesmo de um homem do seu valor. A nossa única possibilidade de salvação consiste, portanto, em fugir do palácio, enquanto os Bolganis estão perturbados e desorganizados. Assim, teríamos talvez a possibilidade de sair da várzea, antes de sermos capturados pelos homens-gorilas.

— Sim, exclamou La, e isso mesmo já não é possível. Os Bolganis voltam com reforços. Vejam, eles aí vêm.

Olhando para o lado indicado pela mulher, Tarzan viu os homens-gorilas que avançavam em massa para a sala. Virando-se calmo para La e para o velho inglês, disse-lhes:

— Sim, os Bolganis vêm atacar-nos mas olhem para aquele lado e notem que há um outro fator em equação.

E apontando para o terraço mostrou os Gomanganis que em número de algumas centenas corriam tumultuariamente para as janelas. Ao mesmo tempo, os negros que estavam na sala sobre o estrado prorromperam em gritos:

— Aí vem a nossa gente, chegou o momento da nossa libertação! Agora os Bolganis não mais nos poderão estafar com trabalho, nem torturar-nos, nem fazer de nós a comida de Numa.

Logo que os primeiros homens-gorilas foram entrando pela sala, os Gomanganis armados começaram a saltar pelas janelas do lado oposto da grande câmara. À frente dos negros vinham como capitães os três Gomanganis que haviam, por ordem de Tarzan, revoltado os escravos contra os Bolganis. E tão bem haviam cumprido a ordem, que aquela gente oprimida instantaneamente se transformara em uma legião valorosa de combatentes, cheios de entusiasmo pela idéia de conquistarem a liberdade. O chefe do bando de homens-gorilas em tom imperioso ordenou aos negros que agarrassem o intruso e os que com ele se achavam, mas a resposta dos Gomanganis foi arremessar os chuços, que atingiram em cheio o grande Bolgani. A batalha estava travada e nos primeiros momentos ambos os grupos combatentes pareciam animados de intensa fúria.

No palácio o número de homens-gorilas era muito superior ao dos Gomanganis, mas estes tinham a vantagem de ocupar o grande salão e poderem dar cabo dos Bolganis à medida que tentassem ali penetrar. Tarzan, tendo verificado o ardor combativo de que se achavam empolgados os negros, chamou para perto de si Jab-bal-ja e assumiu o comando dos Gomanganis. Dispôs os seus homens em pequenos grupos em todas as entradas da sala, deixando uma força considerável de reserva, em seguida, chamou de parte o inglês, com quem começou a conferenciar.

— O grande portão do lado do oriente está aberto. Tomei essa precaução quando pulei o muro. Diga-me uma coisa. Será possível despachar uns vinte negros para espalhar pelas aldeias da várzea a notícia do que está acontecendo aqui no palácio e dizer a todos os Gomanganis que chegou para eles a hora da libertação, de modo que essa gente viesse em massa em nosso auxílio?

— O seu plano é excelente, disse o velho. Os Bolganis estão neste momento concentrados deste lado do palácio. Esta é a ocasião para despachar os homens, que sem risco chegariam ao portão do lado oriental. É preciso escolher negros que, pela sua idade, inspirem confiança aos seus companheiros. Somente assim será possível conseguir que a gente das aldeias acredite e se disponha a vir auxiliar-nos aqui.

— Muito bem. Escolha os homens, diga-lhes o que têm a fazer e recomende-lhes que andem com muita pressa, porque não há tempo a perder.

O velho escolheu uns trinta negros, explicando a cada um deles o que tinha a fazer. Os Gomanganis ficaram encantados com o plano e asseguraram a Tarzan que dentro de uma hora estariam chegando ao palácio os primeiros reforços vindos das aldeias.

— Quando vocês passarem o portão, disse o homem-macaco aos Gomanganis, vejam se conseguem quebrar o cadeado, a fim de que os Bolganis não possam fechar outra vez a porta, o que impediria a entrada dos nossos reforços. Avisem também a gente das aldeias que os primeiros que chegarem à tapada esperem mais companheiros até formarem uma força mais ou menos do tamanho da que está nesta sala e só então transponham o portão.

Os negros deram sinais de compreensão das ordens e poucos momentos após saltavam pela janela, desaparecendo na escuridão da noite.

Logo após a partida dos emissários para sublevar as aldeias contra os Bolganis, um grupo destes conseguiu em violenta investida penetrar na grande sala. Eram uns vinte homens-gorilas apenas, mas os Gomanganis, em face da ofensiva dos seus opressores, sentiram afrouxar-se-lhes o entusiasmo. Era o medo hereditário implantado naquelas almas escravas que os fazia hesitar, ao verem uma possibilidade de sucesso para os Bolganis. Houve assim uma hesitação entre os negros, que pareciam relutar em contra-atacar os Bolganis. Tarzan, entretanto, já tinha saltado do estrado acompanhado por Jad-bal-ja e ao se aproximar do primeiro Bolgani, que penetrara na sala, gritou ao leão: — “Mata”!

O felino, com um bote certo, cravou as presas na garganta do homem-gorila, que cambaleou e caiu, tendo sobre si o terrível animal. Tarzan deu imediatamente ordem a Jad-bal-ja que largasse a vítima e repetiu-lhe a voz de comando para saltar sobre outro Bolgani. Três homens-gorilas foram assim em poucos segundos trucidados por Jad-bal-ja. Os outros, apavorados, puseram-se em fuga, saindo em confusão daquela câmara de horrores. A intervenção de Tarzan com o seu indômito leão levantara instantaneamente o ânimo dos Gomanganis, restituindo-lhes o ardor combativo e a ânsia da liberdade. E vendo os homens-gorilas que fugiam da sala, os negros foram-lhes no encalço, efetuando um movimento envolvente. Quando Tarzan viu que a manobra rápida dos Gomanganis havia interceptado a retirada dos Bolganis, ordenou-lhes:

— Segurem-nos, não os matem. E dirigindo-se aos homens-gorilas disse-lhes: — Rendam-se. Se o fizerem imediatamente, poupar-lhes-ei a vida.

Jad-bal-ja, junto a Tarzan, fixava os seus olhos verdes sobre os homens-gorilas e de quando em vez voltava-os para o seu senhor com uma expressão que, melhor que palavras, significava um pedido de licença para saltar sobre aquela gente.

Dos Bolganis que haviam entrado na sala, sobreviviam quinze. Por alguns momentos ficaram relutantes diante da intimação do homem-macaco. Afinal um deles atirou as armas ao chão. Os outros imediatamente imitaram o gesto de rendição do companheiro.

Tarzan gritou então para Jad-bal-ja, apontando-lhe o estrado: — Para ali. O leão obedeceu e o homem branco dirigiu-se aos Bolganis para lhes falar.

— Escolham um entre vocês para ir dizer aos seus que eu os intimo a se renderem imediatamente.

Os homens-gorilas permaneceram alguns segundos falando baixo uns aos outros. Depois um deles se adiantou e disse a Tarzan que iria transmitir o recado. Logo que o Bolgani partiu, o velho disse a Tarzan:

— Não se renderão. Prepare-se para alguma traição.

— Já pensei nisso, mas o que quero é ganhar tempo, o que para nós é agora mais importante. Se eu tivesse um lugar aqui perto recolheria presos estes Bolganis. Pelo menos já desfalcamos um pouco o contingente do inimigo.

— Aqui perto há um quarto, disse o velho apontando para uma das portas. Nesta torre dos imperadores não faltam lugares para prender gente.

— Muito bem, disse Tarzan. E dentro em pouco as suas ordens estavam cumpridas e os catorze homens-gorilas achavam-se presos no quarto próximo à grande sala.

Longe, nos corredores, podiam-se ver Bolganis reunidos em animada conversa. Parecia evidente estarem discutindo a intimação de Tarzan. O tempo passava. Um quarto de hora e depois meia hora já havia decorrido desde a partida do homem-gorila que levava a intimação de Tarzan aos companheiros. Não vinha resposta, nem havia sinal de reabertura de hostilidade. Finalmente voltou o prisioneiro incumbido daquela missão e o homem-macaco perguntou-lhe:

— Então, qual é a resposta?

— Os Bolganis não se rendem, mas prometem deixá-lo sair livremente do palácio e da várzea, uma vez que o senhor se comprometa a restituir a liberdade aos nossos companheiros aprisionados e a não molestar mais nenhum Bolgani.

— Não, isto não me serve, respondeu o homem-macaco, sacudindo a cabeça. Tenho poder para esmagar todos os Bolganis da várzea do Palácio dos Diamantes. Não me conformo com as condições. E voltando-se para Jad-bal-ja que, sentado sobre as patas traseiras, estava imponente no estrado, prosseguiu: Olhe, ali está o verdadeiro Numa. O leão que vocês aqui tinham era apenas uma fera da floresta. Este é o verdadeiro imperador, rei dos animais e soberano de todas as coisas criadas. Veja, ele não precisa ser acorrentado como um animal selvagem. Está livre, como um verdadeiro imperador. Mas há alguém superior ainda a ele, alguém a quem ele obedece. Esse alguém sou eu, Tarzan dos Macacos. Atrevam-se vocês a não cumprir as minhas ordens e não será apenas o rugido do leão imperial que os forçará à obediência. Será também a cólera ainda mais terrível de Tarzan que levará o pavor

aos corações da sua gente. Os Gomanganis são o meu povo, os Bolganis serão os meus escravos. Volte e diga à sua gente que se renda incondicionalmente. Para eles muito melhor será virem o mais depressa possível pedir-me misericórdia.

Quando o homem-gorila saiu de novo para transmitir o recado aos outros Bolganis, o velho inglês olhou para Tarzan com uma expressão que seria de reverência e mesmo de temor religioso, se um quase imperceptível piscar de olhos não prejudicasse o efeito da sua atitude solene. O homem-macaco deu um suspiro de alívio, dizendo:

— Isto nos vai fazer ganhar pelo menos mais meia hora.

— Precisamos talvez de mais tempo ainda. O senhor já conseguiu o que sempre me pareceu impossível. Já lançou o germe da dúvida no cérebro dos Bolganis, que até hoje nunca tiveram o mais ligeiro receio de que alguém pudesse abalar-lhes o poderio.

Passados alguns minutos, Tarzan observou grande movimento nos corredores, parecendo a princípio que os Bolganis se achavam empenhados em viva discussão. Mas pouco depois o homem-macaco verificava que um grupo de cerca de cinquenta homens-gorilas, com as armas prontas, avançava pelo corredor que vinha à principal entrada da sala e postava-se a pouca distância da porta. Tudo indicava que aquela força devia impedir aos que se achavam no salão do trono a saída dali pela porta principal. Ao mesmo tempo, notava-se que os Bolganis reunidos nos corredores desapareciam, tendo saído pelas comunicações internas do palácio. Os Gomanganis, a postos dentro da sala, olhavam para as janelas, obviamente ansiosos pela chegada dos reforços das aldeias. Lá e o velho inglês estavam também apreensivos. Tarzan sentara-se no estrado recostando-se sobre Jad-bal-ja, em torno de cujo pescoço passara afetuosamente o braço.

— Os Bolganis estão preparando um golpe. Se os negros das aldeias chegassem agora, teríamos possibilidade de romper caminho, enquanto a porta principal está guardada apenas por um pequeno grupo de homens-gorilas. Assim talvez conseguíssemos escapar do palácio, disse o velho, que visivelmente se tornava muito pessimista sobre a situação.

— Vejo, observou Tarzan, que a longa convivência com os Bolganis criou no senhor a mesma mentalidade que faz com que os pobres Gomanganis se deixem escravizar. A crer no poder e nos recursos que atribui aos homens-gorilas, deveria supô-los não apenas homens, mas super-homens. Entretanto, meu caro amigo, eles não passam de animais. Se formos fiéis à nossa causa e soubermos combater como homens brancos comandando estes negros daremos cabo dessas criaturas bestiais.

— Feras são eles, sem dúvida, retrucou o velho, mas são feras com cérebros de

homem. Têm uma astúcia incalculável e a sua crueldade é também diabólica.

Seguiu-se um silêncio pesado, no qual apenas se ouviam por vezes murmúrios dos Gomanganis. Estes estavam ficando com o moral profundamente abatido diante da demora dos seus companheiros das aldeias, que não os vinham auxiliar. A atmosfera tornava-se cada vez mais desagradável, e para isto contribuíam os pensamentos de cada um, que procurava descobrir o que os Bolganis pretendiam fazer ou talvez mesmo já estivessem fazendo. O silêncio de Tarzan, mais terrível que a sua cólera, imprimia um aspecto quase tétrico ao ambiente da sala juncada de cadáveres e manchada de sangue. La afinal quebrou aquele silêncio de chumbo.

— Se os Gomanganis puderam sair do palácio tão facilmente, por que não fizemos nós o mesmo?

— Havia duas razões, respondeu Tarzan. A primeira delas era a seguinte: se tivéssemos saído simultaneamente com os Gomanganis, os homens-gorilas certamente o teriam percebido. E tendo grande superioridade numérica sobre nós, poderiam embarçar-nos e enviar mensageiros que chegassem às aldeias antes dos nossos. Assim, em vez de os Gomanganis da várzea ficarem ao nosso lado, viriam auxiliar os Bolganis e nós seríamos esmagados por uma força enorme de inimigos. E a outra é que não quero sair daqui, sem castigar essas criaturas bestiais, para que no futuro quem entrar na várzea do Palácio dos Diamantes não corra *ok* perigos que eu estou correndo. E tendo silenciado por algum tempo, o homem-macaco prosseguiu: Quero agora dar-lhe a terceira razão porque não podemos sair agora daqui. Olhem para ali, e apontou para as janelas. O terraço e os jardins estão cheios de Bolganis. O plano que eles combinaram baseia-se na esperança de uma tentativa nossa de escapar pelas janelas. Eles aí estão para nos massacrar nessa ocasião. A não ser que me engane e que os homens-gorilas tenham saído para o terraço e para os jardins com medo de nós.

O velho inglês foi então a uma das janelas donde podia observar grande parte do terraço e dos jardins. Voltando ao estrado disse que Tarzan tinha razão e informou ter visto no terraço e nos jardins grande número de Bolganis. O velho foi depois repetir análoga inspeção nas janelas do outro lado e nas portas que davam acesso à sala, bem como às janelas situadas por trás do estrado e dos tronos de ouro, concluindo por informar Tarzan e La que todas as entradas estavam guardadas por homens-gorilas.

— Estávamos completamente cercados e se não chegar socorro dos Gomanganis das aldeias, não teremos esperanças de salvação.

— Entretanto, as forças dos Bolganis estão divididas e dessa circunstância poderemos tirar partido, observou o homem-macaco.

— Mesmo assim divididas, bastam para nos esmagar, retrucou o velho.

— Talvez o senhor tenha razão mas, seja como for, havemos de pelejar até o fim, disse Tarzan com grande calma.

— Que barulho é este? exclamou de repente La olhando para o teto, ao mesmo tempo que na mesma direção se fixavam as vistas de todos que se achavam na sala.

Uma dúzia de alçapões haviam sido abertos no teto da câmara e por eles apareciam dezenas de caras horrendas de homens-gorilas.

— Que diabo querem fazer? perguntou Tarzan.

Como se respondessem ao homem-macaco, os Bolganis começaram a atirar pelos alçapões pedaços de couro de cabra embebidos em óleo e acesos. Em poucos segundos, o grande salão estava cheio de uma fumaça espessa e fétida, em que se misturavam os odores do couro queimado e do pêlo em ignição.

CAPÍTULO 15

O mapa de sangue

DEPOIS de terem colocado o ouro no novo escondo-*J J* rijo, Estevão e Owaza voltaram ao ponto onde haviam deixado os outros cinco negros que os acompanhavam. Daí foram até à margem do rio e acamparam para a noite. O espanhol e o africano conversaram longamente, assentando seus planos. Afinal resolveram abandonar a coluna, seguindo diretamente para a costa em demanda de um ponto diferente daquele onde a expedição organizada por Flora Hawkes havia feito a sua base de operações. Na localidade litorânea para onde se dirigiam, Estevão e Owaza recrutariam uma nova turma de carregadores e viriam buscar o ouro escondido, dentro do prazo o mais breve possível.

Já tinham feito essa combinação, quando o espanhol sugeriu a modificação do plano:

— Em vez de irmos à costa buscar carregadores, não seria melhor aliciá-los aqui mesmo em uma das aldeias desta região?

— Os indígenas desta zona não iriam conosco até a costa, retrucou Owaza. Não são homens habituados a serviço de transporte e quando muito conduziriam o ouro até outra aldeia próxima.

— Então, ponderou Estevão, poderíamos utilizar os indígenas daqui para irem levando o nosso carregamento de uma aldeia para outra e assim, com uma série de sucessivas turmas, nós iríamos aproximando da costa até um lugar onde nos fosse possível contratar indígenas dispostos a fazer o resto da caminhada.

Owaza sacudiu a cabeça, dizendo:

— O seu plano, *Bwana*, é realmente muito bom, mas não o poderemos executar, porque não temos com que pagar os indígenas para fazerem o transporte.

Estevão cocava a cabeça, como se uma idéia surgisse no seu espírito. Em seguida dirigiu-se ao negro.

— O que você diz é verdade, mas não haverá um meio de se evitar uma viagem à costa e o retorno aqui para buscar o ouro?

O negro e o espanhol ficaram por algum tempo silenciosos. Foi Estevão quem falou primeiro:

— Descobri o meio! Mas mesmo que obtenhamos recursos para pagar os indígenas que nos forem levando o ouro de aldeia para aldeia, não poderemos partir daqui imediatamente. Correríamos o risco de nos encontrar com a coluna de Flora.

Teremos de esperar uns dois meses, porque Flora e os seus companheiros farão certamente marcha muito vagarosa, atrapalhados como se acham com aquele bando maldito de carregadores amotinados. Acho, portanto, que enquanto não pudermos avançar para a costa deveríamos pegar uma barra de ouro e ir até alguma localidade próxima, onde pudéssemos trocá-la por mercadorias. Feita essa transação, teremos recursos para contratar os carregadores e seguir para a costa.

— O *Bwana* fala sempre coisas acertadas. A sua idéia é muito boa. Para trocarmos o ouro por mercadorias não precisaremos ir tão longe como teríamos de caminhar para chegar à costa. Assim, não só pouparemos tempo, como não faremos viagens tão longas e fatigantes.

— Ao amanhecer, prosseguiu o espanhol, iremos buscar uma barra de ouro, mas teremos o cuidado de não deixar que nenhum dos seus rapazes perceba o que vamos fazer. Precisamos manter o maior sigilo sobre o lugar em que se acha o nosso tesouro e que só revelaremos a terceiros, quando isso nos for absolutamente inevitável. Quando viermos retirar daqui o ouro, não haverá meio de impedir que outras pessoas conheçam o caso. Então tomaremos precauções para evitar surpresas desagradáveis.

Antes de partirem do local, o espanhol desenhou no couro da pele de leopardo que fazia parte da sua indumentária um mapa em que indicava o esconderijo do tesouro. Esse mapa desenhou-o Estevão com um pedaço de pau embebido no sangue de um pequeno roedor que caçara para esse fim. Owaza deu a Miranda informações sobre o nome indígena do rio e sobre certas características topográficas que se avistavam do ponto em que o tesouro estava enterrado. O negro forneceu também ao espanhol dados sobre o roteiro que dali devia ser seguido para chegar-se à costa. Tudo isto Estevão escreveu sobre o couro e ao terminar sentiu-se satisfeito, pensando que se acontecesse agora alguma coisa a Owaza, não lhe seria impossível orientar-se mais tarde para vir buscar o ouro.

Quando Jane Clayton chegou à costa, recebeu cartas trazendo-lhe a notícia de que seu pai estava livre de perigo, não havendo, portanto, necessidade de que ela fosse à Inglaterra. Resolveu por isso regressar à fazenda e ao cabo de alguns dias de repouso partiu para percorrer de novo em sentido oposto o longo caminho, pelo qual viajaram durante tantos dias. Chegando à casa, grande foi a consternação de “lady” Jane ao saber que seu marido não havia ainda regressado da arriscada expedição em que partira para trazer ouro das criptas misteriosas de Opar. Korak estava muito preocupado com a demora de Tarzan, mas se recusava a admitir que seu pai fosse incapaz de resolver por si mesmo quaisquer dificuldades que o tivessem defrontado. “Lady” Jane aborreceu-se muito com a fuga do leão de ouro, prevendo quanto isso

desgostaria o marido que tão afetuosamente estimava o nobre animal.

No dia seguinte ao da chegada de “lady” Jane à fazenda, vieram ter ali também os Waziris desacompanhados de Tarzan. Então “lady” Greystoke ficou positivamente alarmada sobre a sorte do marido. Depois de interrogar minuciosamente os fiéis indígenas e tendo sabido deles que Tarzan sofrerá um acidente do qual lhe resultará nova perda de memória, a corajosa senhora declarou que no dia imediato partiria acompanhada do mesmo grupo de Waziris, a fim de bater a selva em procura de Tarzan.

Korak esforçou-se por dissuadir a mãe de semelhante idéia, mas vendo que o seu propósito era inabalável insistiu em acompanhá-la. »

— Não, disse com firmeza “lady” Jane. Não devemos estar fora da fazenda todos ao mesmo tempo. Você, meu filho, ficará aqui. Irei eu e se não conseguir encontrar seu pai, voltarei e então você irá fazer uma outra tentativa.

— Não, minha mãe, não posso deixá-la partir sozinha.

— Mas, meu filho, respondeu rindo, eu não vou sozinha. Os Waziris irão comigo e você sabe muito bem que em companhia deles estou tão segura no centro da África, como aqui.

— Sei disso. Entretanto, desejaria ir consigo e gostaria também de que Miriam estivesse aqui.

— Eu também ficaria muito satisfeita de ver Miriam aqui, mas não se assuste. Embora a minha prática de andar pela selva não seja igual à de Tarzan ou de Korak, não sou muito bisonha. E cercada pelos fiéis e destemidos Waziris, não correrei perigo algum.

— Creio que tem razão no que diz mas, apesar de tudo, não gosto vê-la partir sem mim.

Korak teve de conformar-se e viu a mãe partir na manhã seguinte acompanhada por cinquenta Waziris, que lhe serviam de escolta na expedição em busca do seu selvagem esposo.

Os cinco brancos que aguardavam no acampamento a volta de Estevão e de Owaza começaram a impacientar-se. Ficaram a princípio zangados com a demora do espanhol e do capataz, depois a irritação se foi transformando em ansiedade. Ocorreu-lhes a idéia de que tivesse sucedido alguma coisa aos dois e começaram a pensar na posição lastimável em que se veriam sem Owaza para guiá-los, por isso que o capataz parecia o único que pudesse conter aqueles carregadores descontentes e quase amotinados. Discutindo também o caso entre si, os indígenas inclinavam-se a crer que nenhum desastre tinha acontecido a Owaza. Receava antes que o capataz

e Estevão os houvessem deliberadamente abandonado ali. Um deles, Luvini, que tinha uma certa ascendência «obre os outros e ficara substituindo Owaza, alvitrou uma explicação do caso.

Sugериu que o *Bwana* e Owaza tivessem combinado ir buscar o marfim dos árabes para se locupletarem sozinhos com o saque. E essa opinião Luvini transmitiu-a aos brancos.

— Como, porém, ponderou Flora Hawkes, dois homens sós poderiam dominar o bando de aventureiros?

— A senhora não conhece Owaza, replicou Luvini. Ele é capaz de alcançar pela astúcia o que outros não conseguem pela força. Tem uma lábia tremenda e se pôde falar com os escravos dos árabes, é capaz de convencê-los a se revoltarem contra os seus senhores. E quando estes souberem que Tarzan dos Macacos está pelejando ao lado dos rebeldes, ficarão com tanto medo que fugirão aterrorizados, deixando todo o marfim.

— Este homem tem razão, disse Kraski. A manobra que ele suspeita parece-me coisa muito própria do espanhol. E voltando-se bruscamente para Luvini, o russo perguntou-lhe: — Você é capaz de conduzir-nos ao acampamento dos árabes?

— Sim, disse o negro sem hesitação.

— Agora, Flora, prosseguiu Kraski, tenho um plano que me parece bom. Mandaremos imediatamente mensageiros que sejam andarilhos avisar os árabes da aproximação de Owaza e de Estevão, comunicando-lhes também que este não é Tarzan dos Macacos, mas simplesmente um impostor. Mandaremos também aconselhar os aventureiros a prenderem Owaza e Estevão quando ali aparecerem, conservando-os detidos até a nossa chegada. Quando lá estivermos, veremos o que há a fazer para nos apoderarmos do marfim. É bem possível que consigamos executar o nosso primeiro plano, desde que entremos no acampamento dos árabes como amigos.

— A idéia é boa, disse Flora. É pelo menos idéia de um bom patife como você.

O russo corou e replicou com um sorriso:

— Somos todos pássaros da mesma plumagem.. s Flora contentou-se em sacudir os ombros com indiferença, mas Bluber, Peebles e Throck, que ouviam a conversa dos dois, explodiram.

— Que quer você dizer com isso? interrogou Bluber com ares de grande dignidade. Qual de nós é um malandro? Posso dizer-lhe, sr. Carl Kraski, que sempre fui um homem de bem. Não há ninguém que possa ter a audácia de dizer que Adolph Bluber é um patife.

— Ora, cale-se Bluber, respondeu o russo. Se o que eu disse não lhe serve de carapuça, não há motivo para se zangar. O meu plano nada tem de desonesto. Aqueles árabes são uns bandidos e provavelmente roubaram o marfim de alguém. E nós praticaremos um ato nobre, dando liberdade aos negros que eles escravizaram e tratam com crueldade.

— Bem, acudiu Bluber, se se trata de um projeto honesto não vejo razão para não o executarmos. Mas o que faço questão é que o sr. Carl Kraski saiba que Adolph Bluber é um homem de bem.

— É claro, exclamou Throck, somos todos homens de bem. Posso dizer mesmo que nunca encontrei em minha vida um grupo de pessoas tão honestas.

— Por certo somos honestos, vociferou Peebles, e venha alguém dizer o contrário e verá o soco que leva na cabeça. Comigo estas coisas se resolvem assim.

— Sim, disse a garota com displicência. Vocês podem dizer a todo o mundo que são muito honestos. Isso não me interessa. O que me importa agora é saber se seguiremos ou não o plano de Kraski. Mas é ponto em relação ao qual precisamos chegar todos a um acordo, antes de executarmos o projeto. Somos cinco, vamos decidir por votação.

— Os seus homens estão prontos a nos acompanhar? perguntou Kraski a Luvini.

— Irão, se lhes prometermos uma parte do marfim.

— Quantos de nós são favoráveis ao plano de Carl? interrogou Flora.

A decisão foi unânime e meia hora mais tarde partia do acampamento o mensageiro, levando ao chefe dos árabes a comunicação que o russo havia sugerido. Logo após, a coluna levantou acampamento e pôs-se em marcha na mesma direção por onde seguira o portador do recado.

Uma semana depois chegavam ao acampamento dos árabes, tendo sido bem acolhidos. Tudo corraera em ordem, sendo a mensagem transmitida pelo negro recebida pelos árabes. Entretanto, Estevão e Owaza não haviam aparecido por ali, e nenhum sinal deles fora observado nos arredores. Daí, estarem os árabes desconfiados de que se tratasse de um estratagema para tornar fácil a entrada daquele grupo de europeus e do seu séquito de indígenas no acampamento, onde se achavam armazenadas as riquezas obtidas pelos árabes.

Entretanto, Jane Clayton e os Waziris haviam apanhado a pista da coluna de Flora Hawkes a partir do acampamento onde os fiéis negros haviam visto o seu senhor pela última vez. Marchando muito mais rapidamente que a caravana capitaneada por Flora, “lady” Jane e os Waziris chegaram a pequena distância do campo dos árabes

uma semana depois de ali haver entrado a outra expedição. Os Waziris fizeram acampamento a uns dois quilômetros do cercado dos árabes, onde Flora e os seus companheiros aguardavam o aparecimento de Estevão e de Owaza, bem como espreitavam um ensejo para executar o seu plano traiçoeiro contra os árabes. Realmente, Luvini e alguns outros negros por ele industriados faziam sub-repticiamente uma propaganda subversiva entre os indígenas escravizados pelos árabes. Luvini fazia diariamente a Flora Hawkes o relatório minucioso dos resultados que ia obtendo na incitação dos escravos à revolta.

Entretanto, o pérfido negro nada revelava do outro plano paralelo que concebera e estava preparando para ser executado como epílogo do levante contra os árabes. Luvini resolvera de fato não limitar a insurreição ao massacre dos árabes, pretendia completá-lo pelo assassinio dos europeus da sua própria caravana, poupando apenas a vida de Flora, em relação a quem hesitava ainda entre a idéia de tomá-la para si ou de vendê-la como escrava para o harém de algum sultão do norte da África. O plano do astuto Luvini consistia em dar cabo primeiro dos árabes com o auxílio dos europeus e em seguida eliminar estes, a quem as armas deveriam ser previamente furtadas pelos negros que lhes serviam de bagageiros.

Tudo teria sem dúvida corrido de acordo com as combinações e desejos de Luvini, se não fosse a intervenção de um rapaz negro que servia Flora Hawkes e que se tornara muito dedicado a ela. A jovem inglesa, apesar de ser uma mulher sem escrúpulos quando se tratava de satisfazer as suas ambições e a sua cobiça, era bondosa para com os que dela se aproximavam. A maneira como tratava aquele indígena pouco acostumado a receber carinhos dos brancos, impressionou profundamente o rapaz. Por isso Flora veio a ter da sua bondade uma recompensa que excedeu de muito o valor das delicadezas que tivera para com o negro.

Uma tarde, Luvini procurou Flora, comunicando-lhe que os preparativos para a revolta dos escravos estavam concluídos e que o massacre dos árabes teria lugar no mesmo dia, logo após o escurecer. A cobiça dos cinco europeus estava já muito estimulada pelas histórias que lhes chegavam aos ouvidos sobre o vulto dos depósitos de marfim possuídos pelos árabes. Por este motivo, andavam todos ansiosos por ver chegar o momento final em que se apoderariam de toda aquela riqueza.

À hora do jantar, o rapaz que servia Flora aproximou-se dela, com os olhos esgazeados e manifestando os sinais mais patentes de medo. Pondo o dedo sobre os lábios em um significativo gesto de quem pedia silêncio, o negro em um murmúrio quase imperceptível disse à garota:

— Não deixe ninguém escutar o que lhe vou dizer, bem junto ao ouvido contarei o que Luvini quer fazer.

Flora, disfarçando, colocou o ouvido mais perto que pôde da boca do indígena.

— A senhora tem sido tão boa para mim, disse o rapaz, que não posso deixar de dizer o que sei e que muito a interessa.

— O que é? perguntou Flora em uma voz quase imperceptível.

— Luvini, murmurou o negro, depois do massacre dos árabes fará com que os brancos sejam mortos. A senhora ficará presa. Luvini a tomará para si ou a venderá como escrava por muito ouro.

— Mas como veio você saber de tudo isso?

— Todos os negros no acampamento já sabem. Fui encarregado de furtar o seu rifle e a sua pistola. Os outros rapazes farão o mesmo com as armas dos outros brancos.

A garota pôs-se de pé empunhando a pistola e caminhou para a entrada da barraca, dizendo:

— Hei de dar uma lição àquele negro.

O rapaz, agarrando-a pelos joelhos, suplicou em tom ansioso:

— Não, não faça isso. Só resultaria na morte imediata dos outros europeus e a senhora seria aprisionada do mesmo modo. Todos os negros no acampamento estão contra os brancos. Luvini prometeu-lhes que todo o marfim seria dividido em partes iguais entre eles. Tudo está preparado para o golpe e se a senhora ameaçar Luvini ou mesmo der a entender de qualquer modo que sabe da conspiração, eles farão imediatamente o que pretendiam fazer mais tarde.

— Mas então, que espera que eu faça?

— Só há um meio de salvação — a fuga. A senhora e os brancos precisam sair daqui e embrenhar-se na selva. Nem eu posso acompanhá-la.

— Muito bem, disse a jovem, farei o que me aconselha. Devo-lhe a vida e talvez nunca o possa recompensar por isso. Mas quem sabe se o destino não me permitirá ainda fazê-lo? Afaste-se daqui, para que não recaiam suspeitas sobre você.

O negro saiu da barraca, procurando desviar a atenção dos seus companheiros que se achavam reunidos bem em frente no centro do acampamento. Flora pouco depois deixou a barraca, caminhando com ar descuidado, como se estivesse passeando e assim foi ter à barraca de Kraski, também ocupada por Bluber. Os dois homens ali estavam e Flora em murmúrio contou-lhes tudo que o negro acabara de dizer-lhe. Kraski chamou Peebles e Throck, ficando assentado entre todos que teriam o máximo cuidado em não deixar perceber aos negros estarem desconfiados de alguma coisa. Os dois ingleses opinaram pela ação direta. Achavam que se devia imediatamente atacar os negros, aniquilando-os com as armas de fogo. Flora, porém,

dissuadiu-os de semelhante idéia, fazendo-lhes ver como era esmagadora a superioridade numérica dos africanos e como seria impossível subjugar-los em tais condições.

Bluber, com a sua habitual astúcia e a sua viva inteligência, a que se juntava uma indiscutível inclinação à duplicidade, propôs que fossem denunciar a conspiração aos árabes, de modo a que todos juntos tomassem no acampamento a melhor posição possível, para romper uma fuzilaria mortífera sobre os negros.

Flora vetou também o plano do judeu alemão:

— Os árabes são tão inimigos nossos, como os negros. Se nos unirmos a eles para sufocar a revolta, logo que o tivermos conseguido descobrirão todas as minúcias do plano traiçoeiro que havíamos combinado. E então as nossas vidas ... e ela fez com as mãos um gesto significativo.

— Acho que Flora tem razão, como sempre aliás, resmungou Peebles. Entretanto, pergunto eu, como vamos andar sozinhos por estas malditas brenhas? Que faremos sem negros para caçar, para cozinhar o nosso alimento, para carregar a nossa bagagem e para guiá-los por essas terras desconhecidas? É a isto que quero que alguém me responda. O caso é esse e não há meio de se sair dele.

— Sim, o caso é esse mesmo, disse Throck. Não vejo outra solução, mas não me conformo com a idéia de termos de fugir desta canalha negra.

Estavam os cinco brancos a conversar, quando da floresta partiu o rugido de um leão.

— Oh, meu Deus, exclamou Bluber. Meter-me na selva para encontrar um bicho daqueles, sem ter ninguém para me defender! Não, acho que prefiro ficar aqui, para morrer ao menos como morre um homem branco.

— Não pense, observou Kraski, que os negros vão matá-lo como se mata um homem branco. Eles o submeterão à tortura e é isso que o espera, se ficar aqui.

Bluber esfregava as mãos e o medo cobria-lhe a fronte de um suor frio.

— Por que diabo me meti nisto? Por que não fiquei em Londres, onde vivia muito bem?

— Cale-se. Não compreende que se fizermos qualquer coisa que desperte a suspeita dessa gente, ela cairá sobre nós imediatamente? Só temos uma coisa a fazer, continuou a garota, e é ficarmos aqui até o momento de os negros se revoltarem contra os árabes. Antes disso nada nos farão, porque o plano de Luvini é primeiro dar cabo dos árabes, para depois cair sobre nós.

No meio da confusão da revolta ser-nos-á fácil escapar do acampamento. E uma vez na selva, só Deus sabe o que nos acontecerá. Esperemos que Ele tenha

misericórdia de nós.

— Sim, que Deus tenha pena de nós, retrucou Bluber que estava em profunda depressão moral.

Mal havia o judeu concluído a lamúria e Luvini chegava à barraca para avisar que tudo estava pronto.

— Os nossos preparativos estão concluídos, *Bwanas*. Logo que acabarmos a ceia, os *Bwanas* ouvirão um tiro. Será o sinal do ataque. Preparem logo as suas armas para romper fogo sobre os árabes.

— Está bem, disse Kraski. Estávamos justamente conversando sobre isso e decidimos tomar posição junto a entrada do acampamento, a fim de impedir que eles fujam,

— Muito bem, respondeu Luvini, mas a senhora, prosseguiu dirigindo-se a Flora, fique aqui, porque seria perigoso estar em lugar onde se vai combater. Pode ficar sossegada na sua barraca, porque desviaremos a luta para o outro lado do acampamento ou para a entrada do cercado, no caso de quererem os árabes fugir.

— Sem dúvida, disse Flora, ficarei aqui, é mais seguro.

Satisfeito, o negro saiu da barraca, julgando que as coisas não podiam correr melhor para a realização do seu plano. Dentro em poucos minutos, o acampamento estava repleto para a refeição da tarde. Sentia-se que havia qualquer coisa no ar. Notava-se em todos um certo constrangimento e a tensão nervosa de toda aquela gente não podia passar despercebida aos próprios árabes, que eram os únicos ainda ignorantes de toda aquela trama.

Bluber estava positivamente aterrorizado. Volveia o olhar para todos os lados e parecia ter medido centenas de vezes a distância que os separava da porteira do acampamento por onde, quando ecoasse o tiro fatal que todos esperavam, ele teria de partir para se embrenhar naquela mata terrível, em que o seu fim viria a ser sob as presas e as garras de um leão faminto. O pobre homem não conseguiu comer e a palidez e o tremor patenteavam claramente o seu estado de nervos.

Peebles e Throck mostraram um apetite que o judeu considerou verdadeiramente revoltante. Kraski, dotado de nervos mais delicados que os dois rudes pugilistas, comeu pouco, mas não apresentava nenhum sinal de medo. Flora também não mostrava qualquer emoção, apesar de estar convencida de que a situação em que todos se encontravam era simplesmente desesperadora.

Acabava de cair a noite e alguns negros estavam ainda comendo, quando o silêncio foi quebrado pelo ruído seco da detonação de um rifle. Um dos árabes saiu em silêncio da sua tenda para ver o que acontecera. Kraski agarrou Flora pelo braço, dizendo-lhe: — “Venha”! Os dois, seguidos por Peebles e Throck, caminharam para

a paliçada, a que já ia chegando Bluber, cujas pernas pareciam ter-se transformado em asas.

Gritos de combate e o pipocar da fuzilaria faziam vibrar o ar. Os árabes, em número de doze, resistiam galhardamente e, sendo muito melhores atiradores que os negros, sustentavam a sua posição por forma a deixar a luta indecisa, até o momento em que Kraski abriu a porteira do acampamento e os cinco europeus desapareceram nas sombras da selva.

Entretanto, o combate acabou tendo o desfecho que se poderia prever. A superioridade numérica dos negros era tão esmagadora, que apesar da mortífera pontaria dos árabes, os indígenas os sobrepujaram. Nenhum dos nômades do norte escapou à sorte cruel que o destino lhes preparou. Tendo liquidado o primeiro grupo visado pelo seu plano, Luvini foi procurar os europeus, para completar a execução do tenebroso programa. Verificando que Flora e os seus companheiros haviam desaparecido, o negro tirou imediatamente duas conclusões. A primeira foi que alguém o havia traído, revelando o seu plano aos brancos. A outra, que estes não podiam estar muito longe do acampamento, porque dele só tinham saído pouco tempo antes.

Convocando os homens de que dispunha e que agora, com o esforço dos escravos libertados subiam a mais de duzentos, Luvini fez-lhes ver os perigos que resultariam da fuga dos europeus. Estes voltariam depois com reforços para punir os indígenas e para isto bastaria que os brancos conseguissem chegar à primeira aldeia que distava apenas um dia de marcha dali. Era, portanto, imprescindível sair quanto antes no encalço dos fugitivos para capturá-los.

O tesouro dos diamantes

LOGO que as primitivas bombas de gases sufocantes começaram a encher a sala do trono dos imperadores com espessas nuvens de fumaça, os Gomanganis acercaram-se de Tarzan, pedindo-lhe angustiosamente que os salvasse. Os negros estavam realmente aterrorizados, porque pelas janelas podiam ver os Bolganis concentrarem-se em massa nos jardins e no terraço.

— Esperem um minuto, disse o homem-macaco. Vamos deixar que a fumaça se torne mais densa, de modo a encobrir os nossos movimentos. Então pularemos as janelas e procuraremos chegar à porta do lado oriental que é a saída mais próxima de nós e pela qual pelo menos alguns de nós terão probabilidade de escapar para a floresta.

— Tenho um plano melhor, interveio o velho. Deixemos que a fumaça nos encubra mais e, então, sigam-me por uma passagem que os Bolganis não trataram de guardar por esquecimento ou por suporem que nós não atinaríamos com ela. Quando passei pelo estrado por trás dos tronos, verifiquei que nessa saída não havia nenhum homem-gorila de sentinela.

— Mas onde vai ter a passagem? interrogou Tarzan.

— Ao portão da torre de diamantes, aquela em que nos encontramos. Aquele lado do palácio é o mais próximo do grande portão do oriente. Se conseguirmos chegar até à torre, sem sermos perseguidos pelos Bolganis, teremos grande probabilidade de alcançar sem dificuldades o portão e escapar para a floresta.

— Excelente plano! exclamou o homem-macaco. Não teremos muito que esperar para que a fumaça nos envolva, tornando-nos invisíveis aos Bolganis.

De fato, o fumo das peles de cabra impregnadas de azeite já era tão denso na sala do trono, que os seus ocupantes se sentiam seriamente incomodados. Alguns tossiam, muitos estavam quase sufocados e todos tinham os olhos lacrimejantes pelo efeito irritante daquela fumaça acre. Entretanto, a fumarada ainda não constituía uma cortina que protegesse os que se achavam na sala da vigilância dos inúmeros homens-gorilas postados de sentinela por todos os lados.

— Não sei por quanto tempo mais suportaremos esta fumaça. Pela minha parte, creio não poder ir muito mais longe, disse Tarzan.

— O fumo está-se tornando bem mais denso, observou o velho. Alguns momentos mais e creio que poderemos sair daqui sem sermos percebidos.

— Não posso mais, disse La. Estou ficando sufocada e quase não posso enxergar.

— Muito bem, exclamou o velho, duvido que eles agora nos vejam. Vamos, acompanhem-me.

E subindo os degraus do estrado, o inglês, seguido por Tarzan, La e os Gomanganis, foi até atrás dos tronos e ali penetrou pela passagem que indicara. Era uma estreita abertura disfarçada por um reposteiro. Ao lado de Tarzan seguia Jad-bal-ja, que suportara estòicamente o suplício da fumaça, mas parecia agora disposto a expandir o furor em rugidos capazes de denunciar aos homens-gorilas por onde Tarzan e a sua gente estavam escapando da sala. Os Gomanganis caminhavam menos rapidamente que o fariam em outras circunstâncias, porque a atitude do leão de ouro os fazia não desejar estar perto do grupo de brancos em marcha na vanguarda.

A abertura pela qual entrara o velho guiando os outros dava para um longo corredor, em cujo fim uma série de degraus permitia descer para outra passagem, através da qual em absoluta obscuridade se ia ter ao porão da torre dos diamantes. A distância entre esta e a torre dos imperadores era grande e a marcha pelo túnel, onde o único obstáculo, conforme anunciara o velho, consistia nos degraus a que nos referimos, levava algum tempo. Todos porém, estavam tão aliviados por se terem livrado da insuportável fumaça na sala do trono, que o percurso foi feito sem que ninguém sentisse o longo comprimento do túnel. No fim deste o velho estacou diante de uma grande porta, que com muita dificuldade conseguiu afinal abrir.

— Esperem-me um pouco. Vou procurar uma lamparina para nos alumiar.

O velho desapareceu na treva. Ao cabo de pouco tempo uma luz brilhou na sombra e a lamparina que o inglês tinha na mão flamejou. Tarzan pôde então observar que se achavam em uma vasta câmara retangular, cujas dimensões podiam ser antes pressentidas que observadas à luz mortiça da lamparina.

— Faça entrar toda essa gente, disse o velho. E quando os Gomanganis haviam penetrado na câmara, fechou imediatamente a porta que dava para o túnel. Depois, virando-se para o homem-macaco: — Antes de sairmos daqui, quero mostrar-lhe uma coisa que nenhum homem viu até hoje.

E conduzindo Tarzan ao extremo oposto da sala, mostrou-lhe à luz da torcida que queimava na lamparina uma espécie de armário com grande número de prateleiras, em cada uma das quais se viam numerosos saquinhos feitos de couro. Tomando um dos sacos e abrindo-o, o velho espalhou um pouco do conteúdo sobre a palma da mão.

— Diamantes! Cada um destes sacos contém quase dois quilos e meio de pedras preciosas. E aqui há um número incalculável de sacos. Os homens-gorilas extraem

diamantes das rochas desde épocas imemoriais e como a quantidade de pedras que apanham é muito superior ao número das que podem usar, vão aqui entesourando esta riqueza gigantesca. Há entre os Bolganis uma lenda curiosa. Acreditam que um dia os antigos atlântidas voltarão à África, como aqui vinham em tempos remotos e então os homens-gorilas poderão vender-lhes estes diamantes. Por esse motivo é que eles continuam a trabalhar incessantemente na mineração dos diamantes, como se tivessem um mercado para o consumo ininterrupto das pedras. Levem daqui um saco para cada um. E o velho, pegando de dois sacos de couro, entregou um a Tarzan e outro a La. — Não acredito que consigamos sair vivos desta várzea, em todo o caso, porém, vou também levar um para mim. E o velho tirou da prateleira um terceiro saco de couro.

Da grande cripta dos diamantes o velho seguiu guiando o grupo por uma escada primitiva que ia ter ao andar térreo da torre. Apenas duas pesadas portas os separavam agora do terraço, a pouca distância do qual a porta do oriente estava escancarada. O velho ia abrir as portas, quando o homem-macaco o deteve.

— Espere que os Gomanganis cheguem. Eles sobem a escada com dificuldades. Quando estiverem todos aqui, abriremos as portas e então o senhor. La e eu com uma dúzia de Gomanganis faremos uma investida fulminante para o portão. O resto dos Gomanganis irá na retaguarda e farão frente aos homens-gorilas, se eles nos atacarem. Preparem-se para abrir a porta, disse Tarzan um momento após, acho que estão todos aqui.

O homem-macaco explicou cuidadosamente aos negros o plano e o que eles tinham a fazer. Em seguida voltou-se para o velho e deu ordem para abrir as portas. Estas rangeram nos velhos gonzos e num segundo a coluna se precipitava pelo terraço na direção do portão do oriente.

Os Bolganis que continuavam, vigilantes, a montar guarda à sala do trono só descobriram que Tarzan os iludira quando viram o homem-macaco acompanhado pelo leão atravessar o portão do oriente. Dado o alarma, centenas de Bolganis se reuniram para seguir no encalço dos retirantes.

— Aí vêm eles! gritou Tarzan. Corram o mais que puderem. E você, La, vá dirigindo a marcha para o lado de Opar.

— E você. Tarzan dos Macacos? perguntou ela.

— Ficarei aqui por mais tempo com os Gomanganis, porque quero dar uma lição a estes patifes.

— Não. Disse La com energia. Não arredarei pé daqui, enquanto você, Tarzan, não for também. Muitos já foram os riscos que correu por minha causa e por isso não o deixarei sozinho.

O homem-macaco sacudiu os ombros:

— Faça o que quiser. Eles aí vêm.

Com dificuldade Tarzan conseguiu concentrar os Gomanganis que, tendo transposto o portão, não pensavam em outra coisa senão em se porem o mais longe possível do Palácio dos Diamantes. Apenas cinquenta negros vieram postar-se ao lado de Tarzan, os outros seguiam à disparada pela floresta adendo. Entretanto, algumas centenas de Bolganis vinham agora contra Tarzan.

O velho aproximou-se do homem-macaco e, tomando-o pelo braço, disse-lhe.

— É melhor o senhor fugir agora. Estes Gomanganis vão debandar ao primeiro choque dos Bolganis.

— Nada ganharemos fugindo. Perderemos o terreno já conquistado com os Gomanganis que dentro em pouco cairiam sobre nós como vespas se nos vissem fugir.

Mal acabara Tarzan de replicar ao conselho do velho quando um dos Gomanganis, muito excitado, exclamou:

— Vejam, vejam, eles aí vêm. E apontava para a floresta.

— Sim. Chegam e no momento decisivo, disse Tarzan ao observar os Gomanganis que saíam como um formigueiro da selva. Venham! gritou o homem-macaco aos negros que avançavam. Venham depressa para tirar a desforra das injustiças que têm sofrido.

Nesse momento os homens-gorilas avançaram para o portão, mas Tarzan formou os Gomanganis em linhas cerradas e com a celeridade do raio fez um contra-ataque. A massa dos Bolganis que avançava cedeu diante da pressão irresistível das linhas de Gomanganis comandados por Tarzan. Os homens-gorilas tentaram repetidas vezes conservar o terreno, mas o ímpeto da carga dos Gomanganis era irresistível e os Bolganis, repelidos, acabaram recalcados de encontro à parede do Palácio.

Enquanto os Gomanganis com chuços e foices dizimavam os Bolganis que em vão brandiam desesperadamente os seus cacetes de combate, Jad-bal-ja fazia uma verdadeira carnificina nas fileiras do inimigo. O leão já não esperava a voz de comando de Tarzan para saltar às gargantas dos homens-gorilas. Como se fosse um demônio transfigurado em quadrúpede, a fera saltava e derrubava um Bolgani, para repetir imediatamente a façanha no que se achava perto dele. Jad-bal-ja estava tão excitado que Tarzan, receando que o animal na sua fúria matadora não poupasse os próprios Gomanganis, cuidou em contê-lo. De fato, o homem-macaco tanto tinha de se ocupar em conter o leão que mal tinha tempo para colaborar naquele terrível massacre de homens-gorilas.

O combate chegara a um ponto em que Tarzan se convenceu de que, a não ser a ocorrência de algum tato imprevisível, a derrota dos Bolganis seria completa. O homem-macaco não errava. Os Gomanganis estavam tão enraivecidos e tão desejosos de tirar vingança dos seus opressores, que se batiam com uma bravura de que o próprio Tarzan se admirava. E depois do primeiro sucesso, os negros chegaram a tal estado de exaltação combativa, que seria difícil dizer-se se eles ou Jad-bal-ja combatiam com maior ferocidade.

Os Gomanganis não pediam, nem davam quartel ao inimigo. Enquanto viam diante de si Bolganis de pé, iam-nos massacrando. Completamente aniquilado o contingente de centenas de homens-gorilas engajado na peleja travada no jardim do terraço, Tarzan voltou ao portão para ir buscar La e o velho inglês. A grande sala do trono já estava livre da fumaça que se havia dissipado. Para ali voltou o homem-macaco em companhia de La e do velho, seguidos pelos chefes das aldeias dos Gomanganis. Os três brancos sentaram-se nos tronos de ouro e Jad-bal-ja, com a sua bela juba negra, postou-se em atitude imperial sobre o estrado. Tarzan, do trono do meio que ocupava, dirigiu a palavra aos chefes Gomanganis.

— Gomanganis da Várzea do Palácio dos Diamantes! Esta noite vocês conquistaram a liberdade que senhores cruéis e opressivos lhes haviam roubado desde tempos tão remotos, que nem o mais velho de vocês se pode recordar. Vocês foram oprimidos por tanto tempo que não pôde aparecer até agora entre os Gomanganis da Várzea quem tenha energia e inteligência para governá-los. Precisam, portanto, ter como chefe um homem de outra raça.

— O nosso chefe deve ser o senhor, gritaram todos. Tarzan será o nosso rei.

— Não, disse Tarzan, impondo silêncio com as mãos. Há aqui alguém que conhece as necessidades e as aspirações de vocês, alguém que vive há muitos anos neste vale e pode governar os Gomanganis da várzea com espírito de justiça o fazê-los felizes. E Tarzan dos Macacos, apontando para o velho inglês, prosseguiu: — Este será um bom rei dos Gomanganis da Várzea do Palácio dos Diamantes.

O velho, estupefato e atrapalhado, olhava ansiosamente para Tarzan.

— Mas eu quero sair deste vale. Estou ansioso por rever a civilização de que estou afastado há tantos e tantos anos.

— Você não sabe o que está dizendo, replicou Tarzan. Saiu da vida civilizada há muito tempo e, se voltar agora para a terra donde veio, encontrará um ambiente a que não se adaptará mais. Os seus amigos já desapareceram. Terá uma enorme desilusão. Ver-se-á cercado pela hipocrisia, pela cobiça, pela avareza e pela crueldade. Ninguém se interessará por si e também achará todos desinteressantes. Eu, Tarzan dos Macacos, deixei a minha selva e fui viver nas grandes cidades

construídas pelos homens e cheias do que eles chamam civilização. Pois bem, fiquei enojado dos homens e das suas obras. Voltei à minha selva, ao convívio das nobres feras, que são sinceras nos seus afetos e nos seus ódios. Voltei à liberdade majestosa da natureza. Se você, meu amigo, retornar à civilização ficará desapontado e terá arrependimento de haver perdido a oportunidade de realizar uma grande obra humana, sendo útil a estes pobres selvagens.

— Não posso ficar aqui para guiar estes negros, fazendo-os sair das trevas da profunda ignorância em que estão mergulhados, prosseguiu Tarzan, mas você pode e deve tomar sobre os ombros esse empreendimento. Eduque esses homens, incutindo-lhes hábito de ordem, de trabalho e de disciplina. Torne-os felizes, mas não se esqueça de exercitá-los sempre na arte da guerra. Em todos os planos da evolução é preciso saber combater. Os homens bons, civilizados ou selvagens, terão sempre de se defender dos maus. E se os bons não souberem combater e não tiverem armas para se defender, os maus os sobrepujarão e o progresso humano será interrompido. Cuide, portanto, muito em que estes Gomanganis sejam bem treinados na arte de combater, para que possam defender a sua terra e os seus direitos. E não se esqueça de que para combater com êxito, não basta bravura, mas é preciso também ter boas armas e sabê-las manejar com eficiência.

— Tarzan dos Macacos, respondeu o velho, as suas palavras são inspiradas por uma grande sabedoria. Nada mais tenho à fazer naquele mundo, donde parti há tanto tempo. Se os Gomanganis querem ter-me como seu rei, aqui ficarei.

Os chefes das aldeias declararam então que, não podendo ter Tarzan para seu rei, ficariam satisfeitos com o governo do velho inglês que todos eles conheciam de vista ou de fama e sabiam bem que nunca cometera atos de crueldade contra os Gomanganis.

Entretanto, haviam os guerreiros negros invadido o palácio, dando busca em todos os compartimentos e escaninhos, onde aprisionavam os Bolganis que, tomados de pânico depois da derrota decisiva no combate travado nos jardins e no terraço, haviam procurado refúgio por toda a parte no grande bloco de edifícios. À medida que iam sendo feitos prisioneiros, os homens-gorilas eram trazidos pelos Gomanganis para a sala do trono, onde Tarzan, o velho inglês e La se achavam em companhia dos chefes das aldeias. Ali foi comunicado aos Bolganis sobreviventes que tinham a optar entre a permanência no palácio como escravos dos Gomanganis e o exílio perpétuo da várzea. Os negros preferiram massacrar todos os prisioneiros, mas o seu novo rei não consentiu que o fizessem.

— Mas, perguntou um dos homens-gorilas, se sairmos desta várzea para onde iremos? Não conhecemos nada do que existe para além das montanhas que nos rodeiam, a não ser Opar, onde só temos inimigos.

Tarzan lançou um olhar enigmático sobre os prisioneiros e ficou por muito tempo em silêncio. Entretanto, os chefes Gomanganis e mesmo alguns dos Bolganis alvitavam soluções sobre a sorte dos vencidos. Tarzan levantou-se e dirigiu a palavra aos homens-gorilas.

— Vocês são agora apenas uma centena de sobreviventes. Homens fortes e valentes devem ser bons guerreiros. Aqui está La, a rainha de Opar, traída por alguns dos seus súditos infiéis e por Cadj, o grande sacerdote, que usurpou o poder. Amanhã marcharei sobre Opar com os bravos Gomanganis da Várzea do Palácio dos Diamantes para castigar os traidores e repor La no trono que lhe pertence. Mas onde as sementes da rebelião foram uma vez lançadas, há sempre o risco de conspirações e de motins. La durante muito tempo não poderá ter confiança no seu povo. Esta circunstância veio proporcionar a vocês, Bolganis, uma oportunidade para alcançar um país de adoção. Venham, portanto, comigo para derrotar os rebeldes de Opar. E depois da vitória, que será certa, vocês ficarão formando a guarda nobre da rainha para defendê-la, tanto dos inimigos externos, como dos que porventura surgirem entre o próprio povo da cidade.

Durante muitos minutos os homens-gorilas discutiram entre si a proposta do generoso vencedor. Finalmente, um deles, como representante de todos os outros, se aproximou de Tarzan, dizendo:

— Aceitamos a proposta que o senhor nos fez e amanhã seguiremos sob o seu comando para combater em Opar.

— E vocês serão fiéis a La? perguntou o homem-macaco.

— Um Bolgani nunca comete uma traição, respondeu o homem-gorila.

— Muito bem, muito bem, disse Tarzan e voltando-se para La perguntou-lhe: E você, La, está satisfeita com esta combinação?

— Aceito os Bolganis para o meu serviço.

Na manhã seguinte, Tarzan dos Macacos, acompanhado por La, avançou na direção de Opar com três mil Gomanganis e cem Bolganis, para punir Cadj, o traidor. O homem-macaco julgou desnecessárias quaisquer precauções estratégicas, consideradas por ele supérfluas com os elementos de que dispunha. A coluna avançou pela Várzea do Palácio dos Diamantes até o alto da encosta e dali desceu pela garganta que ia ter a Opar.

Um mico que se achava trepado em um galho viu toda aquela gente que caminhava e ficou tão interessado no espetáculo que se esqueceu de cocar a barriga, ocupação em que se achava vivamente empenhado. À medida que a coluna se aproximava e que o macaquinho via chegarem tantos e tantos Gomanganis, a sua excitação aumentava. Mas quando Manu distinguiu os homens-gorilas entre os que

avançavam para Opar, a sua nervosidade atingiu proporções quase delirantes. O mico ficou realmente fora de si ao verificar a presença daquelas criaturas ferozes, que constituíam o terror do seu pequeno mundo.

Cadj estava no pátio interior do templo, onde ao nascer do sol imolara uma vítima ao Deus Flamejante. Junto ao grande sacerdote se achavam outros de menor categoria e também Oah com as suas sacerdotisas. Que entre os que ali se reuniam havia divergências estava claramente indicado, tanto pelas fisionomias fechadas, como pelas palavras que Oah dirigia a Cadj.

— Mais uma vez, Cadj, acaba você de usurpar prerrogativa que não lhe pertence. Somente a grande sacerdotisa tem a atribuição de imolar vítimas ao Deus Flamejante. Entretanto, você abusivamente tem feito isso várias vezes e agora ainda profanou de novo a faca sacrificadora com as suas mãos impuras.

— Cale-se, mulher. Sou Cadj, rei de Opar e sumo-sacerdote do Deus Flamejante. Você é o que é graças apenas ao favor de Cadj. Tome cuidado e ande muito direita, por que de outro modo acabará conhecendo o fio da faca sacrificadora.

Os circunstantes, diante da inequívoca ameaça contida nas palavras de Cadj, mal puderam disfarçar a indignação que lhes causava aquele sacrílego desacato à grande sacerdotisa. Não havia por certo simpatia por Oah mas, afinal de contas, era ela a grande sacerdotisa. Todos estavam mais ou menos convencidos de que La morreria e Cadj tivera cuidado em inculcar essa versão sobre a sua sorte. Em tais condições achavam os sacerdotes e sacerdotisas que Oah devia ser cercada do prestígio inerente a sua alta investidura.

— Tome cuidado, Cadj, observou um dos sacerdotes mais velhos, lembre-se de que há limites que nem mesmo você pode transpor.

— Você se atreve a me ameaçar? interrogou o sumo-sacerdote em cujo olhar já faiscava com veemência a sua exaltação fanática. Tem a petulância de dirigir uma ameaça a mim, Cadj, sumo-sacerdote do Deus Flamejante.

E desmandando-se, Cadj avançava para o velho sacerdote, ameaçando-o com a faca pontificai, quando todos se voltaram surpreendidos pelos guinchos estridentes de um mico que acabava de saltar sobre o galho de uma das árvores do pátio do templo.

— Os Bolganis! Os Bolganis! Eles vêm aí!

Cadj, levantando para o macaquinho a mão donde caiu ao chão a faca, gritou:

— Então, Manu, os Bolganis vêm por aí? Isso é verdade? Se for uma das suas brincadeiras, Manu, garanto-lhe que você nunca mais fará pilhérias com Cadj.

— Estou dizendo a verdade. Vi-os com os meus próprio3 olhos, respondeu o mico

nos seus guinchinhos de falsete.

— Quantos Bolganis viu? A que distância estão eles de Opar? interrogou o sumo-sacerdote.

— Os Bolganis são tantos como as folhas das árvores e os Gomanganis que vêm com eles parecem até a erva que cresce no desfiladeiro quando faz frio e chove. Já estão perto da muralha do templo.

Cadj ergueu a cabeça e fitou o sol. Ao cabo de um momento soltou um brado agudo de uma tonalidade que não era humana. Três vezes Cadj repetiu o hediondo brado e depois, chamando todos os que se achavam nas proximidades, partiu em marcha galopada na direção do pórtico do palácio. Quando Cadj e os que o seguiam penetraram na antiquíssima avenida que ia ter ao palácio, já estava saindo de todos os cantos os cabeludos guerreiros de Opar, armados de facas e de cacetes de combate. Nas árvores duas ou três dezenas de micos cinzentos guinchavam, fazendo tremendo alarido.

— Não é deste lado, não é deste lado. eles vêm da outra banda, e a barulhenta macacada apontava para o sul.

Uma indisciplina e desorganizada multidão de sacerdotes e de guerreiros, que se formara por trás de Cadj, começou então a volver em direção oposta, em demanda do outro lado do palácio. Toda aquela gente foi ter ao cimo da muralha, chegando ali exatamente quando as forças de Tarzan faziam alto do lado de fora.

— Pedras! Pedras! bradava Cadj.

E logo inúmeras mulheres começaram a apanhar calhaus que se acumulavam em enorme quantidade por entre as paredes da muralha em ruínas, atirando-os para perto dos guerreiros que se achavam junto ao parapeito.

— Vão embora! Afastem-se daqui! Este é o templo do Deus Flamejante de quem sou o sumo-sacerdote. Quem o profanar sofrerá as conseqüências da cólera da divindade, gritou Cadj com uma voz trovejante ao inimigo em forma diante da muralha.

Tarzan adiantou-se então das fileiras da sua gente e, erguendo a mão, falou com voz forte:

— Comigo está La, a vossa grande sacerdotisa e rainha. Cadj é um traidor e um rebelde. Abri as vossas portas, entregai-me os traidores para que sejam justificados e nenhum mal acontecerá ao povo de Opar. Mas se houver resistência tomarei a cidade pela força e não darei quartel a ninguém.

Quando Tarzan dos Macacos acabou de pronunciar essas palavras, La, abrindo caminho por entre os guerreiros, chegou até junto do homem branco, para que os

oparianos pudessem vê-la. Gritos favoráveis à grande sacerdotisa começaram a surgir, de mistura com brados hostis a Cadj. Enfurecido e pressentindo também que a situação ameaçava tornar-se insustentável para ele, Cadj resolveu tomar a iniciativa do combate. Concitando os seus guerreiros à luta, o sumo-sacerdote deu o exemplo arremessando uma grande pedra sobre Tarzan. A agilidade do homem-macaco permitiu-lhe evitar o projétil, que foi ferir um Gomangani que se achava perto dele. Uma saraivada de calhaus começou a cair sobre os guerreiros de Tarzan, que imediatamente lhes deu ordem para carregar sobre o inimigo.

Prorrompendo em verdadeiros rugidos, os Bolganis e os Gomanganis avançaram em investida desesperada. Com a destreza de gatos ioram galgando as muralhas desconjuntadas, sem se preocuparem com o adversário que no alto os esperava com os seus cacetes e facas. Tarzan, que na carga visara Cadj como o seu objetivo, foi um dos primeiros a chegar ao cimo da muralha. Um cabeludo opariano de pernas tortas desfechou sobre o homem-macaco uma formidável cacetada. Tarzan, porém, apoiando-se com uma das mãos ao parapeito, com a outra aparou o golpe e arrancou a arma da mão do guerreiro. Mal se havia livrado do opariano, e Tarzan, sempre preocupado em entrar em contacto com Cadj, viu que o sumo-sacerdote corria desesperadamente na direção do outro lado do pátio.

Dois guerreiros oparianos investiram então contra o homem-macaco mas este, brandindo a própria arma de que despojara o primeiro inimigo, enfrentou os dois novos assaltantes. A sua superioridade em peso, em força e em destreza dava-lhe vantagem esmagadora sobre os dois pobres diabos. Sem dificuldade, com duas cacetadas pô-los fora de combate. E vendo que Cadj podia escapar, Tarzan, que fazia questão de punir o chefe da rebelião contra La, precipitou-se para o pátio, seguindo no encalço do traidor que então desaparecia por sob o arco de um corredor.

Alguns sacerdotes e sacerdotisas acudiram então para interceptar o caminho a Tarzan. O homem-macaco agarrou um deles, levantando-o acima da sua cabeça. Assim conseguiu atravessar o pátio, até ao lugar por onde Cadj desaparecera.

Ali estacou e, fazendo meia volta, atirou o sacerdote sobre os companheiros, que vinham no encalço do homem-macaco.

Sem esperar para ver o efeito da proeza, Tarzan enveredou pelo corredor em procura de Cadj. Este, conhecendo muito melhor que Tarzan o labirinto de corredores e de pátios do interior do templo, conseguira escapar. O homem-macaco compreendeu logo que o sumo-sacerdote estava procurando chegar às câmaras centrais do templo, onde lhe seria fácil ir procurar abrigo nos subterrâneos. Ali a sua captura apresentava sérias dificuldades. Por este motivo, Tarzan procurou chegar à parte central do edifício com tempo de impedir que Cadj descesse às criptas, mas exatamente quando ia penetrar no pátio central do templo, os pés de Tarzan se

enlearam em um laço habilmente disposto e, perdendo o equilíbrio, o homem-macaco caiu. Ainda estava aturdido pela queda, quando sobre ele saltaram muitos oparianos que, sem demora o manietaram.

Em um estado de semi-inconsciência, o homem-macaco foi transportado pelos seus traíçoeiros captores e quando deu acordo de si estava deitado sobre uma superfície fria de pedra. Não tardou que Tarzan reconhecesse estar mais uma vez colocado sobre a ara sacrificial do Deus Flamejante. Ali estava de fato amarrado, e vendo diante de si a cara atroz de Cadj, que com caretas hediondas exprimia a sua cruel alegria por ver afinal chegado o momento que a sua alma sinistra tanto desejava.

— Enfim, disse o horrendo sacerdote, chegou a tua hora, Tarzan dos Macacos. Desta vez não terás quem te defenda, nem quem te proteja. Vais sentir não a cólera do Deus Flamejante, mas o ódio de Cadj, o homem que te detesta.

O sumo-sacerdote ergueu então acima da sua cabeça a mão cruel que empunhava a faca sacrificadora. Tarzan, fixando a lâmina, viu por cima e na mesma direção aparecer na borda da parede que circundava o pátio a juba negra de um leão.

— Jad-bal-ja! Mata! Mata!

Cadj voltou-se e ergueu a cabeça na direção em que o homem-macaco estava olhando. No mesmo instante o leão de ouro pulava do alto da muralha para o interior do pátio e, dando dois grandes saltos, cravou as presas na garganta do sumo-sacerdote. A faca ritual tombou das mãos de Cadj e este, sempre agarrado por Jad-bal-ja, caiu de costas ao chão. Os outros sacerdotes, ao verem o leão saltar ao pátio, haviam fugido espavoridos e agora ali apenas restavam Tarzan, o leão de ouro e o cadáver de Cadj.

— Venha, Jad-bal-ja, fique aqui e não deixe ninguém fazer mal a Tarzan dos Macacos.

Enquanto essas coisas ocorriam junto ao altar do Deus Flamejante, os Bolganis e Gomanganis conquistavam Opar. O massacre de oparianos foi grande e os sobreviventes renderam-se, aclamando La rainha de Opar. Depois da vitória, La ordenou imediatamente uma busca para descobrir onde estavam Tarzan e Cadj. A grande sacerdotisa, à frente de um dos grupos empenhados na busca, foi a primeira a entrar no pátio do sacrifício.

Ao transpor o limiar, La estacou sobressaltada. Amarrado sobre a ara sacrificial estava Tarzan dos Macacos e, em cima dele, Jad-bal-ja que, com os dentes à mostra e os olhos faiscantes, revelava de modo inequívoco as suas intenções de não consentir que se tocasse no seu senhor.

— Tarzan! exclamou La angustiosamente. Cadj conseguiu afinal o que queria.

Tarzan está morto! Que o Deus dos meus pais tenha piedade de mim!

— Não, disse o homem-macaco, não estou morto mas, se não fosse Jad-bal-ja, teria perecido sob a faca do sacrifício. Venha desamarrar-me.

— Graças sejam dadas ao Deus Flamejante. E arrebatada de alegria, La avançou para o altar, mas um rugido do leão de ouro a fez recuar.

— Deite-se, ordenou Tarzan ao animal. E Jad-bal-ja imediatamente se estendeu ao lado do seu senhor, esfregando-lhe carinhosamente o peito com o focinho.

La foi então apanhar a faca sacrificial caída ao chão para cortar as cordas que atavam Tarzan. Nesse momento deu com o cadáver de Cadj, no qual até então não reparara.

— O seu pior inimigo está morto e isso você deve agradecer a Jad-bal-ja, a quem também devo a vida. De ora em diante La governará o seu povo em paz e manterá sempre relações de boa amizade com os habitantes da várzea do palácio dos Diamantes.

Naquela noite, Tarzan dos Macacos, os chefes das aldeias dos Gomanganis da Várzea do Palácio dos Diamantes e o « cem Bolganis juntamente com os sacerdotes e as sacerdotisas, sentaram-se à mesa como convivas do grande banquete presidido por La. E todos comeram na baixela de ouro, obra executada em uma longínqua antigüidade pelos artistas da Atlântida, o continente desaparecido e que hoje sobrevivo mergulhado na lenda.

Na manhã seguinte. Tarzan e Jad-bal-ja partiram a caminho da terra dos Waziris, onde o homem-macaco tinha a sua fazenda.

A tortura do fogo

FLORA HAWKES e os seus quatro companheiros caminhavam pela selva mergulhada na treva da noite, enquanto Luvini com os seus duzentos guerreiros lhes dava caça em marcha acelerada. Os cinco europeus andavam sem direção. Haviam sido até ali guiados pelos negros e não formavam idéia alguma da topografia da região, nem eram capazes de orientar-se para esconder o seu rumo. Uma única idéia se fixava no espírito dos cinco fugitivos. Queriam escapar o mais depressa possível para longe do acampamento dos árabes porque, fosse qual fosse o desfecho do embate que ali se travara, Flora e os seus cúmplices não podiam esperar clemência do vencedor. Tinham avançado pelas brenhas durante cerca de meia hora, quando o tropel dos perseguidores, distintamente escutado, os fez correr ainda mais sob o estímulo do terror renovado.

Então, com grande surpresa, os brancos avistaram diante de si uma luz. Que poderia ser aquilo? Teriam eles naquela fuga desorientada feito um círculo completo e estariam outra vez no próprio acampamento donde se tinham evadido? Aproximaram-se, portanto, com cautela, para fazer o reconhecimento, verificando tratar-se de um campo cercado, rodeado por uma cerca de emergência e no meio da qual ardia uma pequena fogueira. Dispostos ao redor do fogo estavam uma centena de guerreiros negros. Aproximando-se mais do cercado Flora e os outros puderam destacar perfeitamente um vulto, sobre o qual se projetava o clarão das chamas. Era uma mulher, e uma mulher branca.

Entretanto, Luvini e a sua gente avizinhavam-se cada vez mais, chegando aos ouvidos dos europeus o alarido progressivamente mais forte dos gritos e do tropel dos negros que corriam. Pelos gestos dos indígenas que conversavam no acampamento em torno da fogueira, era fácil perceber que ali se escutara o ruído do combate travado no campo dos árabes, para onde os negros, empenhados em viva palestra, apontavam freqüentemente. Súbito a mulher branca fez um gesto impondo o silêncio e disse qualquer coisa aos indígenas. Estes ficaram atentos e a sua atitude mostrou logo ouvirem eles também o tropel da gente de Luvini.

— Ali está uma mulher branca, disse Flora. Não sabemos quem ela é mas, seja quem for, é a nossa única esperança, porque Luvini em poucos momentos estará aqui a nos agarrar. É possível que essa criatura nos proteja. Vamos.

E sem esperar resposta, a jovem avançou até ao cercado. Antes, porém, de Flora e os seus companheiros terem chegado à cerca de emergência, os Waziris já os tinham descoberto imediatamente uma linha de chuços se estendeu junto ao cercado.

— Parem. Nós somos os Waziris de Tarzan. Quem são vocês?

— Sou inglesa e com os meus companheiros estou perdida na floresta. Fomos traídos pela nossa escolta, cujo capataz nos está perseguindo com um bando de guerreiros. Somos apenas cinco pessoas e pedimos proteção.

— Deixem-nos entrar! exclamou “lady” Jane. Enquanto os cinco fugitivos penetraram no acampamento atentamente examinados por “lady” Greystoke e pelos Waziris, de uma árvore próxima dois olhos também observavam o acampamento. Eram uns olhos azulados, nos quais faiscou uma luz estranha, ao reconhecerem Flora e os seus companheiros. Quando os recém-chegados se aproximaram de “lady” Jane, esta exclamou em tom de grande surpresa:

— Floral Mas o que está você fazendo, Flora Hawkes, aqui no centro da África?

Esta, tomada por seu turno de uma surpresa que a fez estacar, conseguiu entretanto dominar a viva emoção que a agitava e disse:

— “Lady” Greystoke!

— Não entendo o que pode significar a sua presença aqui. Não tinha a mínima idéia de que você estivesse na África, retrucou “lady” Jane.

Por alguns momentos a garota não pôde falar, tal o seu estado de perturbação. A sua natural presença de espírito voltou, porém, e Flora respondeu:

— Estou viajando com o sr. Bluber e os seus companheiros. Eles estão fazendo uma exploração científica e contrataram-me por saberem que eu tinha estado na África com a senhora e com lorde Greystoke e conhecia muita coisa do país e dos hábitos da sua gente. Os negros que nos serviam de escolta e de carregadores nos atraíam e se a senhora não nos proteger estaremos perdidos.

— A gente que viajava com vocês era natural da costa ocidental? perguntou “lady” Jane.

— Sim, respondeu Flora.

— Creio que os meus Waziris tomarão conta deles. Quantos são?

— Cerca de duzentos, apartou Kraski. Sacudindo a cabeça, “lady” Greystoke observou:

— O caso é sério, porque a minha gente está em grande inferioridade numérica. E foi logo ter com Usula, dizendo-lhe: — Duzentos homens da costa ocidental vêm aí buscar esta gente. Teremos que lutar para repeli-los.

Usula limitou-se a responder:

— Somos Waziris.

Um momento após, Luvini com o seu bando estava a pequena distância do

cercado do acampamento, perfeitamente delineados aos clarões da fogueira. Deparando com aquele grupo de fortes guerreiros, cujos corpos reluziam aos reflexos das chamas, os indígenas da costa ocidental estacaram surpresos e intimidados.

Luvini rapidamente verificou qual o número de guerreiros que estavam no acampamento e avançou alguns passos adiante da sua gente, dirigindo provocações e insultos aos Waziris, ao mesmo tempo que reclamava a entrega imediata dos brancos. E acompanhava a grosseira intimação por gestos grotescos, acenando com a carabina que empunhava. Os negros, estimulados pelo exemplo de Luvini, puseram-se a imitá-lo, gritando e pulando em um frenesi cujo fim era certamente criar coragem para dar um assalto contra o acampamento.

Os Waziris, em linha por trás da cerca, mantinham-se calmos à espera do ataque. Tarzan havia ensinado aos seus indígenas outros métodos de combate, fazendo-os abandonar por completo o costume africano de preceder a luta por gritos, danças e pulos, a que os selvagens recorrem como meio de estimular a bravura.

— Eles possuem alguns rifles, disse “lady” Greystoke, e isto torna a nossa situação muito mais precária.

— Não há entre eles senão uma meia dúzia capaz de fazer alguma coisa com os rifles, afirmou Kraski. Voltando-se para os quatro europeus que acompanhavam Flora, “lady” Jane lhes disse:

— Os senhores estão armados. Tomem portanto posição entre os meus Waziris e não se preocupem conosco. Não atirem antes de eles nos atacarem, mas logo que avançarem rompam e sustentem o fogo. Não há nada que amedronte mais um negro da costa ocidental da África que um homem branco armado com um rifle. Eu e Flora ficaremos no fundo do acampamento, perto daquela árvore.

“Lady” Jane falava em tom autoritário, como quem está habituada a mandar e sabe o que diz. Os quatro brancos obedeceram e o próprio Bluber, apesar do pavor de que se achava possuído, foi com os outros ocupar posição na linha de combate.

Os movimentos dos europeus eram percebidos claramente tanto por Luvini e a sua gente, como pelos dois olhos que vigiavam por entre a folhagem da árvore, a cuja sombra se tinham vindo colocar “lady” Jane e Flora Hawkes. Luvini não queria combater, o seu objetivo era pura e simplesmente apossar-se de Flora. Voltando-se para os que os acompanhavam, disse-lhes:

— Eles são apenas cinqüenta, mas nós não viemos aqui para lutar. Quero apenas agarrar a garota que fugiu do nosso campo. Esperem-me aqui e entretenham esse canalhas, fazendo com que eles estejam sempre olhando para o nosso lado. Levando comigo cinqüenta homens, irei até o outro lado do acampamento e apanharei a

mulher. Logo que o tiver feito, mandarei avisar a vocês para que sigam imediatamente para a aldeia, onde por trás da paliçada estaremos seguros contra qualquer ataque.

O plano de Luvini agradou imenso à sua gente. Os negros da costa ocidental não tinham, apesar de sua superioridade numérica, o mínimo desejo de entrar em combate com os temíveis Waziris. Assim, puseram-se a gritar e a pular ainda mais ruidosamente, certos agora de que iam conquistar uma vitória incruenta e voltar à proteção da paliçada, sem terem corrido os riscos de uma refrega com aquele inimigo que tanto os assustava.

Enquanto Luvini e os cinqüenta homens caminhavam pela selva para atacar o acampamento pela retaguarda, e os indígenas da costa ocidental faziam um ruído ensurdecedor com os seus gritos, da árvore embaixo da qual se achavam as duas mulheres brancas saltou um gigante que estaria completamente nu se não fosse a tanga e a pele de leopardo a que se reduzia a sua primitiva indumentária. Aos clarões da fogueira que reverberavam sobre o vulto atlético do homem branco, “lady” Jane reconheceu o marido, em cuja procura tão ansiosamente andava.

— John! Enfim, graças a Deus o encontro.

— Psiu, fez o gigante branco colocando o dedo indicador sobre os lábios, impondo silêncio. E imediatamente, dirigindo-se a Flora, disse-lhe: É você que eu quero.

Com estas palavras agarrou a garota pela cintura, pulou o cercado e desapareceu na mata, antes que “lady” Jane pudesse mesmo ter compreendido o que se estava passando.

Por momentos Jane Clayton ficou como que aturdida por uma formidável pancada. Ainda sob a impressão daquela cena inesperada caiu ao chão e ali ficou meio desacordada com a face entre as mãos.

Foi assim que Luvini a encontrou, quando cautelosamente transpôs a cerca com um grupo dos seus homens, enquanto no lado oposto os defensores do acampamento, preocupados com os indígenas que continuavam a saltar e a gritar, nada suspeitaram do que se estava passando à sua retaguarda. Luvini viera capturar uma mulher branca e levou a que encontrou e cujos gritos lancinantes foram abafados com as sujas palmas das mãos grosseiras do negro. Tendo realizado o seu objetivo, o africano, todo satisfeito, carregou a sua presa para o acampamento dos árabes, cuja sólida paliçada o protegia contra qualquer eventualidade.

Dez minutos mais tarde, os Waziris e os europeus viram os indígenas da costa ocidental partirem pelas brenhas adentro, sempre gritando e dançando. Dir-se-ia que aquela gente acabava de alcançar uma grande vitória. Entretanto, nenhum tiro fora

disparado e nem um só chuço havia sido arremessado.

— Que diabo! Então, para que esses sujeitos fizeram tanto barulho? comentou Throck.

— Pareciam querer comer-nos vivos e afinal se vão embora sem dizer para que vieram, observou Peebles.

— É preciso mais que meia dúzia de negros para enfrentar Adolph Bluber, disse o judeu estufando o peito.

Kraski cocou a cabeça e, encaminhando-se para o centro do acampamento, exprimiu a sua surpresa diante daquela estranha atitude dos negros. De repente, voltando o olhar, exclamou:

— Mas onde estão Flora e “lady” Greystoke?

Foi então que os Waziris e os brancos verificaram a ausência das duas mulheres. Os primeiros ficaram em um estado de exaltação frenética, chamando em altos brados por sua senhora. Usula declarou logo que marchariam no encalço dos indígenas da costa ocidental e arrebatariam “lady” Jane das mãos daqueles bandidos. E saltando do cercado acompanhado pelos seus cinquenta homens, Usula partiu em pós a gente da- costa ocidental.

Estes foram sem demora alcançados, mas não chegou a haver propriamente combate, porque os covardes negros do litoral, percebendo que os Waziris os perseguiram, fugiram em debandada e os que traziam carabinas lançaram-se ao chão para poderem correr melhor. Entretanto, Luvini e o grupo que o escoltava já estavam muito longe e puderam chegar à paliçada antes de os fugitivos e perseguidores ali aparecerem. Uma vez no interior do cercado, Luvini e os cinquenta negros com que ele se achava, reforçados depois pelos companheiros que chegavam, dispuseram-se a oferecer resistência aos atacantes.

Estavam na posição de um rato acuado, que se torna valente pela pressão das circunstâncias. Tendo certeza de que, se os Waziris transpusessem a paliçada, os massacrariam a todos, os indígenas da costa ocidental lutaram com bravura, enfrentando o adversário, até conseguiram fechar e pôr trancas à porteira. A paliçada oferecerá uma barreira segura e dentro dela os duzentos negros de Luvini podiam facilmente contrabalançar os Waziris, reduzidos agora a menos de cinquenta.

Vendo que não valia a pena combater às cegas em circunstâncias tão desfavoráveis, Usula fez recuar os seus homens, que ficaram agachados a pequena distância da paliçada, em atitude de observação. Usula, entretanto, procurava descobrir um estratagema que lhe permitisse subjugar o inimigo, tendo chegado à conclusão de que não o podia fazer simplesmente pela força bruta.

— O que eu quero agora, dizia o fiel negro, é salvar “lady” Greystoke. Podemos

adiar a vingança para mais tarde.

— Mas, nós nem sabemos se ela está dentro da paliçada, ponderou um dos Waziris.

— Se ela não está ali, onde estará então? É possível que você possa ter razão. Mas eu quero verificar se ela está ou não dentro da paliçada. Tenho um plano. Como o vento está soprando do outro lado da paliçada, irei com dez homens e vocês chegarão perto da mesma e romperão em grande alarido, como se estivessem a pique de forçar a entrada. Podem estar certos de que ao cabo de algum tempo eles abrirão a porteira para sair. Vocês então façam o que **vou** dizer. Garanto que eles procurarão sair. Espero estar de volta antes do momento em que a porteira for aberta, mas se eu não tiver ainda chegado, dividam-se em dois grupos, formando aos lados da porteira. Deixem a gente da costa fugir, que não precisamos matar esses homens. Quando virem “lady” Greystoke, apoderem-se dela. Entenderam bem o que acabo de dizer?

Os negros sacudiram a cabeça e Usula, escolhendo dez companheiros, partiu para o outro lado da paliçada.

Luvini colocara “lady” Jane em uma choupana perto da porteira. Ali a amarrara a um poste, sempre convencido de se tratar de Flora Hawkes. Depois disso, o negro fora para a paliçada dirigir a defesa da aldeia.

As cenas se haviam sucedido com tal celeridade, que “lady” Greystoke ainda não saíra do estado de semi-inconsciência em que ficara desde o desaparecimento de Flora. À medida em que voltava a si, “lady” Jane pouco se preocupava com a lastimável situação em que se via. No seu espírito os perigos e os sofrimentos que a ameaçavam de nada valiam diante da angústia causada pela lembrança de ter visto o seu Tarzan desampará-la em um momento tão crítico e desaparecer com outra mulher. Nem mesmo o que Usula lhe contara sobre o acidente ocorrido a Tarzan e do qual lhe resultará nova perda de memória, podia explicar tão inqualificável deserção. E a pobre senhora atirou-se ao chão imundo da choupana, soluçando como não o fazia há muitos anos.

Enquanto “lady” Greystoke jazia por terra cheia de angústia, Usula e os outros dez Waziris caminhavam sub-repticiamente, fazendo a volta da paliçada em demanda do lado oposto da aldeia. Encontraram ali grande quantidade de ervas e paus secos que os árabes haviam acumulado naquele lugar, ao limparem o terreno para a construção da sua aldeia. Usula e os outros Waziris transportaram toda essa erva seca para junto da paliçada, formando uma alta pilha que se estendia em quase três quartos do comprimento daquele lado do cercado. Achando que seria difícil prosseguir na execução do seu plano sem despertar a atenção dos que se achavam dentro da paliçada, Usula despachou um Waziri para dar ordem aos companheiros que prorrompessem em grande barulho, gritando o mais que pudessem a fim de

abafar o ruído partido do outro lado da aldeia. O plano foi coroado do melhor êxito e ao cabo de uma hora Usula tinha conseguido empilhar toda a quantidade de ervas e paus secos junto à paliçada.

Entretanto, Luvini, tendo vindo observar o grosso dos Waziris postados do outro lado e agora postos em nítido realce pelo luar com que a lua nascente esclarecia a mata, chegou à conclusão de que o inimigo não atacaria a aldeia antes do amanhecer. Assim, o negro se dispôs a empregar o tempo de modo mais agradável. Tendo dado ordens aos seus homens para ficarem vigiando a porteira com instruções para chamá-lo logo que notassem qualquer disposição agressiva por parte dos Waziris, Luvini dirigiu-se à cabana onde deixara “lady” Greystoke.

O indígena era um latagão corpulento, com fronte fugidia e acentuado prognatismo, enfim, um tipo representativo do negro africano mais atrasado. Entrando na choupana com um archote que fincou no chão, Luvini cravou os seus olhos congestos no corpo da mulher que se achava prostrada por terra. Lambendo os grossos beiços, o negro abaixou-se e tocou com as mãos brutais o corpo de “lady” Jane que, erguendo a cabeça e dando com aquela figura repulsiva, recuou mais enojada que atemorizada. Ao ver o rosto da mulher, Luvini recuou espantado.

— Quem é você? perguntou ele no seu mau inglês aprendido na costa.

— Sou “lady” Greystoke, esposa de Tarzan dos Macacos. Se tem juízo, trate de pôr-me em liberdade imediatamente.

Nos olhos do negro transpareciam o assombro e o terror. Seria difícil dizer se alguma outra emoção agitava o cérebro bronco daquela criatura inferior. Por muito tempo Luvini a ficou encarando e, pouco a pouco, a sua fisionomia empastada foi exprimindo outra paixão, que afinal sobrepujara nele o primeiro movimento de pavor. “Lady* Jane, observando essa transformação, lia naquela cara a sorte atroz que lhe estava reservada.

Com dedos que pareciam tatear, o negro desatou as cordas que prendiam os pulsos e os tornozelos de “lady” Greystoke. Horrorizada, a inglesa sentia o bafo de Luvini e via-lhe os olhos congestos e a língua vermelha, com que a todo o momento lambia os beiços. Ao ver-se livre do último laço que a atava, “lady” Jane pôs-se de pé e correu para a entrada da choupana, mas a mão pesada do negro a agarrou pela cintura e apertou-a junto ao seu corpo. Contorcendo-se como uma onça furiosa, a inglesa começou a esbofetear furiosamente a cara hedionda do indígena. Este, porém, sem grande dificuldade, conseguiu subjugá-la, apertando-a cada vez mais em repugnante abraço. E indiferente à gritaria dos Waziris e ao súbito alarido que agora irrompia na aldeia, os dois continuaram em uma luta feroz, na qual a mulher se achava condenada a inevitável derrota.

Junto à paliçada o montão de ervas secas que Usula e os seus companheiros haviam empilhado pegava fogo, ateado em meia dúzia de lugares pelos archotes dos Waziris. As chamas sopradas pela brisa que vinha da selva cresceram imediatamente, envolvendo os paus secos da paliçada que começaram logo crepitar e a faiscar. Fagulhas sem demora propagavam o fogo aos tetos das choupanas mais próximas e com incrível rapidez o incêndio se propagou, convertendo em poucos minutos a aldeia em verdadeiro inferno flamejante. E tal qual o previra Usula, a porteira foi escancarada e os negros da costa ocidental em um pânico delirante, se precipitaram para fora da paliçada, fugindo em desordem para as brenhas.

Cumprindo as ordens de Usula, os Waziris formaram alas aos lados da porteira, esperando a saída da sua senhora, mas esperaram em vão. Todos os indígenas já se haviam escapado e toda a aldeia era uma grande fogueira, sem que tivessem visto “lady” Jane. Por muito tempo os fiéis negros aguardaram o aparecimento da esposa de Tarzan. Afinal, Usula viu-se obrigado a abandonar as últimas esperanças.

— Ela não estava aí dentro, disse o Waziri. Agora o que temos a fazer é perseguir os indígenas da costa, para apanhar alguns deles e obter informações sobre o paradeiro de “lady” Greystoke.

O dia já tinha raiado quando os Waziris conseguiram aprisionar um grupo de retardatários que, não tendo podido acompanhar o grosso dos fugitivos haviam acampado a alguns quilômetros para oeste. Os Waziris cercaram o pequeno grupo e sem dificuldade conseguiram, a rendição dos indígenas da costa, mediante a promessa de que lhes poupariam a vida, se respondessem lealmente às perguntas que lhes fossem feitas por Usula.

— Onde está Luvini? perguntou Usula, que na noite precedente ouvira dos europeus companheiros de Flora o nome do capataz.

— Não sabemos. Não o vimos desde que saímos da aldeia, respondeu um dos negros. Éramos escravos dos árabes e quando nos apanhamos fora da paliçada, deixamos o resto da gente conduzida por Luvini. Julgamos preferível ficar sós, porque Luvini é mais cruel e muito pior que os árabes.

— Vocês viram as duas mulheres brancas que Luvini trouxe do nosso acampamento para a aldeia?

— Ele só trouxe uma mulher branca.

— Que fez ele com essa mulher? Onde está ela agora? perguntou Usula.

— Não sei, disse um dos negros. Ao chegar à aldeia, Luvini amarrou-lhe os pés e as mãos e deixou-a em uma choupana. Depois disso não vi mais aquela mulher.

Usula voltou-se para os companheiros e nos seus olhos se exprimia uma grande ansiedade que se via também estampada nas faces de todos os outros.

— Vamos, disse Usula aos negros da costa ocidental. Vamos todos para a aldeia. E se descobrir que vocês me mentiram... E o Waziri passando a mão pela garganta, fez um gesto expressivo das suas intenções.

— Não mentimos, o que lhe dissemos é a pura verdade. Em marcha rápida retornaram à aldeia dos árabes, da qual nada mais existia, senão alguns montões de paus fumegantes.

— Qual foi a choupana a que Luvini recolheu a mulher branca? perguntou Usula ao entrar na aldeia carbonizada.

— Ali, disse um dos indígenas da costa, transpondo o que fora a porteira da aldeia dos árabes e dando alguns passos até o ponto onde se viam cinzas e paus queimados.

De repente o negro parou e, apontando para o chão, disse:

— Vejam, ali está a mulher branca.

Usula e outros Waziris se aproximaram cheios de consternação e observaram também um corpo humano quase carbonizado e cuja identidade era impossível reconhecer.

— É ela! exclamou Usula, recuando emocionado.

As lágrimas corriam pela face de ébano do valente negro. Os outros Waziris não estavam menos desolados, porque todos tinham uma grande afeição pela esposa do seu grande *Bwana*. Todavia um dos Waziris pôs em dúvida que fosse realmente o cadáver de “lady” Greystoke.

— Talvez não seja ela. Não se pode reconhecer.

— Há um meio de verificar, disse um outro Waziri., Se ali estiverem os anéis que ela sempre usava, é porque é mesmo “lady” Greystoke. E foi logo remexer as cinzas em busca dos anéis.

— Isso não quer dizer nada, porque estou certo de que a primeira coisa que Luvini fez depois de capturá-la foi tirar-lhe os anéis, ponderou Usula sacudindo a cabeça. E aproximando-se do cadáver, o fiel negro afirmou, desolado:

— É ela mesma. Aqui está o poste a que Luvini a tinha amarrado. E apanhou do chão uma haste de madeira meio carbonizada. — Houve tempo de sobra para todos escaparem da aldeia, prosseguiu, e só “lady” Greystoke não conseguiu fugir, porque estava amarrada.

Os Waziris cavaram uma pequena cova e com grande reverência nela depositaram o cadáver parcialmente queimado. Depois de o cobrirem com terra, marcaram o local da sepultura com uma pequena pilha de pedras.

CAPÍTULO 18

Sede de vingança

ENQUANTO Tarzan dos Macacos regulando a sua marcha pela de Jad-bal-ja seguia pela selva com rumo à sua fazenda, ia reconstituindo mentalmente os episódios impressionantes daquela acidentada semana. Não conseguira realizar o seu projeto de trazer ouro dos subterrâneos de Opar, mas o saco de diamantes, com que o presenteara o velho na torre do palácio dos Bolganis, o compensava de sobra pelo insucesso do plano que o levara àquela expedição. A única preocupação do homem-macaco era agora a sorte dos seus Waziris, que não sabia por onde andariam, também não deixava de haver no seu espírito o desejo de indagar do paradeiro dos europeus que o haviam traído e envenenado e aos quais bem quisera dar o castigo que mereciam.

Como, porém, sentia vontade imensa de chegar quanto antes a casa, resolveu não se desviar para procurar aqueles patifes, deixando para mais tarde o ajuste de contas. Caçando juntos, alimentando-se e dormindo em boa companhia como dois bons camaradas, Tarzan e o leão de ouro iam pouco a pouco aproximando-se da fazenda. Num dia haviam jantado carne de Bara, a corça, no outro, tinham almoçado juntos, dividindo entre si a carcaça de Horta, o javali, e assim nenhum dos dois ficava com o estômago vazio.

Estavam já a apenas um dia de marcha do *bungalow*, quando Tarzan descobriu o rastro de um grande número de guerreiros que por ali passava. Assim como há homens que devoram as últimas notícias sobre o movimento da bolsa, como se das cotações dos títulos dependesse a sua própria existência, Tarzan dos Macacos procurava vorazmente todas as informações que lhe podiam dar a idéia de alguma coisa ocorrida na selva. E, de fato, em toda a sua vida, da abundância e da precisão desses informes, sempre dependera a sua sobrevivência na floresta. Assim, aqueles rastros atraíram a sua atenção e ele os examinou minuciosamente. As pegadas já datavam de alguns dias e haviam sido em parte obliteradas pelos rastros de animais que depois por ali haviam passado.

Contudo, Tarzan dos Macacos, com a agudeza da sua observação e a sensibilidade das suas narinas, pôde tirar conclusões interessantes daqueles vestígios deixados na lama da mata por pés humanos, que já deviam estar caminhando bem longe. O exame, feito a princípio por simples hábito, passou depois a interessar vivamente Tarzan. É que entre as pegadas de homens, ele descobria a impressão de um pé feminino, que lhe era tão conhecido como poderia ser a qualquer de nós o rosto de nossa mãe.

Olhando para aquela pegada, Tarzan dizia em solilóquio: “Jane soube pelos Waziris que eu desaparecera e meteu-se na selva à minha procura”. Acariciando o leão, o homem-macaco murmurou: “Bem, Jad-bal-ja, ainda desta vez não vamos para casa. Onde ela estiver aí é que é a minha casa”. A direção do rastro muito intrigou Tarzan porque, em vez de se dirigir para Opar, seguia muito mais para o sul.

Durante seis dias o homem-macaco acompanhou a pista, sem encontrar outros indícios da passagem de sua mulher e dos Waziris. Afinal ao cair da tarde do sexto dia, a aragem que soprava contra ele trouxe o odor característico do negro. Mandando Jad-bal-ja ocultar-se em um maciço de arbustos, o homem-macaco trepou às árvores, para melhor observar os negros que se aproximavam. Pouco a pouco o odor trazido pelo vento se foi tornando mais forte e Tarzan reconheceu em breve o cheiro peculiar dos Waziris mas, consternado, em vão procurou sentir com as suas narinas ultra-sensíveis o odor pelo qual ansiava e que lhe devia anunciar a proximidade de sua esposa.

Usula, que marchava à frente dos seus companheiros, tristes e abatidos, teve um movimento de espanto ao deparar com o seu senhor em uma das voltas do trilho.

— Tarzan dos Macacos! É de fato o meu senhor que está diante de mim? perguntou o africano profundamente emocionado.

— Sim, certamente que sou eu. Mas onde está “lady” Greystoke?

— Ah, meu senhor! exclamou Usula. Não sei como poderemos dizer-lhe.

— Que quer dizer? Não, nada poderia ter acontecido a ela, estando guardada pelos meus fiéis Waziris.

Os guerreiros curvaram a cabeça e num gesto que significava tanto a tristeza como a vergonha.

— Nós devemos pagar com a nossa vida a dela, exclamou Usula, atirando ao chão o chuço e o escudo e abrindo os braços, a oferecer o largo peito a Tarzan. *Bwana*, castigue-me com um golpe mortal.

Tarzan voltou a face e esteve por algum tempo em silêncio. Depois, dirigindo-se a Usula:

— Conte-me tudo o que aconteceu. Esqueça-se das tolices que disse, como eu também me esqueço das palavras com que provoquei o seu desespero. Fala. *

Usula fez uma narrativa sucinta de tudo que se passou até a morte de “lady” Jane. Quando o fiel negro se calou, Tarzan apenas pronunciou três palavras, em uma pergunta que definia bem o seu temperamento e o seu estado de espírito naquele momento:

— Onde está Luvini?

— Ah! isso nós não sabemos, respondeu Usula.

— Mas eu hei de saber, disse Tarzan. Vocês, meus filhos, sigam para a fazenda. Vão para as suas cabanas, onde os esperam as suas mulheres e os seus filhos. Quando vocês virem outra vez Tarzan dos Macacos, hão de saber que Luvini está morto.

Os Waziris pediram permissão para acompanhar o seu *Bwana*, mas Tarzan não o consentiu.

— Não. Vocês são agora necessários na fazenda para o trabalho dos campos e dos rebanhos. Digam a Korak que quero que ele fique também em casa. Se eu não voltar, ele, se quiser, virá acabar o que eu não tiver podido fazer. Mas por enquanto não saia da fazenda.

Em seguida, Tarzan assobiou e Jad-bal-ja, saindo do seu esconderijo, veio trotando até junto do seu senhor.

— O leão de ouro! exclamou Usula. Quando ele fugiu de Keewazi foi para ir procurar o seu querido senhor.

Tarzan disse, sacudindo a cabeça:

— Sim, ele foi à minha procura e andou por muitas terras estranhas até me encontrar. E dizendo adeus aos seus Waziris, o homem-macaco se afastou mais uma vez da sua casa, embrenhando-se na selva em busca de Luvini e de vingança.

John Peebles, trepado ao galho de uma grande árvore, saudava com olhos mal dormidos o romper da aurora. Em outro galho estava igualmente montado Dick Throck, enquanto Kraski, mais inteligente que os outros, revelava a sua imaginação inventiva, tendo colocado uma série de paus entre dois grandes galhos próximos, de modo a fazer uma plataforma, sobre a qual dormira com relativo conforto. Uns três metros mais acima Bluber pendurava-se em um galho mais fino, sempre aterrado e procurando um pouco mais de segurança na altura da forquilha onde se abrigara e até à qual era muito difícil chegar alguns dos carnívoros noturnos.

— Prefiro que um leão me devore a ter que passar uma outra noite como esta. Mas isto é assim mesmo e não há nada a fazer, resmungava Peebles.

— Haja leões ou não, hei de dormir no chão, porque não me acostumo a esta vida de poleiro, disse Throck.

— Se as cabeças de vocês três chegassem para produzir a inteligência de um espadarte, observou Kraski, teríamos podido dormir todos no chão, sem correr grandes riscos.

— Está ouvindo, Sr. Bluber? observou Peebles acentuando o senhor em tom

sarcástico. Kraski está fazendo comentários a seu respeito.

— Pouco me importa, retrucou o judeu, podem dizer de mim o que quiserem.

— O que ele quer, continuou Peebles, é que nós cada noite edifiquemos uma casa, trabalhando, enquanto o elegante senhor está a dar-nos regras.

— E por que haveria eu de trabalhar com as minhas mãos, quando aí estão vocês dois, duas grandes bestas, que não têm mais nada com que possam trabalhar senão com as mãos? ponderou Kraski em tom irônico. Vocês todos já teriam morrido de fome, se eu não lhes tivesse encontrado alimento. E se não seguirem os meus conselhos, acabarão comidos pelos leões, o que, devo dizer, não será um grande desastre.

Os outros fingiram não escutar o que o russo lhes dizia. Aliás, o hábito das discussões e dos remosques mútuos já os tornava insensíveis a comentários desagradáveis de uns acerca dos outros. Peebles e Throck eram os únicos bons amigos. Eles dois e os outros se detestavam cordialmente. O grupo não se dissolvia apenas pelo medo que cada um tinha de ficar isolado na selva. Devagar e mostrando bem que o seu aprendizado de atletismo não incluía o esporte arbóreo, Peebles veio escorregando pelo tronco da árvore até o chão. Throck ^desceu após e logo em seguida Kraski. Bluber foi o último e ao chegar ao chão examinou com evidentes sinais de tristeza o estado lastimável da sua roupa.

— Vejam isto, disse o judeu apontando para o vestuário que pouco a pouco ia ficando em frangalhos. Custou-me vinte guinéus e está em tal estado que, se o vender, não conseguirei um só “penny”.

— Vá para os diabos com a sua roupa! exclamou Kraski enfurecido. Estamos aqui no meio da selva africana, perdidos, arriscados a ser devorados por feras a todo momento, talvez na vizinhança* de canibais, Flora desaparecida na mata, uma situação horrível em suma, e você a nos aborrecer a todo momento com os vinte guinéus que deu pela sua roupa! Já estou enojado desta história. Mas, vamos, Bluber, é tempo de nos pormos a caminho.

— Que caminho seguiremos? perguntou Throck.

— Para o oeste, respondeu o russo. A costa fica desse lado e não temos nada a fazer senão procurar chegar até ela — É claro, interveio Peebles, não podemos ir ter à costa caminhando para leste, é portanto para o oeste que temos de andar.

— Quem é que disse que nós alcançaríamos a costa seguindo rumo leste? perguntou Kraski.

— Ontem andamos o dia todo para o oriente, afirmou Peebles. Percebi isso e vi que estamos errados e calculei mesmo o caminho que tínhamos perdido.

Throck olhou para o amigo surpreso perguntando-lhe:

— John, que é que o fez julgar que ontem nós estivemos andando para leste?

— Posso prová-lo, respondeu Peebles, e, devido ao fato de estes senhores serem muito mais sabidos que nos dois, estamos caminhando para o interior desde o momento em que os negros nos abandonaram.

Kraski, com as mãos nas cadeiras, olhava perplexo para Peebles.

— Se acha que eu estou guiando vocês errado, disse o russo, sigam o caminho que quiserem. Quanto a mim, continuarei com o mesmo rumo, porque sei que estou certo.

— Venha vá, Kraski, retorquiu Peebles, que facilmente você verá que eu tenho razão. Quando se caminha para oeste, o sol está sempre do nosso lado esquerdo até ao meio-dia. Ora, desde que nós estamos andando sozinhos temos tido sempre o sol pela direita. Pareceu-me que estávamos errados, mas não quis dizer nada até agora, quando cheguei a uma conclusão sobre o caso. Parece-me, portanto, que é isso tão claro como o fato de o seu nariz estar na sua cara. Estamos caminhando para o oriente.

— Ora essa! Então estamos caminhando para leste, enquanto este cavalheiro que tem a mania de saber tudo diz que andamos para oeste? exclamou Throck.

— De modo que, observou Bluber, em vez de irmos para a costa, nos estamos metendo cada vez mais nestas brenhas sujas e malditas. Andar para trás não é negócio.

Kraski, dando uma gargalhada, afastou-se, dizendo aos companheiros:

— Sigam o rumo que quiserem, que eu vou pelo que escolhi. Lembrem-se, todavia, de que estão ao sul do equador e que o sol está do lado do norte, o que não o faz mudar o seu velho hábito de pôr-se do lado do ocidente.

Bluber foi o primeiro a compreender a explicação do russo.

— Carl tem razão. Vamos, o caminho está certo. Peebles cocou a cabeça. O problema era obviamente insolúvel para ele. Throck também exprimia a profunda confusão do seu espírito diante daquelas complicações astronômicas.

— John, eu não entendo muito disto, disse Throck, mas eles devem saber. Lembro-me de que o sol ontem desapareceu daquele lado por onde vai Kraski. Ora, aquilo deve ser o oeste.

O argumento de Throck impressionou Peebles, abalando-lhe a convicção. Mas o pugilista continuou a achar que o rumo estava errado.

Os quatro homens, famintos e com os pés já muito machucados, andaram durante horas na direção do ocidente, procurando em vão encontrar caça. Sem experiência da

selva, cometiam contínuos erros. Era bem possível que bem perto deles rondassem grandes carnívoros e vagueassem selvagens, mas os sentidos do homem civilizado se acham por tal forma embotados que qualquer inimigo poderia aproximar-se daqueles quatro europeus sem que eles dessem por isso, até o momento em que a fuga fosse impossível.

E assim foi que, pouco depois do meio-dia, ao' atravessarem uma pequena clareira, o sibilar de uma seta que quase pegou a cabeça de Bluber os fez estacar aterrorizados. Com um grito de horror, o judeu atirou-se ao chão. Kraski apontou a carabina e fez fogo, mas assim que disparou a arma sobre um grupo de arbustos, outra seta, zunindo, veio feri-lo no antebraço. Peebles e Throck, mais pesados e menos destros que o russo, não tiveram como ele um gesto tão rápido. Entretanto, nenhum dos dois mostrou medo.

— Deitem-se! gritou Kraski. Fiquemos estendidos no chão e deixemos que eles atirem.

Mal se tinham os europeus deitado por terra e uns vinte caçadores pigmeus saíam da mata. Uma descarga de setas zuniu pela clareira. E de uma árvore, dois olhos azulados observavam os resultados da emboscada.

Bluber, tomado de pânico, não podia utilizar-se do rifle, que jazia ao seu lado, mas Kraski, Peebles e Throck, dispostos a vender caro a vida, rompiam fogo sobre o bando de pigmeus que gritavam furiosamente. Peebles e Throck conseguiram cada um deles derrubar um selvagem, enquanto os outros recuavam em desordem para o abrigo da mata. As hostilidade ficaram suspensas por algum tempo e enquanto os europeus procuravam esclarecer a situação, da folhagem de uma grande árvore partiu uma voz.

— Não atirem, disse .em inglês o desconhecido. Vou livrá-los do perigo.

Bluber, em verdadeiro frenesi de medo, pôs-se a bradar:

— Venha depressa. Salve-me que lhe darei cinco libras.

Da árvore partiu então um longo assobio, a que se seguiu um silêncio completo. Os pigmeus, assustados pelo estranho ruído que emergia da espessa folhagem da árvore, ficaram parados por algum tempo mas, não sobrevivendo mais nada que lhes causasse receio, voltaram à carga, saindo do mato e dando nova descarga de seta sobre os quatro europeus deitados no capim da clareira. Simultaneamente saltava do galho de uma gigantesca árvore erguida na orla da mata um gigante branco seminu. E acompanhando aquela brusca aparição, um leão pulava de um maciço de arbustos próximo à árvore secular.

— Oh! exclamou Bluber cobrindo o rosto com as mãos. Os pigmeus também ficaram apavorados e o chefe deles exclamou: “É Tarzan”, retirando-se logo em

seguida para a floresta com os companheiros.

— Sim, é Tarzan dos Macacos que aqui está com o leão de ouro, disse lorde Greystoke falando no dialeto dos pigmeus, do qual os europeus nada entendiam. Voltando-se para estes, prosseguiu em inglês. — Os Gomanganis já se foram embora. Não correm mais perigo, levantem-se.

Os quatro homens puseram-se de pé.

— Quem são vocês e o que fazem aqui? perguntou Tarzan dos Macacos. Oh, não preciso perguntar-lhes quem são, pois bem vejo que vocês são os mesmos que me narcotizaram traiçoeiramente, deixando-me abandonado no seu acampamento para que eu fosse devorado pela primeira fera que aparecesse.

Bluber, esfregando as mãos e com um sorriso servi!, deu alguns passos.

— Oh! Sr. Tarzan, nós não sabíamos que era o senhor. Se soubéssemos, nunca teríamos feito o que fizemos. Salve-me, salve-me, dar-lhe-ei cinco, dez, vinte libras, o que o senhor quiser. Faça o seu preço.

Tarzan, sem dar a mínima importância ao judeu, dirigiu-se aos outros:

— Estou aqui à procura de um homem chamado Luvini que andava com vocês. Esse homem assassinou minha mulher. Sabem onde ele está agora?

— Não sabemos nada desse indivíduo. Ele nos traiu e abandonou. Sua senhora e uma outra mulher branca estavam então em nosso acampamento. Nenhum de nós sabe do paradeiro desse Luvini. Esse negro e outros estavam na nossa retaguarda, quando defendíamos o acampamento contra os escravos dos árabes. Os seus Waziris estavam conosco. As duas mulheres também se achavam ali. Desapareceram e andamos agora a procura delas.

— Os meus Waziris, disse Tarzan, já me contaram mais ou menos isso. Mas vocês não tiveram notícia de Luvini desde então? '

— Não, nenhuma, respondeu Kraski.

— E o que fazem vocês aqui? interrogou o homem-macaco.

— Viemos à África em uma expedição científica com o sr. Bluber. Tínhamos muitos “askaris”, como nossos carregadores, mas eles se amotinaram e nos abandonaram. Estamos agora perdidos e absolutamente sem recursos.

— Oh! salve-nos, senhor! exclamou Bluber. Por amor de Deus, afaste esse leão, que me está deixando nervoso.

— Ele não lhe fará mal algum, a não ser que receba ordem minha.

— Então, não faça com que ele me ataque, suplicou o judeu.

— Para onde vocês desejam ir? perguntou Tarzan.

— Nós estamos procurando chegar à costa. E de lá pretendemos embarcar para Londres, respondeu Kraski.

— Acompanhem-me. Talvez possa auxiliá-los. É claro que vocês não o merecem, mas não deixo homens brancos morrerem abandonados no meio da selva, disse Tarzan dos Macacos.

Guiados por lorde Greystoke, a cujo lado seguia sempre o leão de ouro, os quatro europeus caminharam todo o resto do dia na direção do oeste, e, ao cair da noite, fizeram um pequeno acampamento à margem de um riacho.

Não era companhia agradável para aqueles quatro habitantes de Londres um leão do porte e da aparência de Jad-bal-ja. Bluber, muito mais impressionado ainda que os companheiros, não disfarçava o medo que não o deixava tranquilo um só momento.

Sentados ao redor da fogueira, depois da refeição que Tarzan lhes arranajara, os europeus conversaram entre si. Kraski sugeriu que se fizesse um cercado qualquer, de modo a assegurar um pouco de defesa contra os animais ferozes.

— Não é necessário, observou Tarzan. Vocês estarão aqui guardados por Jad-bal-ja e dormirão ao lado de Tarzan dos Macacos. Nós dois bastamos para que nada lhes aconteça.

— Meu Deus! exclamou Bluber. Seria capaz de dar dez libras para ter uma noite de sono tranquilo.

— Pois vai ter uma noite sossegada, disse Tarzan. Nada lhe acontecerá enquanto eu e Jad-bal-ja estivermos aqui.

— Bem, então muito boa noite, disse o judeu que, dando alguns passos para se afastar da fogueira, se deitou e adormeceu quase imediatamente. Pouco depois Peebles e Throck imitavam o exemplo de Bluber e Kraski sem demora fazia o mesmo.

O russo estava ainda meio acordado quando viu Tarzan levantar-se e trepar a uma árvore, onde ia passar a noite, conforme o seu costume. No momento em que o homem-macaco subia pelo tronco caiu dele um objeto, que Kraski pôde perceber ser um saco feito de couro cru. O russo reparou ainda que o saco estava estufado pelo conteúdo.

Kraski, interessado pelo que acabava de ver, ficou à espreita. O leão de ouro acomodou-se entre as ervas e arbustos que cercavam o tronco da árvore onde estava Tarzan. Kraski esperou algum tempo e apesar do medo da visita de algum carnívoro noturno que quase o paralisava, foi-se arrastando sub-repticiamente até o lugar em que vira cair o saquinho.

Enquanto avançava muito vagarosamente e com as maiores cautelas, o russo verificou que tanto Tarzan, como o leão dormiam, o que o animou a prosseguir ainda mais rapidamente. Apanhando o saco que tanto o intrigara, Kraski voltou com as mesmas precauções até ao local onde anteriormente se deitara, tendo antes escondido o saquinho dentro da camisa. Apoiando a cabeça sobre uma das mãos simulava estar dormindo profundamente, enquanto com a outra ia tateando para descobrir o que continha aquele misterioso saquinho. Achou que eram pedrinhas o que ali se achava e murmurou de si para si:

— Devem ser realmente pedrinhas. É de fato um adorno condigno da indumentária bárbara deste lorde inglês. Parece incrível que um animal feroz como este já se tenha sentado na Câmara dos Lordes.

Entretanto, Kraski teve curiosidade de levar mais adiante o exame do conteúdo do saco. Tirando dele alguns seixos, pô-los na palma da mão e os observou à luz da fogueira meio extinta.

— Meu Deus! exclamou o russo a meia voz. Será possível? Diamantes! Sim, não há dúvida que são diamantes.

Emocionado pela cobiça que aquela descoberta excitava, Kraski não se conteve e, sem pensar no risco que o exame imprudente das pedras podia envolver, deu um balanço no conteúdo do saco. E à medida que observava e pesava as preciosas pedras, a sua surpresa e a sua alegria aumentavam cada vez mais. Eram diamantes de primeira água, pedras de enorme valor e delas ali estavam uns dois quilos. Uma fortuna verdadeiramente fabulosa.

— Meu Deus! repetiu o russo deslumbrado. Um tesouro como o de Creso veio parar às minhas mãos.

Voltando a si do arrebatamento que a descoberta lhe causara, Kraski percebeu o perigo e às pressas meteu os diamantes no saco que colocou de novo escondido por baixo da camisa. Depois, lançou um olhar ansioso para o galho em que se achava Tarzan e para os arbustos onde se fora deitar o leão. Ambos dormiam profundamente.

— Amanhã, amanhã, murmurou o russo meio adormecido. Oxalá tivesse eu coragem para tentar isto esta noite mesmo.

No dia seguinte Tarzan e os quatro europeus prosseguiram na marcha, indo ter a uma grande aldeia defendida por uma forte paliçada. Ali o homem-macaco foi acolhido não apenas cordialmente, mas com as honras devidas a um verdadeiro imperador. Os europeus ficaram deslumbrados ao verem a maneira como o chefe negro prestou homenagem a Tarzan. Terminada a cerimônia, Tarzan, voltando-se para os quatro brancos, disse ao chefe indígena:

— São amigos meus que precisam chegar à costa o mais depressa possível. Destaque um grupo de guerreiros para acompanhá-los e caçar para eles durante a viagem, de modo que cheguem ao seu destino sem demora e com toda a segurança. É Tarzan dos Macacos que lhe pede este favor.

— Tarzan dos Macacos, o grande *Bwana*, senhor da selva, não pede, ordena, respondeu o chefe negro.

— Muito bem. Então ficam eles ao seu cuidado. Alimente-os bem e despache-os para a costa bem guardados, tenho outro serviço a fazer e não me posso demorar aqui.

— As suas barrigas serão cheias de boa caça e chegarão à costa sem um arranhão, disse o chefe negro.

Sem uma palavra de despedida ou lançar um olhar sobre os quatro europeus, Tarzan, acompanhado do Jad-bal-ja, deixou a aldeia e desapareceu nas brenhas.

A farpa mortal

KRASKI não podia conciliar o sono. Previra que Tarzan viria em breve a dar por falta dos diamantes e voltaria no encalço dos quatro londrinos, aos quais, apesar das graves queixas que contra eles tinha, dispensara tão benévola e valiosa proteção. Mal haviam despontados os primeiros clarões da alvorada, e o russo já tinha deixado a choupana que lhe fora designada como alojamento e andava pela rua central da aldeia.

— Meu Deus, não há realmente mais que uma probabilidade em mil de conseguir chegar vivo à costa viajando sozinho. Mas isto vale bem todos os esforços e o risco de sacrificar a própria vida, acrescentou, apalpando o saco escondido sob as vestes. A fortuna que poderia encher o tesouro de mil reis! Meu Deus! Em Londres, em Paris, em Nova Iorque, o que não poderei eu fazer com esta riqueza toda!

E com tais pensamentos, Carl Kraski foi saindo sub-repticiamente da aldeia, pulando a porteira e avançando desassombradamente pela selva, onde ia desaparecer para sempre dos seus companheiros.

Bluber foi o primeiro a dar por falta do russo. O judeu não tinha por ele afeição alguma mas a amizade que unia Peebles e Throck fez com que naturalmente Bluber e Kraski se ligassem, formando na expedição um par que fazia simetria ao bloco dos dois ingleses.

— Já viu Kraski hoje? perguntou a Peebles logo ao encontrar o pugilista que em companhia de Throck ingeria o seu primeiro almoço. Este, apesar da boa vontade com que os negros o haviam preparado, era positivamente pouco apetitoso aos europeus. Tratava-se de um cozido à maneira africana e muito pouco atraente ao paladar dos londrinos.

— Não, provavelmente ainda está dormindo, respondeu Peebles.

— Não está dormindo, replicou Bluber, porque já tinha saído da choupana quando acordei.

— Ora, Kraski pode cuidar de si muito bem, resmungou Throck, recomeçando a refeição, interrompida pelas perguntas do judeu. Vão ver que ele anda por aí a se divertir com alguma dama, acrescentou o inglês evidentemente satisfeito ao ver que a sua maliciosa pilhéria provocara hilaridade, pois todos conheciam bem o ponto fraco do russo.

Terminado o almoço, os três procuraram saber dos negros quando o chefe resolvera fazê-los partir para a costa. Kraski, entretanto, não aparecia. Bluber já se

achava então positivamente assustado com o desaparecimento de Kraski. Não era que sentisse ansiedade pela sorte do russo, mas raciocinava que se naquela aldeia, onde se julgava cercado por gente amiga, podia alguém desaparecer desse modo, nenhuma garantia tinha ele de que não lhe acontecesse a mesma coisa. Transmitindo a Peebles e a Throck os seus pensamentos, os dois ingleses acharam que ele tinha razão e os três, muito apreensivos, trataram de obter uma audiência do chefe indígena.

Recebido pelo chefe expuseram-lhe, com o reforço de gestos em uma algaravia, em que o inglês se misturava ao pouco que já sabiam de dialetos africanos, o desaparecimento de Kraski, fazendo sentir que desejavam informações sobre o destino do companheiro. O chefe ficou tão surpreendido como eles diante do que acontecera. Mandou logo dar uma busca completa na aldeia, donde resultou a certeza de que o russo não se achava dentro da paliçada. Não tardou porém que se descobrisse pegadas que se dirigiam da entrada da aldeia até à orla da floresta.

— Meus Deus! exclamou Bluber. Ele saiu sozinho e foi meter-se na mata. Enlouqueceu com toda certeza.

— Mas que diabo pretendia fazer? perguntou Throck.

— Vocês não deram por falta de nada? perguntou Peebles. Era bem capaz de nos ter furtado qualquer coisa.

— Mas o que podia furtar-nos? perguntou Bluber. Só temos os rifles e a munição que estão conosco. Além disso a única coisa de valor é esta minha roupa que custou vinte guinéus.

— Bem, nesse caso deveria ter tido um motivo para fazer isto, interpôs Peebles.

— Acho que teve uma crise de sonambulismo e, dormindo, foi por aí a fora, sugeriu Throck.

Realmente, esta foi a explicação mais plausível que os três encontraram para o misterioso desaparecimento do russo. Uma hora mais tarde, Bluber, Peebles e Throck deixaram a aldeia a caminho da costa, escoltados por uma força de guerreiros escolhidos pelo chefe negro.

Kraski marchava resolutamente por um trilho que encontrara na selva, com o rifle a tiracolo e a pistola em punho. Tinha os ouvidos atentos a qualquer ruído que indicasse estar sendo perseguido ou pudesse anunciar qualquer perigo. A sua vigilância se estendia, assim, em todas as direções. Sem conhecimento da selva, o russo sentia que a sua inexperiência multiplicava de modo incalculável os perigos inseparáveis da viagem. Cada quilômetro que caminhava, em vez de animá-lo, fazia-lhe diminuir o valor do tesouro que trazia consigo, e, à medida que avançava para o

oeste, mais tênues se tornavam as suas esperanças de conseguir chegar vivo à costa.

Uma vez, Histah, a serpente, surgiu diante dele enrolada em um galho baixo que se projetava por sobre o trilho. Kraski não se atreveu a fazer fogo sobre o réptil, receando que o estampido chamasse a atenção de alguém que porventura lhe estivesse no encalço. Viu-se assim obrigado a fazer um desvio através da intrincada massa de arbustos e de mato alto que ladeavam o trilho. E quando Kraski retomou o atalho além do ponto em que se achava a serpente, a sua roupa e a sua carne estavam em muitos pontos dilacerados pelos espinheiros, através dos quais tivera de abrir caminho. Aquele desvio por entre dificuldades a que não estava acostumado o tinha fatigado muitíssimo. O russo ofegava, o seu corpo estava coberto de suor e pelas suas roupas se haviam metido formigas, cujas ferroadas o deixavam quase louco.

Assim que chegou a uma clareira, Kraski tirou a roupa para livrar-se daquelas terríveis formigas mas, ao se despir, verificou a impossibilidade de expurgar as roupas dos insetos, cujo número devia subir a milhares. Abandonou todo o vestuário, guardando apenas as armas e o saco de diamantes, enquanto as formigas já lhe subiam pelo corpo, como se quisessem devorá-lo.

Tendo libertado o corpo das formigas e sacudido as outras que andavam pelos objetos que queria conservar consigo, Kraski pôs-se a caminho completamente nu, como no dia em que nascera. Mesmo assim verificava cada vez mais a inutilidade dos seus esforços para chegar à costa. Afinal, exausto, lançou-se ao solo úmido da selva em um estado de profunda depressão, para o qual certamente concorria de modo decisivo a circunstância de se achar desprovido do vestuário, cuja falta é talvez aquilo que o homem civilizado mais profundamente pode sentir.

Embora as suas roupas, usadas e rasgadas como se achavam, pouca proteção dessem ao seu corpo, Kraski sentia mais a falta da indumentária, que se houvesse abandonado as armas e as munições para a sua defesa. Na angústia daquele homem patenteava-se bem a força que sobre nós civilizados adquirem os hábitos e as influências do meio social. Sob a pressão do profundo desânimo que já lhe prenunciava o fracasso da sua louca tentativa, o russo foi-se arrastando pelo trilho através da floresta.

Naquela noite foi dormir empoleirado no galho de uma árvore, enquanto os grandes carnívoros rondavam por perto, rugindo e tossindo em uma assustadora demonstração da fome com que assediavam a presa. Aterrorizado, Kraski não podia dormir. E quando afinal o esgotamento dos seus nervos o fez adormecer, o sono tornou-se novo flagelo, em que o infeliz era atormentado por pesadelos, que um súbito rugido veio finalmente converter em realidade. Desalentado, parecia-lhe que o amanhecer se retardava indefinidamente, mas o dia clareou enfim e o russo, mal

retemperado por aquela noite angustiosa, pôs-se outra vez a caminho seguindo sempre para oeste.

A fadiga, o medo e a dor alquebravam cada vez mais o infeliz, os seus sentidos já iam perdendo a acuidade e o seu estado já se avizinhava de uma espécie de semi-inconsciência. Nem outras podiam ser as suas condições, achando-se sem alimento desde que abandonara os seus companheiros na aldeia dos indígenas, umas trinta horas antes.

Era quase meio-dia e Kraski, oprimido pela fadiga e' pelo desânimo, parava de vez em quando para recobrar alento. Foi em uma dessas ocasiões que os seus ouvidos, já um pouco ensurdecidos, receberam a impressão do que se afigurou ao russo serem vozes humanas. Com um grande esforço, procurou concentrar a atenção e as outras faculdades que se iam pouco a pouco desintegrando. Escutou atenta-mente e logo em seguida se pôs de pé.

Não havia dúvida. Estava ouvindo vozes a pouca distância e os sons que lhe chegavam aos ouvidos não eram os de vozes indígenas, mas pareciam ser de europeus. Muito cautelosamente prosseguiu na marcha, indo pouco depois dar em uma clareira em que havia algumas árvores esparsas, bordando a margem de um riacho lamacento. Junto ao regato via-se uma choupana defendida por uma grosseira paliçada, por fora da qual, como proteção adicional, havia uma cerca feita com arbustos espinhosos.

Era da choupana que partiam as vozes. E agora, chegando à clareira, Kraski ouviu distintamente gritos zangados de uma mulher que discutia exaltadamente com alguém. Aproximando-se com grandes precauções, o russo ficou pasmo ao reconhecer que a voz masculina era de Estevão Miranda e no timbre dos gritos da mulher percebia distintamente a voz de Flora Hawkes, que há muito julgara perdida e morta. Se Carl Kraski fosse supersticioso, teria talvez julgado ver surgir diante de si as almas dos seus antigos companheiros, mas o russo não tinha inclinações para o maravilhoso. A cabana ali estava com a paliçada e a cerca de espinho constituindo prova concreta de fatos materiais. E as vozes, que de momento a momento se tornavam mais nítidas, eram também expressões inequívocas de seres vivos que ali se achavam.

O russo decidiu sem hesitação ir ter à choupana. Odiava Estevão e a circunstância de estar ele ali em companhia de Flora fazia com que revivessem no seu espírito deprimido os ciúmes violentos que a paixão lhe inspirara. Mas acima de tudo atuava agora em Kraski a necessidade imperiosa de sair do isolamento e encontrar criaturas com as quais pudesse falar e a cujo contato sentisse de novo o convívio humano. Tinha dado alguns passos na clareira em demanda da cabana, quando ouviu, mais forte e mais clara, a voz da mulher. Lembrou-se então de que estava nu. Os

sentimentos do homem civilizado surgiram causando-lhe uma estranha perturbação. Apanhou folhas e capins para fazer uma tanga de emergência que prendeu com um improvisado cinturão de cipó. Essa indumentária feita às pressas deu entretanto a Kraski renovada confiança em si mesmo.

Marchando já com passo firme, encaminhou-se resolutamente para a choupana. Receando não ser reconhecido no estado em que se achava, podendo ser tomado por um inimigo, sobre quem os outros rompessem fogo, Kraski, ao se aproximar da cerca, chamou por Estevão, gritando-lhe o nome. Não o tivesse Kraski chamado pelo nome e também não lhe fosse tão conhecida a voz do espanhol, teria tomado este por Tarzan dos Macacos, ao vê-lo surgir à entrada da paliçada em companhia da garota. Só então o russo pôde apreciar a perfeição extrema com que Estevão Miranda representava o papel do senhor da selva.

Por alguns momentos o espanhol e Flora ficaram a olhar surpresos para aquela estranha aparição.

— Vocês então não me conhecem? Não estão vendo que sou Carl Kraski? E você, Flora, não me conhece mais?

— Carl! exclamou ela, precipitando-se para o recém-chegado.

Estevão, porém, a agarrou pelo pulso e puxou-a violentamente para trás.

— O que está fazendo aqui, Kraski? perguntou o espanhol, carrancudo.

— Estou procurando chegar à costa, mas já me sinto quase morto de fadiga por causa das intempéries.

— A direção da costa é aquela, disse Estevão apontando para o ocidente. Siga o seu caminho. Isto aqui não é saudável para você.

— Quer então mandar-me embora, sem me dar de comer e de beber?

— Ali há muita água, disse Estevão indicando o rio. e a floresta tem comida de sobra para os que possuem coragem e inteligência para caçar.

— Você não pode mandar Kraski embora, sem lhe dar alimento, disse Flora em grande exaltação. Nunca pensei que você, mesmo cruel como é, fosse capaz de semelhante atrocidade. E, dirigindo-se ao russo, exclamou: Carl, livre-me desta fera!

— Afaste-se, Flora! gritou Kraski. E ao mesmo tempo que a garota se desvencilhava da mão do espanhol, o russo desfechava um tiro sobre ele.

O projétil não acertou o alvo, a cápsula detonada ficou encravada e Kraski debalde puxou pelo gatilho para fazer um segundo disparo. Vendo que a arma no momento estava inutilizada, o russo atirou-a para o lado dizendo um palavrão. E enquanto Kraski sacava do rifle, Estevão armava o golpe com o chuço, que já aprendera a manejar com grande destreza. Precisamente no momento em que o

adversário, já tendo apontado a carabina, ia puxar o gatilho, o espanhol lançou o chuço, cuja ponta farpeada veio romper o peito e rasgar o coração de Kraski. Este, sem um gemido, tombou morto aos pés do seu inimigo e rival, enquanto a mulher que ambos tinham amado, cada um a seu modo, se prostrava por terra soluçando desesperadamente.

Vendo que o adversário expirara, Estevão acercou-se dele, arrancando-lhe do peito o chuço e despojando-o também das suas armas e munição. Quando procedia a esta operação, o espanhol notou que se achava amarrado ao cinturão de cipó pouco antes arranjado por Kraski um pequeno saco de couro cru. Supôs que o conteúdo daquele saco fosse também munição, mas não o examinou antes de haver trazido os despojos do morto para o interior da choupana e de haver também para ali arrastado Flora, que continuava a chorar e a se lastimar.

— Pobre Carl! Pobre Carl! dizia a garota por entre gemidos. E voltando-se para Estevão dardejava-lhe os olhos com todo o seu rancor: Criatura bestial!

— Sim, retrucou o espanhol rindo. Sou mesmo uma fera. Sou Tarzan dos Macacos e aquele canalha do russo teve a petulância de chamar-me de Estevão. E em grande gritos repelia: — Sou Tarzan! Tarzan dos Macacos! Quem se atreve a me chamar de outro modo? Quem o fizer, há de se avir comigo.

A garota olhou para Estevão Miranda espantada, e pôs-se a tremer.

— Está louco! murmurou Flora. Meu Deus, que horror! Sozinha no meio da selva com um doido! .

De fato, Estevão Miranda estava louco, mas a sua loucura era apenas a do artista que se apaixona pelo seu papel e acaba criando assim uma segunda personalidade. O espanhol assimilara tão bem a parte que lhe tinham incumbido de representar naquela expedição de aventureiros, que conseguira, tanto na caracterização, como nos gestos e até mesmo nas aparências de certas atitudes, personificar o seu herói por forma a permitir que os mais íntimos de Tarzan dos Macacos pudessem ser iludidos. Entretanto, sob as aparências que a habilidade histriônica de Estevão Miranda apurara com tanta perfeição, subsistia um fato essencial, que em última análise trazia uma incompatibilidade moral entre o espanhol e o papel que representava. Estevão Miranda, simulando com tanta perfeição a personalidade e as maneiras de Tarzan dos Macacos, continuava a ser um canalha e um poltrão.

— Queria raptar a companheira de Tarzan! Que desaforo! Então pode alguém afrontar assim Tarzan, o senhor da selva? Viu como Tarzan o matou com um único golpe?

Desejaria você entregar-se a um fracalhão daqueles, quando tem ao seu alcance o amor de Tarzan dos Macacos?

— Tenho nojo de você, disse a garota. Você é uma besta, é realmente inferior aos animais da selva.

— Pois você é minha e não há de ser de mais ninguém. Antes de deixá-la ir para outro, darei cabo de si. Mas agora vamos ver o que é que o russo tinha neste saquinho. Deve ser munição. Mas olhe que era munição para liquidar um regimento.

Estevão desatou as fitas de couro que amarravam o saco e derramou o conteúdo no chão da choupana. Quando Flora Hawkes viu rolares diante dela as pedras cintilantes, ficou a princípio estupefata e depois absorva em um êxtase de deslumbramento. Eram diamantes e diamantes soberbos. E tal era a quantidade de pedras que rolavam faiscando na meia-luz da calma, que a garota tinha a impressão de estar sonhando, como sonhava em criança depois de haver lido . histórias fantásticas sobre tesouros do Oriente.

— Virgem Maria! exclamou o espanhol. São diamantes!

— Centenas e centenas de diamantes. Mas onde teria podido Carl encontrar isto? perguntava a si mesma a garota, sempre extasiada diante das pedras preciosas.

— Isso não me interessa, disse Estevão. O que sei é que estou rico. E você, Flora, se for uma garota bem comportada, compartilhará da minha riqueza.

Flora Hawkes apertou os olhos. O seu cérebro estava agora em viva agitação. Nele reaparecia mais uma vez a cobiça que era traço dominante do caráter da garota. E com a ânsia de enriquecer que o espetáculo daquele tesouro estimulava, Flora sentia também ainda mais intenso o seu ódio ao espanhol. Mal sabia Estevão que aqueles diamantes tinham reforçado no espírito de Flora a idéia, há muito por ela entretida, de matá-lo quando estivesse dormindo. Até agora Flora tivera horror de ficar só na floresta. Isto a fizera transigir com Estevão mas, depois de ver ali aquele soberbo tesouro, começava ela a encarar de outro modo a perspectiva de eliminar o companheiro, cuja convivência tanta repugnância lhe causava.

Tarzan continuava a bater a selva em todas as direções apanhando as pistas de diferentes bandos de negros da costa ocidental e de escravos fugitivos dos árabes, em cujo encalço logo seguia na esperança de capturar Luvini. Quando alcançava os indígenas, forçava-os a dizer a verdade, deixando-os apavorados depois dos interrogatórios. De todos os negros ouviu Tarzan a mesma história, nenhum vira Luvini desde a noite da revolta e do incêndio da aldeia. A opinião expressa por todos os interrogados era que Luvini devia ter escapado com algum outro grupo de indígenas.

Tão absorvido se achava Tarzan dos Macacos com a dor que lhe causava a notícia dada por Usula sobre o fim de “lady” Jane e tão preocupado estava em tirar

vingança, que pouca atenção prestava a tudo mais. Assim, passaram-se dias sem que desse pelo desaparecimento do saco de couro contendo os diamantes. De fato, o homem-macaco nem se lembrava mais dos diamantes, quando um dia, por causa de uma série de associações de idéias, lhe vieram à memória as pedras preciosas, que o velho inglês lhe dera no Palácio dos Diamantes. Foi então que Tarzan notou que não tinha consigo o saco de couro.

— Foram aqueles canalhas dos europeus, disse o homem-macaco a Jad-bal-ja. E a cicatriz da testa tornou-se rubra, exprimindo a cólera de Tarzan contra os miseráveis ingratos que assim haviam retribuído a generosidade com que ele os socorrera. — Venha, Jad-bal-ja, assim como andamos dando caça a Luvini, vamos agora no encalço daqueles patifes.

Bluber, Peebles e Throck não haviam ainda avançado muito na marcha para a costa, quando em uma das paradas do meio-dia viram surgir diante deles o homem-macaco. avançando majestosamente e com ar carrancudo, acompanhado como sempre do grande leão de juba negra. Tarzan não deu a mínima resposta às exuberantes saudações com que o acolheram os três europeus. De braços cruzados ficou a encará-los fixamente. Havia na atitude de Tarzan uma expressão de severa censura, que gelou o sangue nas veias do covarde Bluber e empalideceu as faces dos dois rijos pugilistas ingleses.

— Que há? disseram os três em coro. Aconteceu alguma coisa?

— Vim buscar o saco de pedras que vocês me furtaram, respondeu Tarzan secamente.

Cada um dos três olhou para os companheiros com uma fisionomia que patenteava suspeitas.

— Não entendo o que está dizendo, Sr. Tarzan, adiantou Bluber esfregando as mãos como fazia sempre que desejava tornar-se agradável. Nada sei do saco de que fala e estou certo de que há um equívoco a não ser... E lançou um olhar furtivo para Peebles e Throck.

— Não sei nada do tal saco de pedras. Mas o que sei é que não se pode ter confiança em judeu, afirmou Peebles.

— Não confio em nenhum de vocês, declarou Tarzan. Dou-lhes cinco segundos para que me restitua o saco. Se não o fizerem, mandarei revistá-los.

— Pois não, Sr. Tarzan. Mande revistar-me. O Sr. pode ter certeza de que eu não tiro nada de ninguém, sem dar alguma coisa em troca, afirmou Bluber.

— Aqui deve haver um engano. Não tirei nada que lhe pertencesse e estou certo de que os outros também não tiraram, disse Throck com firmeza.

— Onde está o outro companheiro de vocês perguntou o homem-macaco.

— Oh! Kraski? respondeu Throck. Na mesma noite em que o senhor nos deixou na aldeia desapareceu e nunca mais tivemos notícia dele. Agora compreendo tudo. Foi ele quem furtou o seu saco de pedras. Sem dúvida alguma. A coisa está tão clara como o nariz na cara. Nós já suspeitávamos que Kraski tivesse furtado alguma coisa e que por isso houvesse desaparecido. Vejo agora que o que ele furtou foi o seu saco de pedras.

— É isto mesmo, acrescentou Peebles. Não há dúvida. O caso é esse e daqui não há saída.

— Foi uma pena que nós não tivéssemos sabido disso, exclamou Bluber.

— Está muito bem. Apesar disso, vou mandar revistá-los. !

E logo que o capataz da escolta de guerreiros apareceu, Tarzan explicou-lhe o caso e os três europeus foram despidos e rigorosamente revistados. A busca estendeu-se também à diminuta bagagem que eles traziam, mas não se encontrou vestígio do saco de diamantes.

Sem dar uma palavra, Tarzan acompanhado por Jad-bal-ja retornou à selva. Os europeus e os negros viram a figura majestosa do homem-macaco e o perfil dourado do leão sumirem-se por entre a folhagem.

— Deus tenha pena de Kraski, disse Peebles.

— Mas que diabo quer este homem fazer com um saco cheio de pedras? Eu garanto que ele é um pouco tocado... observou Throck.

Rindo, Bluber comentou:

— Só há uma espécie de pedras na África com as quais Kraski seria capaz de fugir sozinho pela selva. Essas pedras são diamantes.

Peebles e Throck esgazearam os olhos.

— Foi isso que o bandido do russo fez, disse Throck. Aquele patife furtou o saco dos diamantes. Se ele estivesse aqui conosco agora quando chegou este camarada meio macaco, nós todos teríamos pago pela ladroeira de Kraski. E aquele canalha, sem pensar em nós, se pôs ao fresco com a riqueza que apanhou.

— Espero que o tal Tarzan pegue aquele ladrão, rosnou Peebles.

Os três europeus foram de novo sobressaltados pelo reaparecimento de Tarzan e do leão. Desta feita, entretanto, o homem-macaco não se preocupou com os brancos, dirigindo-se ao capataz negro, com quem conversou demoradamente. Terminada a palestra que durara muitos minutos, Tarzan dos Macacos embrenhou-se outra vez na floresta.

De acordo com as informações que o negro lhe dera, o homem-macaco seguia agora na direção da aldeia, onde dias antes deixara os quatro europeus e da qual Kraski desaparecera. Tarzan caminhava com grande rapidez, deixando Jad-bal-ja para trás. E a sua marcha por cima das árvores onde não encontrava os obstáculos das ervas, dos arbustos e das trepadeiras, além de desembaraçada era feita em linha reta, o que muito encurtava a distância.

A partir da porteira da aldeia Tarzan apanhou a pista de Kraski. O rastro, já de muitos dias, estava bastante desfeito, mas não tão apagado que dele não se pudesse utilizar o homem-macaco com os seus apuradíssimos sentidos e a aguda intuição que o orientava em tudo que se relacionava com a vida da selva. Acompanhando a pista, Tarzan não encontrou grandes dificuldades, porque o russo seguira pertinazmente o trilho para oeste.

O sol já se ocultava por trás da folhagem das árvores para o lado do ocidente, quando Tarzan veio ter a uma clareira, situada à margem de um riacho de corrente preguiçosa. Perto da margem via-se uma choupana rodeada por uma paliçada tosca e por uma cerca de espinhos.

O homem-macaco escutou atentamente e farejou o ar, com as suas narinas sensitivas. Nada observou e com um passo inaudível atravessou a clareira em demanda da choupana. Do lado de fora da paliçada jazia o cadáver seminu de um homem branco, no qual Tarzan reconheceu logo o fugitivo que procurava. O homem-macaco não se deu mesmo ao trabalho de procurar junto ao cadáver o saco de diamantes, por julgar evidente que este devia agora estar nas mãos de quem quer que fosse que matara o europeu. Aliás, uma inspeção sumária confirmou-lhe logo o que previra. Não havia sinal do saco furtado.

Dentro da paliçada e no interior da choupana encontrou Tarzan sinais inequívocos de que ali haviam estado um homem e uma mulher, cujas pegadas apareciam de modo patente. Examinando-as mais cuidadosamente, verificou o homem-macaco que as impressões dos pés masculinos eram exatamente as mesmas que já encontrara na selva e que deviam ser as do indivíduo que violara os seus domínios matando Gobu, o grande macaco e Bara, a corça. Mas quem seria aquela mulher? Não era possível a Tarzan ter uma idéia de quem fosse pelas pegadas, porque ela, naturalmente por estar com os pés feridos, andava com eles enrolados em panos, em vez de trazer sapatos.

Tarzan seguiu depois a pista do homem e da mulher até a selva.' A partir de certa distância, já no interior da mata, notava-se que a mulher fora pouco a pouco ficando para trás. Além disso, as impressões dos pés denotavam a Tarzan que ela devia estar andando com mais dificuldade e provavelmente sentindo dores. O caminhar da mulher devia ter sido muito vagaroso e o homem dela se afastava, adiantando-se por

vezes a grandes distâncias.

Realmente, Estevão Miranda deixara para trás Flora Hawkes, cujos pés sangravam feridos, mal lhe permitindo caminhar.

— Por favor, Estevão, ande um pouco mais devagar. Não me deixe abandonada no meio desta terrível selva.

— Se não quer ficar sozinha, ande junto comigo, respondia-lhe brutalmente o espanhol. Então, você julga que, trazendo comigo esta imensa fortuna, vou ficar patinando aqui na floresta, para dar tempo a alguém vir despojar-me do meu tesouro? Não. Vou caminhar para a costa o mais depressa que puder. Se você me acompanhar, muito bem. Se ficar para trás, arranje-se como puder.

— Mas nem por isso, Estevão, você pode abandonar-me. Por mais bestial que seja, há de compreender que é monstruoso fazê-lo, depois de tudo que obtive de mim.

Com uma risada diabólica, o espanhol respondeu:

— Agora, você para mim é apenas uma luva servida. Com isto, disse sacudindo o saco de diamantes, posso comprar nas grandes capitais do mundo quantas luvas quiser e uvas bem novas. E Estevão ria-se sardonicamente. como se tivesse ficado muito satisfeito com a sua tirada de baixo humorismo.

— Estevão, Estevão! gritava angustiosamente a mulher. Volte, por amor de Deus. Não posso caminhar mais. Não me deixe só aqui na floresta. Venha, venha, salve-me.

Mas o espanhol, como única resposta, deu uma gargalhada e pouco depois um cotovelo do trilho fazia com que Flora o perdesse de vista. A mulher, extenuada e tomada de pânico, caiu por terra meio desmaiada.

Os mortos voltam

NAQUELA noite Estevão fez o seu solitário acampamento ao lado do trilho que vinha seguindo através da selva no leito de um rio que secara, pelo qual ainda corria serpenteando um regato reduzido quase a um fio d'água, que bastou entretanto para saciar a angustiosa sede do espanhol.

Integrando-se no seu papel de Tarzan dos Macacos, ao ponto de tornar-se maníaco, Estevão Miranda, apesar de ser tão grande covarde, adquirira o hábito de simular coragem. Assim descurava precauções que o senso comum aconselhava e das quais aliás nunca se esquecia o herói autêntico que o espanhol queria imitar. Estevão insistia em acampar no chão sem se proteger com um cercado contra qualquer perigoso visitante noturno.

A sorte foi-lhe entretanto favorável. E naquelas ocasiões em que insensatamente se expunha a perigos desnecessários, nenhum carnívoro veio ter às vizinhanças do local em que ele se achava tão desprotegido. Enquanto andara pelas brenhas em companhia de Flora Hawkes, o espanhol armara sempre um abrigo em atenção à mulher, mas agora que abandonara a sua companheira e viajava sozinho, Estevão Miranda considerava abaixo da dignidade do papel que representava fazer um cercado de emergência para defender-se da visita desagradável de algum animal de presa.

Naquela noite o consumado ator acendera uma fogueira. Tinha conseguido caçar e, não obstante o entusiasmo com que retornava ao primitivismo, Estevão ainda não pudera habituar-se a comer carne crua. Depois de se ter saciado com copiosa refeição, o espanhol foi beber ao regato, vindo em seguida agachar-se junto à fogueira. Tomando o saco de diamantes que trazia sempre suspenso ao quadril, espalhou na palma da mão algumas das pedras. Sacudindo os diamantes de uma das mãos para a outra, o espanhol foi ficando extasiado com o interessante jogo de luz que os reflexos da fogueira produziam sobre as pedras cintilantes.

A imaginação de Estevão Miranda, assim estimulada, começou a esboçar-lhe visões radiosas do futuro. Poder, opulência, luxúria, mulheres formosas, tudo enfim que a riqueza imensa proporciona nos grandes centros da civilização. Com os olhos meio cerrados, sonhava que iria agora correr o inundo em busca da mulher que sempre idealizara, mulher que debalde procurara sem nunca encontrar, a mulher que lhe parecia ser a única companheira digna de Estevão Miranda que ele agora se julgava. Estava o espanhol absorto nessa sonhadora meditação, quando à luz da fogueira lhe pareceu entrever a imagem que a sua imaginação evocara tão

vivamente. Era uma figura de mulher envolvida em ligeiras roupagens brancas, que se via junto à margem do antigo rio que se estiara.

A princípio, Estevão julgou ter sido uma alucinação mas, fechando e abrindo os olhos várias vezes, verificou que a imagem persistia com os mesmos traços e no mesmo lugar. A mulher com as vestes brancas lá estava e era portanto uma figura real.

— Virgem Santa! exclamou o espanhol. É Flora que morreu e cuja alma vem agora aparecer-me.

Levantando-se, Estevão procurou observar melhor a estranha aparição. Com voz doce, a figura então falou:

— Meu amor, afinal nos encontramos.

A voz era sumida, mas tinha um timbre bem humano e real, que convenceu logo o espanhol de não se achar diante dele uma alma do outro mundo, mas de uma mulher de carne e osso. Entretanto, aquela criatura que ele agora verificava perfeitamente não ser Flora, quem poderia ser? Que faria uma mulher branca sozinha na selva àquelas horas da noite?

A desconhecida encaminhou-se da margem do antigo rio para o lugar em que se achava Estevão, o qual foi logo re-pondo os diamantes no saco e escondendo este na tanga. Nesse momento, a moça já vinha chegando de braços abertos a dizer.

— Meu amor, meu amor, não me diga que você não me está reconhecendo.

A distância era agora bastante pequena para que o espanhol pudesse ver bem o perfil e os traços daquela criatura que tão inesperadamente lhe aparecia no meio da floresta. Observava os lábios trêmulos e o peito ofegante em patente expressão dos sentimentos carinhosos que a agitavam. Uma onda quente inflamou o espanhol. Estevão, abrindo também os braços, precipitou-se e estreitou a mulher em um apertado abraço.

Tarzan ia seguindo a pista da mulher e do homem que vinha acompanhando desde a choupana, junto à qual encontrara o cadáver de Kraski. O homem-macaco não se apressava. Tinha certeza de que para apanhar aqueles dois não precisava correr. Nenhuma surpresa teve também, ao avistar caída no caminho uma moça que parecia dormir. Aproximando-se, ajoelhou-se junto a ela e nesse momento a garota deu um grito de susto.

— Meu Deus! Chegou a minha hora!

— Você não corre perigo algum, não lhe farei mal, disse o homem-macaco.

Fitando o homem que de joelhos a observava. Flora Hawkes julgou no primeiro

momento tratar-se de Estevão.

— Afinal, Estevão, você voltou para me salvar?

— Estevão? disse o gigante branco em tom de surpresa. Mas eu não me chamo Estevão...

Então a garota o reconheceu.

— Lorde Greystoke! Ê o senhor?

— Sim, sou lorde Greystoke, e quem é você?

— Sou Flora Hawkes e já servi como criada de quarto de “lady” Greystoke.

— Lembro-me de você. Que está fazendo por aqui?

— Tenho medo de contar-lhe. Não me atrevo a afrontar a sua ira.

— Diga, Flora, ordenou Tarzan imperativamente. Sabe muito bem que não maltrato mulheres.

— Viemos atrás do ouro dos subterrâneos de Opar. Mas o senhor está vendo em que deu a nossa expedição.

— Não sei de nada disso. Você quer dizer que estava com aqueles europeus que me narcotizaram no seu acampamento?

— Sim. Trouxemos o ouro de Opar, mas o senhor com os seus Waziris tomou e carregou tudo.

— Não entendo nada do que está dizendo. Não fui com os Waziris ao acampamento de vocês e nada tirei dali.

Flora levantou as sobrancelhas surpreendida porque sabia muito bem que Tarzan dos Macacos nunca mentia.

— Todos nos separamos depois que os negros se revoltaram. Estevão raptou-me do grupo. Dias depois, Kraski, o russo, veio ter à cabana em que nos achávamos. Trazia um saco cheio de diamantes. Estevão o matou e ficou com os diamantes.

Desta vez era Tarzan que se mostrava surpreendido.

— Mas então Estevão era o homem que andava com você por aqui?

— Sim. Vínhamos juntos, mas eu mal podia caminhar com os pés doloridos e ele me deixou para trás. Abandonou-me, e foi-se com os diamantes.

— Havemos de encontrá-lo. Venha, disse o homem-macaco.

— Mas eu não posso caminhar, retrucou a garota.

— Isso não tem importância, respondeu Tarzan, segurando-a pela cintura e pondo-a ao ombro.

Sem dificuldade. Tarzan ia caminhando com Flora Hawkes, às costas.

— Vamos procurar água. Precisa refrescar os pés e logo se sentirá melhor. Depois verei caça para você e com uma boa refeição você ficará outra.

— Mas por que o senhor é tão bom para mim?

— Você é uma mulher e eu não podia deixá-la morrer no meio da selva, fossem quais fossem as suas culpas.

Flora não pôde responder senão com um soluço, que lhe abafou o pedido de perdão a Tarzan dos Macacos por todo o mal que lhe fizera.

Já era noite fechada, mas o homem-macaco ainda não havia encontrado água e avançava sempre pelo mesmo trilho, onde verificava a pista do indivíduo, que agora sabia ser Estevão. Em uma volta do atalho, Tarzan percebeu ao longe a luz de uma fogueira.

— Creio que em breve encontraremos o seu amigo. Não faça barulho algum, disse o homem-macaco à garota, em' um murmúrio.

Alguns momentos após o apurado ouvido de Tarzan percebeu o ruído de vozes. Imediatamente parou e pôs Flora ao chão.

— Sé não me pode acompanhar, fique aqui à minha espera. Não quero que aquele sujeito me escape. Se achar que pode andar devagar, venha atrás de mim sem fazer barulho.

E apartando-se de Flora, Tarzan seguiu cautelosamente na direção da luz e das vozes. O homem-macaco sentiu que Flora Hawkes o vinha penosamente seguindo. Evidentemente a garota não se conformava com a idéia de ficar mais uma vez sozinha no meio da selva. Ouvindo um uivo surdo a seu lado, o homem-macaco disse a meia-voz: “Jad-bal-ja”! Flora, percebendo o leão, deu um grito angustioso, e correndo agarrou-se a Tarzan, mas este lhe impôs logo silêncio, tranquilizando-a:

— Não tenha medo: Jad-bal-ja não lhe fará mal algum.

Alguns instantes mais e Tarzan, acompanhado pela mulher e pelo leão de ouro, chegava à margem do leito do rio seco e por entre os arbustos que ali cresciam o homem-macaco observou embaixo o pequeno acampamento. Com grande irritação viu à luz da fogueira a figura de um indivíduo -

que o imitava, de modo que Lhe pareceu absolutamente perfeito. Ao lado desse seu sócia, Tarzan notou que se achava uma mulher envolvida em roupagens brancas.

Palavras ternas de amor e um odor que uma aragem indecisa lhe trazia às narinas determinaram no homem-macaco um perturbador complexo de sentimentos contraditórios. Felicidade e desespero, amor e ódio misturavam-se levando Tarzan a um estado de indescritível agitação. E quando viu o estranho indivíduo levantar-se

com os braços abertos para abraçar a mulher, não se conteve mais e avançando por entre o capim, chegou à borda da barranca e gritou:

— Jane!

Sobressaltados ambos, o homem e a mulher, voltaram-se para o alto da barranca, onde, iluminado pelos clarões da fogueira que ardia embaixo, o perfil de Tarzan dos Macacos se delineava nitidamente. O estranho imediatamente se pôs a correr para o lado oposto na direção da selva situada para além da outra margem do antigo rio. Tarzan pulou para o leito por onde outrora correria o riacho e precipitou-se para a mulher.

— Jane! exclamou. É você mesma!

A moça dava sinais da confusão que aquela cena lhe causara. Primeiro, olhou ansiosa para o homem que fugia, depois voltou-se para Tarzan. Fixando-o por um momento, volveu de novo a vista na direção do indivíduo com quem estivera conversando, mas este já havia desaparecido. Sem poder entender o que se passava, a mulher aproximou-se de Tarzan exclamando:

— Meu Deus! Que significa tudo isso? Se você é Tarzan, então quem era o outro que estava aqui?

— Sou Tarzan, Jane, disse o homem-macaco. Ouvindo passos, “lady” Jane voltou-se e reconheceu Flora Hawkes que se aproximava.

— Sim, você é Tarzan. Vi-o muito bem, John, naquela noite em que fugiu para a selva carregando Flora. Não posso compreender como, apesar do acidente que lhe ocorreu, ficasse em estado de poder fazer o que fez, abandonando-me em um momento de tanto perigo para fugir com outra mulher.

— Eu fugi para a selva com Flora Hawkes? perguntou o homem-macaco exprimindo na fisionomia o assombro que lhe haviam causado as palavras de sua mulher.

— Sim. Bem o vi fazer isso, respondeu Jane, convencida.

Tarzan, voltando-se para Flora, disse:

— Não entendo nada do que Jane está dizendo.

— Foi Estevão Miranda quem me arrebatou do acampamento, quando me achava junto à senhora. E foi ainda Estevão quem há pouco aqui estava e que a iludiu tão bem, “lady” Greystoke. Este é o verdadeiro lorde Greystoke e o outro não passa de um impostor que me deixara abandonada na selva. Se lorde Greystoke não tivesse chegado a tempo de socorrer-me, é provável que agora já estivesse morta.

— John, exclamou enfim “lady” Jane, o meu coração me dizia que realmente não podia ser você, mas a semelhança era tão perfeita, que os meus olhos me enganaram.

É preciso que aquele impostor seja castigado. Vá prendê-lo, antes que consiga escapar.

— Deixe-o ir. Por muito que desejo agarrá-lo e dar-lhe uma lição e por muita vontade que tenho de recuperar o meu saco de diamantes, prefiro deixar fugir aquele bandido a me separar agora de você. Não a deixarei mais sozinha na selva um só momento.

— Mas Jad-bal-ja está aqui! disse “lady” Jane, e ele pode incumbir-se de dar caça ao patife.

— É verdade, tinha-me esquecido até de Jad-bal-ja. E voltando-se para o leão de ouro, apontou para a direção em que desaparecera o espanhol. “Vá buscá-lo”. Ao ouvir estas palavras, o animal deu um pulo e seguiu no rastro de Estevão.

— O leão vai matá-lo? perguntou Flora Hawkes estremecendo. Intimamente a garota estava contente com a sorte que esperava viesse a ter o espanhol.

— Não, respondeu Tarzan dos Macacos. Jad-bal-ja não o matará, poderá machucá-lo um pouco, mas o trará vivo se for possível.

E como se o caso de Estevão estivesse liquidado, Tarzan voltou-se, para a sua companheira.

— Usula contou-me, Jane, que você morrera queimada na aldeia dos árabes e que os Waziris a tinham enterrado ali. Andei batendo a selva em todas as direções à procura de Luvini para vingar a sua morte. Foi talvez providencial que não o tivesse encontrado.

— Você nunca encontraria Luvini. Mas não compreendo como Usula foi dizer-lhe que havia encontrado o meu cadáver na aldeia dos árabes.

— Alguns escravos dos árabes, aprisionados pela nossa gente disseram a Usula que Luvini a amarrara de pés e mãos, levando-a para uma choupana onde a atara a um poste fíncado no chão. Depois do incêndio da aldeia, Usula levou os prisioneiros que lhe mostraram o lugar da cabana onde você estivera. Ali, perto de um poste, encontraram um corpo humano meio carbonizado, que Usula e os outros concluíram ser o seu.

— O que acaba de contar-me é verdade, disse “lady” Jane. Luvini realmente me raptou do nosso acampamento levando-me para a aldeia dos árabes. Ali chegando amarrou-me e deixou-me na choupana conforme Usula lhe referiu. Mais tarde, porém, veio à cabana e desamarrou-me. Pretendeu dominar-me e travamos luta que não sei quanto tempo durou. Estávamos tão absorvidos pelo pugilato, que nem ele, nem eu demos pelo incêndio da aldeia. Quando lutava desesperadamente com o negro, notei que ele tinha uma faca à cinta. Em um momento em que Luvini me abraçava, consegui segurar essa faca e desembainhá-la, cravando-a em seguida nas

costas daquele monstro, bem abaixo do ombro esquerdo. Luvini cambaleou e caiu. Corri para fora da choupana e foi então que vi estar a aldeia em chamas. O fogo exatamente naquele momento atingia a cobertura da cabana em que eu estivera.

Saí quase nua. Na luta com Luvini as minhas roupas se tinham rasgado completamente. Este albornoz branco estava pendurado à entrada da choupana. Provavelmente pertencera a um dos árabes assassinados pelos negros. Agarrei-o e cobri-me com ele, correndo em seguida para a rua central da aldeia. O fogo lavrava por toda a parte, os indígenas saíam em massa pela porteira. Escapar naquela direção teria sido ir lançar-me nas mãos dos meus inimigos. Observei que havia um trecho da paliçada ainda não atingido pelas chamas. Procurei escalar a alta cerca e não sei como consegui fazê-lo, mas o fato é que pulei para fora em um ponto onde ninguém me viu.

Tive imensa dificuldade em evitar os numerosos grupos de escravos dos árabes e de negros da costa ocidental, que depois do incêndio da aldeia cruzavam a selva em todas as direções. Tendo afinal caminhado cerca de um quilômetro, trepei a uma árvore, onde passei a “noite. Depois vim seguindo pela floresta, sem saber a minha direção, até que, já noite fechada, avistei uma luz e para ela me dirigi. Fiquei arrebatada de contentamento ao avistar o meu Tarzan a poucos passos de mim.

— Então foi o cadáver de Luvini que os Waziris enterraram, pensando que era o seu.

— E foi também o homem que acaba de fugir para a selva que eu vi agarrar Flora e fugir com ela para a mata. Enganei-me, julgando que era você, como há pouco, pela segunda vez, me iludi com o mesmo indivíduo.

Flora Hawkes interveio bruscamente na conversa, exclamando:

— E foi esse mesmo homem, Estevão Miranda, quem, simulando ser lorde Greystoke, foi ao nosso acampamento com os Waziris e dali carregou todo o ouro que a nossa gente tinha trazido de Opar.

— Ele podia iludir toda a gente, por isso que a mim mesma conseguiu enganar. Sem dúvida, ao cabo de alguns minutos teria descoberto a impostura mas, à meia-luz desta fogueira e sob a influência da alegria em que fiquei julgando ter encontrado lorde Greystoke, tomei como certo o que tanta vontade 'tinha fosse a realidade.

Metendo os dedos na cabeleira escura como sempre fazia nos momentos de perplexidade. Tarzan disse com um aceno de cabeça:

— Mas não compreendo como Usula e os outros Waziris se deixaram iludir.

— Pois eu compreendo bem, observou “lady” Jane. O impostor contou a Usula que sofrera um acidente, recebendo uma forte pancada na cabeça, ficando com perda parcial da memória. Assim, Usula achou compreensíveis certas atitudes suas, que

em outras circunstâncias o teriam surpreendido.

— Vejo que este sujeito é um diabo esperto, ponderou Tarzan.

— Ah! ele é um perfeito demônio, acrescentou Flora. Cerca de uma hora mais tarde, os arbustos da barranca oposta agitaram-se e por entre eles emergiu Jad-bal-ja. O leão trazia agarrado aos dentes uma pele de leopardo rasgada e manchada de sangue. Foi esse troféu que o animal depôs aos pés do seu senhor.

Tarzan, depois de examinar a pele de leopardo, concluiu:

— Parece que Jad-bal-ja deu cabo do homem.

— Provavelmente, interpôs “lady” Jane, aquele bandido quis ferir o leão e este o matou em defesa própria.

— O senhor supõe que ele tenha comido Estevão? perguntou Flora Hawkes, afastando-se medrosa da fera.

— Não. Jad-bal-ja não teve tempo para isso. Amanhã seguiremos a pista e com certeza acharemos o cadáver. Quero ver se recupero o meu saco de diamantes.

E então, o homem-macaco contou a “lady” Jane as suas estranhas aventuras e as circunstâncias em que obtivera a imensa riqueza representada por aquele saco de diamantes.

Na manhã seguinte, saíram em procura do cadáver de Estevão. O rastro partia da barranca oposta e seguia paralelamente ao leito do rio seco, através de ervas e arbustos, desviando-se depois até encontrar a margem de outro rio. Aí Tarzan perdeu completamente a pista. Explorou a selva de ambos os lados do rio em um raio de cerca de meia légua, sem encontrar qualquer vestígio de Estevão. No ponto em que a pista terminava, viam-se manchas de sangue em várias direções, bem como outras no capim situado exatamente na borda da barranca.

— Este foi o fim do homem que queria ser Tarzan, disse lorde Greystoke ao se reunir às duas mulheres, depois de haver desistido de procurar os restos de Estevão.

— Você acha mesmo que ele está morto? perguntou Jane.

— Sim, estou convencido disso. Pelas manchas de sangue próximas à barranca, vejo que Jad-bal-ja pegou o homem, mas fez uma pegada em falso e ele conseguiu escapar, pulando para o rio. O fato de não se encontrar nenhum vestígio nos arredores, prova que o indivíduo ficou dentro do rio, onde é bem possível tenha sido devorado por algum crocodilo.

— Era um homem muito mau, disse Flora Hawkes evidentemente horrorizada. Entretanto, mesmo para um homem tão mau, eu não desejaria um fim tão trágico.

— Foi ele próprio quem se meteu nesse embrulho. E pode estar certa de que o mundo nada perde com o desaparecimento de semelhante patife, disse Tarzan

sacudindo os ombros.

— A culpada de tudo isto fui eu. contei a ele e aos outros o que ouvira dizer dos tesouros de Opar. A minha idéia era saquear aqueles fabulosos subterrâneos abarrotados de ouro. Para isso concebi um plano em que alguém devia representar o papel de lorde Greystoke, de modo a conseguirmos impor-nos aos indígenas e vencer as dificuldades que se nos deparassem na selva. Por minha culpa já morreu muita gente e ainda quase me tornei responsável pela morte de lorde Greystoke e de “lady” Jane. O meu crime é tão horrível, que não me atrevo a pedir perdão.

Pondo a mão sobre o ombro da garota, “lady” Greystoke lhe disse em tom afetuoso:

— A cobiça tem sido desde o princípio do mundo uma das principais causas de infortúnios. E quando para realizar os seus objetivos, os gananciosos recorrem ao crime, aqueles males se tornam então enormes. Você, Flora, acaba de aprender esta verdade à sua custa. Que a lição lhe aproveite. Quanto a mim, perdôo-lhe tudo.

— Você já pagou bastante pelo que fez, disse Tarzan. Agora a levaremos para reunir-se aos seus amigos, que vão a caminho da costa escoltados por indígenas de uma tribo amiga. Não devem estar muito longe, porque os, seus companheiros, a julgar pelo estado em que se achavam quando os vi pela última vez, não podem suportar marchas forçadas.

Ajoelhando-se aos pés do homem-macaco, Flora implorou:

— Não sei como agradecer tanta bondade mas, se pudesse pedir alguma coisa, seria que me deixassem ficar aqui na África servindo a lorde e a “lady” Greystoke, a fim de que eu pudesse dar provas do meu arrependimento e do desejo sincero de resgatar a minha culpa.

Tarzan interrogou a esposa com o olhar e “lady” Jane manifestou logo o seu assentimento ao pedido da garota.

— Está muito bem, declarou Tarzan, nós ficaremos com você, Flora.

— O senhor nunca se arrependerá do que acaba de fazer. Consumirei a minha vida e gastarei as minhas forças trabalhando para os meus senhores, disse Flora comovida.

Tarzan, “lady” Jane e Flora, acompanhados por Jad-bal-ja, já tinham feito três dias de marcha, quando o homem-macaco farejou o odor dos Waziris trazido pela brisa da selva.

— Vejo que os meus Waziris estão ficando desobedientes. Tinha-lhes dado ordem para que ficassem na fazenda, entretanto, estou sentindo que eles vêm por aí.

Pouco depois encontravam o bando dos fiéis indígenas, que manifestavam

ruidosamente o seu regozijo, ao verem Tarzan e “lady” Jane são e salvos. Após uma série de perguntas, satisfatoriamente respondidas, Tarzan interrogou Usula sobre o paradeiro do ouro que haviam tirado do acampamento dos europeus por ordem de Estevão.

— Nós o escondemos, *Bwana*, no lugar em que o senhor mandou que o escondêssemos.

— Nunca estive com vocês, Usula, desde que nos separamos em caminho para Opar. Era um homem mau que se disfarçou para fingir de Tarzan. Conseguiu iludir a própria “lady” Greystoke, tal a perfeição do seu disfarce. Não me admiro, portanto, que vocês tivessem sido enganados por ele.

— Então, não foi o senhor que me disse que tinha levado uma pancada na cabeça e que por isso se esquecera da língua dos Waziris?

— Não fui eu. Não levei pancada alguma na cabeça e nunca deixei de me lembrar da língua dos meus Waziris.

— Ah! exclamou Usula. Então não foi o nosso grande *Bwana* que correu com medo de Buto, o rinoceronte.

— O tal sujeito teve medo de Buto? perguntou Tarzan rindo.

— Correu aterrorizado.

— Não o culpo muito por isso, porque Buto não é um bom companheiro de brinquedo.

— Mas o nosso grande *Bwana* não seria capaz de correr de Buto. afirmou Usula orgulhosamente.

— Entretanto, se um outro escondeu o ouro. foram vocês que cavaram o buraco. Conduza-me, pois, Usula, ao lugar onde ele está escondido.

Os Waziris prepararam liteiras para transportar as duas mulheres. “Lady” Jane achou graça em ser carregada por atalhos e trilhos onde estava mais acostumada a andar a pé que a cavalo. Flora, porém, exausta pelos sofrimentos e privações dos últimos dias, ficou muito satisfeita ao ser transportada pelos escuros Waziris.

A coluna marchou para o lugar onde Estevão fizera enterrar o ouro pelos Waziris, em condições bem diferentes das que haviam cercado toda aquela gente nas últimas semanas. Reinava alegria e animadamente venciam a distância com a marcha leve de uma tropa satisfeita e feliz. Os negros mostravam-se exuberantes no seu contentamento por terem encontrado afinal o seu senhor e a sua senhora, a quem sinceramente estimavam. A alegria de Tarzan e de “lady” Jane traduzia o enlevo de duas almas, que ao cabo de uma áspera provação haviam reconquistado a felicidade.

Chegando ao ponto onde haviam enterrado o ouro, perto da margem do rio, os

Waziris puseram-se, alegremente a cavar mas. dentro em pouco, as risadas cessaram e as fisionomias dos fiéis negros tomaram um aspecto apreensivo Não encontraram o ouro e não sabiam como explicar aquele estranho caso.

— Vocês devem tê-lo enterrado mais fundo, observou Tarzan.

— Não, *Bwana*, não o enterramos fundo e com o buraco que já abrimos devíamos tê-lo encontrado.

— Têm certeza de que estão cavando exatamente no lugar em que enterraram o ouro? perguntou Tarzan.

— Este foi exatamente o lugar, *Bwana*, respondeu Usula. Com certeza veio alguém e tirou o ouro daqui.

— Naturalmente o espanhol. Aquele tipo era um grande malandro, observou o homem-macaco.

— Todavia, *Bwana*, retrucou Usula. Ele não podia ter levado o ouro sozinho. Havia muitas barras.

— Sim, isto é verdade. Contudo, o ouro desapareceu, comentou Tarzan.

Tarzan e os Waziris fizeram uma inspeção minuciosa dos arredores do lugar em que o ouro havia sido enterrado, mas as pesquisas foram baldadas. Owaza, mestre em todos os conhecimentos da vida da selva, tivera o cuidado de apagar as pegadas e todos os outros indícios que poderiam, permitir seguir-se uma pista do primeiro esconderijo do ouro para o segundo.

— Foi-se, disse Tarzan, mas tomarei providências para evitar que ele saia da África. E imediatamente despachou mensageiros para os chefes de todas as tribos amigas que viviam nos limites dos seus domínios, avisando-os de que não deixassem passar nenhuma caravana, sem dar uma busca rigorosa para ver se levava ouro. — Com esta medida, disse o homem-macaco depois de despachar os mensageiros, será difícil alguém passar com ouro.

Nessa noite estavam acampados e Tarzan, junto à fogueira, examinava curiosamente a pele de leopardo que Jad-bal-ja arrancara de Estevão, quando de repente o homem-macaco se dirigiu a “lady” Greystoke.

— Você tinha muita razão, Jane. Os tesouros de Opar não me estão destinados. Desta vez não só não apanhei o ouro, como perdi ainda a enorme fortuna representada pelo saco de diamantes, além de correr o risco de perder o maior dos meus tesouros, que é você.

— Não faça caso do ouro e dos diamantes, que se perca tudo. Nós nos temos um ao outro e os dois temos Korak.

— E possuímos também esta pele de leopardo manchada de sangue e na qual

descobri um curioso mapa desenhado também a sangue.

Jad-bal-ja farejou a pele e rangeu as formidáveis presas. Estaria a fazê-lo lembrando-se de alguma coisa ou adivinhando o que ainda estava para acontecer?

CAPÍTULO 21

Uma fuga e uma captura

AO DEPARAR com o verdadeiro Tarzan dos Macacos, Estevão Miranda só pensara em fugir. Tomado de pânico correria às cegas, internando-se na selva, para escapar ao herói que procurava imitar e cuja presença lhe causara agora indizível terror. O espanhol corda sem direção e no seu espírito empolgado por um paroxismo de medo só imperava uma idéia fixa — afastar-se o mais possível e o mais depressa do homem-macaco. Na carreira desordenada em que ia, Estevão embrenhava-se por massas de arbustos e de espinheiros que lhe dilaceravam as carnes, a ponto que o fugitivo ia deixando atrás de si um rastro de sangue.

Chegando à borda de um rio Estevão meteu-se em um matagal, onde espinhos ainda mais fortes se fincaram na pele de leopardo, a que o espanhol se pegava quase que com o mesmo ardor com que se agarrava à vida. Sentindo-se literalmente preso no espinheiro, Estevão começou a fazer esforços para se livrar, quando casualmente olhou na direção em que viera correndo. É bem possível que o movimento instintivo que o fez voltar a cabeça tivesse sido provocado pelo ruído de um corpo que caminhava por entre os arbustos. Estevão, consciente afinal daquele ruído, estava a pensar no que seria, quando viu dois olhos flamejarem na treva. Soltando um grito de terror, o espanhol largou a sua preciosa pele de leopardo presa aos espinhos e precipitou-se do alto da barranca para o rio.

As águas escuras já se haviam fechado de novo sobre o corpo do espanhol, quando Jad-bal-ja chegou à borda da ribanceira, vendo ainda os círculos concêntricos que marcavam o ponto onde mergulhara Estevão. Este, que era um excelente nadador, dispôs-se a transpor a largura do rio até à barranca oposta, tendo o cuidado de nadar sempre mergulhado. O leão de ouro esteve alguns minutos a encarar o rio, mas nada vendo voltou-se e com os dentes foi arrancar do espinheiro a pele de leopardo, que levou para depor aos pés do seu senhor.

Obrigado afinal a vir à superfície para respirar, o espanhol achou-se no meio da folhagem e de ramos, em que se intricou por tal forma, que julgou não poder mais escapar. O instinto de conservação e a própria ânsia causada pelos primeiros prenúncios da asfixia deram, entretanto, tremendo ímpeto aos movimentos de Estevão, que conseguiu desvencilhar-se dos galhos que o enleavam e chegar assim à superfície. Viu então que viera à tona exatamente por baixo de uma grande árvore, que flutuava no meio do rio. Não sem grande dificuldade foi-se agarrando pelos galhos até trepar sobre o grande tronco, no qual com relativa segurança foi sendo levado rio abaixo.

Ali, enquanto deslizava, Estevão Miranda suspirava aliviado ao pensar como escapara da vingança do homem-macaco. Sentia, sem dúvida, a perda da pele de leopardo, em cujo couro desenhara a sangue o mapa do local onde escondera o ouro de Opar mas, como compensação dessa perda que certamente o desolava, o espanhol tinha consigo um tesouro incomparavelmente maior. E os olhos lhe faiscaram de cobiça, quando apalpou o saco de diamantes, suspenso ao cinturão da tanga. Tão desmedidamente ganancioso era Estevão Miranda, que não lhe bastava aquela enorme compensação. Possuidor de uma vasta fortuna em diamantes, o espanhol, enquanto ia sendo arrastado pela correnteza do rio, só pensava em poder voltar para buscar o ouro que escondera perto da cachoeira.

— Ah! Owaza vai apanhar aquele ouro, murmurava Estevão. Nunca tive confiança naquele cão negro e quando ele me deixou percebi logo qual era o seu plano.

Durante toda a noite Estevão Miranda foi flutuando pelo rio abaixo sobre a grande árvore, sem avistar em nenhuma das margens qualquer sinal de aldeia ou de acampamento. Ao amanhecer, passou em frente a um povoado indígena.

Era a aldeia de Obebe, o canibal. Uma mulher que se achava à margem do rio viu aquela estranha figura de um homem branco montado em um tronco de árvore a viajar pelo rio. O espetáculo causou-lhe tanta impressão, que a selvagem prorrompeu em gritos, pondo em alarma toda a população da aldeia, que dentro em breve estava alinhada ao longo da barranca para ver também a estranha aparição.

— É um deus desconhecido! exclamou um dos canibais.

— É o demônio do rio, afirmou sentenciosamente o feiticeiro da aldeia. Ê um velho amigo meu. Agora se vocês quiserem fazer boas pescarias, basta que me dêem um peixe em cada dez que pescarem.

— Não é o demônio do rio, bradou com voz forte Obebe, o chefe canibal. Você está ficando velho e caduco. Tenho notado que os seus encantamentos são agora muito fracos. E sai-se agora com essa de dizer que o meu maior inimigo é o demônio do rio. Este não é absolutamente o demônio do rio, mas sim Tarzan dos Macacos. Conheço-o muito bem.

Realmente, todos os chefes canibais daquela região conheciam de sobra Tarzan dos Macacos que contra eles nunca deixara de fazer guerra de morte.

— É Tarzan dos Macacos, repetiu Obebe, e está um tanto atrapalhado. Talvez seja a oportunidade de nos vermos livres dele.

E sem perder tempo, o chefe canibal chamou os seus guerreiros, dando-lhes instruções para a captura do grande inimigo da tribo. Dentro em breve uns cem negros trotavam por um trilho paralelo ao rio e que ia ter à barranca perto de uma curva, onde uma contracorrente formava grande redemoinho, cujo efeito era lançar

sobre a barranca tudo que vinha rio abaixo. Os negros acompanharam pacientemente por muitos quilômetros a marcha vagarosa do grande tronco em que Estevão Miranda se achava imponentemente montado. Afinal, o madeiro flutuante chegou à curva do rio, onde a ação do redemoinho o arrastou para a margem. A grande árvore ficou enleada na massa de caniços e de plantas de mangue que cresciam junto à barranca.

Cansado e também esfomeado, Estevão não ficou descontente ao ver encalhar a embarcação de emergência que o destino lhe proporcionara. Satisfeito de poder sair da incômoda posição em que se achava havia tantas horas, o espanhol alçou-se ao galho de uma árvore que se projetava para o rio e por ele se foi deslocando até chegar ao tronco, pelo qual escorregou ao chão, sem desconfiar que por entre o matagal vizinho estavam escondidos, e à sua espera, - uns cinquenta canibais. A primeira precaução de Estevão, ao se ver em terra firme, foi apalpar o quadril, para verificar se o saco de diamantes estava no lugar.

— Afinal de contas, sou um diabo de sorte! Exclamou o espanhol.

Mal havia pronunciado estas palavras e os negros, saindo de todos os lados, lançavam-se sobre ele. Tão brusco fora o ataque e tão esmagadora a superioridade numérica dos assaltantes que Estevão Miranda não pôde sequer cogitar de resistência. Antes mesmo de ter compreendido bem o que se passava, o espanhol já estava sòlidamente amarrado pelos canibais.

— Ah! Tarzan dos Macacos, tenho-te enfim nas mãos, disse Obebe, o canibal.

Estevão não compreendia uma palavra do dialeto daqueles selvagens e ficou sem entender o que Obebe lhe dizia. Dirigiu-se a este em inglês, mas o chefe negro por seu turno nada percebeu também do que falava o prisioneiro.

De duas coisas apenas estava certo o espanhol. Era um prisioneiro e estava sendo conduzido para o interior. Quando os selvagens chegaram trazendo Estevão, a população da aldeia deu sinais de grande regozijo, de que compartilharam tanto as mulheres e crianças como os guerreiros que não haviam tomado parte na expedição. O feiticeiro, entretanto, olhava de soslaio e resmungava profecias sombrias.

— Vocês prenderam o demônio do rio. Vamos sofrer grandes castigos. Não haverá peixe e teremos doenças que nos farão morrer como moscas.

Obebe ria-se das profecias do feiticeiro. O chefe canibal já era um homem velho e com idade adquirira muita experiência e sabedoria. E os que têm experiência e sabedoria se tornam em geral céticos em questões religiosas.

— Você está a rir-se agora, Obebe, disse o feiticeiro, porém mais tarde não se há de rir.

— Hei de rir-me quando pelas minhas próprias mãos matar Tarzan dos Macacos,

respondeu Obebe. E quando eu e os meus guerreiros tivermos comido o coração deste inimigo, nenhum de nós terá mais medo das suas histórias de demônios.

— Espere e verá, sentenciou o feiticeiro zangado.

O espanhol, sempre amarrado, foi posto em uma choupana, através de cuja porta o prisioneiro podia ver as mulheres da aldeia trabalhando ativamente no preparo das fogueiras e dos caldeirões para a grande orgia noturna. A testa de Estevão Miranda cobria-se de um suor frio. O infeliz podia entreter dúvidas sobre a significação daqueles preparativos, cuja finalidade era tornada mais inequívoca pelos olhares e gestos dos selvagens que andavam pela aldeia e vinham espiar à porta da choupana em que se achava amarrado o prisioneiro.

A tarde já estava caindo e Estevão Miranda podia contar com os dedos de uma das mãos as horas que lhe restavam de vida, quando um grande alarido sobressaltou a aldeia. Eram gritos que partiam do lado do rio, atraindo as atenções dos selvagens que logo em seguida acudiram ao ponto donde vinham aqueles clamores em que vibravam as notas agudas de um intenso terror. Entretanto, quando os canibais chegaram à barranca, nada mais puderam fazer para salvar uma mulher que já ia sendo arrastada por um crocodilo.

— Veja, Obebe, bradou o feiticeiro. Não lhe dizia? O demônio do rio já começa a tirar a sua desforra.

Os selvagens, profundamente supersticiosos, estavam visivelmente apreensivos e volviam os olhares do feiticeiro para o velho chefe. Obebe entretanto não parecia muito impressionado com o acidente e continuava a sustentar que o prisioneiro não era nenhum demônio, mas simplesmente Tarzan dos Macacos.

— É o demônio do rio que se disfarçou em Tarzan dos Macacos, insistiu o feiticeiro.

— Há um meio simples de verificar quem tem razão, disse Obebe. Se ele é de fato o demônio do rio, terá meio de escapar dos laços com que o prendemos, mas, se for Tarzan, não conseguirá fazê-lo. Se ele é o demônio do rio não pode perecer de morte natural ou por violência, como qualquer de nós. Um demônio deve viver eternamente. Mas se é Tarzan dos Macacos há de morrer um dia. Assim, vamos conservá-lo prisioneiro e teremos ocasião de verificar de quem se trata.

— Verificar como? perguntou o feiticeiro.

— De modo muito simples, respondeu Obebe. Se não o encontrarmos um dia, é porque ele é realmente o demônio do rio. E nesse caso, como não vamos maltratá-lo e, pelo contrário, lhe daremos bom alimento, ele não terá queixa de nós e nos protegerá em vez de nos castigar. Se ele não fugir, nós o conservaremos prisioneiro até que morra. E morrendo, teremos a prova de que ele não era o demônio e sim

Tarzan dos Macacos.

— E supondo que ele não morra? interrogou o feiticeiro cocando a carapinha.

— Nesse caso, replicou Obebe com ar de triunfo, teremos de concluir que você tinha razão e que ele realmente é o demônio do rio.

Obebe foi então dar ordem às mulheres que* levassem alimento ao espanhol. O feiticeiro continuava a andar pela aldeia cocando a cabeça muito preocupado.

E, assim, Estevão Miranda, o possuidor da maior fortuna em diamantes que o mundo jamais conhecera, foi condenado à prisão perpétua na aldeia de Obebe, o canibal.

Enquanto jazia prisioneiro na choupana daquele povoado de bravios indígenas, Owaza, o seu cúmplice, escondido nas brenhas observava a chegada de Tarzan e dos Waziris, assistindo à infrutífera tentativa de desenterrar o ouro. E quando, no dia imediato, a coluna do homem-macaco levantou acampamento e abalou, o astuto negro foi recrutar nas aldeias vizinhas cinquenta homens, com os quais retirou o ouro do esconderijo em que ele e Estevão o tinham posto, seguindo logo após em marcha rápida para a costa.

Nessa noite, Owaza acampou junto à aldeia de um chefe de importância secundária e que dispunha apenas de poucos guerreiros. O velho chefe convidou Owaza para vir pernoitar com os seus homens dentro da paliçada. E dando mostras de espírito hospitaleiro, banquetear os viajantes, dando-lhes em abundância bebidas fermentadas, sempre muito do agrado dos africanos. Enquanto Owaza e o chefe se entretinham na ceia, os guerreiros da aldeia que por seu lado obsequiavam a escolta de Owaza foram fazendo perguntas, das quais se apurou afinal que a caravana transportava um grande carregamento de ouro.

Quando a informação foi levada ao chefe, este ficou a princípio muito perturbado mas depois, olhando para Owaza já meio embriagado, teve uma idéia que lhe fez expandir a fisionomia em um grande sorriso.

— Você trás muito ouro consigo, é um carregamento muito pesado para os seus homens levarem até à costa.

— É certo, respondeu Owaza, mas vou pagar-lhe muito bem.

— Mas se eles não tivessem de ir tão longe, você não teria de lhes pagar tanto, não é verdade?

— Sim, não teria de fazer tanta despesa com o transporte, mas não há remédio, porque sem chegar à costa não posso vender esse ouro.

— Pois olhe, disse o velho chefe, se você quiser, sei de um lugar onde lhe comprarão todo esse ouro. E só terá de fazer dois dias de marcha.

— Onde é isso? perguntou Owaza evidentemente muito interessado. Aqui no interior, quem comprará tanto ouro?

— Há um homem branco que compra todo o ouro que aparece. Ele lhe dará um papel e com esse papel você irá receber na costa o valor do ouro vendido aqui.

— Isto é magnífico porque, nesse caso, não terei de pagar aos carregadores senão uma pequena soma.

Os carregadores de Owaza ficaram contentíssimos ao saberem que não precisavam mais caminhar até a costa. A sedução de uma boa paga não era realmente bastante para neutralizar naquela gente a repugnância que tinham por uma viagem tão longa e o temor de ficarem por tanto tempo longe da sua terra. Assim, iam todos muito alegres ao saírem na manhã seguinte em marcha para o nordeste. Owaza mostrava-se também satisfeito como satisfeitíssimo estava o velho chefe, que se propôs a acompanhar seu hóspede o qual aliás não podia adivinhar a verdadeira razão do contentamento do velho negro.

Já tinham caminhado quase dois dias, quando o chefe que hospedara Owaza despachou um dos seus guerreiros com uma mensagem. O negro explicou a Owaza que aquilo era um aviso ao amigo, para que os viesse receber e conduzir à sua aldeia. Algumas horas mais tarde, ao saírem das brenhas por uma grande planície, viram um grande bando de guerreiros que vinham ao seu encontro. Owaza estacou, perguntando:

— Que gente é aquela?

— São os guerreiros do meu amigo, respondeu o chefe indígena.

E apontou para uma figura imponente que se achava à frente dos negros. Estes, em marcha acelerada, vinham com os seus chuços em riste e as plumas que traziam à cabeça reluziam aos raios do sol poente.

— Mas eles vêm para a guerra e não para a paz! Exclamou Owaza assustado.

— Isso depende de você, Owaza, respondeu o velho chefe.

— Não compreendo o que se está passando, disse Owaza.

— Mas logo que meu amigo chegar, você compreenderá tudo.

Quando o bando de guerreiros se aproximou, Owaza percebeu distintamente Tarzan dos Macacos, que avançava à frente e, supondo tratar-se de Estevão, o cúmplice que abandonara na selva, disse ao velho chefe:

— Você me traiu.

— Espere. Você não será despojado de nada que lhe pertença, disse o velho com muita calma.

— O ouro não pertence a ele, exclamou Owaza apontando para Tarzan que acabava de chegar junto ao chefe. Ele roubou esse ouro, prosseguiu Owaza muito agitado.

O homem-macaco, sem ligar importância ao que o desconhecido dizia, dirigiu-se ao chefe seu amigo:

— Recebi o seu recado e aqui estou com os meus Waziris para servir o meu velho amigo.

O negro sorriu e respondeu:

— Recebi as suas ordens, Tarzan dos Macacos, e há dois dias apareceu-me perto da aldeia este homem que trazia um carregamento de ouro para levar à costa. Disse-lhe que tinha um amigo que compraria o ouro, dando-lhe um papel para ele receber o respectivo valor na costa, mas é claro que isso era no caso de o ouro pertencer a Owaza.

— Você procedeu muito bem meu velho amigo, disse Tarzan sorrindo, mas o ouro não pertence a Owaza.

— Não pertence também a você, exclamou Owaza. Você não é Tarzan dos Macacos. Conheço-o perfeitamente. Veio para cá em companhia de outros quatro brancos e de uma mulher também branca para roubar o ouro da terra de Tarzan. Depois, roubou os seus próprios companheiros, indo esconder o ouro junto comigo.

O chefe indígena e os Waziris deram uma gargalhada. O homem-macaco sorriu demoradamente como costumava fazer em certas ocasiões.

— O outro, Owaza, era um impostor. Eu sou Tarzan dos Macacos e estou muito agradecido a você por me trazer o ouro que me pertence. Venha comigo. A minha casa fica a poucos quilômetros de distância.

E Tarzan fez com que Owaza o acompanhasse, enquanto os carregadores seguiam trazendo as barras de ouro para o “bungalow” dos Greystokes. Ali, os carregadores foram bem alimentados e na manhã seguinte Tarzan os despachou para as suas aldeias, tendo-lhes pago a soma correspondente ao serviço do transporte do ouro. Depois, chamou Owaza e, dando-lhe um presente de valor, mandou-o embora, avisando-o de que nunca mais pusesse os pés naquelas terras.

Quando todos já tinham partido e Tarzan, “lady” Jane e Korak estavam na varanda do “bungalow”, tendo Jad-bal-ja ao lado, o homem-macaco pôs a mão no ombro da mulher.

— Tenho que me desdizer do que afirmei sobre não ser o ouro de Opar destinado a mim. Você está vendo, Jane, aqui temos uma nova fortuna constituída por ouro que veio até a mim dos subterrâneos de Opar, sem que eu tivesse feito qualquer esforço

para isso.

— Agora só falta que alguém lhe traga o saco de diamantes, disse “lady” Jane rindo.

— Não, isto é mais difícil. Os meus diamantes devem estar no fundo do rio Ugogo.

Bem longe, à margem do Ugogo, em uma aldeia de canibais, Estevão Miranda, prisioneiro na sua choupana, acariciava a todo o momento o imenso tesouro de que nunca mais se poderia aproveitar, porque teria de passar o resto da vida no cativeiro a que o condenara a obstinação de Obebe, o velho chefe canibal.

FIM

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1: Sabor, a leoa](#)

[2: O treino de Jad-hal-ja](#)

[3: Uma reunião misteriosa](#)

[4: A revelação das pegadas](#)

[5: As gotas fatais](#)

[6: A morte traiçoeira a espreita](#)

[7: É preciso que ele seja sacrificado](#)

[8: Mistério do passado](#)

[9: Uma pontaria certa](#)

[10: Traição desatinada](#)

[11: Um estranho perfume de incenso](#)

[12: As barras de ouro](#)

[13: Uma estranha torre acachapada](#)

[14: A câmara dos horrores](#)

[15: O mapa de sangue](#)

[16: O tesouro dos diamantes](#)

[17: A tortura do fogo](#)

[18: Sede de vingança](#)

[19: A farpa mortal](#)

[20: Os mortos voltam](#)

[21: Uma fuga e uma captura](#)